

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

CÁTIA MARIA MATHIAS

O PAVILHÃO DE OBSERVAÇÃO
NA PSIQUIATRIA DO DISTRITO FEDERAL:
A GESTÃO DE HENRIQUE ROXO (1921-1945)

Rio de Janeiro
2017

CÁTIA MARIA MATHIAS

**O PAVILHÃO DE OBSERVAÇÃO
NA PSIQUIATRIA DO DISTRITO FEDERAL:
A GESTÃO DE HENRIQUE ROXO (1921-1945)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cristiana Facchinetti

**Rio de Janeiro
2017**

M246p

Mathias, Cátia Maria

O Pavilhão de Observação na psiquiatria do Distrito Federal: a gestão de Henrique Roxo (1921-1945) / Cátia Maria Mathias. -- Rio de Janeiro, Fiocruz, 2017.

205 f. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

Orientador: Prof.^a Dra. Cristiana Facchinetti

1. Pavilhão de Observação – História. 2. Pavilhão de Observação - Organização e administração. 3. Roxo, Henrique de Brito Belford (1877-1969). 4. Psiquiatria - Educação. 5. Psiquiatria - Distrito Federal (RJ). I. Facchinetti, Cristiana (Orient.). II. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. III. Título.

CDD: 616.890981

CÁTIA MARIA MATHIAS

**O PAVILHÃO DE OBSERVAÇÃO NA PSIQUIATRIA DO DISTRITO
FEDERAL: A GESTÃO DE HENRIQUE ROXO (1921-1945)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Cristiana Facchinetti - Orientadora
(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof.^a Dra. Viviane Trindade Borges
(Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC)

Prof.^a Dra. Ana Venancio
(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Suplentes:

Prof.^a Dra. Magali Engel
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Flavio Edler
(Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Rio de Janeiro
2017

Aos amigos de luz.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha orientadora, Professora Cristiana Facchinetti, pela orientação segura, dedicação, paciência, entusiasmo e amizade. Nesses últimos dois anos aprendi muito com as suas indicações de leitura e diálogos enriquecedores. Ensinos que contribuíram muito para o meu crescimento pessoal e profissional.

As professoras Ana Venancio e Magali Engel, pelas sugestões, observações e indicações de leitura que em muito contribuíram para o enriquecimento desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Ciência e da Saúde, pela dedicação, generosidade e seriedade com que transmitem os seus valiosos ensinamentos. Agradeço aos funcionários da Secretaria Acadêmica, Sandro Hilário, Maria Cláudia Cruz e Paulo Chagas, sempre atenciosos e solícitos. Aos colegas de curso, pelas experiências compartilhadas e momentos de descontração, em especial agradeço a Júlia Brandão, Anne Proença e Katherine Azevedo.

As minhas amigas da Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, agradeço pelo constante incentivo, apoio, paciência e compreensão durante as minhas ausências. A Célia Anselmé, pelas revisões, sugestões e por nossas enriquecedoras conversas sobre o Tetê, Jujú, Roxinho e AJ; a Nete Albuquerque e Neide Verçosa, pelo auxílio no levantamento de dados realizado nas fontes digitais; a Bárbara Braga, pela ajuda com as tabelas e a Ana Andrade, pelo empréstimo de alguns preciosos livros.

As queridas colegas do PROPSAM/IPUB, Simone Marins e Andréa Borges, pelo incentivo e por terem me tirado algumas dúvidas sobre a língua portuguesa e inglesa.

Ao Instituto de Psiquiatria da UFRJ, em especial a professora Maria Tavares, pelo apoio, incentivo e por acreditar em nosso potencial e capacidade para realizar esta pesquisa.

Agradeço a Danielle Alves, pelo auxílio com a confecção de parte dos apêndices.

Em especial, agradeço a minha mãe, Anna, meu marido Fabiano e meu filho Marco Antônio, pelo amor, apoio, dedicação e compreensão pelas constantes ausências e falta de atenção durante esse período. Muito obrigada, por tudo!

RESUMO

MATHIAS, Cátia Maria. *O Pavilhão de Observação na psiquiatria do Distrito Federal: a gestão de Henrique Roxo (1921-1945)*. Rio de Janeiro, 2017. 214 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

A presente dissertação tem por objetivo analisar o papel do Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil no ensino da psiquiatria brasileira no período em que Henrique Roxo foi o seu diretor (1921-1945). O Pavilhão foi um espaço destinado tanto a avaliação dos suspeitos de alienação mental como às aulas práticas da cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Esta instituição, em 1938, foi incorporada à Universidade do Brasil e renomeada como Instituto de Psiquiatria (IPUB). Para alcançar o objetivo proposto, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental visando: buscar evidenciar a estrutura do Pavilhão e suas relações com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e com as demais instituições da Assistência aos Alienados além de identificar os indivíduos que ocuparam funções de docentes ou assistentes e também analisar suas redes científicas dentro desse sistema. Com o mesmo objetivo iremos discutir o ensino e as práticas vigentes no espaço. Os dados obtidos por meio das fontes levantadas foram problematizados a partir dos conceitos de *itinerário, geração e redes de sociabilidade* de Jean-François Sirinelli (2003) e de *trajetória de vida* de Pierre Bourdier (2006). Quanto a organização sistemática do corpo docente, nos inspiramos na metodologia proposta por Ângela Alonso (2002) para análise de grupos. Para a formação dos subgrupos, tendo como base o mesmo texto de Alonso (2002), serão empregados os conceitos de *repertório* de Swindler e *geração* de Mannheim, de acordo com os conhecimentos, práticas e interações que nortearam decisões e as ações dos professores do Pavilhão/Instituto de Psiquiatria no período. Conhecer o Pavilhão de Observação e o seu quadro de docentes nos permitiu, enfim, elucidar questões referentes a importância desse estabelecimento de ensino para a psiquiatria do Distrito Federal.

Palavras Chave: Pavilhão de Observação – História. Pavilhão de Observação -

Organização e administração. Roxo, Henrique de Brito Belford (1877-1969). Psiquiatria – Educação. Psiquiatria - Distrito Federal (RJ).

ABSTRACT

MATHIAS, Cátia Maria. *O Pavilhão de Observação na psiquiatria do Distrito Federal: a gestão de Henrique Roxo (1921-1945)*. Rio de Janeiro, 2017. 214 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

This dissertation aims to analyze the Observation Pavilion / Institute of Psychiatry of the University of Brazil role in the teaching of Brazilian psychiatry during the time Henrique Roxo was its director (1921-1945). The Pavilion was a place intended for both the evaluation of suspects of mental alienation and the practical classes of the chair of Psychiatric Clinic of the Faculty of Medicine of Rio de Janeiro. Since 1938, this Institution is part of the University of Brazil with the name of Institute of Psychiatry (IPUB). Intending to reach the proposed objective, a bibliographical and documentary survey was carried out to demonstrate the structure of the Pavilion and its relations with the Medical School of Rio de Janeiro and the other Assistance Institutions to Alienated, to identify those who were teachers or assistants and to analyze their scientific networks within this system. With the same objective, a discussion about the teaching and the practices will take place at the Institute. The data obtained from the collected sources were problematized based on Jean-François Sirinelli's (2003) itinerary, generation and sociability networks and Pierre Bourdier's (2006) life trajectory. Regarding to the systematic organization of the teaching staff, we are inspired by the methodology proposed by Ângela Alonso (2002) for group analysis. Based on the same text by Alonso (2002), the concepts of repertoire of Swindler and Mannheim generation will be used, according to the knowledge, practices and interactions that guided the decisions and actions of Pavilion teachers Institute of Psychiatry in the period. Knowing the Pavilion of Observation and its teaching staff allowed us, finally, to elucidate questions regarding the importance of this educational establishment for the psychiatry of the Federal District.

Keywords: Pavilhão de Observação – Hystory. Pavilhão de Observação – Organization and administration. Roxo, Henrique de Brito Belford (1877-1969). Psychiatry – Education. Psychiatry - Distrito Federal (RJ).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pavilhão de Observação	37
Figura 2 - Professor Henrique Roxo entre assistentes e alunos	65
Figura 3 - Henrique Roxo lê as observações	69
Figura 4 - Almoço em homenagem a Aduino Botelho	78
Figura 5 - Homenagem: renomeação do Pavilhão	79
Figura 6 - Diretoria do Sanatório Botafogo	84
Figura 7 – Anúncios publicados em jornais de época	85
Organograma 1 - Pavilhão de Observação	87
Organograma 2 - Pavilhão do Instituto de Psiquiatria	89
Figura 8 - Aduino Botelho no Laboratório do Pavilhão	92
Figura 9 - Hospício de Alienados após a sua desativação	106
Figura 10 - Henrique Roxo em uma de suas aulas	152

LISTA DE SIGLAS

ACN – Academia Nacional de Medicina

DFA – Deutsche Forschungsanstalt für Psychiatrie (Instituto Alemão de Pesquisas Psiquiátricas)

FMRJ - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

HNA - Hospício Nacional de Alienados

HPH – Hospício de Pedro II

IMNS – Instituto Municipal Nise da Silveira

IPUB - Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, posteriormente Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro

PO - Pavilhão de Observação Clínicas

SAP – Serviço de Assistência a Psicopatas

SBHC – Sociedade Brasileira de História da Ciência

SCM – Santa Casa de Misericórdia

SNDM – Serviço Nacional de Doenças Mentais

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O PAVILHÃO DE OBSERVAÇÃO / INSTITUTO DE PSIQUIATRIA COMO ESPAÇO DE ESTUDO: SUA ESTRUTURA FÍSICA E ADMINISTRATIVA.....	29
1.1 OS PRIMEIROS PASSOS DO ENSINO DA PSIQUIATRIA NO DISTRITO FEDERAL	29
1.2 O PAVILHÃO DE OBSERVAÇÃO: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS	34
1.2.1 Estrutura física.....	36
1.2.2 A formação do corpo docente do Pavilhão de Observação: primeiros integrantes (1894-1921).....	38
1.2.3 Entre a Faculdade e o Hospício	46
1.3 O INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL	52
1.4 DA TEORIA À PRÁTICA: 1921-1945	58
1.4.1 A estrutura dos cursos	58
1.4.2 O Ensino Prático: o internato na Clínica Psiquiátrica	68
2 O CATEDRÁTICO E SUA REDE.....	75
2.1 AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE CONSTITUÍDAS NA INSTITUIÇÃO	77
2.1.1 A livre docência no Distrito Federal: representação social e econômica	81
2.2 A ESTRUTURA HIERÁRQUICA DO PAVILHÃO/IPUB	87
2.2.1 O lente substituto.....	90
2.2.2 Os auxiliares de ensino	92
2.2.2.1 A Chefia da Clínica e do Laboratório.....	92
2.2.2.2 A Chefia do Serviço de Psicologia Experimental	94
2.2.3 Os livre-docentes da Instituição	96
2.3 AS RELAÇÕES DO PAVILHÃO COM A FACULDADE DE MEDICINA E COM A ASSISTENCIA AOS ALIENADOS	101
2.4 A PARTICIPAÇÃO DOS DOCENTES EM CURSOS E EVENTOS	106
3 OS REGISTROS DO CONHECIMENTO DO PAVILHÃO DE OBSERVAÇÃO/IPUB E A PSIQUIATRIA DO DISTRITO FEDERAL NA DÉCADA DE 1940.....	113
3.1 A FORMAÇÃO DA LITERATURA DE APOIO: TRATADOS E MANUAIS	113
3.2 PRODUÇÃO ACADÊMICO CIENTÍFICA DOS DOCENTES.....	118
3.2.1 Os livros do catedrático Henrique Roxo	127
3.2.2 Anais do Instituto de Psiquiatria	136
3.3 OS ÚLTIMOS ANOS DA ADMINISTRAÇÃO DE ROXO	142
3.3.1 O IPUB na década de 1940: novas trocas científicas entre médicos e seus saberes..	142
3.3.2 A psiquiatria do Distrito Federal na década de 1940	147
3.3.3 O fim de um ciclo: a despedida do catedrático	150

3.4 O INSTITUTO DE PSIQUIATRIA PÓS HENRIQUE ROXO	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
REFERÊNCIAS	164
APÊNDICE A - QUADRO BIOBIBLIOGRÁFICO DOS PROFESSORES QUE DERAM AULAS NO PO/IPUB – 1920-1945.....	175
Quadro 1 - ANDRADA, Martin Francisco Bueno de	175
Quadro 2 - AYROSA, José Carneiro	176
Quadro 3 - BITTENCOURT, Januário Jobim	177
Quadro 4 - BOTELHO, Adauto Junqueira Botelho.....	178
Quadro 5 - CARVALHO,Rodrigo Ulisses	179
Quadro 7 - ELEJALDE, Paulo Franklin Souza de.....	180
Quadro 8 - ESPOSEL, Faustino	181
Quadro 9 - JORGE, Brahim	182
Quadro 10 - LACAZ, Paulo da Silva	183
Quadro 11 - LOPES FILHO, Ignácio da Cunha	184
Quadro 12 - MELLO, Manoel Leite Novais	185
Quadro 13 - MANTA, Inaldo de Lyra Neves	186
Quadro 14 - NOVAIS FILHO, Henrique	186
Quadro 15 - OLIVEIRA, Antônio Xavier de	187
Quadro 16 - PERES, Heitor Carpinteiro	188
Quadro 17 - PERNAMBUCO FILHO, Pedro José de	189
Quadro 19 - SAMPAIO, Eurico de Figueiredo	192
Quadro 20 - SOUZA, Flavio Alves de.....	193
Quadro 21 - SILVA, Zacheu Esmeraldo	194
Quadro 22 – VAZ, Albino de Sousa	195
APÊNDICE B – QUADRO DE EVENTOS E CURSOS	196
APÊNDICE C – REGISTRO DE ENTRADA DE PACIENTES	198
APÊNDICE D – ACERVO BIBLIOGRÁFICO – TEMÁTICAS	199
APÊNDICE E – TRABALHOS CIENTÍFICOS PRODUZIDOS PELA EQUIPE DO PAVILHÃO/IPUB	201
APÊNDICE F – MANUAL DE PSIQUIATRIA	203
ANEXO A – INDICADORES PROFISSIONAIS	205
ANEXO B – ANÚNCIOS E INDICADORES PROFISSIONAIS	206

INTRODUÇÃO

Esta dissertação trouxe por objetivo central apresentar o papel que o Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil teve na institucionalização do ensino da psiquiatria no Distrito Federal. Para tanto, trabalhamos com seu corpo docente¹, com as atividades e trocas científicas relacionadas com a sua história institucional. Apesar de reconhecermos o papel desta Instituição também na prestação de serviços de assistência pública em psiquiatria este tema não será aprofundado, visto já existirem outros trabalhos que reportam a esse assunto².

O recorte cronológico - de 1921 a 1945 - circunscreve o tempo em que Henrique Roxo assumiu a cátedra e a direção do Pavilhão até sua aposentadoria, ainda nessa função. Este período representou a consolidação do ensino da psiquiatria no Distrito Federal. Nessa época, os saberes ali estruturados e disseminados buscaram se integrar às inovações da medicina mental e as propostas do projeto político civilizatório do Governo, que previa a formação de especialistas capacitados para atuar na sociedade. Roxo, durante a sua gestão, empenhou-se em projetar o seu nome e o da Instituição que representava no cenário científico nacional, articulando politicamente métodos para alcançar esse fim. O seu feito mais significativo foi a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. Entretanto, para compreender o papel que Henrique Roxo e o Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatria representaram para o ensino da especialidade, assim como as tramas construídas no espaço, foi necessário iniciar nossa narrativa algumas décadas antes de 1921, a fim de entendermos as bases dos elementos para a análise do objeto dessa pesquisa.

A cátedra de Clínica Psiquiátrica foi instituída em 1882 nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ) e da Bahia (FMB). No ano de 1921, Roxo, foi empossado como catedrático dessa cadeira, na FMRJ, conquistando, de acordo com a legislação vigente, o direito de administrar o Pavilhão de Observações, implantando nesse espaço teorias e ideologias de acordo com suas concepções, com o aval da congregação desta Faculdade. Cabe pontuar que durante o período em que Roxo ocupou o cargo de lente interino, Brandão estava afastado de

¹Todas as datas referentes ao nascimento e morte dos docentes que lecionaram no Pavilhão de Observação estão relacionadas no **Apêndice A** desta dissertação. Quanto aos demais personagens citados, as datas foram inseridas após os seus nomes, quando foi possível encontrá-las nas fontes pesquisadas.

² Ver, por exemplo, VENANCIO, A.T.A. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. *História, ciências, saúde-Manguinhos*. v.10, n.3, p. 883-900, 2003; e FABRÍCIO, André Luiz da C. A assistência psiquiátrica no contexto das políticas públicas de saúde (1930-1945). 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

suas funções. Porém, como titular da cadeira, possuía ainda prestígio e autoridade para decidir se o interino permaneceria nessa função e poderia até mesmo substituí-lo³.

Buscamos ao longo deste trabalho demonstrar que o Pavilhão/Instituto de Psiquiatria contribuiu de maneira axial para a divulgação de um saber especializado e que participou da formação de futuros especialistas para o mercado de trabalho em doenças mentais, que ainda estava se consolidando nas primeiras décadas do século XX.

Por ter sido frequentemente considerado apenas como uma das muitas seções do Hospício de Alienados – a que realizava a triagem dos pacientes que davam entrada no asilo - o Pavilhão de Observação⁴ foi até então uma instituição pouco estudada pela historiografia da psiquiatria brasileira. Criado pelo Decreto n.896, de 1892, do serviço da Assistência Médico Legal de Alienados, no qual o artigo 26 informa que “haverá um pavilhão destinado aos doentes em observação, pelo qual transitarão todos os doentes gratuitos que tenham de ser admitidos. No ano seguinte, o Decreto n.1.559, Art. 11, comunica que, além de

receber os doentes gratuitos, suspeitos de alienação mental, enviados pelas autoridades públicas, é exclusivamente reservado para a clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas da Faculdade de Medicina, sob imediata direção do lente respectivo e de seu assistente. A parte econômica do serviço no pavilhão fica provisoriamente a cargo do administrador do hospício.

Ao longo deste trabalho buscamos demonstrar que essa instituição não era simplesmente uma seção do Hospício, mas um espaço singular, também destinado às aulas práticas da cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro⁵, dado que a Clínica Psiquiátrica não possuía um hospital, confirmando dados já sugeridos pelos trabalhos de Venancio, de Dias e de Facchinetti, Muñoz e Dias.⁶

³ Decreto n. 8.661, de 05 de abril de 1911, parágrafo único.

⁴O Pavilhão de Observação foi criado em 1892, pelo Decreto n.896. Ao longo dos anos, devido às diferentes reorganizações da Assistência a Alienados, ocorreram algumas mudanças quanto à nomenclatura da Instituição: em 1911 passou a ser denominada Instituto de Neuropatologia (Decreto n.8.834); em 1926, o Dr. Vianna do Castello – ministro da Justiça e Negócios Interiores do governo de Washington Luís -, atendendo a um pedido do Dr. Juliano Moreira, denominou a instituição de Instituto Teixeira Brandão; em 1927, o Decreto n.17.805, denominou-o de Instituto de Psicopatologia e, finalmente, em 1938, a instituição foi transferida para a Universidade do Brasil, passando a ser denominada como Instituto de Psiquiatria (Decreto-Lei n.591). Em 1965, esta universidade passou a chamar-se Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É importante esclarecer que ao longo da dissertação identificamos a instituição estudada como ‘Pavilhão de Observação’, mesmo que entre 1921 e 1938 ela tivesse outra denominação. Optamos por essa nomenclatura em virtude de ser esse o termo mais conhecido até os nossos dias.

⁵ Não pretendemos analisar a Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro ou o Hospício de Alienados. Apesar do elo existente com o objeto, essas instituições possuem características, funções, objetivos e particularidades que demandam estudos e escolhas diversos, que vão além da proposta circunscrita nessa pesquisa. Sobre o Hospício ver, por exemplo, ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios*. Sobre a Faculdade de Medicina ver:, por exemplo, MAGALHÃES, Fernando. *O centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: 1832-1932*, dentre outros.

⁶ VENANCIO, Ana Teresa A. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. *História, ciências, saúde-Manguinhos*. v.10, n.3, p. 883-900, 2003; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de, FACCHINETTI, Cristiana, DIAS, Allister. Suspeitos em observação nas redes da psiquiatria: o

João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921), primeiro catedrático de clínica psiquiátrica da FMRJ, diretor do Hospício Nacional de Alienados, foi o idealizador do Pavilhão de Observação e o seu primeiro diretor. Entre 1903 a 1921, esteve desligado da cátedra e da direção do Pavilhão para ocupar o cargo de Deputado Federal. O lente substituto, prof. Márcio Philaphiano Nery (1865-1911), assumiu esses cargos até 1904, quando também se desligou temporariamente. Em seu lugar Henrique de Britto Belford Roxo, discípulo e assistente de Brandão passou a exercer interinamente o cargo de lente substituto⁷.

Em 1907, Márcio Nery retornou ao Distrito Federal para reassumir suas funções, ocupando esta posição até 1911, quando veio a falecer. Com sua morte prematura, Roxo reassumiu interinamente a cátedra⁸ até 1921, quando a assumiu em definitivo, devido a morte de Teixeira Brandão⁹.

Henrique de Brito Belford Roxo nasceu no Distrito Federal, em 04 de julho de 1877, filho do engenheiro Raymundo Teixeira Belford Roxo (1838-1896) e de Maria Fausta de Brito Belford Roxo. Em 1895, aos 17 anos, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ). Em entrevista concedida revista *Vida Doméstica*, Roxo declarou que quando seu pai morreu estava cursando o segundo ano de medicina. O montepio que o pai deixara, no valor de 150\$ mensais, demorou muitos meses para ser liberado, passando então do conforto à pobreza. Nessa época, o amigo Luiz Reis, futuro genro de Teixeira Brandão, e o professor de anatomia Figueiredo Rodrigues, foram até ao catedrático de psiquiatria, a fim de solicitar uma vaga de interno extranumerário para Roxo, no que foram atendidos. Em 1896 Roxo começou a atuar no HNA nessa função – com direito à alimentação e moradia. Esta foi sua primeira experiência num hospital. Quando deixou de receber o montepio por ter completado 21 anos, foi admitido como interno efetivo do Hospício, em 1898, com um ordenado de 92\$. Em 1899 passou a ser interno da Clínica Psiquiátrica, recebendo o mesmo salário. Concluiu o curso de medicina em 04 de janeiro de 1901, apresentando a tese de doutoramento: *Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados*, trabalho fundamentado na psicologia experimental de Wilhelm Wundt. Em 1901 passou a ocupar a função de assistente da Clínica Psiquiátrica. No ano de 1911 passou a exercer a função de lente substituto desta mesma Clínica. Em 1921 assumiu a cátedra da Clínica, permanecendo nessa ocupação até 1945, quando se aposentou.

Pavilhão de Observações (1894-1930). *Memorandum*, 20, p.83-104, 2011; DIAS, Allister. Entre el Pabellón y el Hospicio: problemas y conflictos en la Asistencia Psiquiátrica en Rio de Janeiro a principios del siglo xx. *Frenia*, v. 11, p. 109-128, 2011, p.116.

⁷ ROXO, Henrique. *Molestias mentaes e nervosas*: aulas professadas durante o anno lectivo de 1905. Rio de Janeiro : [S.n.], 1906. p.3.

⁸ *Notícia*, 19-20/04/1911.

⁹ *O Paiz*, 04/07/1921.

No ano seguinte foi elevado à categoria de professor emérito. Mesmo aposentado continuou atuando ativamente na psiquiatria até 1969, quando faleceu aos 92 anos de idade.

Ao todo, foram quase cinquenta anos de atividades inerentes à psiquiatria e ao magistério em uma mesma instituição: a Clínica Psiquiátrica da FMRJ. Roxo ocupou diferentes cargos dentro da estrutura hierárquica desta, até chegar a sua cátedra/direção. Foram poucos os professores que tiveram um vínculo tão forte e estreito com o espaço de atuação profissional, contribuindo tanto para a institucionalização do ensino quanto para a formação de novos especialistas em psiquiatria - especialidade médica que ainda buscava reconhecimento técnico científico no âmbito do Distrito Federal.

Além dos professores que estiveram presentes na Unidade e não foram incluídos na história oficial do IPUB, também ficaram excluídas as memórias acerca das propostas de ensino, assim como a produção acadêmica; as interações políticas com o Estado, e com as demais instituições do serviço de assistência psiquiátrica e do relacionamento intrapares, entre outros. Enfim, a trajetória vivenciada por esses pares institucionais deixou de participar da memória da instituição deixando uma lacuna que, dentro do possível, tentamos preencher.

Em suma, ao longo deste trabalho, foi demonstrada a contribuição do Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil para o ensino, pesquisa, implementação de práticas psiquiátricas no Distrito Federal entre 1921 e 1945 colaborando para a consolidação da psiquiatria brasileira.

Revisão bibliográfica

Apesar do nosso recorte ser o período de 1921 a 1945, entender os acontecimentos que o antecedeu é fundamental para contextualizar algumas questões que serão aqui desenvolvidas. A análise da literatura sobre a história da psiquiatria no Brasil nos revelou dois marcos centrais do processo de medicalização da loucura em nosso território: o decreto para a construção do Hospício de Pedro II (HPII), em 1841, e a criação da cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas, em 1881, nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ) e da Bahia (FMB).

Embora reconhecendo que a fundação do HP II¹¹ foi fundamental para a história da psiquiatria no país, não nos aprofundaremos nesse tema para não correr o risco de sair do enfoque por nós escolhido para ser desenvolvido neste trabalho. Para os interesses desta dissertação, nos centraremos nos fatos envolvendo o segundo marco, ou seja a criação da cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas pois este acontecimento desencadeou situações que contribuíram para a criação do Pavilhão de Observações.

A dimensão e representação desta instituição como espaço de estudo e pesquisa, no contexto do Distrito Federal ficou frequentemente diluída dentro da história do Hospício de Alienados. Nos trabalhos publicados, geralmente, do grupo de professores que lecionou na Instituição, apenas os que ocuparam a função de catedrático/diretor costumam ser mencionados e relacionados com o Pavilhão. No que concerne à trajetória dos psiquiatras do Distrito Federal, também são poucos os trabalhos que relacionaram a carreira dos indivíduos pertencentes a esse segmento médico especializado.

No que tange ao Pavilhão de Observações, a tese de Teixeira¹⁰ e o artigo de Facchinetti e Reis¹¹ nos forneceram um breve relato da criação da Instituição como sendo apenas um serviço de triagem de pacientes dentro do Hospício de Alienados, ao receber os suspeitos de alienação mental. Trataram, ainda, da sua outra função: de servir também para as aulas práticas da Cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina. Estes trabalhos cobriram o período relativo a segunda metade do século XIX e primeiros anos do século XX. Cabe dizer que as questões relativas às aulas da nova cadeira, que a partir da década de 1880 passaram a ser ministradas no Hospício - por não existir até então um local específico para esse fim – e a partir de 1894 no Pavilhão, não foram tratadas com profundidade nesses textos.

Outra referência, esta fundamental, é Magali Engel¹². Em seu livro “*Os Delírios da Razão*”, percorreu cem anos de história da psiquiatria no Brasil, nos fornecendo um amplo cenário que nos ajudou a refletir sobre pontos importantes para compreendermos o contexto no qual a cátedra da Clínica Psiquiátrica foi instituída como disciplina do curso de medicina¹³ e a criação o Pavilhão de Observações. A historiadora retratou as críticas dirigidas à gestão de Teixeira Brandão que culminaram com a sua saída da direção do Hospício e da Assistência aos Alienados e os desdobramentos do afastamento desse catedrático no cotidiano das relações entre as instituições envolvidas. Tratou também da ampliação das controvérsias científicas entre o alienismo francês vigente no Pavilhão em função da orientação de Brandão, e a psiquiatria organicista alemã, introduzida e difundida por Juliano Moreira (1873-1932), a partir de 1903, quando este assumiu a direção do Hospício. Engel retratou, ainda, a tensão nos jogos políticos e científicos envolvendo parlamentares e psiquiatras; os últimos, vale dizer, embora tivessem

¹⁰ TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. *Deus e a ciência na terra do sol. Op. cit.*, p.222-223.

¹¹ FACCHINETTI, Cristiana, REIS, Cristiane Sá. O Hospício Nacional e a assistência a alienados do Distrito Federal: institucionalização de saberes práticas no Brasil. *Op.cit.*, p.59-60

¹² ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios*: Rio de Janeiro, 1830-1930. Rio de Janeiro : Fiocruz, 2001.

¹³ Artigo 35 do Decreto n. 8.024, de 12 /03/1881; Decreto n.3.141 de 30/10/1882, cria a cadeira com a designação de Moléstias Mentais; Decreto n.9.311, de 25/09/1884 utiliza a designação de Clínica Psiquiátrica; O Decreto n. 1.482, de 24/07/1893 nomeia a cadeira como Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas.

concepções teóricas distintas, conseguiram o consenso em torno da primeira lei federal de assistência médico-legal de alienados¹⁴, fundamental para o processo de consolidação da psiquiatria brasileira.

No que tange mais especificamente ao Pavilhão, o livro referiu a instituição em alguns trechos. Nessas passagens, apontou sua função e suas características como uma unidade vinculada ao Hospício (porta de entrada do hospital) e à Faculdade de Medicina (espaço onde são realizadas as aulas de Clínica Psiquiátrica), embora não tenha aprofundado o tema – afinal, este não era o foco e nem a proposta da autora. A ampla pesquisa de Engel vai até 1930, destacando os discursos vigentes no processo de institucionalização da loucura na medida em que a psiquiatria se transformava em um saber especializado, ao mesmo tempo em que a sociedade do Distrito Federal buscava se tornar um modelo de civilidade para o país.

William Vaz¹⁵, em sua tese, relatou os embates entre religião, assistência e ciência até a década de 1890 do século XIX, quando o governo desanexou o Hospício de Pedro II da Santa Casa de Misericórdia. A partir deste fato, o autor analisou o processo de consolidação da psiquiatria como um campo médico especializado, assim como suas práticas, discursos e disputas no distrito Federal durante a primeira República. Nesse contexto, a relação conflituosa entre o Pavilhão e do Hospício de Alienados, devido as dúvidas quanto à competência administrativa de cada um desses estabelecimentos, tendo por base o regulamento da Assistência, foi brevemente estudada neste trabalho.

Em seu artigo, Allister Dias¹⁶, por meio da documentação existente no Arquivo Nacional, analisou as interações e conflitos de autoridade entre as instituições relacionadas com a psiquiatria no Rio de Janeiro no início do século XX: o Serviço Médico Legal da Polícia, o Pavilhão de Observação, o Hospício Nacional de alienados e o Asilo Judicial. No contexto analisado, as relações conturbadas entre ciência psiquiátrica e assistência pública se destacaram, tendo como principais atores Teixeira Brandão (diretor do Pavilhão) e Antônio Dias de Barros (1871-1928). O discurso psiquiátrico, a legitimação da especialidade e a realidade institucional desse período também foram analisadas pelo historiador.

¹⁴ Decreto n.1.132 de 22/12/1903. Reorganiza a Assistência a Alienados.

¹⁵ OLIVEIRA, William Vaz de. *A assistência a alienados na capital federal da primeira república: discursos e práticas entre rupturas e continuidades*. 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Rio de Janeiro. 297p.

¹⁶ DIAS, Allister. Entre el Pabellón y el Hospicio: problemas y conflictos en la Asistencia Psiquiátrica en rio de janeiro a principios del siglo XX. *Frenia*, v. 11, p. 109-128, 2011.

Na verdade, raros são os textos que analisam com maior profundidade o Pavilhão. Um dos poucos é o artigo de Facchinetti, Muñoz e Dias,¹⁷ que, a partir de uma ampla gama de fontes e dialogando com as propostas de Foucault, traz à luz novos dados sobre a trajetória institucional do Pavilhão, principalmente no que se refere às articulações entre este, o Hospício de Alienados, a Faculdade de Medicina e a polícia do Distrito Federal. As tensões e relações sociopolíticas do Pavilhão, devido a sua singular posição administrativa e econômica no interior da Assistência a Alienados, sua estrutura física, funcionamento e rotina de exames nas primeiras décadas do século XX, são evidenciados nesse trabalho. O artigo nos leva a refletir sobre a posição *sui generis* da Instituição dentro do contexto no qual estava inserido e nos fornece dados a fim de compreendermos o papel do Pavilhão como um ponto de interseção entre as instituições às quais estava vinculado.

Outro trabalho a se dedicar a essa instituição é a dissertação de Muñoz¹⁸. Ao tratar de um caso singular e atípico de uma paciente, revelando as práticas médicas vigentes e o cotidiano do Pavilhão de Observações na década de 1920. O autor analisa a criação da Instituição, suas vinculações, particularidades, estrutura física e funcionamento. A partir dos casos clínicos por ele analisados, pudemos entrever os diagnósticos aplicados na Instituição, a prática clínica e a rotina que vigoravam nesse período. Tais relatos nos levam a ponderar sobre a rotina e se as práticas discursivas disseminadas por meio da produção acadêmica do corpo docente da Unidade eram de fato aplicadas.

Apesar das contribuições trabalhos acima mencionados para nossa investigação, que trazem indícios e reflexões sobre a trajetória institucional do Pavilhão de Observações, esses só avançam até o início da década de 1930. É ainda menor o número de textos que tratam do Pavilhão no período de 1930-1945. Tanto é assim que para nossa pesquisa não foi possível localizar nas fontes secundárias dados sobre a estrutura organizacional da instituição no período; o seu regimento interno; o quadro de professores que atuou em conjunto com a direção da Instituição entre 1921 e 1945; suas contribuições para a pesquisa e o ensino; e as relações teóricas e sociais entre os docentes do período.

Visando rastrear trabalhos que poderiam trazer à tona novas informações sobre o Pavilhão nas décadas de 1930 e 1940, dentro da conjuntura com a qual se relacionava, fez-se necessário a utilização de fontes secundárias de outras áreas, como a da história da assistência.

¹⁷ MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de, FACCHINETTI, Cristiana, DIAS, Allister. Suspeitos em observação nas redes da psiquiatria: o Pavilhão de Observações (1894-1930). *Op.cit.*

¹⁸ MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *Degeneração atípica: uma incursão ao caso Elza*. 2010. 191f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

Além dela, fontes primárias como as de legislação sobre a Faculdade de Medicina, matérias jornalísticas e documentos administrativos também contribuíram com novos dados, revelando o papel da Unidade no ensino da psiquiatria brasileira.

Já o artigo de Ana Venancio¹⁹, ao investigar as relações entre a ciência psiquiátrica e a assistência no Rio de Janeiro (1930-1950), nos traz contribuições mais específicas sobre a trajetória do Pavilhão. A partir de seu trabalho, é possível obter informações acerca de sua criação, assim como das suas relações com o Hospício de Alienados nas primeiras décadas do século XX. Além disso, a autora agrega novos dados para o contexto no qual se deu a transferência do Pavilhão para a Universidade do Brasil e as primeiras décadas de seu funcionamento, quando este esteve ligado diretamente a uma instituição de ensino.

Neste percurso, o artigo traz à tona uma fonte primária bastante significativa para nossa dissertação: o *Anais do Instituto de Psiquiatria*. Segundo a autora, o periódico teria sido criado com o objetivo de divulgar as pesquisas e estudos psiquiátricos realizados neste espaço por seus docentes. Com apoio desse texto, é possível também situar nossa periodização de forma mais precisa.

Venancio demonstra que os anos de 1937-1938 foram marcantes para a história do Pavilhão. Ela destacou que em 1937, o Governo, através do Decreto-Lei n.24, proibiu a acumulação remunerada de cargos públicos²⁰. Por essa razão, Roxo²¹ teve que abrir mão da direção do Pavilhão, permanecendo apenas como lente da Faculdade de Medicina. Este fato o impossibilitou de continuar a utilizar os estudos clínicos de casos em suas aulas. Tal questão só foi resolvida com o Decreto-Lei n° 591, de 03 de agosto de 1938, que novamente reuniu o instituto e a cátedra, em um 'novo' estabelecimento de ensino, denominado então de Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil – IPUB²². Roxo divulgou, à comunidade científica e leiga, que criou uma instituição nos moldes do Instituto de Psiquiatria de Munique “dos tempos antigos”, que, de acordo com este diretor, era o melhor²³. A autora nos levou a concluir que a partir de então o Instituto passou a ser um local autônomo de ensino e produção científica.

¹⁹ VENANCIO, A.T.A. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. *História, ciências, saúde-Manguinhos*. v.10 n.3, p.883-900, 2003.

²⁰ Decreto 24, de 29 de novembro de 1937 - foi vedada a acumulação de cargos públicos.

²¹ ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único. 1942. p.5.

²² O Instituto de Psiquiatria tinha sido criado pela Lei n°452, de 05/07/1937, que instituiu a Universidade do Brasil. Esta nova instituição, inicialmente, só existia no papel e em 03/08/1938 o Decreto-Lei n° 591 transferiu o Instituto de Psicopatologia para essa Universidade.

²³ ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Op. Cit.*, p.5-6.

Pedro Muñoz²⁴, em sua pesquisa de doutorado, apresenta nova perspectiva sobre a questão da transferência do Pavilhão para a Universidade do Brasil, baseado em um conjunto documental original. Em seu trabalho, compara as características do Instituto de Psiquiatria de Munique com as do IPUB, pontuando as diferenças entre as duas instituições e conclui "que o projeto montado por Roxo para o IPUB até 1942 não correspondia, de forma alguma, ao da DFA, tal como ele desejava ou quis vender para Getúlio Vargas".²⁵

Apesar das relevantes contribuições dos trabalhos aqui resenhados e das reflexões suscitadas sobre tema estudado, mesmo no caso das referências bibliográficas cujo recorte é o entreguerras, estes servem para a contextualização do objeto de pesquisa, mas não contemplam e não exploram o processo de construção e disseminação do ensino e pesquisa produzidos no âmbito do Pavilhão de Observações/ Instituto de Psiquiatria. Instituição centenária ligada a uma das primeiras faculdades de medicina do país, O IPUB constituiu-se como espaço de comunhão entre a teoria e a prática psiquiátrica formadora de centenas de especialistas, dentre os quais alguns que alcançaram posições de destaque no cenário médico científico nacional.

O nosso trabalho busca preencher essa lacuna em relação ao Pavilhão de Observação e ao mesmo tempo enfatizar o protagonismo e sua importância na construção e consolidação do saber psiquiátrico local.

Referencial teórico-metodológico e fontes

No período em que Henrique Roxo esteve à frente da cátedra de Clínica Psiquiátrica e na direção do Pavilhão, formou-se ao seu redor um grupo de livre docentes e assistentes que contribuíram para propagar as teorias científicas, aceitas e legitimadas pela Faculdade de Medicina, transmitindo-as, por intermédio das aulas, aos futuros médicos e novos especialistas.

As trajetórias desses professores foram construídas nesse pequeno universo acadêmico inicialmente regido por Teixeira Brandão e, posteriormente, por Henrique Roxo, sendo a psiquiatria o ponto comum na vida desses indivíduos que se aglutinaram ao redor da liderança institucional do catedrático. Para melhor compreendermos essas relações profissionais,

²⁴ MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À Luz do Biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2015.

²⁵ *Ibidem*, p.299

buscamos dialogar com os conceitos de *trajetória de vida* de Pierre Bourdieu²⁶ e de *itinerário, geração e redes de sociabilidade* de Jean-François Sirinelli²⁷.

Com base nesses referenciais teóricos, levantamos e analisamos o percurso desses atores sociais, com o propósito de vislumbrar a formação acadêmica, a vinculação a determinadas correntes teórico-científicas e o engajamento destes indivíduos em atividades intelectuais, políticas e profissionais não só no Pavilhão/Instituto de Psiquiatria, como também em outras instituições médicas e sociedades científicas. Tais dados contribuíram para compreender como esses personagens se posicionaram e contribuíram para definir a identidade do Pavilhão na psiquiatria do Distrito Federal.

A retrospectiva comum desses indivíduos dentro do Pavilhão - o despertar para a especialidade médica, a filiação com as teorias vigentes no espaço, comportamentos, vivências e características - permitiu compreender as *redes de sociabilidade*²⁸ que foram ali construídas ao longo do período estudado. Nesse contexto, a equipe de docentes, de origem social semelhante, formada a partir de interesses profissionais e sociais sob uma liderança institucional, construiu sentimentos que abrangeram tanto a inclusão como a tolerância e o respeito profissional. Formaram-se parcerias científicas, comerciais, desenvolveram-se amizades e também inimizades, que no seu conjunto fizeram parte do caminho seguido pela ciência local.

Tendo como base algumas fontes primárias levantadas, como a produção acadêmico-científica de Roxo e suas entrevistas para a imprensa, por exemplo, percebemos a presença de traços do alienismo francês e o posicionamento deste lente como discípulo, receptor e difusor das teorias de Teixeira Brandão. Segundo Sirinelli²⁹,

no meio intelectual, os processos de transmissão cultural são essenciais; um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é, portanto, elemento de referência explícita ou implícita.

Considerando-se as questões em torno da herança intelectual, como o posicionamento de Roxo, foi possível investigar o engajamento de cada um dos professores que atuaram no Pavilhão e na estrutura do espaço institucional, verificar suas trajetórias e refletir sobre o papel

²⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. Ed. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2006., p. 183-191.

²⁷ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.231-269.

²⁸ *Ibidem*, p.248-249.

²⁹ *Ibidem*, p.231-269.

que os *despertadores*³⁰ desempenharam na vida acadêmica e profissional do quadro docente do Pavilhão/IPUB.

Nessa perspectiva, Teixeira Brandão e posteriormente Henrique Roxo paulatinamente, foram agrupando naquele espaço acadêmico indivíduos interessados na psiquiatria, no ensino desta e na formação de futuros especialistas. Professores que abraçaram, mesmo que somente dentro daquele espaço, as teorias científicas selecionadas pelo catedrático, dentro do repertório psiquiátrico³¹ da época.

O dados provenientes da estrutura e conteúdo dos cursos ministrados foram analisados pelo viés da sociologia das profissões³², no qual constatamos que os cursos estavam em consonância com o próspero mercado médico do Distrito Federal, onde os especialistas ganhavam cada vez mais reconhecimento e valorização de seus serviços, em detrimento dos generalistas.

Quanto à organização sistemática do corpo docente, recorremos a metodologia descrita por Ângela Alonso na introdução de seu livro *Ideias em Movimento*, para análise de grupos, justificando a seleção dos indivíduos investigados. Com base nesse arcabouço, elaboramos uma breve biobibliografia dos professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que lecionaram no Pavilhão³³, enfatizando os principais dados da trajetória profissional desses, em detrimento dos dados biográficos. A produção acadêmica referente ao período, as teorias compartilhadas e as influências herdadas de psiquiatras da geração anterior - Teixeira Brandão, Márcio Nery e Juliano Moreira, foram elementos centrais para a compreensão do papel desse grupo.

³⁰ Professores de uma geração anterior que difundiram suas teorias e participaram da formação do pensamento científico de alguns indivíduos da geração seguinte à “rede” por eles iniciada. “Representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política”. *Ibidem.*, p.246.

³¹ Segundo Alonso, “repertório é um conjunto de recursos intelectuais disponível numa dada sociedade em certo tempo”. ALONSO, A. Introdução. In: _____. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.21-49.

³² Os atributos, a escala de profissionalismo e o processo que distinguem a profissionalização de uma ocupação, pressupõem: conhecimento sistematizado teórico e prático da área, que é transmitido por meio de instituições de ensino oficiais; autoridade profissional e reconhecimento público dessa autoridade; ética para regularizar a conduta do grupo e formação de uma identidade e cultura profissional; os profissionais passam a viver da remuneração obtida por seu trabalho naquela atividade e passam a exercê-la em tempo integral; formação de uma clientela que passa a necessitar dos conhecimentos técnico-científicos (serviços) desse profissional; os valores, normas e modelos passam a ser aceitos pelos pares e difundidos aos iniciados na área. PONTE, Carlos Fidelis da. *Médicos, Psicanalistas e loucos: uma contribuição a história da psicanálise no Brasil*. 1999. Tese (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz. P.18-19.

³³ Ver **Apêndice A**.

Ao analisarmos esse grupo, consideramos também o conceito de *geração* e a respectiva transmissão do saber³⁴. Cabe ressaltar, como nos aponta Weller,³⁵ que a interação entre gerações permite que os mais velhos possam inculcar seus pontos de vista nos mais novos, por intermédio da transmissão de seus bens culturais. Entretanto, nada impede que durante o convívio dos mais antigos com os seus discípulos, esses também assimilem novas práticas, conhecimentos e tecnologias que fazem parte da realidade da nova geração. Não obstante, também pode haver divergências “relacionadas as orientações e visões do mundo distintas”³⁶ a cada grupo, refletindo na interação desses, visto que nem sempre os mais novos aceitam passivamente o conhecimento acumulado pelos mais velhos.

No que tange à formação do grupo de docentes, o mapeamento, com base no levantamento bibliográfico e documental, revelou os nomes dos indivíduos que fizeram parte do corpo quadro de professores da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina e que são parcamente mencionados na historiografia da psiquiatria nacional. Esses atores, que possuíam um *locus* de atuação profissional em comum - o Pavilhão - serviram como fios condutores para analisarmos as interseções, articulações e relações de poder entre os subgrupos que conformavam todo o grupo profissional.

O levantamento realizado em matérias jornalísticas, artigos de periódicos, capítulos de livros e livros de observações clínicas produzidas entre 1921 a 1945, revelou nomes de trinta e nove livre docentes da Clínica Psiquiátrica da Faculdade do Rio de Janeiro³⁷.

Nesse universo de trinta e nove docentes, dezoito lecionaram fora do Pavilhão ou não foram encontrados nas fontes pesquisadas indícios de suas atuações nas aulas ou pesquisas da instituição. Por esta razão esses docentes não foram objeto desta dissertação. Dentre os que não lecionaram na instituição podemos citar, por exemplo, Ulisses Vianna, Heitor Carrilho e Gustavo Riedel. Estes, embora tenham tido grande produção acadêmica e desempenhado importantes papéis no cenário psiquiátrico e da Assistência do Distrito Federal, não foram analisados neste trabalho. Iracy Doyle, a primeira professora dessa instituição e José Leme Lopes, futuro diretor do IPUB e da Faculdade de Medicina, figura de destaque do magistério e da psiquiatria nacional, igualmente, pelo mesmo motivo, não foram estudados. Os docentes que também eram oficiais do exército brasileiro – Murillo de Campos, Nelson Bandeira de Mello e Jurandir Manfredini – e que atuaram ativamente no meio médico militar, além de

³⁴ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *Op. Cit.*, p.254-255.

³⁵ WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*, v.25, n.2, p.205-224, 2010, p.211-212

³⁶ *Ibidem*, p.213.

³⁷ Ver **Apêndice A**.

desenvolverem atividades na seção Militar Nina Rodrigues do Hospício de Alienados³⁸ também ficaram fora da análise, uma vez que não foram encontrados indícios de que esses docentes lecionaram no âmbito do Pavilhão.

Nesta dissertação somente foram analisados os professores que lecionaram e pesquisaram no Pavilhão de Observações entre 1921-1945. Nessa categoria, foram listados vinte e um indivíduos. Esta determinação permitiu compreender a formação dessa congregação específica. Como consequência, foi possível vislumbrar a divisão dos subgrupos formados na Unidade e alinhados com interesses em comum, na medida em que se apropriavam, experimentavam e transmitiam teorias que nortearam suas ações individuais e coletivas fundamentadas no repertório científico nacional/internacional da época³⁹.

Cabe destacar que todos os integrantes do grupo eram médicos, a maioria formada pela própria Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Alguns desses indivíduos iniciaram sua trajetória profissional no Pavilhão como internos, prestando concurso após o doutoramento, ocupando o cargo de assistente e posteriormente livre docente.

Embora o período estudado seja circunscrito à gestão de Henrique Roxo, os médicos Teixeira Brandão, Márcio Nery e Juliano Moreira⁴⁰ foram analisados devido ao seu papel de ‘despertadores’⁴¹ no grupo. Mesmo pertencendo a uma geração anterior, a posição desses médicos foi decisiva para o ensino e a formação de novos especialistas. A relação professor-aluno, além de construir um arcabouço intelectual, motiva os últimos a estabelecerem posicionamentos e selecionarem os conteúdos em virtude da posição e influência recebida dos mestres. Conforme cita Alonso, “como lembra Mannheim, velhas e novas gerações interagem, as primeiras podem ser decisivas na configuração do ponto de vista das segundas”.⁴²

Os assistentes da clínica psiquiátrica, médicos formados e que tinham a função de verificar se as determinações dos professores estavam sendo cumpridas no Pavilhão, não foram estudados, a despeito de terem sido encontrados nomes de destaque na Assistência Psiquiátrica Nacional, como Waldemiro Pires. Estes profissionais, considerados auxiliares de ensino,

³⁸ Seção criada em dezembro de 1922, na qual funcionava o serviço psiquiátrico para os militares. ENGEL, M. Os Delírios da Razão. p.288. Em 1943, de acordo com o jornal *A Noite* (11/11/1943 p.2), o Pavilhão de Neuro-Psiquiatria, do Hospital Central do Exército, substituiu a antiga seção de psiquiatria da Praia Vermelha, destinada aos militares. Nesse Pavilhão havia um laboratório especializado chefiado pelo capitão médico Nelson Bandeira de Mello.

³⁹ ALONSO, A. Introdução. In: _____. Ideias em movimento. *Op. Cit.* p.44.

⁴⁰ Juliano Moreira não foi professor da FMRJ. Apesar de seus conceitos teóricos serem divergentes dos de Brandão, sua posição de destaque no campo científico do Distrito Federal influenciou muitos dos futuros integrantes que atuaram no Pavilhão, podendo por esse motivo também ser considerado um ‘despertador’.

⁴¹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.231-269., p.246.

⁴² ALONSO, A. Introdução. In: _____. Ideias em movimento. *Op.cit.* p.46

embora tenham contribuído para a formação dos internos (orientando-os quanto ao tratamento ministrado aos pacientes; instruindo-os no preenchimento dos livros de observações e de planilhas com dados estatísticos referentes aos serviços clínicos), não tinham a incumbência de produzir trabalhos acadêmicos científicos, como os professores, o que justifica a não inclusão desse seguimento nesta pesquisa.

Quanto aos internos, isto é, os alunos da Faculdade de Medicina que circulavam pela instituição, igualmente não foram pesquisados, visto que esses apenas exerciam atividades visando à especialização na área, tendo o primeiro contato com a rotina e a prática em um hospital psiquiátrico.

A fim de atingirmos nossos objetivos, o passo seguinte à identificação do grupo de professores do Pavilhão foi o levantamento de textos de autoria desses, publicados entre 1921 e 1945. Foram localizados, entre livros, capítulos de livros, artigos de periódicos e comunicações em eventos científicos, 345 trabalhos. Estes permitiram detectar alguns elementos importantes para a análise, tais como: as filiações teóricas; citações mútuas de trabalhos e referências – em especial o *Manual de Psiquiatria*, escrito por Roxo; os temas tratados e sua interconexão com o referencial do curso. A listagem da produção acadêmica também auxiliou na definição dos subgrupos que se formaram na Instituição. Cabe evidenciar que não foi pretensão desta pesquisa analisar o conteúdo informacional desses trabalhos. Somente foram observados o conteúdo de alguns, selecionados de forma assistemática, com o objetivo de buscar identificar as questões aqui levantadas.

Constatamos que a vinculação profissional dos docentes a outras instituições, no período de 1921 a 1938 - como o Juizado de Menores – possibilitou a produção de textos ligados a áreas distintas à medicina mental. Esse material não foi avaliado, somente foi considerado quando detectado alguma relação do tema com os estudos e pesquisas desenvolvidos no Pavilhão de Observação. Textos literários e matérias jornalísticas diversificadas, escritas por esses docentes, também não foram levados em conta para esta pesquisa. Embora reflitam o pensamento de seus autores, este tipo de literatura é de caráter mais geral, não contendo o relato de experiências científicas na área de medicina mental.

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental em bases de dados *online* (Hemeroteca Digital Brasileira, Sistema de Informações do Congresso Nacional, Base Minerva/UFRJ) e em acervos do Arquivo Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psiquiatria da UFRJ e Academia Nacional de Medicina. Os dados foram organizados de acordo com a sua tipologia, analisados quantitativa e/ou qualitativamente e interpretados, procurando identificarmos os fatores que influenciaram o

cotidiano do Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatria como instituição de ensino integrada a Assistência a Psicopatas. Foram investigadas as trajetórias profissionais dos professores, assim como a circunscrição dos conceitos e práticas introduzidos por este grupo.

Devido à perda de parte considerável de documentos de cunho administrativo, que revelariam as decisões administrativas e dados precisos sobre o cotidiano da instituição, foi realizado um levantamento na Hemeroteca Digital Brasileira, visando localizar matérias jornalísticas referentes ao período de 1921 a 1945. Este banco de dados, por falta de indexação para a atribuição de um vocabulário controlado, necessitou de uma pesquisa mais complexa. Foi definida uma estratégia de busca relacionando todos os termos pelos quais as informações poderiam ser localizadas, como por exemplo: *Pavilhão de Observação*, *Pavilhão de Admissão*, *Instituto de Neuropatologia*, *Instituto de Psicopatologia*, *Clínica Psiquiátrica*, os nomes dos docentes, assim como a grafia utilizada na época, com o objetivo de recuperar o maior número possível de informações sobre o tema.

O *corpus* documental levantado foi selecionado e dividido em duas categorias: documentos principais e complementares. Constituem-se fontes principais a legislação, os relatórios ministeriais, os estatutos e regimentos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e os documentos administrativos – correspondências, ofícios e requerimentos. Este material contribuiu não apenas para situar o Pavilhão de Observações dentro do serviço de Assistência a Alienados e como espaço vinculado a Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro como também possibilitou vislumbrar as relações do Pavilhão com a Faculdade de Medicina, com o Hospício de Alienados e com a própria Assistência a Psicopatas. Forneceram ainda, informações administrativas e acadêmicas, sobre as políticas públicas relativas à Assistência aos Alienados e sobre a Faculdade de Medicina dentro do Distrito Federal, sobre as funções e hierarquia do grupo, a rotina institucional de cada órgão, sobre o ensino e a prática psiquiátrica circunscrita no espaço.

Os documentos complementares (registros médicos produzidos pelo Pavilhão, manuais, livros, artigos e comunicações escritas pelo e sobre o corpo de docentes da instituição e matérias jornalísticas de época), revelaram dados sobre o grupo de docentes que atuou no espaço, sua trajetória e engajamento no contexto social e político da época; sobre o ensino e as práticas psiquiátrica circunscrita no Pavilhão, a produção acadêmica dos professores e teorias divulgadas por estes, além de informações sobre o cotidiano institucional.

Nessa perspectiva, as fontes documentais primárias acima apresentadas, revelaram dados que contribuíram para elucidar e aprofundar questões específicas relativas a

historiografia do Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil dentro dos objetivos a que se propõe essa dissertação.

Finalmente, no que se refere à estrutura dos capítulos, esta dissertação foi organizada de maneira a evidenciar o caráter acadêmico-científico do Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, assim como o seu corpo docente, no Distrito Federal; apresentar a estrutura hierárquica e a rede de sociabilidade que se estabeleceu naquele espaço; e, finalmente, apresentar a produção acadêmica científica do grupo e os últimos anos de Roxo frente à instituição.

Com este objetivo, no primeiro capítulo, apresentamos o cenário que contribuiu para a criação e consolidação do Pavilhão de Observação, instituição vinculada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e ao Hospício Nacional de Alienados. De modo similar, também foram expostos os aspectos da transferência deste para a Universidade do Brasil, assim como os fatores que corroboraram para a institucionalização do ensino da psiquiatria no Distrito Federal. Estudamos também as redes de sociabilidade internas, decorrentes da interação dos profissionais do Pavilhão com os das instituições com as quais o Pavilhão se articulava. Buscamos aclarar os conflitos, associações e apoios políticos que refletiram no Pavilhão e influenciaram no seu papel dentro da rede científica local.

No segundo capítulo identificamos as redes intelectuais e científicas que foram construídas não apenas entre o Pavilhão/IPUB, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Assistência aos Alienados, como também as trocas com outras redes congêneres, por meio das viagens de divulgação científica e das participações, por parte dos docentes da instituição, em eventos científicos. Ao identificarmos essas redes científicas foi possível complementar o conhecimento sobre as relações sociopolíticas que existiram dentro e fora do Pavilhão/IPUB. Foram apresentados a hierarquia, as atribuições e os respectivos ocupantes dos cargos relacionados. Identificamos os personagens que buscaram a sua integração ao corpo docente da instituição, e que atenderam não apenas à demanda da assistência - ao realizar a triagem de um número cada vez maior de “suspeitos de alienação” - como também a da Faculdade de Medicina, seguindo a modernização da estrutura acadêmica e adaptação à ciência psiquiátrica da época. Foram observadas nesse quadro, as relações entre o corpo docente e com a posição hegemônica de Roxo neste espaço.

No terceiro capítulo, identificamos a literatura de apoio que foi adquirida ao longo do período analisado para dar suporte aos estudos e pesquisas do grupo. Com apoio desta, foi possível avaliar teorias que circulavam no espaço, sob a orientação do lente. Dessa forma analisamos se as declarações feitas por Roxo à imprensa leiga sobre as pesquisas que eram desenvolvidas no espaço condiziam com a bibliografia que foi importada para dar suporte às pesquisas e à produção acadêmica desses docentes naquele período.

A produção de conhecimento por meio de pesquisas e a difusão destas, por meio da publicação de livros e artigos de periódicos, foram os últimos itens apresentados, e tiveram o objetivo de dar a conhecer a identidade desse grupo. Os últimos anos de Henrique Roxo à frente do Instituto de Psiquiatria foram avaliados dentro do contexto no qual estava se desenhando os novos rumos políticos e científicos da psiquiatria brasileira na década de 1940.

1 O PAVILHÃO DE OBSERVAÇÃO / INSTITUTO DE PSIQUIATRIA COMO ESPAÇO DE ESTUDO: SUA ESTRUTURA FÍSICA E ADMINISTRATIVA

1.1 OS PRIMEIROS PASSOS DO ENSINO DA PSIQUIATRIA NO DISTRITO FEDERAL

Um dos marcos do processo de medicalização da loucura no Brasil foi a criação da cadeira de clínica psiquiátrica⁴³, em 1881, em decorrência da reforma Leôncio de Carvalho (1879), nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ) e da Bahia. Este ato caracterizou a psiquiatria como um novo campo do saber médico especializado no Brasil. Antes da década de 1880, os temas ligados a psiquiatria eram lecionados principalmente na cadeira de medicina legal.

Entretanto, de acordo com Engel⁴⁴, mesmo após a instituição dessa disciplina, os conteúdos relacionados às doenças mentais e nervosas continuaram gerando teses nas cadeiras de higiene, de clínica médica e sobretudo na de medicina legal.

Segundo Roberto Machado⁴⁵, as primeiras teses produzidas no Brasil sobre a alienação mental, reproduziam as teorias advindas da Europa, principalmente os aportes teóricos originados na França, baseados no tratamento moral (Pinel, Esquirol e Morel). Gonçalves⁴⁶, ao realizar uma análise comparativa das teses defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1850 a 1880, apresenta dados que refutam, pelo menos em parte, essa afirmação. Segundo a autora, embora as primeiras teses sejam, de fato, reproduções dos referenciais teóricos europeus, sem reflexões pessoais ou a apresentação de casos clínicos, já demonstravam, desde então, a constante atualização dos médicos brasileiros em relação ao aporte teórico europeu, não se limitando apenas à escola francesa. Gradativamente essa realidade foi se modificando, especialmente após a criação da cadeira de psiquiatria e moléstias mentais, as teses foram se tornando mais elaboradas, iniciaram-se as trocas científicas entre médicos brasileiros e os doutorandos começaram a buscar observações clínicas que permitiriam pôr em prática as teorias europeias, pautando assim as discussões teóricas pela prática local.

Como a Faculdade de Medicina não possuía um hospital próprio, o corpo docente e discente da FMRJ buscou adquirir o conhecimento prático em clínicas psiquiátricas particulares

⁴³ A cadeira de Clínica Psiquiátrica foi criada pelo Artigo 35, do Decreto n.8.024, de 25/09/1881.

⁴⁴ ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios: Rio de Janeiro, 1830-1930*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. p. 135-136.

⁴⁵ MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro ; Graal, 1978. 559 p.

⁴⁶ GONÇALVES, Monique de Siqueira. *Mente sã, corpo são: disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das "nevroses" e da loucura na Corte Imperial (1850-1880)*. 2011. 244 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro

do Distrito Federal e até mesmo no próprio Hospício de Pedro II⁴⁷. Essas questões apontam a relevância que o Pavilhão de Observação viria a ter para a prática das teorias vigentes, nas trocas de saberes científicos e também para a formação dos futuros profissionais da área.

Apesar da criação da cadeira de clínica psiquiátrica, o acesso da FMRJ ao Hospício era muito limitado⁴⁸, o que prejudicava a formação dos futuros especialistas. Percebemos que tal situação era agravada pelo desinteresse da Santa Casa de Misericórdia em ter dentro do Hospital médicos que não pertenciam ao seu quadro clínico e que não estavam sob as ordens diretas das religiosas que dirigiam e administravam essa instituição. Não obstante, tensões, conflitos e divergências entre o saber científico e a religião foram delineados no interior do Hospício de Pedro II desde as primeiras décadas de seu funcionamento.

Na segunda metade do século XIX, o Hospício foi visitado por dois alienistas franceses - Phillipe Rey, em 1875 e François Jouin, em 1880⁴⁹ – que revelaram algumas impressões sobre o funcionamento do Hospício, bem como sobre as relações de poder existentes e suas implicações na organização do espaço e no tratamento direcionado aos pacientes. O olhar crítico desses médicos estrangeiros reprovava o caráter religioso do funcionamento do hospício, evidenciava a falta de cientificidade no seu cotidiano, apontava a inexistência de um “curso clínico de alienação mental no país”⁵⁰, além de sugerir a criação da função de médico interno a ser ocupada por estudantes de medicina.

A insatisfação com a administração da Santa Casa e a necessidade da implementação de práticas especializadas foram sendo paulatinamente reclamadas pelos médicos diretores do estabelecimento ao longo dos primeiros quarenta anos de seu funcionamento. Estes profissionais estavam interessados em modernizar, laicizar e medicalizar o Hospício por meio da capacitação de seu corpo clínico, pelo ensino da psiquiatria nas faculdades de medicina, e, principalmente, defendiam que a administração do hospital fosse de fato exercida por médicos, assegurando, assim, a cientificidade e o progresso da psiquiatria.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 122.

⁴⁸ PERES, Maria Angélica de Almeida et al. O ensino da psiquiatria e o poder disciplinar da enfermagem religiosa: o Hospício de Pedro II no segundo reinado. *Texto & Contexto – Enfermagem*, v.20, n.4, p.700-708, 2011., p.702.

⁴⁹ TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro; RAMOS, Fernando A. de Cunha. As origens do Alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.15, n.2, p.364-381, 2012, p.364; FACCHINETTI, Cristiana, REIS, Cristiane Sá. O Hospício Nacional e a assistência a alienados do Distrito Federal: institucionalização de saberes e práticas no Brasil. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria, PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs.). *Clio-Psyché: instituições, história, psicologia*. Rio de Janeiro : Outras Letras, 2014.

⁵⁰ *Idem*. As origens do Alienismo no Brasil. *Op. cit.*, p.369.

O primeiro regente interino da nova cadeira de clínica psiquiátrica foi o Dr. Nuno Ferreira de Andrade (1851-1922), lente de clínica médica. A partir de então, como nos revela Peres *et al.*,⁵¹

este médico [Nuno de Andrade] passou a utilizar uma sala do HPII, mediante autorização da SCM [...] e, desde logo, considerou o seu exercício docente prejudicado: “Se hoje [...] vejo a minha autoridade de clínico tolhida pelas atribuições conferidas às Irmãs de Caridade [...], o que será do dia de amanhã, quando a necessidade do ensino criar-me novas imposições e mais graves encargos?”

Neste breve relato de Nuno, constatamos que a nova disciplina enfrentou dificuldades em oferecer além da teoria, o ensino prático aos seus alunos. Fica claro que, “embora o hospício tivesse diretores médicos [...], na prática o poder administrativo era exercido pelas freiras da Ordem de São Vicente de Paulo e pelos enfermeiros a elas subordinados”⁵². Nesse contexto, tal ocorrência incidiu negativamente sobre as iniciativas de implementação, sobre a qualidade e sobre as práticas do ensino da psiquiatria no Rio de Janeiro.

Levando em consideração os aspectos apresentados, a falta de um espaço autônomo para as aulas práticas dificultava o acesso dos alunos a um grande leque de informações que eram embasadas na observação e na prática clínica. De fato, de acordo com Bynum⁵³, também na Europa do século XIX, uma escola de medicina sem vínculo com um hospital não tinha muito prestígio, e por essa razão era considerada de segunda categoria.

A despeito dos obstáculos enfrentados pela FMRJ no âmbito do Hospício, em 1883 foram abertas as inscrições para um concurso público oferecendo a vaga de lente catedrático de clínica psiquiátrica. Houve cinco inscrições, dentre elas a de João Carlos Teixeira Brandão. O concurso foi realizado em duas etapas, sendo uma com provas orais e outra de prova prática. Teixeira Brandão obteve o primeiro lugar. Cabe relatar que durante a disputa, ocorreram algumas controvérsias⁵⁴: o Dr. Manoel Joaquim Fernandes Eiras (1828-1889), por exemplo, apontou o número reduzido de médicos interessados nesta especialidade e a falta de preparo dos candidatos para exercerem a cadeira de psiquiatria. Na concepção de Eiras, não havia no Brasil ninguém habilitado a exercer tal função. Considerava que seria melhor a FMRJ contratar um professor europeu para ocupar a cátedra. Além das críticas proferidas por esse profissional, a vitória de Teixeira Brandão também foi contestada com base em denúncias de irregularidades

⁵¹ PERES, Maria Angélica de Almeida et al. O ensino da psiquiatria e o poder disciplinar da enfermagem religiosa.: *Op.cit.*, p.702.

⁵² TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro; RAMOS, Fernando A. de Cunha. As origens do Alienismo no Brasil. *Op. cit.*, p.368.

⁵³ BYNUM, William. *História da medicina*. Porto Alegre: L&PM, 2015. 186p. p.71

⁵⁴ PERES, Maria Angélica de Almeida et al. O ensino da psiquiatria e o poder disciplinar da enfermagem religiosa. *Op.cit.*, p.704.

ocorridas durante o concurso. Oito lentes, dentre os quinze convocados para julgar o concurso, votaram a favor de Brandão, dentre essas personalidades influentes no círculo acadêmico e social do período, destacavam-se: Motta Maia, Figueira de Sabóia, Benício de Abreu, Bulhões Ribeiro, Cunha Feijó e Torres Homem⁵⁵. Com exceção do primeiro, todos clinicavam na Casa de Saúde de São Sebastião, junto com Brandão, e além disso Torres Homem era também seu amigo pessoal e benfeitor. Assim, o primeiro colocado possuía vínculos sociais e comerciais com parte dos integrantes da banca, circunstância que proporcionou ao concurso um caráter de confraria. Apesar dos protestos, Teixeira Brandão foi empossado em 25 de abril de 1883.

Quanto às críticas do Dr. Eiras em relação aos poucos candidatos interessados na nova cátedra, estas não eram infundadas, pois outros estudos mostram que de fato existiam poucos alienistas no Rio de Janeiro naquela época. Conforme nos aponta Engel,⁵⁶ “a ausência de uma cadeira especialmente destinada aos estudos sobre a doença mental nas faculdades de medicina do Império fazia com que poucos formandos se sentissem suficientemente seguros para desenvolverem suas teses em um terreno tão movediço”.

Constatamos, na literatura, que a ausência de articulação entre a teoria e a prática, somada à inexistência de um profissional no país devidamente qualificado e reconhecido para ministrar o conteúdo da disciplina, inibiu os estudantes de medicina a buscarem especialização nessa área. Por outro lado, Teixeira⁵⁷ e Medeiros⁵⁸, complementam este quadro informando que a ideia de se tornar um alienista não tinha o menor *glamour*, visto que a especialidade era considerada um ramo inferior da medicina, proporcionando baixos rendimentos e, para o senso comum, ‘maluco’ dificilmente se curaria.

Em relação às qualificações e habilidades profissionais dos candidatos, temos apenas a tese de Manoel Teixeira⁵⁹ sobre o Dr. Teixeira Brandão. Nela o pesquisador nos informa que este médico se doutorou em 1877 pela FMRJ, com a tese intitulada: *Operações reclamadas pelos estreitamentos da urethra; Das quinas; Do melhor tratamento das feridas accidentaes e*

⁵⁵ Votaram em Brandão os catedráticos: Oscar Adolpho de Bulhões Ribeiro (clínica cirúrgica, 1º cadeira), José Benício de Abreu (clínica médica 2º cadeira), João Joaquim Pizzarro (botânica e zoologia médicas), José Pereira Guimarães (anatomia), Cláudio Velho da Motta Maia (operações e aparelhos – médico e amigo pessoal de Pedro II), Luiz da Cunha Feijó Júnior (obstetrícia), João Vicente Torres Homem (clínica médica de Adultos) e Vicente Cândido Figueira de Sabóia (clínica cirúrgica - diretor da Faculdade de Medicina na ocasião do concurso para a cátedra de Psiquiatria).

⁵⁶ ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão. op.cit.*, p.125.

⁵⁷ TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. *Deus e a ciência na terra do sol: o Hospício de Pedro II e a constituição da medicina mental no Brasil. Tese (Doutorado em Psiquiatria e Saúde Mental) – Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. P. 153.*

⁵⁸ MEDEIROS, Tácito. *Formação do modelo assistencial psiquiátrico no Brasil. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) - Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1977, p.82.*

⁵⁹ TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. *Deus e a ciência na terra do sol. Op. cit.*, p.153.

cirurgicas; Lesões orgânicas do coração, na cadeira de cirurgia. Ainda de acordo com Manoel Teixeira⁶⁰, por sugestão do mestre e amigo Prof. João Vicente Torres Homem (1837-1887), Brandão dirigiu-se à Europa a fim de estudar psiquiatria na França, Alemanha e Itália. Entretanto convém dizer que não foram localizadas informações que ratifiquem quais instituições esse médico visitou, se participou de algum curso ou se, durante esse período, foi assistente de algum renomado alienista europeu. Cabe destacar, aliás, que entre 1881 e 1883 Teixeira Brandão, então vinculado à Policlínica Geral do Rio de Janeiro e à Casa de Saúde São Sebastião, anunciava seus serviços como especialista em ‘moléstias do sistema nervoso’.⁶¹ Sendo assim, podemos inferir que ele havia angariado alguma experiência nessa área, durante a viagem de estudos que realizou na Europa.

Após assumir a cátedra, em 1883, Brandão retornou à Europa com o intuito de visitar manicômios e asilos de alienados e estudar os métodos de ensino da psiquiatria na França e Itália. Durante esta visita de estudos, apresentou uma breve comunicação na *Société Médico-Psychologique* de Paris, tornando-se membro estrangeiro dessa sociedade.

Apesar de Nuno de Andrade possuir reconhecidos conhecimentos na área, possivelmente adquiridos por intermédio da elaboração de seus trabalhos acadêmicos e durante a atuação no Hospício de Pedro II, não foi convidado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para ocupar em definitivo a cátedra de clínica psiquiátrica. A FMRJ optou por ocupar o cargo mediante concurso que foi conquistado por Brandão. Nuno havia sido desligado do HPII quanto tentou apoio para separar o Hospício da Santa Casa de Misericórdia. Durante a ausência do novo catedrático, e por este não ter um substituto, Nuno foi novamente convidado para lecionar na clínica psiquiátrica, porém, desta vez, não aceitou o convite⁶².

Mesmo tendo vivenciado essas adversidades profissionais, Nuno apenas alegou como razão para a recusa “não poder formar alienistas de alunos que só vêm loucos quatro vezes por mês e só ouvem lições uma vez por semana”⁶³. Os professores Benício de Abreu, Oscar Bulhões e Caetano de Almeida também recusaram o convite. O Dr. Agostinho José de Souza Lima (1842-1921), então diretor do Hospício de Pedro II e lente de medicina legal e toxicologia, aceitou o convite e passou a reger a cadeira temporariamente⁶⁴.

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ CLINICA médica em geral e especialmente. *União Médica*, 1881; Guia das cidades do Rio de Janeiro e Niteróy, 1882., p.264.

⁶² BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. *Relatório do Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, Francisco Antunes Maciel. 1883., p.27.

⁶³ MACIEL, Francisco Antunes. *Relatório do Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. 1883., p.27

⁶⁴ As aulas eram ministradas todos os domingos e quintas-feiras, a partir de 27/09/1883. *Ibidem*.

Mesmo sendo republicano e crítico da situação em que o Hospício de Pedro II se encontrava, em 1884, Brandão foi contratado como facultativo clínico, e, em 1887, tornou-se diretor sanitário deste estabelecimento. Após a Proclamação da República (1889), permaneceu nesse cargo, visto ser partidário e entusiasta do novo regime político, até 1897. Durante a sua gestão, implementou antigas demandas da classe médica e de antigos diretores da instituição, especialmente no que diz respeito à retirada das irmãs de caridade do serviço sanitário do hospício; ao fortalecimento da figura do diretor alienista, a fim de instituir maior cientificidade à Instituição e a prática do ‘tratamento moral’ de acordo com os preceitos de Pinel e Esquirol.

Outro aspecto relevante que Teixeira Brandão instituiu foi a criação da função de interno, a ser preenchida por estudantes do quinto e sexto ano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Este catedrático, vinculou, assim, o Hospício à Faculdade, integrando o ensino teórico à prática asilar na formação dos futuros especialistas.

Em 1890 foi criado o Serviço de Assistência Médico Legal de Alienados, tendo novamente como diretor o onipresente Dr. Teixeira Brandão. Ainda naquele ano, o Governo desvinculou o Hospício de Pedro II – que com a proclamação da República passou a ser denominado de Hospício Nacional de Alienados (HNA) – da Santa Casa de Misericórdia, e este passou a ser administrado pelo Estado; também foram criadas duas colônias agrícolas na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, para onde foram transferidos os pacientes crônicos, a fim de minimizar a superlotação do hospício. Outro acontecimento importante, nesse ano, foi a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, visando formar profissionais capacitados para ocupar este cargo no hospital⁶⁵.

1.2 O PAVILHÃO DE OBSERVAÇÃO: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS

Em 1891, o então diretor do Serviço de Assistência Médico Legal de Alienados, professor João Carlos Teixeira Brandão, encaminhou um relatório ao Ministro dos Negócios do Interior⁶⁶, João Barbalho Uchôa Cavalcanti (1846-1909), comunicando a esta autoridade que os suspeitos de alienação mental estavam sendo encaminhados pela polícia ao Asilo de Mendicidade. De acordo com a rotina vigente, após oito dias neste estabelecimento, esses indivíduos eram

⁶⁵ Sobre a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras ver *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz – (<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>).

⁶⁶ BRANDÃO, João Carlos Teixeira. *Relatório da Assistência Médico-Legal de Alienados*. Rio de Janeiro: Ministério do Interior, 1891. p.46.

encaminhados ao Hospício Nacional de Alienados. Frequentemente os novos pacientes chegavam sem identificação, antecedentes ou causas das prováveis moléstias.

Como consequência dessa prática, a ausência de informações sobre o suspeito de alienação, além de dificultar o diagnóstico e tratamento deste, causava transtornos quando havia a necessidade de enviar parecer sobre o alienado aos juízes, visto que não existiam documentos que comprovassem a identidade do mesmo⁶⁷. A solução proposta por Brandão para resolver este problema era a construção de um pequeno edifício nos terrenos do Hospício. Neste local seria feita a admissão de enfermos ou suspeitos de alienação, a observação e a identificação dos indivíduos⁶⁸. Caso a moléstia fosse confirmada, o doente seria encaminhado ao Hospício; caso contrário, seria restituído à sociedade sem o embaraço de ter sido internado no Asilo de Mendigos ou no próprio Hospício.

Nesse contexto, em 1892, o Decreto n. 896 do serviço da Assistência Médico Legal de Alienados informava, no artigo 26, que “No Hospício Nacional, único em que se recebem pensionistas, haverá um pavilhão destinado aos doentes em observação, pelo qual transitarão todos os doentes gratuitos que tenham de ser admitidos”. Esta deliberação viria a solucionar o impasse descrito, pois instituiu a criação de um espaço destinado à avaliação da sanidade de indivíduos suspeitos de alienação. No ano seguinte, o artigo 11 do Decreto n.1.559, comunica que, além de receber os suspeitos gratuitos enviados pelas autoridades públicas, o Pavilhão de Observação possuía a seguinte destinação:

é exclusivamente reservado para a clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas da Faculdade de Medicina, sob imediata direção do lente respectivo e de seu assistente. A parte econômica do serviço no pavilhão fica provisoriamente a cargo do administrador do hospício.⁶⁹

Essa determinação vinculou o novo serviço da Assistência à Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, proporcionando a esta um espaço exclusivo que agregou o ensino teórico e a prática psiquiátrica.

Finalmente, em 1892 foi fundado o Pavilhão de Observação, mas somente em 18/05/1894 (data em que foi registrada a entrada do primeiro paciente a ser observado),⁷⁰ a instituição iniciou suas atividades. Com base na legislação vigente, uma de suas funções era

⁶⁷ Os documentos de identificação obrigatórios - carteira profissional - só foram implementados a partir da década de 1930. Antes desta data era muito comum o mesmo paciente ter várias entradas com diferentes nomes e, um dos métodos para confirmar a identificação do indivíduo, era a fotografia.

⁶⁸ *Ibidem*, p.46-47.

⁶⁹ Neste trabalho, optamos por transcrever as citações de textos de época utilizando o português modernizado, para facilitar a leitura.

⁷⁰ Dado retirado do primeiro livro de matrícula do Pavilhão de Observação – Acervo do Núcleo de Memória Institucional do Instituto de Psiquiatria/IPUB-UFRJ.

sediar as aulas práticas da cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dado que esta não possuía espaço exclusivo para as suas atividades acadêmicas na própria Faculdade.

O processo de ‘observação’ dos pacientes era atividade básica que dava subsídios para os estudos ali realizados e fazia com que a instituição cumprisse a sua função de porta de entrada do paciente na Assistência aos Alienados. Esta tinha o prazo de quinze dias, podendo ser prorrogada⁷¹. Durante esse período eram realizados os exames laboratoriais, as entrevistas psiquiátricas e os testes psicológicos. A ‘observação’ fazia parte das aulas práticas e dela resultava tanto a elaboração dos registros médicos, como do diagnóstico e do controle estatístico da instituição.

1.2.1 Estrutura física

Quanto à estrutura física do Pavilhão, foram inicialmente levantados três prédios nos fundos do terreno do Hospício de Alienados: os das seções Magnan (feminina) e Meynert (masculina) e o da administração (localizado entre as duas seções), construídos pelos empreiteiros Emygdio de Almeida & C.⁷² Um dos redatores do jornal *O Paiz*, que visitou essa instituição em 1896, informou aos seus leitores acerca da estrutura do Pavilhão, que continha:

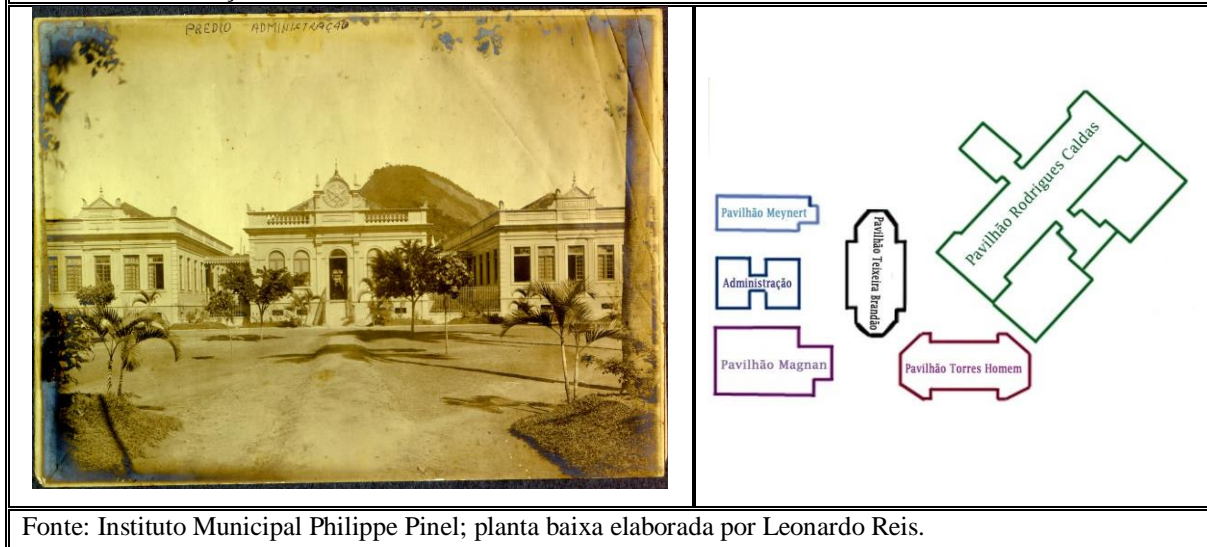
enfermarias, dormitórios, quartos isolados e quartos fortes, com e sem leitos, há também um gabinete com regular número de aparelhos variados e instrumentos para exame antropométrico; aí o diretor do estabelecimento, Dr. Teixeira Brandão, que é o lente da Faculdade de Medicina, faz o seu curso especial. Em um compartimento à parte, há um pequeno arsenal eletroterápico. [...] além de uma “sala de clínica”, onde vimos várias peças anatômicas servindo para estudo e confirmação de diagnósticos, notamos também junto deste pavilhão um *atelier* de fotografia cuidadosamente mantido pelo Dr. Márcio, o que reconhecemos da mais alta importância, não só para o estudo comparativo das diferentes fases da moléstia que acomete o indivíduo como também para o estabelecimento da identidade dos doentes que muitas vezes ali chegam sem informações por parte da autoridade policial que os remete.⁷³

⁷¹ Decreto n.8.834, de 11/07/1911.

⁷² BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Relatório apresentado pelo Engenheiro Henrique José Alvares da Fonseca*. Distrito Federal, 1893. p.21-22.

⁷³ *O Paiz*, 13/06/1896.

Figura 1 - Pavilhão de Observação – Início do século XX e esboço da planta baixa do Pavilhão de Observação em 1938



Fonte: Instituto Municipal Philippe Pinel; planta baixa elaborada por Leonardo Reis.

Além das dependências descritas, existiam dois pátios externos (um para cada seção) e ao longo dos anos outros cômodos e serviços foram sendo incorporados: apêndices destinados à prática da ginástica e da balneoterapia, gabinete eletroterápico, gabinete histoquímico, banheiro para banhos quentes, sala para hidroterapia e anfiteatro para aulas⁷⁴. Em 1908 foi criado um ambulatório para consultas externas gratuitas, que passaram a ser realizadas pelo docente da clínica psiquiátrica na presença dos alunos nos dias das aulas práticas⁷⁵. Naquele mesmo ano, o Pavilhão passou a contar com o serviço de psicologia experimental⁷⁶. Posteriormente, foram construídos o Pavilhão de Moléstias Nervosas Torres Homem (1910)⁷⁷, com o objetivo inicial de abrigar os alienados portadores de lesões do aparelho nervoso, e o Pavilhão Rodrigues Caldas (1934)⁷⁸, que ampliou o número de leitos, num período em que o

⁷⁴ *Jornal do Brasil*, 26/05/1929.

⁷⁵ MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de, FACCHINETTI, Cristiana, DIAS, Allister. Suspeitos em observação nas redes da psiquiatria: o Pavilhão de Observação (1894-1930). *Memorandum*, 20, p.83-104, 2011.

⁷⁶ *Correio da Manhã*. 17/11/1907. Segundo matéria publicada no periódico *O Jornal*, em 1925, o governo brasileiro havia adquirido na Europa, há mais de dez anos, aparelhos adequados para a montagem de um gabinete de psicologia experimental na Clínica Psiquiátrica. O Dr. Maurício Campos de Medeiros (1885-1966) foi quem inicialmente dirigiu o serviço. Após Henrique Roxo assumir a cátedra de Clínica Psiquiátrica, em 1921, quem passou a ser responsável pelo serviço foi o assistente extranumerário Dr. Eurico de Figueiredo Sampaio. *O Jornal*, 27/08/1925.

⁷⁷ *A Semana*, 20/11/1910.

⁷⁸ O Pavilhão Rodrigues Caldas começou a ser construído em 1934, com capacidade para 126 leitos, anfiteatro, laboratórios e instalações para professores e alunos. Para a reforma do Hospício ver: Pavilhão de psychopathologia para a observação dos enfermos. *A Noite*, 18/11/1933. Uma nota do *Jornal do Brasil* informa que esse Pavilhão foi posto a funcionar em 1937. Ver: A Assistência a Psicopatas. *Jornal do Brasil*, 04/02/1937.

hospital passava por problemas de superlotação. A instituição também possuía um laboratório para pesquisas bioquímicas, com o objetivo de auxiliar os diagnósticos⁷⁹.

Independente das dificuldades enfrentadas, era preciso conciliar a obrigatoriedade de receber um número cada vez maior de suspeitos de alienação, diagnosticá-los e obter um bom desempenho no ensino e na formação dos futuros especialistas.

1.2.2 A formação do corpo docente do Pavilhão de Observação: primeiros integrantes (1894-1921)

A criação do Pavilhão instituiu um espaço de conexão entre a assistência, a ciência e a formação de especialistas baseada no ensino prático dentro da psiquiatria do Distrito Federal no final do século XIX. No âmago deste, aos poucos, foi se formando pequenos grupos de indivíduos regidos por atrações e repulsas, afinidades e incompatibilidades teóricas, formando alianças e travando disputas.

Na época em que Teixeira Brandão lecionava na cadeira de Clínica Psiquiátrica, "conseguiu interessar alguns alunos pela psiquiatria"⁸⁰, formando com os seus discípulos um grupo que Nina Rodrigues denominou de “escola psiquiátrica fluminense”. Deste grupo, fariam parte além do próprio Brandão, Nery, Roxo e o psiquiatra paulista Francisco Franco da Rocha (1864-1933), antigo aluno do lente carioca, formado pela FMRJ em 1890. Esse grupo seguiu os princípios teóricos da escola francesa, além de ter utilizado e disseminado a classificação de doenças mentais elaborada por Brandão⁸¹. No entanto, Nina fez críticas às concepções teóricas francesas tal como propagadas por Brandão aos seus seguidores.

Os primeiros docentes da clínica psiquiátrica da FMRJ, ocuparam a posição de ‘despertadores’⁸² para os demais discentes que iniciaram o seu ‘percurso intelectual’ no Pavilhão de Observação, a partir das aulas ministradas por Teixeira Brandão e seus discípulos. O primeiro docente selecionado pelo diretor Teixeira Brandão para lecionar na cadeira de clínica psiquiátrica foi Márcio Philaphiano Nery, um jovem amazonense que se doutorou no ano de 1890, apresentando nessa disciplina a tese *Da influencia exercida pelas moléstias do aparelho circulatório quanto ao desenvolvimento das moléstias mentaes e d’estas sobre aquellas*. Segundo nos relata Nery, em carta endereçada a sua progenitora

⁷⁹ *Correio da Manhã*, 18/07/1925.

⁸⁰ NINA -RODRIGUES, Raimundo. A paranoia nos negros: estudo clínico e médico legal (1903) parte 1. *Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v.7, n.2, p.161-178, 2004. p.163

⁸¹ ENGEL, Magali Gouveia. Os delírios da razão. *Op.cit.*, p.138.

⁸² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P.231-269., p.246.

É muito provável que não parta imediatamente depois de formado para vos dar um abraço. O Dr. Teixeira Brandão, Diretor do Hospício, e um dos meus melhores amigos, deseja que fique como médico do Hospício de Alienados, arranando-me o lugar interinamente logo que me forme, a fim de que possa apresentar-me como candidato no concurso que terá lugar lá para o dia 20 de fevereiro do próximo ano⁸³.

Nery foi contratado como médico do Hospício por meio deste concurso e em 1894, ano em que o Pavilhão iniciou suas atividades, o médico participou também de outra seleção, desta vez para lente substituto da Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas. Foi aprovado, apresentando para tanto a tese *História e Patogenia da Paranoia*. Segundo informações de Pernambuco Filho,⁸⁴ esse docente mantinha correspondência com personalidades do alienismo francês, e dentre essas Jean-Martin Charcot (1825-1906). Tal informação reforça a hipótese da influência do alienismo francês no hospício e sua continuidade após a entrada de Nery, corroborada pela rede de trocas intelectuais vivenciadas por esse personagem.

Teixeira Brandão deixou a direção do Hospício Nacional de Alienados em 1897 e dois anos depois a da Assistência aos Alienados. O catedrático pediu exoneração desses cargos em meio a uma crise administrativa instigada por numerosas denúncias sobre sua gestão, envolvendo gastos indevidos de verba pública, superlotação, reduzido número de curas, promiscuidade entre as classes sociais e idade cronológica, mortes de pacientes e poucas curas⁸⁵. O plano anti-inflacionário e de controle do endividamento público do Governo Campos Sales (1898-1902), com cortes orçamentários visando a redução de gastos e a suspensão de novos investimentos, somados a obstinação de Brandão em adentrar na vida pública, provavelmente, contribuíram para o agravamento do quadro negativo no qual o hospício estava inserido.

Cabe destacar que quando Teixeira Brandão solicitou exoneração dos cargos de diretor do Hospício Nacional de Alienados e da direção da Assistência aos Alienados, continuou ocupando a cátedra de Clínica Psiquiátrica e a direção do Pavilhão de Observação. A direção desta instituição estava vinculada à cátedra, por meio do Decreto n.1.559, de 1893. Sendo assim, o lente permaneceu como funcionário da Assistência, gerindo o Pavilhão e ministrando aulas naquele espaço até 1903, quando se afastou para ocupar o cargo de Deputado Federal.

⁸³ PERNAMBUCO FILHO, Pedro. *Acadêmico Márcio Philaphiano Nery: patrono da cadeira nº 48*. Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, sem data.

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão*. *Op. cit.*, p.255-256.

Ainda que Decreto nº 1.482, de 24 de julho de 1893, previsse um assistente para essa clínica, somente em 1901 Henrique Roxo ocuparia essa função, tornando-se o primeiro assistente de Teixeira Brandão.

Em 1903, Brandão se afastou da cátedra para assumir o seu primeiro mandato como Deputado Federal⁸⁶, passando a regência desta e a direção do Pavilhão para o lente substituto. Nery assumiu esses cargos até 1904, quando também se desligou, temporariamente, por ter sido empossado na função de diretor geral de Saúde Pública em sua cidade natal – Manaus (AM). Em seu lugar, em setembro de 1904, Henrique Roxo passou a exercer interinamente o cargo de lente substituto⁸⁷. Naquele período o quadro de docentes da cadeira era composto apenas por Brandão, Nery e Roxo, portanto não havia opções, além do referido assistente, para dar continuidade às aulas dessa cátedra. Em 1907, Márcio Nery retornou ao Distrito Federal para reassumir suas funções, ocupando esta posição até 1911, quando veio a falecer. Com a morte prematura do lente substituto, Roxo reassumiu interinamente a cátedra.

Nesse mesmo ano, Ulisses Machado Pereira Vianna Filho e Ernani Lopes conquistaram a livre docência de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas. Vianna, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, era médico adjunto do Hospício Nacional de Alienados. Lopes fez internato na Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e era médico assistente do Hospício.

Segundo Lopes⁸⁸, em 1912, com a divisão da cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas⁸⁹ em Clínica Psiquiátrica e Clínica Neurológica, ele fez a requisição para ser livre docente desta última, visto que seus interesses se afinavam mais com essa especialidade. Vianna também estava envolvido com os projetos e interesses científicos vinculados à psiquiatria alemã, propagados e praticados no Hospício por Juliano e seu grupo. Não obstante, não foram localizados registros sobre a opção acadêmica desse docente após a criação da cátedra de Neurologia, nem tampouco registros sobre aulas ministradas no Pavilhão.

Em 1912, Pedro José de Oliveira Pernambuco Filho, formado em 1910 e antigo interno do Hospício de Alienados - discípulo de Juliano Moreira (1872-1933) e de Antônio Austregésilo

⁸⁶ Teixeira Brandão foi eleito para as seguintes legislaturas: 1903-1905, 1906-1909, 1909-1912, 1912-1915, 1915-1918 e 1918-1921. Informação fornecida pela Coordenação de Relacionamento, Pesquisa e Informação da Câmara dos Deputados, por e-mail, em 26/06/2015. Protocolo: E3B7103337882.

⁸⁷ ROXO, Henrique. *Molestias mentaes e nervosas: aulas professadas durante o anno lectivo de 1905*. Rio de Janeiro : [S.n.], 1906, p.3.

⁸⁸ LOPES, Ernani. Estudo clínico do complexo estupor em neuro-psiquiatria. These de concurso. 1922 p.iv.

⁸⁹ Segundo Magalhães (apud MUÑOZ) “No debate sobre a separação das cátedras de psiquiatria e neurologia, Henrique Roxo e Teixeira Brandão se posicionaram contrariamente. Depois de muitos protestos, eles saíram derrotados. No final daquele ano [1912], Austregésilo foi empossado como catedrático”. MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À Luz do Biológico*. 2015. *Op.cit.*, p.104.

Rodrigues de Lima (1876-1960) - tornou-se o segundo assistente⁹⁰. Pernambuco, após a sua formatura, se aperfeiçoou em clínicas psiquiátricas de Paris e de Viena. Após concurso, em 1913, tornou-se livre docente da Clínica Psiquiátrica da FMRJ⁹¹. Nos anos subsequentes não foram encontradas informações sobre os próximos especialistas a ocuparem a colocação de assistente. Somente em 1918, o *Almanak Laemmert*, em anúncio contendo os nomes dos médicos do Pavilhão e suas respectivas ocupações, nos apresenta mais dois assistentes: Martim Francisco Bueno de Andrada e Vieira de Moraes. Não foram localizados nas fontes informações sobre esse último assistente referentes ao período de 1921 a 1945.

Durante toda a década de 1910, Teixeira Brandão esteve impedido de exercer suas funções de catedrático e a consequente direção do Pavilhão, pois continuou desempenhando a de deputado federal. Em 1912, ano seguinte a morte de Nery, o catedrático tomou uma decisão inusitada frente ao que era esperado para o cargo. Passou para o assistente da clínica psiquiátrica, Pedro Pernambuco Filho, por meio da Portaria de 27 de maio de 1912, a direção do Pavilhão de Observação, ao invés de indicar Henrique Roxo, que há anos era o seu substituto e ocupava um lugar de destaque na instituição⁹². De acordo com suas recomendações, Roxo continuaria ministrando as aulas desta cadeira, para a qual havia sido indicado desde 1911, com a devida aprovação da Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.⁹³ Cabe aqui mencionar que Brandão, estando ou não em exercício, de acordo com o regulamento da Faculdade de Medicina⁹⁴, tinha o direito de indicar os assistentes/docentes de sua confiança para o substituir durante o seu impedimento temporário, visto a cátedra não mais possuir um lente substituto.

Não podemos assegurar se em 1912 a Clínica Psiquiátrica ainda contava com a presença de Ulysses Vianna em seu quadro de livre docentes. E, em caso afirmativo, se Brandão cogitou a possibilidade desse médico vir a substituí-lo interinamente, mesmo ciente das divergências teóricas e da parceria científica deste com Juliano Moreira. Igualmente não temos informações se havia interesse, por parte de Vianna, em ocupar tal cargo. O fato é que este docente viajou para a Alemanha em 1912, para estudos científicos, por lá permanecendo até 1914⁹⁵.

⁹⁰ PERNAMBUCO FILHO, Pedro. [*Curriculum vitae*]. ANM, Rio de Janeiro, 1962. 2 f.

⁹¹ *O Paiz*, 23/08/1913.

⁹² BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Relatório apresentado pelo Ministro Rivadávia da Cunha Corrêa*. Distrito Federal, 1913., p.71. A nomeação de Pernambuco Filho também foi noticiada pelos jornais de época, como: *Gazeta de Notícias* e *A Imprensa*, ambos de 28 de maio 1912.

⁹³ *Correio da Manhã*, abr./1911.

⁹⁴ Decreto n. 8.661, de 05 de abril de 1911; Decreto n. 11.530, de 18 de março de 1915.

⁹⁵ Sobre Ulisses Vianna, sua viagem para a Alemanha, bem como o seu vínculo com Juliano Moreira, ver MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À Luz do Biológico*.2015.*Op.cit.*

Nas fontes levantadas não foram localizados os motivos que levaram o catedrático a dividir as suas atribuições acadêmicas entre os seus dois assistentes. Se pretendia implementar alguma inovação médica e tecnológica no Pavilhão, desvincilhando o ensino das funções assistenciais, administrativas e burocráticas exigidas ao cargo de diretor; se buscava apoio político, visto que o pai de Pernambuco também era deputado federal, vindo de uma tradicional família de políticos ou se ainda havia outro motivo, como uma predileção pessoal do catedrático. O certo, porém, é que a divisão das duas funções promoveu rivalidades e divergências entre os dois principais atores da cadeira de Clínica Psiquiátrica da FMRJ.

Pernambuco Filho, além da referida ligação com a Clínica Psiquiátrica, também era médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia e inspetor médico escolar da prefeitura do Rio de Janeiro. No que se refere a sua produção acadêmica, embora tenha escrito artigos sobre temas psiquiátricos diversificados na década de 1910, a partir de 1920 seus interesses científicos se centraram no “uso e abuso de drogas e entorpecentes” e na educação e profissionalização de “menores com retardos mentais”.⁹⁶

Em relação à atuação de Pernambuco Filho na direção do Pavilhão, os livros de observações nos revelam que no período de sua gestão, foi abolida a mensuração dos corpos dos pacientes na anamnese – primeiro foi excluída a medida da forma do crânio, em 1913⁹⁷, e no ano seguinte foram retirados do campo de observação os demais dados antropométricos⁹⁸.

Quanto aos demais dados, comparando de forma assistemática alguns livros de observações do período anterior com os que foram preenchidos durante a gestão hospitalar de Pernambuco Filho, percebemos que em relação a tipologia e a quantidade de exames laboratoriais solicitados, ocorreram poucas mudanças, apenas passaram a registrar o resultado da medição da pressão arterial⁹⁹. Nas anotações referentes ao tipo de tratamento efetuado, passou a conter um número maior de prescrições médicas¹⁰⁰. O campo referente aos “comemorativos”, até 1913, mesclava as percepções do médico com as informações obtidas por meio da entrevista com o paciente. A partir de 1914, este campo passou a incluir também a transcrição literal do que constava na guia policial que era encaminhada junto com o paciente ao Pavilhão, embora em algumas destas constasse que não apresentou nenhuma informação sobre o paciente. Logo após essas informações, o médico escrevia suas impressões e o resultado da entrevista, tal como

⁹⁶ Ver quadro com dados biobibliográficos referentes a este professor, **Apêndice A**.

⁹⁷ Livro de Observação nº 155 de 11/01 a 21/02/1913.

⁹⁸ Livro de Observação nº 171 de 03/09 a 10/10 de 1914.

⁹⁹ Os Livros de Observações consultados correspondem ao seguinte período: nº 155 (11/01 a 21/02/1913) até nº 221 (18/09 a 25/10/1919).

¹⁰⁰ *Ibidem*.

era feito antes de 1913¹⁰¹. Os recortes com matérias referentes à internação do paciente também se tornaram mais frequentes¹⁰².

A ausência dos dados antropométricos confirma o que a produção acadêmica de Pernambuco Filho¹⁰³ e sua filiação a Austregésilo e Moreira por si só apontavam, isto é, que o interesse pelas anomalias biológicas marcada no corpo pela fisiologia das raças, em voga no alienismo francês, foi sobreposto por sua formação médico-psiquiátrica marcada pela psiquiatria biológica, cujas tendências faziam-se pautar pelos resultados de exames laboratoriais e pela história da doença ao longo do tempo.

Pernambuco Filho foi, inclusive, auxiliar de Austregésilo em atuações médicas particulares¹⁰⁴. Além disso, sua relação com o catedrático de neurologia ultrapassou o campo profissional, uma vez que, em 1915, esse professor foi o seu padrinho de casamento¹⁰⁵. A partir de 1921 os dois tornaram-se sócios fundadores do Sanatório Botafogo, em parceria com os professores Ulysses Vianna e Aduato Botelho. Tratava-se de um pequeno grupo com interesses teóricos apoiados na psiquiatria organicista e nos princípios da neuropsiquiatria, distintos dos difundidos por Roxo nas primeiras décadas do século XX¹⁰⁶.

Roxo, por sua vez, não aceitou passivamente a decisão de Brandão. No ano de 1912, requereu na Justiça o seu direito de gerir o Pavilhão de Observação como lente substituto. Naquele ano foi publicada uma pequena nota no jornal *O Paiz*, informando que esse professor havia enviado um requerimento ao ministro da justiça contra a nomeação de Pernambuco Filho – e a resposta teria sido que “Não há que deferir¹⁰⁷”.

Em 1915 e 1916 foram noticiadas em vários periódicos da época¹⁰⁸ a ação que Roxo havia movido contra o governo a fim que o juiz federal declarasse nulo o ato que nomeou Pernambuco. Alegava ser seu o direito exercer a direção da Instituição em questão, com os respectivos vencimentos, garantias e vantagens. Pleiteava inclusive receber todos os vencimentos que lhe seriam de direito com os respectivos juro. O juiz julgou a ação improcedente.

¹⁰¹ *Ibidem*.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ Ver **Apêndice A**, quadro com dados biobibliográficos referentes a este professor.

¹⁰⁴ *O Paiz*, 10/01/1912.

¹⁰⁵ CASAMENTOS. *O Paiz*, 13 de maio 1915.

¹⁰⁶ FACCHINETTI, Cristiana, NEVES DE MUÑOZ, Pedro Felipe. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro: 1903-1933. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20 n.1, p.239-262, 2013., p.248.

¹⁰⁷ *O Paiz*, 14/09/1912.

¹⁰⁸ Essa notícia foi publicada nos seguintes periódicos: *O Paiz*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *A Rua*.

Henrique Roxo se respaldava no Decreto n. 1.134, de 1903, no artigo 20. Este indicava que “no pavilhão de admissão, onde funcionará a seção de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina, haverá um alienista, diretor do mesmo pavilhão, cabendo o exercício deste cargo ao lente da cadeira de psiquiatria e de moléstias nervosas.” Segundo Roxo, por ser ele o lente substituto da referida Clínica, era seu o direito de também exercer o cargo de diretor do Pavilhão. Entretanto o juiz, Dr. Raul Martins, igualmente embasado na legislação da Assistência a Alienados, tinha outro ponto de vista sobre esta questão. Dizia que Roxo, como substituto, era lente extraordinário e não o catedrático, não lhe cabendo então o direito que reclamava. Ademais, o artigo 48 do Decreto n.8.834, de 1911, comunicava que “O diretor do Instituto terá, além dos auxiliares dos serviços escolares, um assistente incumbido dos serviços eletroterápicos, e será substituído, nos seus impedimentos, por um deles, segundo proposta sua, com aprovação do ministro”.

Em sua defesa, Roxo declarou em matéria publicada no periódico *A Rua*¹⁰⁹, que foi injustiçado. Afirmava que o artigo 48 do Decreto n.8.834, que dava o direito ao catedrático escolher um de seus auxiliares para o substituir, era contrário à lei geral que afirmava ser o diretor do Pavilhão o docente que estivesse ocupando a função de catedrático. Na mesma matéria, reforçava a sua insatisfação com a questão ao afirmar que “compreende-se bem o absurdo de estar o lente a dar aulas, sem que tome conta de sua enfermaria, entregue a direção de um assistente de clínica, seu subordinado”.

Essa disputa pela direção do Pavilhão chegou ao ápice no início de 1919, sendo amplamente noticiada nos jornais como ‘o caso dos assistentes da Faculdade de Medicina’. Naquele ano, a Congregação da FMRJ decidiu demitir todos os assistentes de clínica e dos laboratórios. De acordo com *A Época*¹¹⁰, o estopim que desencadeou esse acontecimento foi o seguinte: Pedro Pernambuco, sabendo que era Teixeira Brandão quem o mantinha como assistente, e que mesmo após muitos anos de serviço poderia perder a função após a aposentadoria deste professor¹¹¹, buscou apoio junto aos bons conhecimentos que possuía para instituir uma emenda no Congresso, tornando vitalícios todos os assistentes de clínica da Faculdade de Medicina.

Essa emenda foi aprovada após a jubilação de Teixeira Brandão e, tendo Roxo como o novo catedrático, a instituição seria obrigada a manter Pernambuco como seu assistente. A Congregação, antes que esta emenda fosse sancionada, decidiu demitir a todos os assistentes e

¹⁰⁹ *A Rua*, 17/08/1916.

¹¹⁰ *A Época*, 13/01/1919.

¹¹¹ Teixeira Brandão assumiu o cargo de catedrático em 1883. Em 1919 contava com 36 anos na função, embora afastado desta desde 1903, ou seja, tinha 20 anos de serviço efetivo como docente. Por outro lado, já contava com 65 anos, idade limite para ocupação do cargo. Lei nº 2.924 de 05 de janeiro de 1915.

renomeá-los mais tarde, a fim de que ninguém se beneficiasse com a lei da efetividade. Roxo, como lente substituto em exercício, propôs a demissão de seus assistentes, mas Brandão, como catedrático, mesmo impedido de exercer suas funções, não concordou com o ato de seu substituto, apelando ao Conselho Superior de Ensino. O Dr. Aloysio Castro (1881-1959), diretor da FMRJ, manteve a demissão feita por Roxo e a Congregação da Faculdade também foi solidária ao lente substituto¹¹².

Numa acalorada sessão do Conselho Superior de Ensino¹¹³, o recurso dos assistentes da FMRJ foi julgado em fevereiro de 1919, e o Conselho deu ganho de causa a estes - todos os assistentes foram readmitidos. Em outubro do mesmo ano, o Ministro da Justiça¹¹⁴ reintegrou Roxo como diretor interino do Pavilhão de Observação, em virtude do acórdão do Supremo Tribunal Federal que julgou nula a portaria de 1912, que tinha nomeado Pedro Pernambuco Filho para este cargo.

Nesta querela, observamos que Henrique Roxo, embora tenha se posicionado contra o ato de Teixeira Brandão, empenhando-se em buscar valer os seus direitos por meio dos tribunais, em nenhum momento fez declarações na imprensa contra a decisão de seu mestre. A sua posição de insatisfação foi assumida pelos seus atos. Se a atitude para com Brandão foi comedida, o mesmo posicionamento não se deu com relação à Pernambuco Filho, visto que, segundo o jornal *A Época*, “[Roxo] não mantém relações com o Dr. Pernambuco, porque este médico se prestou a exercer a diretoria do Pavilhão de Observação”,¹¹⁵ tendo, inclusive, sido demitido por Roxo do cargo de assistente.

Em fins de outubro de 1919, Roxo foi reintegrado ao cargo de diretor interino do Pavilhão de Observação. Em regozijo a este acontecimento, os seus colegas, amigos e admiradores ofertaram-lhe um “valioso mimo” e Roxo “fez abrir nesse dia os salões de sua residência à rua Voluntários da Pátria, onde foram carinhosamente recebidos os manifestantes”.¹¹⁶ Após os discursos e agradecimento pela solidariedade dos presentes, o docente os convidou “para uma lauta mesa de doces, onde foram trocados os mais amistosos brindes. Em seguida teve lugar uma encantadora *soirée* dançante...”¹¹⁷ Três anos depois de ter sido empossado, Roxo recebeu, por decisão judicial¹¹⁸, todos os vencimentos referentes aos anos que esteve afastado, contra a sua vontade, do cargo que sempre julgou ser seu por direito.

¹¹² QUERIA ser diretor interino... 1916. *Op. cit.*

¹¹³ *O Imparcial*, 22/02/1919.

¹¹⁴ *O Paiz*, 28/12/1919.

¹¹⁵ *A Época*. 1919. *Op. cit.*

¹¹⁶ *Jornal das Moças*, 08/11/1919.

¹¹⁷ *Ibidem*

¹¹⁸ *Correio da Manhã*, 17 /01/1922.

Após vinte anos de profissão, Roxo finalmente assumiu em definitivo a direção do Pavilhão e a cátedra, em 1921, com a morte de Teixeira Brandão. Nesta época já era conhecido no meio acadêmico-científico, visto ter apresentado comunicações em eventos na área, como, por exemplo, no Congresso Internacional de Medicina, realizado em Londres; era membro de sociedades científicas; já havia publicado artigos em revistas especializadas e, no ano em que assumiu a cátedra lançou a primeira edição da sua obra mais conhecida – o *Manual de Psiquiatria*¹¹⁹.

Cabe destacar que em 1920 foi promulgado o Regimento da Universidade do Rio de Janeiro da qual a Faculdade de Medicina fazia parte, junto com a Escola Politécnica e com a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Segundo Capanema, embora tenham agregado estabelecimentos de ensino superior, além da Congregação formada por integrantes dessas três Faculdades, “não existia qualquer elo que as unisse, pois, as faculdades permaneciam independentes e continuavam a ser o que até então haviam sido, isto é, institutos isolados de ensino superior”.¹²⁰ De fato, acompanhando os livros clínicos e administrativos é possível verificar que a inclusão da Faculdade de Medicina como parte da Universidade não indicou qualquer mudança na rotina interna do Pavilhão.

A clínica psiquiátrica, nos vinte e cinco anos que se seguiram à posse do novo lente, ampliou seu quadro de docentes buscando atender as demandas do ensino, como, por exemplo, quando as aulas de psiquiatria se tornaram obrigatórias, a partir de 1925.¹²¹ A rotina institucional, assim como a temática dos cursos oferecidos também procurou estar em consonância com as novas tendências da psiquiatria brasileira.

1.2.3 Entre a Faculdade e o Hospício

O Pavilhão de Observação foi um ponto de interseção entre duas instituições com objetivos distintos. Por um lado, estava vinculado à Faculdade de Medicina - comprometida com o ensino, constituindo-se um hospital-escola; e por outro, com o Hospital de Alienados - ligado à assistência, sendo uma seção do HNA. Essa inter-relação resultou em uma legislação que tampouco definiu de forma clara e precisa a sua posição oficial nesse interregno na qual

119 Este livro representou um marco em sua carreira, concretizando sua identidade como professor titular, sendo editado por mais três vezes. Devido a sua importância, o Manual será analisado no capítulo dois desta dissertação.

¹²⁰ CAPANEMA, Gustavo. *Algumas notas sobre os problemas da educação e da saúde no governo Getúlio Vargas*. 1946. 40f. p.9.

¹²¹ Decreto n.º 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925.

estava inserida desde a sua inauguração em 1894, até a sua transferência para a Universidade do Brasil, em 03 de agosto de 1938.

A Instituição tanto era regida pelos Decretos da Assistência a Alienados, pouco pormenorizados no que se refere ao Pavilhão, quanto pelo regulamento da Faculdade de Medicina. Consideramos que, em alguns pontos, a junção desses decretos contribuiu para a organização interna do espaço. Entretanto, a falta de detalhamento em ambas as leis da instituição, assim como a falta de previsão dos casos de afastamento temporário, favoreceu as disputas administrativas e o relacionamento tempestuoso entre a direção e funcionários do Hospício e do Pavilhão, tanto no final do século XIX quanto nos primeiros anos do século XX. Na década de 1910, essa mesma legislação beneficiou as decisões administrativas de Teixeira Brandão e também propiciou argumentos para que Roxo buscasse seus direitos perante a justiça, quando se considerou injustiçado ante as decisões do catedrático. Essa disputa perdurou anos, visto que a interpretação do juiz em relação ao Decreto n. 1.134, de 1903 divergia daquela proposta pelo advogado de defesa de Roxo.

Outro exemplo da falta de detalhamento da legislação diz respeito aos direitos do diretor do Pavilhão. Era previsto uma casa, de propriedade da Assistência¹²² para moradia desse médico gestor, com o objetivo de garantir sua presença física sempre ao lado dos suspeitos de alienação. Mas se esta era a finalidade dessa regalia, a lei não previa como seria no caso de um longo afastamento deste funcionário. Brandão, impedido de cumprir suas obrigações profissionais neste estabelecimento devido sua ocupação como deputado federal, continuou a residir nessa casa até a sua morte¹²³. Sendo assim, os diretores interinos do Pavilhão tiveram que residir fora do asilo. Em consequência, Roxo só viria a ocupar esta casa a partir de 1921.

No período em que o Pavilhão foi criado, Teixeira Brandão, além de ser o lente catedrático da cadeira de Clínica Psiquiátrica, era também o diretor do Hospício de Alienados e da Assistência aos Alienados. Portanto essa presença simultânea nos três cargos administrativos facilitou a sua gestão em todos esses espaços.

No que concerne às relações do Pavilhão de Observação com o Hospício, observou-se que após Teixeira Brandão deixar os cargos de diretor do Hospício de Alienados (1887)¹²⁴ e da Assistência a Alienados (1899),¹²⁵ novos atores assumiram essas responsabilidades, iniciando-

¹²² Decreto n. 5.125, de 01 de fevereiro de 1904, Art.9.

¹²³ *Gazeta de Notícias*, 24/07/1915; *O Paiz*, 04/07/1921.

¹²⁴ Para mais informações sobre esse período consultar os trabalhos de ENGEL, Magali Gouveia. Os delírios da razão e TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. *Deus e a ciência na terra do sol: o Hospício de Pedro II e a constituição da medicina mental no Brasil*. (Doutorado em Psiquiatria e Saúde Mental).

¹²⁵ *Ibidem*.

se algumas tensões e conflitos. Um dos pontos destacados no artigo de Facchinetti, Muñoz e Dias¹²⁶ foi a articulação entre essas instituições, suas tensões e divergências, a partir do *Relatório da Comissão de Inquérito de 1902* (1903). Este apresentou o resultado de uma inspeção feita no Hospício, revelando “não somente os problemas estruturais e a precariedade do hospício, mas também querelas administrativas entre o médico diretor do hospício, Dias de Barros e o médico diretor do Pavilhão, Teixeira Brandão”¹²⁷.

O referido Relatório¹²⁸ levou para fora dos muros do estabelecimento as conturbadas relações sociais e administrativas deste hospital com o Pavilhão, expondo a ausência de um tom conciliador na administração de Antônio Dias de Barros ao lidar com as relações humanas. O relatório e outros documentos não revelaram se houve controvérsias científicas entre os alienistas destas instituições. Somente são denunciadas questões como: a autoridade do diretor do hospício sobre o do Pavilhão e sobre os funcionários deste; o impasse em relação à propriedade dos livros de receituário das enfermarias e do ambulatório do Pavilhão; problemas com procedimentos de entrada dos suspeitos de alienação na Instituição; e o problema do lixo, que o diretor do Hospício despejava junto ao Pavilhão.

Nesse documento encontramos também anotações sobre os atritos entre a diretoria de ambas as instituições. Fica evidente as tensões e rupturas entre funcionários e internos de ambas. É registrado, inclusive, um curioso caso entre o farmacêutico do Hospício e um dos internos do Pavilhão que formulou de modo incorreto o peso de uma substância que deveria conter num comprimido. O farmacêutico, ao invés de apontar o engano ao estudante, “executou a prescrição e enviou para o Pavilhão pílulas do tamanho de ovos de pomba”¹²⁹. Enfim, são pontos que denotam a tensão e disputa entre as diferentes teorias, como também entre os diferentes grupos que pretendiam demonstrar a força política inerente aos cargos por eles ocupados.

A partir de 1903, o Hospício Nacional de Alienados passou a ser dirigido por Juliano Moreira (1873-1933) – que introduziu e disseminou na psiquiatria brasileira os conceitos organicistas e experimentais da psiquiatria alemã de Kraepelin¹³⁰. Moreira estava atualizado em relação aos modernos hospitais e instituições psiquiátricas da Europa Ocidental, reformando

¹²⁶ MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de, FACCHINETTI, Cristiana, DIAS, Allister. Suspeitos em observação nas redes da psiquiatria. *Op.cit.*

¹²⁷ *Ibidem*, p.93.

¹²⁸ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Relatório da Comissão de Inquerito: sobre as condições da Assistência a Alienados no Hospício Nacional e colônias da Ilha do Governador*. Distrito Federal, 1902. Publicado em 1903.

¹²⁹ *Ibidem*. p.16

¹³⁰ PORTOCARRERO. Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. 152 p., p.65.

o velho Hospício com a incorporação de mudanças administrativas, estruturais e novas práticas médico-terapêuticas¹³¹.

Um corpo clínico de renome se aglutinou em torno de Juliano Moreira, produzindo inúmeros trabalhos acadêmicos em publicações científicas, participando de eventos nacionais e internacionais e contribuindo para a especialização e capacitação de jovens médicos que complementavam suas formações acadêmicas como internos do Hospício de Alienados, dentro dos preceitos da teoria alemã, bem diferente do ensino propagado por Teixeira Brandão e Henrique Roxo no Pavilhão de Observação¹³². Nesse contexto, percebemos que desde os primeiros anos de sua gestão, Moreira tornou-se reconhecido e respeitado pela comunidade científica de sua época.

As filiações teóricas, assim como as tensões e negociações entre a equipe do Pavilhão de Observação (inicialmente ligadas ao alienismo francês) e a do Hospício Nacional (cuja estrutura havia sido reformulada pela influência da psiquiatria alemã) regeram o cotidiano e forjaram as relações de sociabilidade dos integrantes destes espaços nos primeiros anos do século XX.

Maurício de Medeiros, em seu discurso de posse da cátedra de clínica psiquiátrica da FMRJ, em 1946, revelou alguns dados sobre essas relações: [eu] "vinha de um grupo de jovens que cercavam Juliano Moreira, o que não podia valer-me simpatia do catedrático da psiquiatria". Buscando justificar o posicionamento de Teixeira Brandão em relação a Juliano Moreira, Medeiros¹³³ continua:

Já porque Juliano, vindo da Bahia, tinha obtido recursos materiais que o Professor Teixeira Brandão sempre pedira para o Hospício sem consegui-los totalmente devido a circunstâncias financeiras do país; já porque Juliano agia com plena liberdade, tal como a concedia a seus administradores aquele grande Presidente Rodrigues Alves; já, finalmente, e talvez, sobretudo porque Juliano, com sua cultura germânica, introduzia em nossa psiquiatria a escola alemã, então triunfante, chefiada por Kraepelin, contra as ideias francesas de que era grande entusiasta e seguidor o catedrático de Psiquiatria - o certo é que este não estimava os discípulos nem a escola de Juliano. Havia dentro do Hospício duas escolas rivais, que digladiavam nessa benéfica rivalidade, que redundava em estímulo científico - a do mestre de Psiquiatria, no Pavilhão de Observações, e a de Juliano Moreira nos demais departamentos.¹³⁴

Em contrapartida, Henrique Roxo, discípulo de Teixeira Brandão e Márcio Nery, optou por declarar que “durante 50 anos tudo correu normalmente e viviam em muito boa

¹³¹ MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Por uma psiquiatria experimental y de laboratorio: la formación de una comunidad alemano-brasileña de la medicina mental (1900-1914). *Universitas Psychologica*, Colombia, v.13, n.5, 2011, p.1974.

¹³² PORTOCARRERO. Vera. *Arquivos da loucura. Op.cit.*, p.37.

¹³³ A Clínica Psiquiátrica: discurso do professor Maurício de Medeiros na Faculdade Nacional de Medicina. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, 1946-1947. p.10.

¹³⁴ *Ibidem*, p.10-11

harmonia o diretor do Instituto de Psicopatologia e o diretor da Assistência a psicopatas”.¹³⁵ Pedro de Oliveira Pernambuco Filho, interno do Hospício de Alienados e posteriormente assistente e professor da Clínica psiquiátrica, nos relata sua experiência pessoal em relação às diferenças teóricas no Hospício e no Pavilhão de Observações:

Era eu, em fins de 1909, interno do Hospício Nacional de Alienados e cursava o sexto ano da Faculdade de Medicina. Havendo escolhido a cadeira de psiquiatria a fim de nesta fazer exame, fui chamado ao Pavilhão de Observações, sede da Cátedra de Psiquiatria, para prestar o referido exame. Lá encontrei, pela primeira e última vez, o professor Nery. Caiu-me para dissertação um caso de paralisia geral. Aluno do professor Juliano Moreira e do Professor Austregésilo, apologistas da escola alemã, sabia eu que aquela enfermidade era produzida pela sífilis; entretanto, conhecia, também, que o professor Nery dava grande importância ao alcoolismo como causador da doença e, assim, ao ser arguido, declarei que a paralisia geral era produzida, não só pela sífilis, como também pelo alcoolismo, demorando-me em outras a respeito da etiologia. [...]. No dia seguinte o professor Juliano Moreira deu-me os parabéns por ter sido eu aprovado por distinção em Psiquiatria e acrescentou que sabia da nota, porque o professor Nery, após o exame dos candidatos a Psiquiatria, tinha ido almoçar em sua casa e havia-me informado que dera nota [de] distinção a um Sr. Oliveira, porque era que mais de distinguira entre os candidatos.¹³⁶

Embora Juliano Moreira não tivesse o título de professor da FMRJ, o hospital de alienados sob sua direção tornou-se um ponto de referência nacional para a formação especializada. Alunos da Faculdade de Medicina e médicos recém-formados buscavam uma orientação segura para integrá-los nos caminhos que levavam a uma nova concepção da doença mental.

Maurício de Medeiros, em seu discurso, demonstrava que os integrantes de Hospício firmavam uma espécie de compromisso com as concepções teóricas (alemãs), seguindo a liderança do espaço, o que não era muito bem visto e aceito pela direção do Pavilhão. A fim de ter a aceitação ou pertencer ao grupo da Clínica Psiquiátrica era necessário, como declarou Pedro Pernambuco, proferir concepções sintônicas às de Teixeira Brandão e Márcio Nery, de modo a garantir o seu futuro naquele espaço.

É interessante notar que a despeito das divergências entre o Pavilhão e o Hospício de Alienados, os jornais de época nos revelam o bom relacionamento de Roxo com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde esse catedrático criou condições para se articular dentro da rede acadêmica na qual estava inserido, não dependendo somente do numerário da Assistência. A Faculdade apoiou financeira e politicamente a gestão desse professor, mesmo durante o período em que este era apenas o substituto de Teixeira Brandão. O auxílio dessa

¹³⁵ ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único. 1942. p.4.

¹³⁶ PERNAMBUCO FILHO, Pedro. Academia Nacional de Medicina: Márcio Filafiano Nery patrono da Cadeira nº 48. *Tribuna Médica*, 1967, p.13.

instituição de ensino resultou em reformas e ampliação do espaço onde ocorriam as aulas teóricas e práticas da cadeira de Clínica Psiquiátrica.

As boas relações de Roxo com o Dr. José Antônio de Abreu Fialho (1874-1940), diretor da Faculdade de Medicina, possibilitaram reformas necessárias à estrutura física da Unidade. Em 1929, por exemplo, foi edificado no Pavilhão um “anfiteatro para as aulas e grandes melhoramentos, deixando a situação de pobreza em que se encontrava”¹³⁷. Posteriormente, no ano de 1938, em entrevista ao *Jornal do Brasil*, Roxo informou que “quando o Prof. Rocha Vaz esteve como Diretor da Faculdade, mandou fazer obras no Instituto, em seu Pavilhão Rodrigues Caldas¹³⁸”.

Cabe lembrar que Brandão, por estar envolvido com compromissos políticos, acabou se afastando do meio acadêmico e de boa parte dos eventos e reuniões ligadas a psiquiatria local e isso proporcionou a aproximação de Roxo com os seus pares da FMRJ, solidificando a posição deste no meio acadêmico científico.

A análise das fontes referentes aos primeiros anos do funcionamento do Pavilhão, mais especificamente após Brandão ter deixado a direção do Hospício e da Assistência, permite visualizar dentro das “estruturas elementares da sociabilidade”¹³⁹ da rede ali estabelecida, que as divergências primeiramente agregaram sentidos políticos, financeiros e afetivos entre as equipes do Pavilhão, Hospício e Faculdade de Medicina. Com a chegada de Juliano Moreira, as querelas adentraram também no campo científico, levando à adesão ou exclusão do indivíduo de acordo com a posição assumida.

Para Roxo, administrar uma Instituição subordinada a duas diferentes esferas não deve ter sido uma tarefa tão simples. Era preciso buscar parcerias em ambas as instituições, a fim de superar a dificuldade financeira, que impedia até mesmo a realização de melhorias na estrutura dos prédios do Pavilhão, que com o passar do tempo e a falta de investimentos, foram se deteriorando.

Apenas com a incorporação do Pavilhão à Universidade do Brasil, a instituição e dedicou-se mais às questões ligadas ao ensino, a produção de conhecimento científico e a divulgação deste em periódicos especializados¹⁴⁰. Não existia mais a obrigatoriedade de observar os suspeitos de alienação - já que deixara de ser a porta de entrada do serviço de Assistência a Psicopatas.

¹³⁷ FACULDADE de Medicina: inauguração do amphitheatro da clínica psychiatrica do Instituto de Psychopathologia. *Op. cit.*, p.16.

¹³⁸ *Jornal do Brasil*/12 /08/1938.

¹³⁹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *Op. cit.*, p.248.

¹⁴⁰ VENANCIO, Ana Teresa A. Ciência psiquiátrica e política assistencial. *Op.cit.*, p.882.

Nesse sentido, para que possamos melhor compreender as mudanças empreendidas na organização da nova instituição, descreveremos, a seguir o processo de incorporação do Pavilhão para a Universidade do Brasil.

1.3 O INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL

Anualmente, o aniversário de fundação do Instituto de Psiquiatria da UFRJ é comemorado pelo Centro de Estudos da instituição no início do mês de agosto, no anfiteatro Leme Lopes. Nessas ocasiões, os fatos referentes à origem e trajetória da Unidade costumam ser rememorados para a comunidade. Após quase oitenta anos, a ausência de testemunhos ou documentos referentes ao passado do IPUB fez com que a narrativa de Henrique Roxo¹⁴¹ no primeiro número dos *Anais do Instituto de Psiquiatria*, fundado em 1942, se tornasse a 'história oficial' da criação desta entidade. Naquele texto, o catedrático nos informa que o IPUB foi organizado segundo os moldes do Instituto de Psiquiatria de Munique “dos tempos antigos”, que, de acordo com este professor, “era o melhor”¹⁴².

Comparando as características entre o IPUB e o Instituto Alemão de Pesquisas Psiquiátricas (DFA)¹⁴³, haveria significativas diferenças entre as duas instituições: a instituição concebida por Roxo oferecia internação psiquiátrica; o catedrático, tal como os demais professores, lecionava e participava das pesquisas; os pacientes eram utilizados nas aulas e participavam das pesquisas; no IPUB não havia departamentos especializados. Já quanto à DFA¹⁴⁴, esta clínica não promovia a internação - utilizava em suas pesquisas os pacientes do Hospital Geral de Schwabing; seus médicos não tinham a incumbência de dar aulas na Universidade de Munique; seus pesquisadores, como o próprio Kraepelin, renunciaram as suas cátedras para se dedicarem exclusivamente à pesquisa; os pacientes participavam somente das pesquisas; existiam departamentos especializados. Para concluir, tanto o financiamento da DFA como o número de assistentes era bem superior aos disponibilizados ao IPUB

É preciso ressaltar, ainda, outro ponto: segundo, Roxo¹⁴⁵, em 1937, o Governo, através do Decreto-Lei n.24, proibiu a acumulação remunerada de cargos públicos¹⁴⁶, tendo ele tido

¹⁴¹ ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único, p.3-11, 1942.

¹⁴² ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Op. Cit.*, p.5-6.

¹⁴³ MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À Luz do Biológico. Op. cit.*, p.299-303.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

¹⁴⁵ ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Op. cit.*, p.4-5

¹⁴⁶ Decreto 24, de 29 de novembro de 1937 - foi vedada a acumulação de cargos públicos.

que escolher entre o magistério e a direção do Pavilhão. Segundo esse professor¹⁴⁷, o cargo de diretor proporcionava-lhe melhor remuneração e lhe dava o direito de residir em uma casa ao lado do Hospício. Apesar das perdas, optou por continuar sendo apenas professor, "preocupado em lecionar com zelo, em escrever livros e trabalhos outros da especialidade"¹⁴⁸. Há de se considerar, entretanto, que o cargo de catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, além de ser vitalício, proporcionava maior *status* e reconhecimento internacional do que o de diretor do Pavilhão de Observação. Sendo o cargo de diretor, um cargo de confiança da Assistência, o seu ocupante corria o risco de ser substituído, dependendo da política vigente no contexto. Portanto, apesar de oferecer menor vantagem pecuniária, o cargo de lente trazia vantagens que o de diretor não proporcionava.

Por outro lado, sua escolha trouxe ainda outro inconveniente: a impossibilidade de utilizar os estudos clínicos de casos em suas aulas. Embora o professor tenha informado que houve quem se interessasse em ocupar a vaga ociosa de diretor do Instituto, não foram encontrados registros que indiquem que o cargo foi ocupado ou o nome dos possíveis candidatos a este. A questão só foi resolvida com o Decreto-Lei nº 591, de 03 de agosto de 1938, que novamente reuniu o Instituto e a Cátedra, criando o Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.

Apesar de o catedrático não ter mencionado em seu texto, houve outros episódios que contribuíram para a fundação do IPUB. Desde meados da década de 1930, a imprensa local noticiava a possível transferência do Hospício para Jacarepaguá, embora a direção do Serviço de Assistência a Psicopatas negasse tal fato e houvesse a possibilidade do Pavilhão permanecer na Praia Vermelha¹⁴⁹. Nessa década, o Hospício enfrentava de forma mais explícita o sempre presente problema da superlotação, a decadência de sua estrutura física e a expansão urbana e demográfica da cidade, que vinculou o hospital a paisagem urbana¹⁵⁰. Segundo Oliveira, “a Urca, já um bairro residencial ocupado pela classe média, reclamava da vizinhança da loucura”.¹⁵¹ Em contrapartida, o Governo Vargas (1930-1945) passou a investir num novo projeto de assistência aos doentes mentais: a construção e ampliação de hospitais-colônia -

¹⁴⁷ Hoje esta é uma das casas na qual encontra-se instalada a reitoria da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p.5

¹⁴⁹ *O Jornal*/30/ 1935; *Correio da Manhã*/08/ 1938.

¹⁵⁰ Segundo Manoel Teixeira, nas últimas décadas do século XIX, o Hospício já enfrentava este problema: “os loucos, amontoados junto às grades do hospício, ficavam expostos à curiosidade dos passantes, que atiravam-lhes objetos e promoviam passeios dominicais para deles zombares”. TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. *Deus e a ciência na terra do sol*. Op. cit., p.156.

¹⁵¹ OLIVEIRA, Edmar de Souza. *Engenho de Dentro do lado de fora: o Território como um engenho novo*.

2004. 125f. Monografia (Especialização de Gestão em Saúde) – Fundação João Goulart, Rio de Janeiro., p.58.

como a Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, - visando sanar o problema da superlotação¹⁵².

Textos jornalísticos de época demonstram que a criação de um ‘instituto de psiquiatria’ já fazia parte dos planos do ministro Gustavo Capanema Filho (1900-1985), pelo menos desde 1936, visto que durante a visita de Henrique Roxo¹⁵³ a instituições psiquiátricas da Alemanha, este foi incumbido de anotar “todos os dados necessários para o relatório que tem de apresentar ao Ministro Capanema, que vai fundar no Brasil um Instituto de Psiquiatria”.

Em 1937, o *Diário de Notícias* publicou uma matéria onde noticiava um projeto de reforma do Ministério da Educação no qual constava a criação do Instituto de Psiquiatria, por meio da reunião do Pavilhão de Observação com o pavilhão Rodrigues Caldas e a sua transferência para este Ministério, sob a direção de Henrique Roxo. O professor, ao ser entrevistado, declarou que esta medida permitiria que as pesquisas científicas “poderiam esclarecer muitos problemas da psiquiatria e prestar ótimos serviços à higiene mental, ao tratamento de alienados e a interpretação perfeita de muitos quadros clínicos”.¹⁵⁴ Continuando, informou que, devido ao “material clínico de natureza especial” ou seja, os pacientes, a Clínica Psiquiátrica deveria prestar suas atividades sempre em parceria com a Assistência aos Psicopatas.

Neste mesmo ano, a Lei nº 452,¹⁵⁵ que instituiu a Universidade do Brasil, criou o seu Instituto de Psiquiatria, destinado a colaborar nos trabalhos dos estabelecimentos de ensino. Cabe ressaltar que esta legislação não indicou a existência física de um Instituto de Psiquiatria, isto é, a lei elencou quais as faculdades já existentes que passaram a fazer parte da Universidade do Brasil, por exemplo: a Faculdade Nacional de Medicina, a Faculdade Nacional de Educação. Para cooperar com os estabelecimentos de ensino, passaram a fazer parte dessa Universidade vários institutos, dentre os quais o Instituto de Psiquiatria. A Lei informa ainda que os institutos mencionados que ainda não tinham sido criados por leis anteriores foram criados a partir desta¹⁵⁶. Mas, no Distrito Federal ainda não funcionava nenhum Instituto de Psiquiatria até então, o que leva a crer que, neste momento inicial, esta unidade só tenha existido no papel, sendo então postos em prática os meios para que existisse de fato.

¹⁵² Sobre os hospitais colônia e a Colônia Juliano Moreira, ver capítulo 3.

¹⁵³ *Jornal do Brasil*, 26/05/1936.

¹⁵⁴ *Diário de Notícias*, 14/01/ 1937.

¹⁵⁵ O Instituto de Psiquiatria tinha sido criado pela Lei nº452, de 05/07/1937, que instituiu a Universidade do Brasil. Em 03/08/1938 o Decreto-Lei nº 591 transferiu o Instituto de Psicopatologia para essa Universidade.

¹⁵⁶ Artigo 5º da Lei nº452, de 05/07/1937

A estruturação e escopo do novo Instituto de Psiquiatria, com subordinação exclusiva à Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, exigiu negociações entre uma comissão designada pelo Ministro Capanema, formada por Henrique Roxo, representando os interesses da Universidade, Aduino Botelho, diretor da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal e Waldemiro Pires Ferreira (1892-1977)¹⁵⁷, diretor da Divisão de Assistência a Psicopatas. De acordo com Santos¹⁵⁸, o lente pleiteava a incorporação de todo o conjunto arquitetônico que compunha o antigo Pavilhão e de continuar observando e internando os pacientes, proposta esta que Botelho não concordava, visto que o Hospício de Alienados ficaria sem o seu serviço de observação e triagem, dependendo da clínica Psiquiátrica para a execução desta atividade.

Os Drs. W. Pires e A. Botelho sugeriram que o Instituto de Psiquiatria ficaria com os Pavilhões de Psicologia, Torres Homem e Rodrigues Caldas (este dotado de laboratórios, anfiteatro e instalações para doentes), podendo ainda, ser-lhe cedido o Pavilhão Griesinger, o que daria à clínica psiquiátrica um total de 130 [leitos]. O pavilhão de Observações, com 60 leitos, ficaria sob a direção da Assistência a Psicopatas, para atender ao serviço de admissão, observação e triagem de doentes.

Roxo não aceitou a proposta, recorrendo à Capanema, expondo a necessidade de continuar tendo acesso à triagem dos pacientes, pois caso o contrário, não teria mais doentes para as aulas e pesquisas. O catedrático foi bem-sucedido em relação às reivindicações sobre os prédios do Pavilhão. Vale ressaltar que Pires e principalmente Botelho iniciaram sua capacitação e estabeleceram vínculos pessoais e profissionais tanto com a equipe docente como com o próprio catedrático de psiquiatria, aspecto que deve ser levado em conta ao refletirmos sobre os resultados dessa negociação.

No que tange aos pacientes, ou seja, com relação ao Instituto de Psiquiatria continuar sendo a porta de entrada da Assistência, as fontes evidenciam que esta solicitação não foi atendida. Aduino Botelho¹⁵⁹, nos *Anais da Assistência a Psicopatas*, informa que devido à transferência do Pavilhão para a Universidade do Brasil, “o Hospital Psiquiátrico passou a receber diretamente da polícia e de outras procedências todos os doentes mentais, embora permanecesse ainda esse ano [1939] sem qualquer recurso para fazê-lo e sem seções apropriadas para a observação prévia dos doentes”.

Em 1942, Roxo registrou nos *Anais* o desejo de continuar realizando a triagem dos

¹⁵⁷ Aduino Botelho e Waldemiro Pires também foram assistentes da Clínica Psiquiátrica, atuando no Pavilhão na década de 1920. No próximo capítulo trataremos mais do tema.

¹⁵⁸ SANTOS, Frederico Costa dos. *Hospício Nacional de Alienados (1890-1930): relações de poder e memória coletiva no espaço asilar: a experiência de Lima Barreto*. 2010. 98f. (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro., p.42-43.

¹⁵⁹ BOTELHO, Aduino. Súmula das principais ocorrências e atividades do Serviço de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal (S.A.P) no ano de 1939. *Anais da Assistência a Psicopatas*, Rio de Janeiro, SAP, 1940., p. 13

pacientes recém-admitidos da Assistência, indicando que esta ainda não possuía um setor destinado a esse fim. Somente com a criação do Centro Psiquiátrico Nacional, no bairro do Engenho de Dentro, órgão do Serviço Nacional de Doenças Mentais¹⁶⁰, que foi incluído em sua estrutura um Instituto de Psiquiatria. Uma das atribuições desse novo Instituto era “identificar, admitir e fazer a triagem dos psicopatas no Distrito Federal”.¹⁶¹

Roxo, ao propor a ligação do Instituto de Psiquiatria com a Assistência a Psicopatas, tencionava obter uma posição de destaque dentro de desse serviço, o que proporcionaria visibilidade profissional para a Instituição que dirigia. Com autonomia financeira e administrativa, caso viesse a receber os suspeitos de alienação vindos da Assistência, ficaria somente com os casos clínicos de seu interesse para as pesquisas científicas, não tendo a obrigação de asilar os crônicos - somente os casos passíveis de cura. Essa medida proporcionaria um número elevado de altas em sua Clínica.

No que diz respeito a obtenção de pacientes após o Instituto ter sido incorporado à Universidade do Brasil, possivelmente, a solução encontrada por Roxo foi por meio do ambulatório de consultas à pacientes externos, presente na instituição desde o início do século XX. Outra possibilidade foi através de Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM). Como Roxo também era o presidente desta instituição, a Liga anunciava nos classificados dos jornais de época consultas gratuitas realizadas no IPUB.¹⁶² Não podemos esquecer de que os estudos de caso representavam uma importante parcela do ensino prático e das aulas, portanto era necessário atrair novos pacientes para essa instituição.

Verificamos nos registros de entrada de pacientes que no ano de 1938 o Pavilhão recebeu 2.950 doentes e no ano seguinte apenas 608, reflexo da mudança ocorrida¹⁶³. Nas observações clínicas do Instituto, a partir de 1939, não eram mais informadas a origem do paciente¹⁶⁴. Alicerçados nesses documentos clínicos, constatamos que a rotina de observação passou a não ter um prazo fixo, poderia durar três dias ou quase dois meses. Todos os pacientes eram observados, independentemente de serem ou não reincidentes. Após o diagnóstico o doente permanecia no próprio Instituto – no Pavilhão Rodrigues Caldas - ou, caso fosse considerado crônico, era encaminhado para o Serviço de Assistência a Psicopatas¹⁶⁵ Houve casos em que, após alguns meses no Rodrigues Caldas, o paciente foi transferido para a

¹⁶⁰ Criado pelo Decreto nº 7.055, de 1944.

¹⁶¹ Parágrafo 1º do Decreto-Lei n. 7.055, de 18 de novembro de 1944.

¹⁶² *Correio da Manhã*, 06/01/1940.

¹⁶³ Ver **Apêndice C**, registro de entrada de pacientes.

¹⁶⁴ Dados retirados dos Livros de Observações – nº 491 (12 a 14/01/1939) até o nº 527 (16/11 a 28/12/1945).

¹⁶⁵ *Ibidem*.

Assistência¹⁶⁶. Tendo em vista os aspectos apresentados e comparando-os com os mesmos dados referentes ao período anterior a 1938, verificamos que a rotina de observação e diagnóstico mudou completamente, visando dar mais embasamento as nova proposta da instituição: a investigação das doenças mentais e suas terapêuticas.

Retornando a questão da negociação entre Roxo, Capanema, Aduino Botelho (diretor da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal) e Waldemiro Pires (diretor da Divisão de Assistência a Psicopatas), podemos inferir que a negociação referente à estrutura e funções do IPUB se deu após a promulgação do Decreto Lei nº 591, de 03 de agosto, considerando-se que Aduino Botelho tomou posse como diretor da Assistência em 18 de agosto de 1938. Essa negociação foi divulgada pela imprensa local, por intermédio de Wladimir Bernardes¹⁶⁷, proprietário da *Gazeta de Notícias*, que no dia 12 daquele mês, denunciou a insatisfação de alguns psiquiatras do Hospício de Alienados contra o ato de criação do Instituto de Psiquiatria. No final de outubro, Bernardes¹⁶⁸ voltava a publicar outra matéria sobre este caso. Segundo o colunista, os psiquiatras insatisfeitos, com apoio da direção da Assistência, convenceram Capanema a rever a questão da transferência dos prédios do Instituto de Psicopatologia para a Universidade do Brasil. O ministro faz então um “despacho interpretativo: o que se deve transferir ao Instituto de Psiquiatria é somente o necessário ao ensino: o mais ficará no Serviço de Assistência a Psicopatas sob a direção do diretor do Hospital Psiquiátrico.”¹⁶⁹

Roxo, por meio de sua habilidade de negociação e com o apoio político da Congregação da Faculdade de Medicina, após alguns meses participando de reuniões em uma comissão na qual, *a priori*, era o único defensor de sua causa, conseguiu manter todo o espaço físico do Instituto de Psiquiatria. Quase um ano após a criação do IPUB, Roxo foi homenageado com a inauguração de um anfiteatro com o seu nome nos recintos dessa Unidade¹⁷⁰, um espaço que até hoje permanece com o nome do antigo catedrático.

Quanto a estrutura física, o artigo de Roxo, publicado nos *Anais do Instituto de Psiquiatria*¹⁷¹, relata que no início da década de 1940 a infraestrutura da instituição permaneceu a mesma, com todos os edifícios criados para o Pavilhão e seus respectivos setores e serviços. Além desses, passou a funcionar um grande laboratório de análises, um gabinete de eletricidade, salas para os serviços de interferometria, metabolismo basal, fotografia, anatomia e histologia

¹⁶⁶ *Ibidem*.

¹⁶⁷ *Gazeta de notícias*, 12/08/1938.

¹⁶⁸ *Gazeta de notícias*, 27/10/1938.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

¹⁷⁰ *Diário de Notícias*, 05/07/1939.

¹⁷¹ ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único, p.3-11, 1942. P.10-11.

patológicas do sistema nervoso, fisiologia, psicologia e psicopatologia, além de moderna aparelhagem (sonógrafo, eletrocardiógrafo, encefalógrafo).

Ao logo dos vinte e cinco anos em que Roxo lecionou e geriu o Pavilhão/IPUB, o quadro de docentes foi ampliado, em função das necessidades acadêmicas e assistenciais da instituição. Além de Pedro Pernambuco Filho, juntou-se à equipe: Martim Francisco Bueno de Andrada, Antônio Xavier de Oliveira, Aauto Botelho, Eurico de Figueiredo Sampaio, Ignácio Cunha Lopes, José Carneiro Ayrosa, Inaldo de Lyra Neves-Manta; Januário Jobim Bittencourt, Zacheu Esmeraldo da Silva, Heitor Carpinteiro Peres.

Quando a instituição passou a ser denominada de Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, juntou-se ao quadro: Paulo Elejalde, Paulo Lacaz da Silva, Henrique de Novaes Filho, Alfredo de Moraes Coutinho Filho; Brahim Jorge; Manoel Leite de Novais Mello; Flavio Alves de Souza, Rodrigo Ulisses de Carvalho e Albino de Souza Vaz.¹⁷²

Constatamos, nas fontes levantadas, que nem todos os integrantes que faziam parte do *staff* do Pavilhão estavam presentes à época de sua transferência institucional para a Universidade do Brasil. Uma indicação para o provável desligamento desses professores em 1938, foi a lei da desacumulação de cargos públicos¹⁷³ remunerados, de 1937. Essa lei fez com que os docentes tivessem que optar entre as funções públicas exercidas, visto que todos os integrantes da equipe de Roxo exerciam várias atividades simultaneamente. O convite para a ocupação de cargos em outras instâncias institucionais, como o caso de Aauto Botelho que assumiu a direção da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal, também foi um dos motivos dentre as possíveis possibilidades de movimentação nos serviços públicos da capital.

1.4 DA TEORIA À PRÁTICA: 1921-1945

1.4.1 A estrutura dos cursos

Como já indicado anteriormente, Henrique Roxo, no início de sua trajetória, foi fortemente influenciado pela escola francesa propagada por seu mestre Teixeira Brandão. Assim, no início do século XX, o ensino divulgado pelo Pavilhão de Observação seguia nessa linha teórica. Roxo, e antes dele, como Márcio Nery havia feito, continuou replicando esses ensinamentos para os seus alunos¹⁷⁴. Com a chegada de Juliano Moreira, em 1903, novos

¹⁷² Dados referentes aos professores que lecionaram no PO/IPUB encontram-se no **Apêndice A**.

¹⁷³ Constituição de 1937 – artigo 59.

¹⁷⁴ ROXO, Henrique. *Molestias mentaes e nervosas*: aulas professadas durante o anno lectivo de 1905. Rio de Janeiro : [S.n.], 1906

conceitos foram introduzidos na psiquiatria do Distrito Federal, e, mesmo não sendo o catedrático favorável ao modelo alemão, os docentes do Pavilhão foram aos poucos incorporando os novos referenciais no ensino e na prática.

No decorrer das décadas de 1920 e 1930, os preceitos do organicismo alemão passaram a fazer parte do cotidiano acadêmico do espaço, assim como as políticas eugênicas e de higiene mental, tencionando divulgar e ensinar as medidas profiláticas, principalmente para os discentes dos cursos de aperfeiçoamento em psiquiatria¹⁷⁵.

Já na década de 1940, certamente influenciada também pela ruptura das relações teuto-brasileiras motivada pela Segunda Guerra, a psiquiatria se aproximou e implementou o saber científico das escolas norte americanas no espaço, como as pesquisas sobre as convulsoterapias¹⁷⁶. Essas inovações trouxeram conhecimentos variados à psiquiatria difundida no Pavilhão/IPUB, refletindo diretamente na formação dos futuros especialistas, que buscavam estar sintonizados com as mais recentes referências médico-mentais.

No que concerne às aulas teórico-práticas da cadeira de Clínica Psiquiátrica, com a inauguração do Pavilhão, passaram a ser lecionadas nesse espaço. Entretanto, em 1915, Roxo transferiu estas do Pavilhão de Observação para o Pavilhão Miguel Couto, no Hospital da Misericórdia¹⁷⁷. Segundo esse professor, essa iniciativa visava favorecer a facilidade de frequência aos alunos e médicos que se interessavam por essa especialidade¹⁷⁸, visto ser a Santa Casa um espaço de prática das várias disciplinas oferecidas pela Faculdade de Medicina, devido ao fato desta instituição de ensino não possuir um hospital de clínicas e nem um prédio próprio para acomodar suas instalações¹⁷⁹.

No entanto, outra explicação para esta decisão se deve aos seus embates com Pernambuco Filho – que havia tido a “audácia” de aceitar a oferta do titular da cadeira de Clínica Psiquiátrica para chefiar o Pavilhão. Roxo perseverava junto à Justiça para reaver, por meios legais, a direção do Pavilhão, sem sucesso até então. Tendo por base esses acontecimentos noticiados pela imprensa¹⁸⁰, concluímos que a relação desarmoniosa entre os dois assistentes de Brandão deve ter certamente influenciado a transferência das aulas da Praia Vermelha para a Santa Casa, localizada no Centro da Cidade do Rio de Janeiro.

¹⁷⁵ *A Noite*, 29/08/1932.

¹⁷⁶ *O Jornal*, 23/06/1939; NOVAES, Amando Caiuby. Aspectos práticos da psiquiatria norte-americana. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v.5, n.2, abr./jun. 1947, p.167-180.

¹⁷⁷ *A Noite*, 23/07/1915.

¹⁷⁸ *Ibidem*.

¹⁷⁹ Decreto nº 3.902, de 12 de Janeiro de 1901. SANTA CASA DA MISERICÓRDIA. In: *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Acesso em <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>>

¹⁸⁰ *Correio da Manhã*, 24/09/1915; *Gazeta de Notícias*, 18/08/1916; *A Rua*, 16/08/1916; *Época*. 13/01/1919.

Com relação à frequência das aulas de psiquiatria, o artigo de Facchinetti, Muñoz e Dias¹⁸¹ menciona que

O psiquiatra Carlos Penafiel informava, em texto de 1913, que o ensino de psiquiatria era facultativo e muito pouco frequentado [...]. Vemos que o reduzido número de alunos permaneceu constante até a década de 1920. [...] em relação a todas as disciplinas do sexto ano, a frequência de alguns alunos na clínica psiquiátrica era bastante inferior.

Confrontando a resolução de Roxo de mudança para a Santa Casa com relatos como os de Penafiel é possível observar que a mudança do espaço das aulas não foi capaz de aumentar a frequência de alunos¹⁸². As fontes de época indicam a permanência do baixo percentual de alunos que assistiam as aulas de Roxo. Esses dados nos levam a refletir que o transporte de pacientes do Pavilhão à Santa Casa, semanalmente, as vezes fazendo o uso de subterfúgios a fim de convencê-los¹⁸³, para ilustrar as palestras que duravam apenas uma hora, deve ter sido uma experiência *sui generis* na vida acadêmica de Henrique Roxo.

Por outro lado, a baixa frequência também pode ser explicada em razão dessa cadeira não fazer parte do currículo obrigatório do curso de medicina. Vale salientar que apenas a partir de 1925 essa disciplina passou a ser obrigatória na grade do curso desse curso. Sendo assim, todos os alunos do referido curso passaram a ter a obrigatoriedade de frequentá-la, aumentando assim o número de alunos.

Maia destaca outra possibilidade que também deve ter contribuído para o reduzido número de estudantes interessados na especialidade:

Como as cátedras eram independentes e não havia uma coordenação central, tinha casos em que uma aula terminava na Santa Casa às 10 horas e outra para a mesma turma começava no Instituto de Psiquiatria ou no Hospital São Francisco, no mesmo horário. Como era possível ter a presença física em dois lugares ao mesmo tempo é um mistério difícil de se resolver (...)¹⁸⁴

A cadeira de psiquiatria oferecia aos alunos da Faculdade de Medicina o curso normal e o equiparado. O curso normal era ministrado pelo catedrático e o equiparado pelos livre docentes. O conteúdo de ambos era o mesmo, estabelecido pelo catedrático, com a devida aprovação da Congregação da FMRJ. As inscrições para esses cursos eram abertas simultaneamente e o aluno se matriculava no que mais lhe convinha.

¹⁸¹ MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de, FACCHINETTI, Cristiana, DIAS, Allister. Suspeitos em observação nas redes da psiquiatria. *Op. cit.*, p.91

¹⁸² *Ibidem*.

¹⁸³ ROXO, Henrique. A propósito de um caso de paraphrenia. *Archivos Brasileiros de Medicina*, 1921, p.785-786.

¹⁸⁴ MAIA, George Doyle. *Biografia de uma faculdade: história e estórias da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha*. *Op. cit.*, p.92

Em 1935 foram oferecidos dez cursos de psiquiatria, estes foram realizados simultaneamente, não apenas no Pavilhão, mas também no Hospício de Alienados e no Manicômio Judiciário¹⁸⁵. Essa quantidade de cursos realizados nos leva a concluir que o número de alunos aumentou. Os dois cursos realizados fora do Pavilhão podem indicar que os docentes não poderiam se afastar de seus outros empregos públicos remunerados.

Na década de 1920, as aulas teóricas eram realizadas duas vezes por semana, com duração de uma hora cada. A parte teórica ocorria na Santa Casa e a parte prática no Pavilhão, quatro vezes por semana¹⁸⁶, durando o tempo necessário às demonstrações. O curso teórico continuou na Santa Casa, provavelmente até 1929, quando foi inaugurado o anfiteatro da Clínica Psiquiátrica e as aulas passaram a ser lecionadas no Pavilhão¹⁸⁷.

Na década de 1930, as aulas teórico-práticas ocorriam três vezes por semana no Pavilhão, por duas horas cada. Durante a primeira hora era apresentado o conteúdo teórico referente ao caso clínico que seria apresentado a seguir. Na segunda hora, a turma era dividida em pequenos grupos, que analisavam e comentavam os casos clínicos relativos a pacientes internados na véspera, relatados por um dos assistentes¹⁸⁸.

Aos discentes também era ensinado o manuseio dos aparelhos de psicologia, realização de estudos histopatológicos e a prescrição do receituário mais adequado para cada transtorno mental. O objetivo do catedrático era “dar ao aluno a impressão de se achar ele diante de um doente, cujo tipo clínico se lhe apresente a interpretar e curar”.¹⁸⁹

Após as aulas e provas teórico-metodológicas, os futuros médicos eram avaliados por suas observações clínicas. Este era o trabalho final do curso, em que cada aluno redigia casos clínicos variados, sendo cada aluno responsável por um mínimo de dez observações¹⁹⁰

O conteúdo referente às trinta e seis aulas do curso oficial, lecionado por Henrique Roxo, em 1935, era o que se segue:

1 – Ideias modernas a respeito de doenças mentais; 2 – atos psíquicos; 3 – técnica para exame de alienado; 4 – classificações; 5 – psicose maníaco-depressiva: estados maníacos e mistos; 6 –

¹⁸⁵ O *Jornal do Brasil*, de 21/02/1935, anunciou 10 cursos simultâneos em psiquiatria, para que os alunos escolhessem o que mais lhes atendesse as necessidades pessoais, em dias e horários alternados. Além de Roxo, ministraram aulas no Pavilhão: Pedro Pernambuco, Adauto Botelho, Cunha Lopes, Heitor Peres, Zacheu Esmeraldo Neves Manta e Bueno de Andrada; foi oferecido um curso no Hospício de Alienados, ministrado por Januário Bittencourt e outro no Manicômio Judiciário, lecionado por Heitor Carrilho.

¹⁸⁶ FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. Programas de ensino... 1924.. *Op. cit.*, p.14.

¹⁸⁷ *O Paiz*, 11/10/1929

¹⁸⁸ CUNHA, Raul Leitão da. *Relatório do ano escolar de 1935*. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1936.,p.165.

¹⁸⁹ FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. Programas de ensino das matérias do 6º ano: curso medicina. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1936.

¹⁹⁰ CUNHA, Raul Leitão da. *Relatório do ano escolar de 1935*. *Op. cit.*, p.165.

arteriosclerose cerebral; 7 - nervosismo; 8 – parafrenias; 9 – delírio sistematizado alucinatório crônico; 10 – estudo clínico da paralisia geral; 11 – malarioterapia; 12 – psicose alcoólica; 13 – confusão mental; 14 – psicose epilética; 15 – sífilis cerebral; 16 – psicose maníaco-depressiva – forma melancólica; 17 – manifestações iniciais da esquizofrenia; 18 – formas clínicas da esquizofrenia; 19 – delírio episódico dos degenerados; 20 – estado mental na encefalite epidêmica; 21 – ideias modernas a respeito da histeria; 22 – desequilíbrio vago-simpático nas doenças mentais; 23 – demência senil - estudo crítico da parabiópsia; 24 – toxicomanias; 25 – esquecimento mental adquirido – debilidade mental – imbecilidade – idiotia; 26 – média de capacidade intelectual; 27 – estados atípicos de degeneração; 28 – psicose tireóidea; 29 – psicologia experimental da memória; 30 – paranoia; 31 – aplicações clínicas da doutrina de Freud; 32 – estudo das constituições em psiquiatria; 33 – psicologia experimental da associação de ideias; 34 – simulação de loucura; 35 – responsabilidade médico-legal dos alienados; 36 – terapêutica moderna das doenças mentais.¹⁹¹

No ano seguinte Roxo fez alguns ajustes nos pontos lecionados. Embora tenha mantido os vinte e nove tópicos do ano anterior, alterou a ordem de quase todas as aulas, com exceção das primeiras e últimas. Retirou alguns pontos, como os de *malarioterapia; estado mental na encefalite epidêmica; e média de capacidade intelectual*. Ampliou ou suprimiu parte de alguns assuntos e acrescentou novas temáticas como as que seguem: *causas de alienação mental; semiologia da afetividade, da atenção e da memória. Pesquisas psicológicas; semiologia da percepção. Estudo clínico das alucinações e ilusões. Ideias delirantes; Semiologia da vontade e pesquisas psicológicas; conceito clínico do estupor; psicose de involução; Estudo clínico e terapêutico da ansiedade; e Perturbações mentais na coréia*. O número de aulas foi ampliado de trinta e seis para quarenta¹⁹².

Essas mudanças visavam a adequação e atualização do conteúdo programático do curso aos conceitos e temáticas circulantes na década de 1930 de modo a manter os alunos capacitados com os mais novos conhecimentos técnicos e habilidades para adentrar no mercado de trabalho.

Ao compararmos o programa oficial do curso ministrado em 1935 e 1936¹⁹³ com o teor da segunda edição do *Manual de Psiquiatria* de Roxo, publicado em 1925, verificamos que os assuntos tratados eram praticamente os mesmos. De acordo com tal constatação e com diversos comentários feitos por Roxo sobre seu livro – na introdução e em jornais - é possível supor que este livro se instituiu como a bibliografia básica desses cursos. Reforçando tal hipótese, no prefácio da primeira edição desta obra, Roxo expressa sua opinião sobre a relação dos estudantes com os livros de psiquiatria, ao afirmar que no seu cotidiano como professor,

¹⁹¹ CUNHA, Raul Leitão da. *Relatório do ano escolar de 1935*. Op. cit., p.164-165.

¹⁹² FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. Programas de ensino das matérias do 6º ano. Op. cit. p.26-27.

¹⁹³ *Ibidem*.

constatou a dificuldade dos alunos de terem acesso a “um livro claro e conciso, em que ideias modernas se achassem compendiadas”¹⁹⁴.

Com o uso do *Manual*, este catedrático pretendia difundir o seu pensamento teórico didaticamente organizado entre os alunos do curso de medicina da FMRJ. Sua ambição, como nos relata no prefácio da primeira edição, era de ter “despertado em [seus] alunos [...] o interesse pelos assuntos de psiquiatria”¹⁹⁵.

Pelo menos o interno Alcides Vasconcellos, após doutorar-se em medicina pela FMRJ, em 1928, rendeu-se aos encantos da especialidade. Ao ser entrevistado pelo jornal *O Imparcial*, declarou:

sempre me senti inclinado para os estudos de clínica médica. Dentro deste ramo da medicina, à medida que meus conhecimentos aumentaram, pendeu-me a atenção uma das mais sedutoras especialidades – a psiquiatria. [...] Quero referir-me ao aproveitamento que lucrei na assistência diária na clínica do prof. Roxo, a quem quero agradecer o muito que devo na minha carreira. Sou por isso muito grato não somente ao mestre da psiquiatria brasileira [referindo-se a Roxo], mas também ao chefe de clínica, Dr. Adauto Botelho.¹⁹⁶

Diante dessas considerações, verificamos que o discurso didático e as práticas de Roxo estavam em consonância com os currículos das faculdades de medicina que tinham por objetivo direcionar o ensino e as práticas médicas para especializações bem definidas, assim como a valorização dos professores especialistas¹⁹⁷.

Além da disciplina principal, a Clínica Psiquiátrica passou a oferecer, a partir de 1929, os chamados cursos *de aperfeiçoamento de psiquiatria*. Estes eram organizados e executados pelo catedrático ou pelos docentes livres, desde que a Faculdade de Medicina autorizasse a sua realização. O primeiro desses cursos foi denominado de curso teórico e prático de ‘Aperfeiçoamento Neuro-Psíquico e Médico-Forense’, e foi organizado por Faustino Esposel, sendo destinado a médicos, juristas, advogados, etc.¹⁹⁸ Esposel, professor substituto das clínicas Neurológica e Psiquiátrica, se inspirou em cursos nos quais participou quando de sua estada na Europa. Reuniu temas de interesse comum para psiquiatras, neurologistas, legistas e juristas, e que seriam lecionados por professores da FMRJ e da Faculdade de Direito.

Os periódicos *O Imparcial*, *Diário Carioca* e *Correio da Manhã*, fizeram a divulgação do curso, noticiando que as conferências ocorreriam diariamente no Pavilhão e na Clínica

¹⁹⁴ROXO, Henrique. *Manual de Psychiatria*. Rio de Janeiro : F. Alves. 1921. p. 7-10.

¹⁹⁵*Ibidem*, p.9.

¹⁹⁶*O Imparcial*, 19/12/1929.

¹⁹⁷BULCÃO, Lúcia Grando; EL-KAREH, Almir chaiban; SAYD, Jane Dutra. Ciência e ensino médico no Brasil (1930-1950). *História, ciências, saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.469-487, 2007., p.477.

¹⁹⁸*O Imparcial*, 1/12/1928.

Neurológica a partir de quinze de janeiro de 1929, de 8:30 às 10:30h., totalizando vinte e uma preleções, apresentadas pelos professores:

Henrique Roxo (Neurastenias e psiconeurastenias), Faustino Esposel (Doenças do simpático e seu tratamento; O sistema simpático em psiquiatria forense), Heitor Carrilho (Questões essenciais na prática psiquiátrico-forense: laudo de uma perícia médico-legal), Porto-Carrero (Psicanálise: seu conceito e esfera), Pedro Pernambuco Filho (Oligofrênicos e anormais: considerações clínicas, médico-legais e tratamento), Murillo Campos (Conceito das esquizofrenias: estudo clínico e médico legal), Bueno de Andrada (Contribuição psicológica ao estudo do alienado; Conceito atual e tratamento da epilepsia), Helion Póvoa (Exames de laboratório necessários e úteis na prática neuropsiquiátrica), Teixeira Mendes (Semiologia das síndromes cerebelares), Odilon Gallotti (A questão do tono: doenças com modificações do tono neuro-muscular), Irineu Malagueta (Patologia e tratamento das doenças dos núcleos sub-corticais), Joaquim Moreira da Fonseca (A região infundibular e a hipófise), Motta Rezende (Perturbações de ordem reflexa e seu tratamento), Waldomiro Pires (Estado atual do tratamento da paralisia geral, em particular, pela malarioterapia), Frederico Mac-Dowel (Encefalite epidêmica: estudo clínico e terapêutico), Adauto Botelho (Estado atual da eletro e fototerapia em neuropsiquiatria), José Carneiro Ayrosa (A psicanálise em neuropsiquiatria), Raul David de Sanson (Labirintites: sintomatologia e tratamento), H. W. de Britto e Cunha (Exame ocular em neuropsiquiatria) e Antonio Austregésilo (Conferência de encerramento).¹⁹⁹

A partir da década de 1930, visando diminuir a quantidade de futuros doentes mentais e psicopatas por meio de medidas de caráter preventivo, a psiquiatria buscou inserir-se no projeto médico social brasileiro, associada aos preceitos da eugenia e da higiene mental. Roxo absorveu esses novos referenciais teóricos e tecnológicos disseminando-os em seus cursos de aperfeiçoamento. De fato, durante esta década, os cursos organizados pela clínica psiquiátrica passaram a incluir essa nova temática²⁰⁰, estando em consonância com os referenciais políticos e científicos que circularam no Distrito Federal. O de 1932 apresentou as seguintes conferências, ministradas semanalmente:

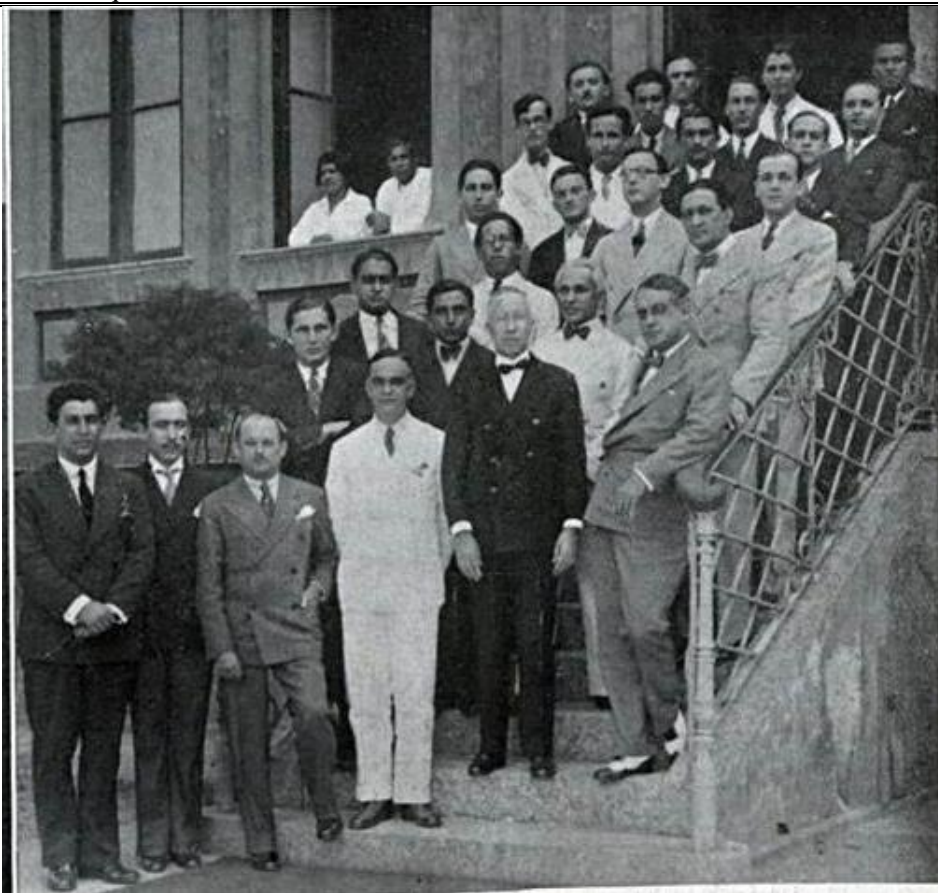
psicanálise (Henrique Roxo); perturbações mentais de origem extra-cortical (Adalto Botelho); biotipologia e psiquiatria (Bueno de Andrada); psiquismo na segunda infância e adolescência (Pernambuco Filho); métodos psicológicos para pesquisas psiquiátricas (Eurico Sampaio); herança nas doenças mentais (Cunha Lopes); líquido cefalorraquidiano nas doenças mentais (Adauto Botelho) e terapêutica moderna em doenças mentais (Henrique Roxo). O curso destinava-se a médicos, advogados e juristas.²⁰¹

¹⁹⁹ *O Imparcial*, 18/12/1928.

²⁰⁰ *A Noite*, 29/08/1932.

²⁰¹ *Ibidem*.

Figura 2 - Professor Henrique Roxo entre assistentes e alunos na entrada do Pavilhão Henrique Roxo, por ocasião do encerramento do curso de aperfeiçoamento em Psiquiatria.



Fonte: *Fon-Fon*, 1932.

Os temas apresentados no curso de aperfeiçoamento de 1933 foram reunidos pelo docente Inaldo de Lyra Neves Manta e publicados em formato de livro, sendo intitulado como *Novidades em Doenças Mentais*, em 1934, pela Atlântida Editora. Dividido em onze capítulos, cada um redigido por um dos docentes e assistentes da Clínica Psiquiátrica, recebeu uma dura

crítica do psiquiatra português Júlio Dantas (1876-1962)²⁰², publicada no *Correio da Manhã*²⁰³. De acordo com o crítico, apesar da boa iniciativa em divulgar “esta interessante série de conferências”, “o resumo das últimas aquisições e das últimas novidades no domínio da neurologia e da psiquiatria”, a obra pecava pela ausência de uma redação clara e objetiva, visto que “a medicina é uma ciência que inventa palavras quando tem dificuldade em explicar os fatos”. Dantas continuava sua argumentação, pontuando a falta de cuidado e de critério, por parte da classe médica, em incorporar termos da França, Alemanha e da Itália e, no caso dos especialistas oriundos do Pavilhão em particular, revelava a falta de padronização ortográfica e morfológica dos termos utilizados em suas produções acadêmicas. Este crítico deu como exemplo, entre os inúmeros casos por ele encontrado, a palavra “síndrome”, que cada um dos docentes escrevia à sua maneira:

Heitor Peres e Aduato Botelho dizem ‘o sindromo’ (pags. 48, 49, 147); Eurico Sampaio, ‘o síndrome’ (128); Waldemar Carneiro da Cunha, ‘o sindroma’ (176); Cunha Lopes ‘a síndrome’ (83). A forma que considero preferível é a usada pelo Dr. Cunha Lopes; mas seja esta, ou seja, outra, o que me pareceria conveniente é que se adotasse uma só²⁰⁴.

Apesar do mal estar que a crítica provocou, a falta de uniformidade já vinha sendo reclamada como prejudicial às estatísticas oficiais das doenças mentais nas instituições psiquiátricas pela Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins. Juliano Moreira havia proposto uma classificação psiquiátrica brasileira, que foi finalizada e divulgada a partir de 1910, que deveria servir de base para a coleta dos dados referentes as moléstias mentais nos hospitais psiquiátricos. Houve, inclusive, uma campanha para que essa classificação fosse implementada em todo o país, refletindo assim informações mais consistentes no que tange a prevalência dos diagnósticos para fins estatísticos²⁰⁵. De acordo com os especialistas, essa linguagem técnica deveria ser ensinada nos cursos de formação aos estudantes, a fim de que estes pudessem registrar seus trabalhos de forma a que refletissem, desde então, a realidade daquele campo científico. Dentro desse contexto, percebemos que a padronização da linguagem não apenas contribuiria para o registro e a transmissão do conhecimento, mas também para proporcionar maior coesão e identificação acadêmica e profissional dos integrantes em

²⁰²Médico-psiquiatra, escritor, jornalista, crítico literário, político e diplomata português. Foi colaborador de vários jornais e revistas portuguesas, do *Correio da Manhã* no Rio de Janeiro e do *La Nación* de Buenos Aires.

²⁰³*Correio da Manhã*, 01/07/1934.

²⁰⁴ *Ibidem.*, p.4

²⁰⁵VENANCIO, Ana Teresa A. ; CARVALHAL, Lázara. A classificação psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; CEREZZO, Antonio Carlos; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. (Org.). *Clio-Psyché ontem: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume / Dumará. p.151-160. 2001..

formação com os seus mestres. . Ademais, “ao criar padrões pré-fixados e aceitos pela comunidade psiquiátrica, a divulgação das ideias era ampliada, pois um maior número de especialistas compartilharia daquela linguagem, minimizando desta forma os ruídos”²⁰⁶

O ano de 1936²⁰⁷ trouxe outras mudanças para o curso de aperfeiçoamento: foi oferecido apenas aos médicos e doutorandos, em vinte aulas ministradas somente pelo Dr. Bueno de Andrada, utilizando o mesmo programa do curso oficial.

Em 1938, com a transferência do Pavilhão para a Universidade do Brasil, ocorreram significativas transformações nesse espaço de ensino. A redução do número de pacientes que adentravam na instituição e a conseqüente desobrigação com a Assistência a Alienados possibilitaram maior ênfase nas pesquisas e a possibilidade de expandir a interação entre o corpo docente e discente.

O curso de ‘aperfeiçoamento psiquiátrico e de higiene mental’, oferecido em 1945, teve a duração de nove meses - totalizando 420 horas teóricas e práticas, sendo direcionado exclusivamente à classe médica, como extensão universitária. Aos que apresentaram tese, foi concedido o certificado de médico-psiquiatra e psico-higienista. O conteúdo foi lecionado pelos docentes: Henrique Roxo, Renato Souza Lopes, Flavio de Souza, Moraes Coutinho, Paulo Lacaz, Brahim Jorge, Januário Bittencourt, Paulo Elejalde, Xavier de Oliveira, Rodrigo Ulisses, Henrique Novais Filho e Albino de Souza Vaz²⁰⁸. Já os temas que constaram no programa foram:

anatomia patológica do sistema nervoso; psicologia e psicopatologia; biotipologia e semiótica psiquiátrica; medicina psicossomática; interferometria e neurobiologia clínica; metabolismo, eletroencefalografia e matérias afins; noções de radiologia e radio-diagnóstico aplicado à psiquiatria; clínica psiquiátrica; neuropsiquiatria infantil; endocrinologia aplicada à psiquiatria; eugenia, higiene mental e psiquiatria social; psicanálise e psicoterapia; terapêutica medicamentosa e psicoterapia aplicada; psiquiatria jurídica; assistência psiquiátrica²⁰⁹.

As temáticas tratadas nos cursos oferecidos pela instituição buscaram estar em consonância com as tendências seguidas pela psiquiatria da época, assim como com o contexto sociopolítico e científico do entreguerras – com a incorporação de princípios eugênicos, da higiene mental e de terapêuticas calcadas em novos métodos terapêuticos. Os cursos também

²⁰⁶ CARVALHO, Carolina, MATHIAS, Cátia, MARCONDES, Sérgio. The communication of psychiatry in Brazilian press (1930–1940). *Journal of Science Communication*, v.16, n.3, 2017. p.3. Tradução nossa. Disponível em: https://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOM_1603_2017_A13_en.pdf

²⁰⁷ *Jornal do Brasil*, 23/10/1936.

²⁰⁸ *A Manhã*, 04/02/1945.

²⁰⁹ *Ibidem*

estavam afinados com os caminhos seguidos pelo ensino superior brasileiro, fundamentado na pesquisa, na produção científica e na valorização da especialização.

Entre as décadas de 1920 a 1940, a psiquiatria paulatinamente foi levada para fora do hospício, com a implantação de medidas profiláticas e preventivas da higiene mental que atingiram a família, as escolas e as forças armadas²¹⁰. Neste novo contexto, aliado às inovações dos recursos tecnológicos e terapêuticas oferecidas no campo da medicina mental, os médicos interessados na área necessitavam capacitar-se, a fim de oferecer um diferencial para a clientela interessada nesse tipo de atendimento e também valorizar seus serviços num mercado em expansão. Os indicadores profissionais dos jornais de época anunciavam cada vez mais os serviços de médicos, sanatórios e clínicas de repouso especializadas nessa área.

Com a ampliação do campo de atuação do psiquiatra na sociedade brasileira, o Pavilhão/Instituto de Psiquiatria buscou adequar o programa dos cursos de aperfeiçoamento a essa nova realidade. No decorrer das décadas, como salientado, esse curso tornou-se mais especializado, voltado exclusivamente para a classe médica²¹¹.

1.4.2 O Ensino Prático: o internato na Clínica Psiquiátrica

Tendo por alicerce os estatutos e os programas de ensino da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e alguns *flashes* obtidos através dos livros de observação clínica, que remetem ao cotidiano acadêmico desta instituição de ensino e assistência, podemos distinguir a rotina relativa à prática acadêmica do período estudado.

As aulas teórico-práticas de psiquiatria eram ministradas aos alunos do sexto ano e o internato hospitalar era oferecido, mediante concurso, aos estudantes do quinto e sexto ano do curso de medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro²¹². Tal conjuntura proporcionava aos discentes os primeiros contatos com a rotina e a prática de um hospital psiquiátrico, assim como com a supervisão dos médicos assistentes, contribuindo, desse modo, para a disseminação de conhecimentos e habilidades que consolidaram a psiquiatria como saber especializado.

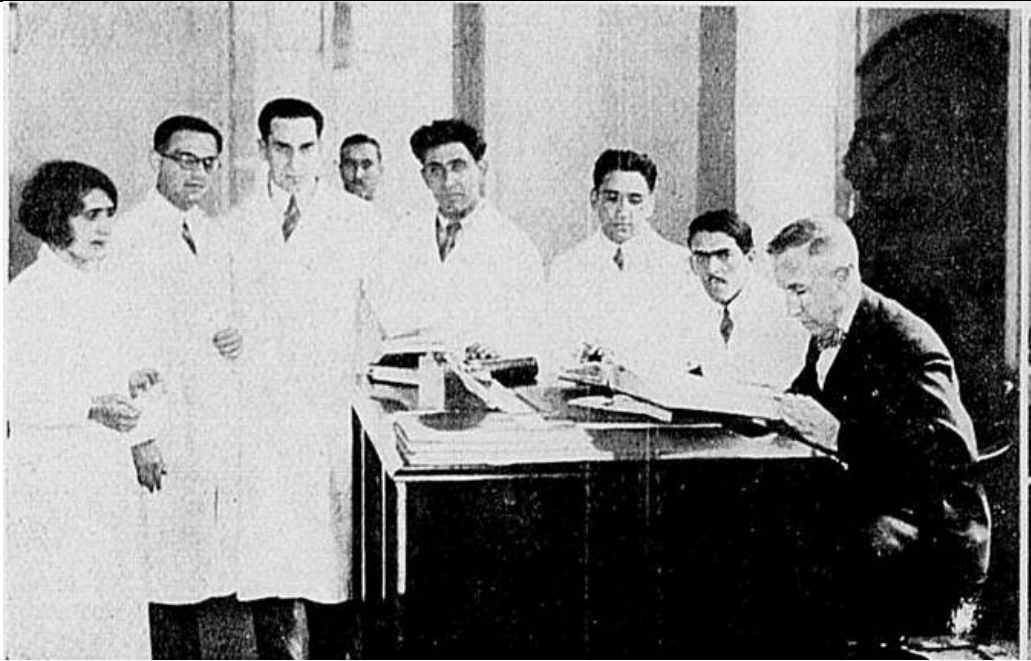
²¹⁰ COSTA Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: Um corte ideológico*. 4.ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Xenon Ed., 1989. 187p., p.79.

²¹¹ Essa determinação estava em consonância com os rumos seguidos pela formação médica na década de 1930, norteadas para a especialização, visando atender ao mercado de trabalho. A centralização das políticas de saúde no Governo Vargas, assim como a organização profissional da classe médica, já observados no 1º Congresso Médico Sindicalista Brasileiro em 1931, evidenciavam que o exercício profissional e a capacitação eram circunscrita aos formados na área. MOTA, A., SCHLRAIBER, L. B. Mudanças corporativas e tecnológicas da medicina paulista em 1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, n. 2, p. 345-360. 2009., p.351.

²¹² *Correio da Manhã*, 18/01/1929.

Por se tratar de um ‘hospital-escola’, observamos que fazia parte do cotidiano os debates acadêmicos entre o professor, seus assistentes e os internos, com o objetivo de capacitar e formar futuros especialistas na área por intermédio da demonstração e do exercício da prática na área. Além das enfermarias, havia no Pavilhão um ambulatório onde eram realizadas as consultas externas gratuitas, que ocorriam na presença dos alunos, nos dias das aulas práticas. Desta forma, o ensino clínico era realizado pela observação direta do doente, participação do aluno no diagnóstico e tratamento dos pacientes,²¹³ além do acesso dos estudantes ao laboratório da Instituição, onde eram realizadas as investigações que contribuiriam para um diagnóstico preciso.

Figura 3 - Henrique Roxo lê as observações feitas por um de seus internos, sobre um indivíduo que dera entrada no Pavilhão.



Fonte: *Vida Doméstica*, 1929.

O internato propiciava ao estudante maior contato com as atividades ligadas à prática assistencial aos pacientes das enfermarias e dos ambulatórios, sob a supervisão dos assistentes e docentes. Neste cenário “real” da profissão, as atividades que integravam a formação teórica com a prática profissional eram pensadas de modo a vir a estimular o aluno a escolher este ramo da medicina para atuar como futuro especialista num mercado de trabalho em ascensão, como

²¹³Segundo o primeiro parágrafo do artigo 79, do Decreto n.19.852, de 1931, “os professores de clínica dividirão os alunos em pequenas turmas que, dirigidas pelos auxiliares de ensino, realizarão o estágio nos trabalhos práticos, alterando-se essas turmas na observação de casos clínicos diversos”.

demonstrado pelo número cada vez maior de anúncios de serviços de especialistas em questões psiquiátricas publicados nos indicadores profissionais dos jornais de época²¹⁴.

Uma das funções dos internos era o preenchimento dos livros de observações clínicas, com o auxílio dos assistentes de clínica psiquiátrica²¹⁵. A ficha incluía dados pessoais, diagnóstico e dados clínicos referentes a todos os suspeitos de alienação mental que davam entrada na Unidade. Durante a breve estada do paciente na instituição, eram realizadas as aulas teóricas e práticas, os exames clínicos, os testes psicológicos, as entrevistas psiquiátricas, a elaboração dos registros médicos e o controle estatístico, sempre com a participação dos discentes em todas as etapas da rotina do hospital. Nesse sentido, essas atividades serviram de base para que o interno colocasse em prática o conhecimento técnico adquirido e se relacionasse com os pacientes, complementando a sua formação profissional como futuro especialista.

Analisando os livros de observações referentes ao período estudado, verificamos que alguns registros são bem detalhados, com folhas suplementares e anotações nas margens, indicando que o caso foi utilizado nas aulas. Associados às observações, outros recursos clínicos como exames laboratoriais, testes psicológicos, recortes com matérias jornalísticas sobre os pacientes, folhas soltas e correspondência escritas pelo paciente ou para o paciente foram anexados à observação, proporcionando a construção de verdadeiros dossiês sobre os indivíduos analisados. Todos esses recursos foram empregados para a definição de um diagnóstico preciso.

Algumas observações revelaram dados sobre a rotina acadêmica desse hospital-escola, como por exemplo, a informação de que “foram retirados e entregues ao Pavilhão de Observação o encéfalo e a medula”,²¹⁶ indicando que eram efetuados pesquisas e estudos em peças anatômicas, visando um maior conhecimento sobre os transtornos mentais e a demonstração prática dos assuntos lecionados.

As entrevistas com os pacientes aconteciam no prédio da administração, denominado de ‘Pavilhão Henrique Roxo’²¹⁷, numa sala reservada para esse fim, tal como nos revelam as anotações dos internos: “Da primeira vez que veio a sala de observação caiu em caminho e pôs-se a gritar e a chorar em voz alta (...) Da segunda vez deu um trabalho insano, chegando a sala,

²¹⁴ Ver **Anexo A**.

²¹⁵ Decreto n. 8.661, de 05 de abril de 1911; Decreto n. 20.865, de 28 de dezembro de 1931; muitas das observações clínicas realizadas no Pavilhão, nas décadas de 1920 e 1930, eram assinadas pelos internos.

²¹⁶ Livro de Observação Clínica nº 365 de 1931.

²¹⁷ Por sugestão de Juliano Moreira, Augusto Viana do Castelo (1874-1953) - Ministro da Justiça e Negócios Interiores - concede o nome de Henrique Roxo ao prédio central do Pavilhão de Observação. *Jornal do Brasil*, 12/01/1927.

sentou-se na cadeira (...)”²¹⁸, “Chegou a sala carregado pelos enfermeiros (...)”.²¹⁹ Dependendo do estado em que o observado se encontrava, era necessário que o contato do interno com este se desse na enfermaria: “No momento em que a procuramos para examinar, estava prostrada em um dos leitos da seção Magnan”.²²⁰

Uma das funções previstas por lei para o Pavilhão era a identificação do paciente, visto que era necessário buscar dirimir as dúvidas quanto à identidade deste. Na guia de entrada que acompanhava o paciente ao Pavilhão, deveriam constar os dados pessoais, as características físicas e a fotografia. Mas era comum o indivíduo dar entrada na Unidade sem conseguir ou querer dar qualquer tipo de identificação, restando como referência apenas a fotografia. Nestes casos, dependia-se de um parente ou amigo para reconhecer a identidade do doente, como nos mostra as informações de uma observação clínica:

Fomos na seção Meynert onde observamos um homem, que devido ao estado de torpor em que se encontrava, nada nos pode informar. Veio para o nosso serviço com a guia do Pronto Socorro, guia esta que nem o nome de nosso observado trazia. Aguardamos alguém de sua família. Pela manhã do dia 24 do corrente procurou-nos um seu conhecido, pessoa autorizada e que nos disse o que passamos a descrever...²²¹

Outro dado revelado no levantamento dessas fontes foi a importância que um dos internos deu às orientações do professor Roxo sobre os procedimentos referentes às técnicas do exame psíquico. Este aluno iniciou suas anotações sobre o paciente com as informações transmitidas por esse professor:

O exame psíquico é sempre um complemento ao espírito clínico. Depende mais da inteligência do analista; é tributário do intelecto do observador por esse motivo não se deve e não se pode jamais esquadrihá-lo, resumi-lo as perguntas somente, ou tampouco as respostas. Todavia devemos emprestar-lhe a amplitude que cada caso insuladamente requer e comporta, fazendo-lhe o exame indireto – outro não é o sistema do notável prof. Roxo – exame que pode ser “comemorativo” e “anamnésico”.²²²

Como uma das atribuições de Roxo era avaliar todo o trabalho prático realizado por seus alunos, este interno pode ter angariado alguns pontos na avaliação do catedrático, ao indicar que as orientações deste foram seguidas ao pé da letra.

Em relação à entrada dos suspeitos de alienação, verificamos, aliás, que ao longo do período analisado houve mudanças em relação à forma pelo qual o paciente dava entrada no

²¹⁸ Livro de Observação Clínica nº 368 de 1931.

²¹⁹ Livro de Observação Clínica nº 369 de 1931.

²²⁰ Livro de Observação Clínica nº 366 de 1931.

²²¹ Livro de Observação Clínica nº 364 de 1931.

²²² Livro de Observação Clínica nº 316 de 1928.

Pavilhão. Se no início da década de 1920 a grande maioria dos pacientes era encaminhada pela polícia, ao adentrar a década de 1930 era muito comum encontrar pacientes que foram encaminhados pela Santa Casa, pelo Pronto Socorro, por outros hospitais psiquiátricos e pelos familiares. Nas observações clínicas encontramos os seguintes relatos: “foi trazido para esta clínica por pessoas de sua família, pois se achava doente em casa (...)”²²³; “Diz o pai da paciente que a trouxe a este serviço porque ela se apresentava muito irrequieta em casa, razão porque a internou”, nos informa outra.²²⁴ “Vem aqui trazido por sua mãe com o fito de buscar uma viola e aqui foi preso”.²²⁵

Pedidos particulares feitos por antigos internos de Roxo, que passaram a clinicar como psiquiatras, também foram encontrados como motivo para a internação no Pavilhão:

Mais uma vez quero dever-lhe obsequio, a internação do bacharel [...] que a despeito do título e consequente profissão, não tem recursos para custear as despesas de uma casa de saúde, por isso apelo para o seu espírito superior aliado a um coração bondoso na certeza de que o conservará no Pavilhão Torres Homem enquanto perdurar o estado mórbido deste (...).²²⁶

Tendo por base os dados dos registros de matrícula dos pacientes²²⁷, podemos constatar o aumento gradual de entrada de indivíduos a serem avaliados na instituição no período de 1921 a 1938. Este número atingiu o ápice em 1938, com 2.950 entrada de pacientes²²⁸. Em 1939, quando o Instituto de Psiquiatria já não mais fazia parte do serviço de Assistência a Psicopatas, ou seja, não era mais a porta de entrada desse serviço, atendendo apenas às determinações ligadas ao ensino e à pesquisa, o número de admissões diminuiu para 608 pacientes²²⁹. Em 1945, quando o Hospício da Praia Vermelha já tinha encerrado suas atividades, o IPUB registrou a entrada de 243 pacientes²³⁰.

Analisando esses números pelo viés do ensino, verificamos que o período de observação do paciente para averiguação de sua sanidade mental, inicialmente de quinze dias, podendo ser ampliado caso não se estabelecesse um diagnóstico²³¹, com o aumento do número de indivíduos, diminuiu para menos cinco. Em alguns casos, o paciente era transferido no dia seguinte a sua entrada, mesmo quando esta era sua primeira internação²³².

²²³ Livro de Observação Clínica nº 367 de 1931.

²²⁴ Livro de Observação Clínica nº 367 de 1931.

²²⁵ Livro de Observação Clínica nº 371 de 1931.

²²⁶ Livro de Observação Clínica nº 319 de 1928.

²²⁷ Ver **Apêndice C**, Registro de entrada de pacientes

²²⁸ *Ibidem*.

²²⁹ *Ibidem*.

²³⁰ *Ibidem*.

²³¹ BRASIL. Decreto n. 3.244, de 29 de março de 1899. Reorganiza a Assistência a Alienados.

²³² Dado coletado nos livros de observações referentes ao período de 1935 a 1938.

Roxo declarou à *Gazeta de Notícias*, em 1935, que “os doentes são enviados ao Pavilhão da clínica, muito pequeno, e lá tratados com todo o desvelo, durante muitos poucos dias, porque é preciso abrir vagas para os novos”.²³³ Sendo essa Unidade a porta de entrada da Assistência a Alienados do Distrito Federal, era necessário receber todos os prováveis loucos. Por outro lado, sendo o Pavilhão igualmente um espaço de estudo e ensino, como era possível realizar os exames de praxe, o tratamento inicial e efetuar um diagnóstico preciso em tão poucos dias?

Diante desse contexto, Eurico Sampaio, em 1934, declarou que o diagnóstico fixado com base em exames laboratoriais, na psicologia experimental e na observação direta, realizado em curto espaço “não raras vezes, [...] será provisório ou sintomático e que somente a evolução posterior do caso poderá mostrar a diagnose definitiva”²³⁴. O docente acreditava que o processo inicial de observação deveria ser de até 90 dias, quando houvesse necessidade. Desta forma o paciente teria um tratamento de acordo com a sua real necessidade e o médico não teria o “desprazer de ter um seu diagnóstico alterado ou pelo menos refundido”²³⁵

Assim nesses últimos anos em que a instituição era integrante da Assistência, a qualidade das práticas médicas e das atividades acadêmicas foram afetadas pelo pouco tempo em que o paciente permanecia no Pavilhão, incidindo na eficiência das análises, nos diagnósticos e tratamentos ali veiculados, afetando o bom nome dos profissionais envolvidos nesses procedimentos e, conseqüentemente, no nome da instituição. A partir de 1939, a saída da Assistência a Psicopatas e a maior liberdade de ação ocasionou mudanças significativas na rotina da Instituição. Os pacientes que deram entrada no IPUB, após o tempo necessário à observação, permaneceram no próprio Instituto, no pavilhão Rodrigues Caldas, sendo ali tratados por um período de até três meses. Neste pavilhão se realizaram estudos e pesquisas sobre as doenças mentais e, de acordo com Henrique Roxo, a partir de então esta seria a principal finalidade da instituição.

Ainda segundo o diretor, os resultados dessas investigações seriam posteriormente divulgados em periódicos científicos, possibilitando o compartilhamento dos achados para todo o país e mesmo para a rede médico-científica internacional.²³⁶

Com a redução do número de pacientes, os prazos de análise, diagnóstico e tratamento foram ampliados, proporcionando aos alunos, internos, assistentes e professores mais tempo para a realização de seus estudos, pesquisas e acompanhamento dos resultados referentes

²³³*Gazeta de Notícias*, 09/03/1935.

²³⁴ SAMPAIO, Eurico. Estupor melancólico. *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria*, v.17, n.2, 1934., p.58.

²³⁵*Ibidem*.

²³⁶*Jornal do Brasil*, 12/08/1938.

tratamento ministrado. Em 1942, o IPUB publicou o primeiro número dos *Anais do Instituto de Psiquiatria*, com objetivo de divulgar os estudos psiquiátricos realizados nesse espaço por seus docentes, evidenciado à comunidade acadêmica e ao mercado de trabalho, sua organização, competência e autoridade científica²³⁷.

Neste capítulo, apresentamos o cenário que contribuiu para a criação e consolidação do Pavilhão de Observação, instituição vinculada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e ao Hospício Nacional de Alienados. De modo similar, também foram expostos os aspectos da transferência deste para a Universidade do Brasil. Buscamos evidenciar os primeiros integrantes do corpo docente da instituição, assim como a disputa interna entre os professores Roxo e Pernambuco Filho pela direção interina da Unidade. Observamos a rotina dos cursos ali ministrados, suas respectivas estruturas, conteúdos e práticas médicas, pontuando que ao longo do período analisado significativas inclusões de temas foram inseridas no programa lecionado, demonstrando que a instituição buscava se sintonizar com as atualizações da área e com as discussões teóricas vigentes no Distrito Federal, a fim de formar e capacitar especialistas para um mercado médico em ascensão. No capítulo seguinte, iremos apresentar as redes de sociabilidade internas e externas que foram construídas entre os integrantes do Pavilhão/IPUB com os seus pares da Assistência aos Alienados e da Faculdade de Medicina. A estrutura hierárquica da instituição e a participação dos docentes em eventos científicos, que contribuíram para a capacitação desses professores e para troca de conhecimentos científicos, serão analisadas, visto que esses dados colaboraram para que conhecêssemos a identidade desse grupo.

²³⁷*Ibidem*

2 O CATEDRÁTICO E SUA REDE

Na manhã do dia 20 de setembro de 1921, em cerimônia realizada na sala de aulas do Pavilhão de Observação, Henrique Roxo assumiu em definitivo a cátedra de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O antigo catedrático, Teixeira Brandão, tinha falecido em 03 de setembro de 1921, deixando em aberto a vaga que já era ocupada por Roxo como interino há mais de um decênio.

Estavam presentes no ato de sua posse os alunos, os assistentes, os internos e os demais integrantes do corpo assistencial da Unidade, prestigiando a efetivação plena de Roxo aos direitos inerentes ao cargo conquistado. O estudante de medicina Mucio Nelson de Senna discursou em nome dos internos e o Dr. Bueno de Andrada, amigo pessoal do novo catedrático, discursou em nome dos assistentes²³⁸, enaltecendo as virtudes e qualidades profissionais do homenageado, assinalando que “as dificuldades com que vos tendes deparado na vossa trajetória tendes sabido vencer com serenidade e a confiança que depositais em vós mesmo, não vos permite conservar nenhum sentimento de ódio”.²³⁹ Ficamos a refletir: as dificuldades na trajetória de Roxo, a que Andrada se referia, também teriam sido referentes ao apoio de Brandão a Pernambuco Filho na questão da direção interina do Pavilhão e a luta de Roxo para reconquistar esse cargo?

Não temos subsídios para responder conclusivamente a esta pergunta, podemos, entretanto, chamar atenção para as costuras políticas que Roxo utilizou, demonstrando a “serenidade” com que lidou com a situação, dizendo, inclusive, manter sua “filiação simbólica” com o grande Teixeira Brandão. Em seu discurso de posse agradeceu as homenagens recebidas e lembrou os bons serviços prestados por Teixeira Brandão àquela casa, comprometendo-se a dar prosseguimento à obra do antigo catedrático. Notamos que, independentemente de ter havido ou não algum tipo de conflito, Roxo optou por ser politicamente correto ao lembrar o antigo mestre de forma positiva. Tal atitude se manteve em todas as ocasiões públicas, tanto em seus discursos, como nas entrevistas à imprensa. Podemos perceber também que foi importante para o novo catedrático evidenciar perante à classe médica e ao público em geral que ele fora aluno e discípulo do primeiro professor de psiquiatria do Brasil. Tais informações evidenciam um diferencial frente aos demais psiquiatras da época, declaradamente discípulos de Juliano Moreira. A fala de Andrada, igualmente, quer fazer acreditar que Roxo enterrou,

²³⁸ *Jornal do Brasil*, 21/09/1921.

²³⁹ *O Jornal*, 28/09/1921.

junto com Brandão, as animosidades veladas que haviam surgido contra o antigo catedrático na década anterior.

Ao refletir sobre as duas primeiras décadas da vida profissional de Roxo, constatamos, por meio de algumas bibliografias²⁴⁰ que relatam a trajetória desse psiquiatra e professor, o seu engajamento no processo de formação dos futuros especialistas dentro dos preceitos da FMRJ. Certamente, tais fatores favoreceram o profissionalismo do serviço e da prática psiquiátrica no mercado médico em ascensão do Distrito Federal nas primeiras décadas do século XX.

A capacidade de luta estratégica e de negociação deste professor o levou ao sucesso profissional, e, conseqüentemente, ao reconhecimento do público leigo e dos professores da Faculdade de Medicina. O cargo que conquistou lhe deu liberdade para realizar várias pesquisas, assim como para implementar rotinas e condutas no Pavilhão de Observação. Desta forma, contribuiu para o fortalecimento da nova identidade profissional que estava se construindo a partir do serviço e da prática psiquiátrica no mercado médico do Distrito Federal.

Durante o período em que ministrou as aulas da clínica psiquiátrica como lente interino, Roxo buscou fortalecer seus vínculos com o grupo fechado da Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Segundo Cruz e Aguiar, “pertencer a um grupo implica compartilhar crenças, atitudes e viver relações mediadas por uma carga valorativa e por percepções diferenciadas no próprio grupo, em relação aos demais”²⁴¹. Assim sendo, ao filiar-se aos interesses políticos e acadêmicos da FMRJ, o futuro catedrático vivenciou e partilhou os valores e teorias desse grupo; condição que favoreceu sua permanência no cargo ocupado. Cabe lembrar que como lente interino ele só poderia ocupar tal função enquanto merecesse a confiança do titular da cadeira, estando este ou não no exercício de suas atribuições.²⁴² Angariou, assim, o apoio dos seus pares frente a figura do próprio Teixeira Brandão, que mesmo afastado da cátedra desde 1903, era um nome de destaque e prestígio nos meios político, social e acadêmico brasileiro.

Vale destacar que além da cerimônia de posse, os amigos e admiradores do novo catedrático ofereceram-lhe um banquete²⁴³, realizado em 01 de outubro, no Palácio Hotel. A lista de participação ficou disponível na farmácia de Orlando Rangel(1868-1934), amigo pessoal de Roxo. Dentre os participantes, constavam médicos e funcionários do Hospício de

²⁴⁰ ANDRADE, Oswald Moraes. Henrique Roxo e a Clínica Psiquiátrica. *Boletim da Academia Nacional de Medicina*, Rio de Janeiro, v.140, 1967-1969, p.129-130; FIDALGO, J.G. *Henrique Roxo e a medicina mental no Brasil*. Rio de Janeiro, 1942; *Vida Doméstica*, jul.1925, p.31-32.

²⁴¹ CRUZ, Fátima Maria L., AGUIAR, Maria da Conceição C. de. Trajetórias na identidade profissional docente: aproximações teóricas. *Psicologia da Educação*, São Paulo, 33, 2º sem. de 2011, p. 7-28.

²⁴² Parágrafo único - Decreto n. 8.661, de 05/04/1911.

²⁴³ Notas publicadas nos periódicos *O Paiz*, em 22/09/1921 e *Correio da Manhã*, de 27/09/1921.

Alienados, catedráticos da Faculdade de Medicina, docentes do Pavilhão e amigos pessoais. Entre os convidados constavam nomes de figuras de ilustres da medicina brasileira como Juliano Moreira, Aloysio de Castro, Henrique Tanner de Abreu, Thompson Mota, Clementino Fraga e José Matoso de Sampaio Corrêa.

Como era de se esperar, o nome de Pernambuco Filho não constava nas matérias sobre a solenidade de posse e seus desdobramentos. Ao assumir a direção do Pavilhão, em 1919, Roxo o demitiu da função de assistente da clínica psiquiátrica²⁴⁴, visto ser este um cargo de confiança. Mas Pernambuco Filho também era livre-docente desta cadeira; e este cargo lhe concedia estabilidade na FMRJ.

2.1 AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE CONSTITUÍDAS NA INSTITUIÇÃO

O Pavilhão/IPUB se constituiu num espaço que tendia à uniformização, já que para fazer parte de sua estrutura, era necessário compartilhar de um referencial acadêmico comum. Afinal, a predisposição para aceitar a orientação e as diretrizes impostas pela liderança institucional de Roxo também fazia parte das regras que permitiam a alguns médicos usufruírem do *status* de assistente ou livre docente da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, um identificador que trazia prestígio, elevação social, contribuindo de forma positiva no seu itinerário profissional.

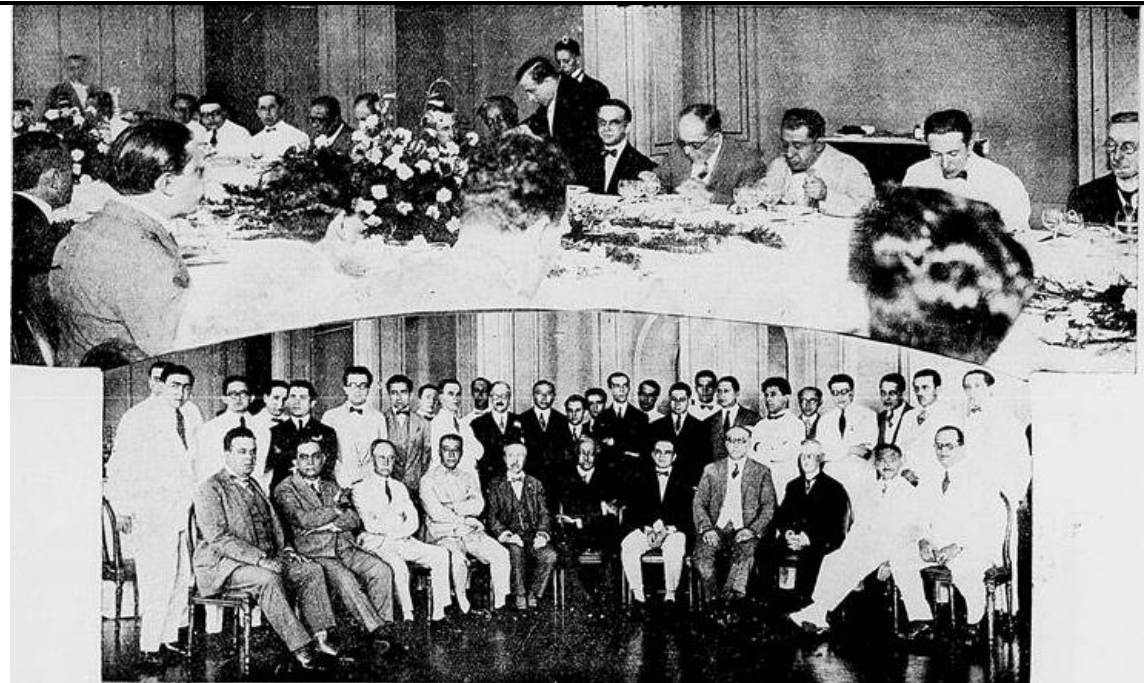
Essa estrutura e a *rede de sociabilidade* a ela associada, como Sirinelli²⁴⁵ chama atenção, também pode ser identificada e compreendida a partir dos eventos promovidos nessa unidade de ensino. Os acontecimentos acadêmicos eram uma oportunidade de se ficar em evidência, de revelar ao público as atividades científicas e o entrosamento da equipe de docentes - mesmo que nos bastidores houvesse rivalidades -, visto que estes episódios eram sempre cobertos pela imprensa local. A presença da imprensa nesses eventos ajudava na divulgação das pesquisas realizadas, ampliando o *status* dos médicos da instituição. Por isso, vemos a cobertura de eventos dos médicos em diversas ocasiões, em 1925, por exemplo, Roxo e Moreira se mobilizaram para organizar um almoço, realizado no Copacabana Palace Hotel, em homenagem a Aduino Botelho, quando por meio de concurso, este conquistou a livre docência de Clínica Psiquiátrica. Na ocasião, o lente discursou em nome dos ofertantes do almoço. Cabe

²⁴⁴ O estatuto da Faculdade de Medicina informa que era competência do catedrático indicar seus assistentes - Decreto nº 11.530, de 18/03/1915.

²⁴⁵ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.231-269. p.248-249.

lembrar que Botelho também foi médico chefe do Hospício de Alienados, atuando junto a Moreira e seu grupo.

Figura 4 - Almoço em homenagem a Adauto Botelho, devido a sua nomeação para livre docente da Clínica Psiquiátrica da FMRJ



Fonte: *Vida Doméstica*, 1925.

A relação de amizade entre Botelho e Roxo ultrapassou os limites institucionais, sendo o lente convidado para ser padrinho do casamento desse assistente, realizado em São Paulo, em 1920.²⁴⁶

Anos depois, em maio de 1938, por ocasião do aniversário de Botelho, lhe foi organizada uma outra homenagem, então no Pavilhão. Discursaram o catedrático e o assistente Flávio de Souza²⁴⁷ - que passava a ocupar a partir de então a posição de chefe da Clínica do Instituto, já que Adauto estava se desligando da instituição por ter se tornado o diretor da Assistência aos Psicopatas do Distrito Federal. Naquele contexto, era vantajoso reforçar os laços de amizade com este influente funcionário do governo federal.

Botelho soube articular-se politicamente no círculo psiquiátrico do Distrito Federal, alcançando posição de destaque. Esteve presente na manifestação promovida pelos aliados de Roxo em regozijo à reintegração deste ao cargo de diretor interino do Pavilhão de Observação,

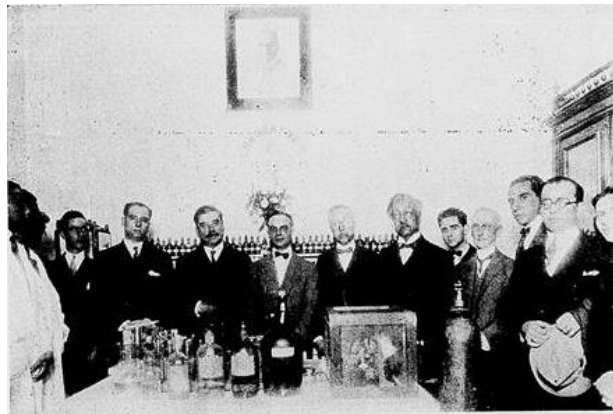
²⁴⁶*O Paiz*, 05/01/1920.

²⁴⁷*O Imparcial*, 12/05/1938.

angariando o apoio, a confiança e a amizade do novo catedrático. Por outro lado, foi sócio de Pernambuco Filho num empreendimento comercial – o Sanatório Botafogo²⁴⁸, e escreveram juntos o livro *Vícios sociais elegantes* (1924). Pelo que tudo indica, a amizade e parceria entre esses dois docentes não afetou a confiança e amizade de Roxo por Botelho.

Retornando ao ano de 1927, quando Roxo regressa de viagem de estudos científicos à Europa, Juliano Moreira sugeriu ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Viana do Castelo, que o Pavilhão de Observação fosse denominado de Instituto Teixeira Brandão e que o prédio central da instituição fosse denominado de Pavilhão Henrique Roxo.²⁴⁹ A placa deste prédio foi descerrada por Moreira e Austregésilo. Estiveram presentes na solenidade de homenagem, além do corpo clínico e administrativo da Assistência a Psicopatas, o vice-diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, professor Pacheco Leão. Nessa ocasião também foi inaugurado o retrato de Aduino Botelho no laboratório da instituição, que durante a ausência de Roxo ministrou as aulas e regeu o Pavilhão. Waldemiro Pires discursou, homenageando Botelho em nome dos assistentes e internos²⁵⁰.

Figura 5 - Dois momentos da homenagem: acima inauguração do quadro de Aduino Botelho no laboratório do Pavilhão. Ao lado, Roxo e os homenageantes em frente ao Pavilhão Henrique Roxo.



Fonte: *Vida Doméstica*, 1927.

²⁴⁸ *O Jornal* – 01/08/1921.

²⁴⁹ *Jornal do Brasil* – 12/01/1927.

²⁵⁰ *Ibidem*.

No ano seguinte, no aniversário de Roxo, realizou-se outra homenagem no Pavilhão, onde seus amigos, alunos e auxiliares lhe ofertaram um busto em bronze, trabalho de autoria do escultor Modestino Kanto (1889-1967), “que com habilidade soube reconstruir com expressão a fisionomia do homenageado”²⁵¹. Na cerimônia compareceram o Ministro da Justiça, Viana do Castelo (1874-1953), o reitor da Universidade do Rio de Janeiro, Manuel Cícero Peregrino da Silva (1866-1956), Juliano Moreira, médicos e professores da Assistência a Psicopatas e da Faculdade de Medicina. Em nome dos assistentes, discursou Xavier de Oliveira e, representando os internos, Neves-Manta²⁵².

Após a criação do IPUB, em 1939, quando todas as questões políticas que envolveram a transferência do Pavilhão para a Universidade do Brasil estavam resolvidas, os assistentes, auxiliares e docentes do IPUB e do Hospício voltaram a se reunir para prestar mais uma homenagem a Roxo, por ocasião do seu sexagésimo segundo aniversário natalício, com a inauguração de um novo anfiteatro com o seu nome²⁵³. Nesse evento não foi registrada a presença de autoridades políticas.

As festividades iniciaram-se as nove horas da manhã, com uma missa de ação de graças na capela do Hospício. Em seguida foi inaugurado o anfiteatro, com discurso do assistente Brahim Jorge e do diretor da Faculdade de Medicina, o professor Álvaro Froes da Fonseca (1890-1988), ambos enaltecendo as atividades do homenageado²⁵⁴. Finalmente, discursou o próprio Roxo.

Em sua fala abordou a criação do IPUB, agradecendo mais uma vez a Getúlio Vargas e Capanema por esse feito. Aproveitou a ocasião para divulgar à comunidade leiga, por intermédio do *Jornal do Brasil*, o aporte tecnológico e as pesquisas em desenvolvimento na instituição. Exaltou a competência científica e dedicação dos seus assistentes efetivos e extranumerários: Flávio de Sousa, Paulo Lacaz, Morais Coutinho, Brahim Jorge, Manoel Novais, Gonçalves Fernandes, Hermínio Linhares, Jurandir Manfredini, Bandeira de Melo, Pedro Nogueira e Elso Arruda. Também agradeceu a sua pequena equipe de enfermagem. À noite, para fechar a data com chave de ouro, houve uma festa dançante na residência do catedrático. Nesta ocasião, Flávio de Sousa discursou e ofereceu ao aniversariante um lindo mimo em nome dos assistentes²⁵⁵.

²⁵¹ *O Imparcial* – 04/07/1928.

²⁵² *Ibidem*.

²⁵³ Este anfiteatro mantém até hoje no IPUB o nome do antigo catedrático.

²⁵⁴ *Jornal do Brasil. Op. cit.*, p.3 e 11

²⁵⁵ *Ibidem*.

Em 1945, Roxo e Flávio de Souza foram padrinhos do enlace matrimonial do docente Albino Vaz, reforçando que os vínculos de amizade que eram construídos no interior da Instituição, entre os integrantes do grupo, não só faziam parte do cotidiano, como também se estendiam para fora do ambiente de trabalho.²⁵⁶

Antes de 1938, quando a instituição ainda era denominada de Pavilhão de Observação, constatamos a presença constante da direção da Assistência aos Alienados e da Faculdade de Medicina, além da presença do ministro da Justiça e de representantes da presidência da República prestigiando os eventos ali realizados.²⁵⁷ Contudo, com a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, esses acontecimentos sociais passaram a ocorrer durante o aniversário natalício de Roxo²⁵⁸. Era uma aliança que ligava o IPUB ao articulador de sua criação, uma forma de homenagear, rememorar o feito do catedrático e mostrar que o caminho científico seguido pela unidade tinha sido definido por seu criador.

De qualquer forma, os eventos e homenagens ocorridos entre 1921 e 1945 contribuíram para ratificar o prestígio social, a reputação alcançada e a constante manutenção da rede sócio-científica e política do Distrito Federal, na qual Roxo buscava se articular a fim de obter apoio e manter o seu nome em evidência.

Percebemos que os eventos, além de divulgarem o trabalho desenvolvido pelos docentes e, conseqüentemente, da própria Instituição ao qual estes estavam engajados, eram momentos de entrosamento entre os grupos da FMRJ e do Hospício. Permitiam a troca de informações, experiências, e atualização dos pares nos rumos seguidos pela psiquiatria.

2.1.1 A livre docência no Distrito Federal: representação social e econômica

Cabe aqui abrir um parêntese para analisarmos a posição de livre docente na sociedade carioca nas primeiras décadas do século XX, uma vez que, conhecer os desdobramentos vivenciados por essa categoria profissional nesse período, nos permitiu compreender o posicionamento e a conduta desses personagens no âmbito do Pavilhão de Observação.

A função de professor da FMRJ fazia parte de um

projeto coletivo de mobilidade social articulado em torno de um determinado tipo de conhecimento, e o monopólio do saber, portanto, permitiria o controle de um mercado específico

²⁵⁶ *Vida Doméstica*, set.1945.

²⁵⁷ *Jornal do Brasil*, 26/05/1929; *O Imparcial*, 04/07/1928; *Correio da Manhã*, 11/02/1934; *Vida doméstica*, maio. 1945.

²⁵⁸ *Jornal do Brasil*, 06/07/1939; *Vida Doméstica*, ago.1944; *Vida Doméstica*, ago. 1945.

constituindo *expertise*, ocupando status no sistema de estratificação, justamente pelo fato de deter conhecimentos especiais e qualificação diferenciada²⁵⁹.

Assim sendo, o docente, na educação superior, era detentor de conhecimentos técnico-científicos inerentes a sua profissão, sendo capaz de planejar a transmissão desse saber teórico e prático, formando indivíduos para ocupar um papel relevante no mercado de trabalho médico do Distrito Federal, além de favorecer aos projetos governamentais de construção de um país moderno e saudável. Nesse sentido, a identidade do docente estava vinculada a “uma cultura profissional sustentada por associações profissionais”²⁶⁰, que igualmente contribuíram para orientar a padronização de técnicas e rotinas, consolidando e valorizando a profissão na sociedade.

De acordo com Maia, o cargo de assistente e/ou de livre docente era muito cobiçado e disputado, a despeito da baixa remuneração oferecida.²⁶¹ A função concedia *status* e elevação social ao seu ocupante, mas os vencimentos eram módicos. A fim de melhorar sua renda, toda a equipe do Pavilhão, do diretor aos assistentes, possuía consultório particular e também se agrupava para abrir clínicas e sanatórios, visando elevar os seus rendimentos, o que pode ser verificado em diversas propagandas nos jornais da época, como demonstrado nos indicadores profissionais.²⁶²

Além das questões econômicas, esta era uma oportunidade para exercer a psiquiatria de acordo com os interesses intelectuais e profissionais de cada um, dentro do *repertório* psiquiátrico da época²⁶³. Uma vez fora do Pavilhão, onde as práticas estavam ligadas à conveniência do catedrático e as inovações e melhorias dependiam de verbas governamentais, era possível praticar a psiquiatria de acordo com as teorias e tecnologias que atendessem aos anseios pessoais e profissionais de cada um.

Outro modo para ampliar os rendimentos, era relacionar seus nomes a propagandas de medicamentos, contribuindo para proporcionar mais seriedade e credibilidade aos produtos anunciados²⁶⁴. Os professores também faziam uso dos anúncios comerciais, nos quais

²⁵⁹ CRUZ, Fátima Maria Leite, AGUIAR, Maria da Conceição Carrilho de. Trajetórias na identidade profissional docente. Op.cit. p.15.

²⁶⁰ ANGELIN, Paulo Eduardo. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. *Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, v. 3, n. 1, jul/dez. 2010.

²⁶¹ MAIA, George Doyle. *Biografia de uma faculdade: história e estórias da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha*. Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.,p.50.

²⁶² Ver **Anexos A e B**: Anúncios e indicadores profissionais.

²⁶³ “Um repertório é o conjunto de recursos intelectuais disponível numa dada sociedade em certo tempo. Composto de padrões analíticos; noções; argumentos; conceitos; teorias; esquemas explicativos; formas estilísticas; figuras de linguagem; metáforas. “ALONSO, A. Introdução. In: *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil império*. São Paulo : Paz e Terra, 2002.p.39.

²⁶⁴ Ver **Anexo B**.

ofereciam seus serviços especializados ao grande público. Veiculadas pela imprensa leiga, essas propagandas informavam, o vínculo do médico anunciante com a Faculdade de Medicina²⁶⁵, uma estratégia de marketing que garantia mais respeitabilidade e visibilidade ao clínico, além de ser um diferencial perante aos pares, que não possuíam essa titulação acadêmica.

Uma parceria comercial de sucesso, formada por integrantes da Faculdade de Medicina, foi o Sanatório Botafogo. Pernambuco Filho e Aduato Botelho se conheceram e iniciaram sua amizade na clínica psiquiátrica, unindo-se posteriormente a Antônio Austregésilo e Ulysses Vianna, com o objetivo de fundar esse hospital particular, em 1921²⁶⁶. O estabelecimento foi destinado à cura e ao tratamento das doenças nervosas em geral, às intoxicações e às enfermidades da nutrição – estando o local aparelhado para os devidos fins.²⁶⁷ Esses professores, no que concerne à amizade e interesses acadêmico científicos, eram aliados desde longa data.

Botelho, apesar do elo com Roxo, se engajou a esse grupo²⁶⁸, e, pelo que pudemos inferir, sem ter levantado a oposição do lente de psiquiatria, visto que continuou ocupando as posições de chefe do laboratório e da clínica do Pavilhão, cargos de confiança adquiridos pela indicação.

Cunha Lopes, assistente e livre docente do Pavilhão, médico assistente do Hospício (pavilhão de epiléticas – Seção Griesinger)²⁶⁹ – divulgador no Brasil da psiquiatria genética de Ernest Rüdin (1874-1952)²⁷⁰ - também ingressou na equipe de assistentes do Sanatório Botafogo, assim como Faustino Esposel²⁷¹, lente substituto das clínicas neurológica e psiquiátrica.

²⁶⁵*Ibidem.*

²⁶⁶*O Paiz*, 31/07/1921; *O Jornal*, 01/09/1921.

²⁶⁷*Fon-Fon: revista semanal*, ago. 1921.

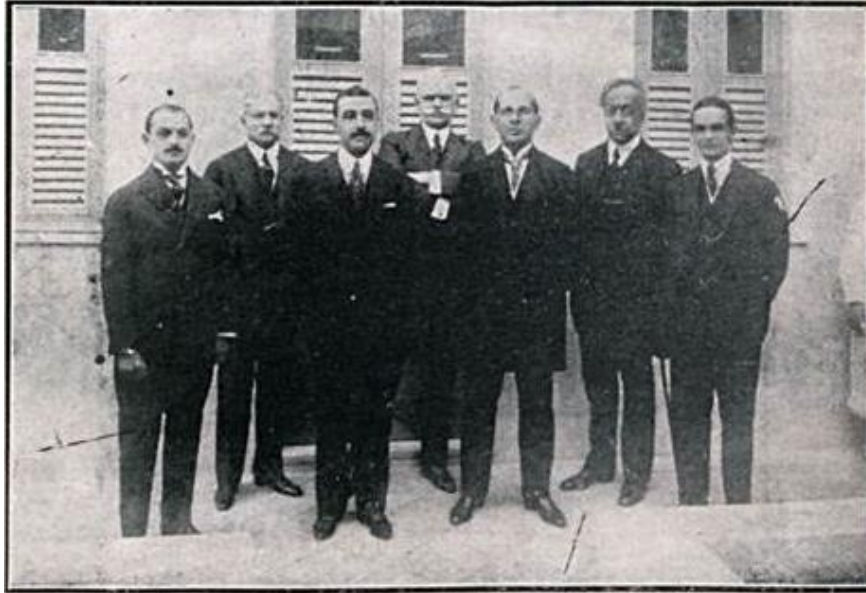
²⁶⁸*O Jornal*, 01/08/1921.

²⁶⁹*Correio da Manhã*. 30-10-1930, p.7.

²⁷⁰MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À Luz do Biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. 2015. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.p.xiv.

²⁷¹*Beira-Mar*, 25/10/1925.

Figura 6 - Diretoria do Sanatório Botafogo - Pedro Pernambuco Filho (diretor), Lourival Souto (conselheiro) Antônio Austregésilo (diretor), Pedro Pernambuco (conselheiro), Ulysses Vianna (diretor), Juliano Moreira (conselheiro) e Aduino Botelho (diretor).



Fonte: *Fon-Fon*, 1921.

Roxo também tinha o seu sanatório particular²⁷², anunciado nos classificados dos jornais do Distrito Federal nos últimos anos da década de 1930, em parceria com o livre docente e concunhado Eurico Sampaio. Esse estabelecimento, denominado Sanatório Henrique Roxo, era situado em Botafogo e exclusivamente destinado ao atendimento de mulheres e crianças. Oferecia tratamentos especiais e modernos (insulinoterapia e convulsoterapia) e educação para crianças anormais, por processos médico pedagógicos²⁷³. De acordo com Souza²⁷⁴, esses estabelecimentos representaram um avanço, visto que, os pais de crianças consideradas anormais não tinham, até então, locais específicos, na iniciativa privada, para tratarem e educarem seus filhos. Ainda segundo o autor, o custo para internar crianças²⁷⁵ nesse tipo de estabelecimento era muito elevado, portanto um serviço destinado a poucos.

²⁷² Além do sanatório, Roxo também clinicava em farmácias e no seu consultório particular, no qual atendia como clínico e psiquiatra. Possuía, entre seus pacientes, uma seleta clientela na sociedade carioca. Foram seus pacientes: Olavo Bilac - *Correio da Manhã*, 29-12-1918; Glória da Fonseca Hermes (sobrinha do ex-presidente Deodoro da Fonseca) - *O Paiz*, 18-10-1919; O Ministro do Supremo Tribunal Federal Edmundo Lins - *Gazeta de Notícias*, 06-10-1918; Desembargador Antônio Amorim - *O Século*, 26-03-1912; O médico e industrial Eduardo França - *O Século*, 30-11-1911; A cantora lírica brasileira Maria Antonietta Ribeiro - *Correio da Manhã*, 04-10-1921, dentre outros pacientes.

²⁷³ Anúncio publicado no *O Malho*, 1940 p.73.

²⁷⁴ SOUZA, Milena Luckesi de. *A concepção e o atendimento escolar destinado ao deficiente mental: um estudo dos arquivos brasileiros de higiene mental(1925-1947)*. 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Paraná.

²⁷⁵ De acordo com Roxo, as crianças anormais eram divididas em dois grupos: aquelas que tiveram uma lesão grave no encéfalo e que se tornaram idiotas, paralíticas, etc., e aquelas que, tendo tido uma lesão mais leve, se apresentam como desequilibradas, fronteiriças, excitáveis, etc..SOUZA, Milena Luckesi de. *A concepção e o atendimento escolar destinado ao deficiente mental*. Op. cit. p.67-68.

No entanto, apesar da vasta produção científica do catedrático, poucos artigos foram direcionados a essas categorias de pessoas²⁷⁶. Dentro da produção acadêmica de Sampaio, localizamos apenas um capítulo de livro sobre a histeria e o seu conceito científico, escrito em 1934²⁷⁷.

Figura 7 – Anúncios publicados em jornais de época.



Fonte: *O Malho*, 1940; *Correio da Manhã*, 1941.

É curioso notar que os indicadores dos jornais já anunciavam a existência de várias casas congêneres. Assim, Roxo e Sampaio devem ter buscado oferecer um serviço mais especializado, direcionado apenas a mulheres e crianças, dentro do mercado da época, apesar de não serem exatamente especialistas nesse grupo de pessoas. Essa sociedade, entretanto, não durou muito tempo. Na dissolução da sociedade, Sampaio comunicou à sua clientela a mudança no nome do referido sanatório, que passou a denominar-se Santa Helena. A nota, inclusive, comunica que Roxo viria a abrir outro sanatório com o seu nome, como demonstra a imagem acima. Desconhecemos os motivos que levaram a essa mudança, se pessoais ou profissionais. Não foi possível apurar se de fato Roxo abriu um novo estabelecimento comercial, pelo menos não encontramos qualquer indício da existência desse novo sanatório até a sua aposentadoria, em 1945.

Esse seguimento de instituições psiquiátricas particulares, dedicadas ao tratamento de mulheres e crianças, foi a especialidade escolhida por Xavier de Oliveira, outro docente do Pavilhão no final da década de 1930. Ele foi chefe da seção Pinel do Hospício de Alienados e responsável pelo Pavilhão de crianças do Hospício do Rio de Janeiro,²⁷⁸ era o dono do Sanatório

²⁷⁶Roxo publicou os seguintes artigos ligados a essa temática: *Etiologia infecciosa da histeria: um caso de astasia-abasia* (1903), *Nervosismo nas doenças do útero e dos ovários* (1926), *Ideias modernas sobre histeria* (1929), *Educação e tratamento das crianças anormais* (1935).

²⁷⁷ SAMPAIO. A histeria. In: ROXO, Henrique et. al. *Novidades em doenças mentaes*. Rio de Janeiro : Atlântida, 1934. p. 121-140

²⁷⁸ *Correio da Manhã*. 1930. *Op. cit.*

Santa Juliana²⁷⁹ (destinado ao tratamento de doentes nervosos do sexo feminino). O anúncio informava que as enfermeiras do estabelecimento eram religiosas da Congregação das Servas de Maria Reparadora. Este docente também era um dos proprietários de outro estabelecimento, o Instituto da Imaculada²⁸⁰ (destinado as crianças), sendo anunciado como um estabelecimento reformatório para retardados por *déficits* psíquicos, pedagógicos de atenção, indisciplinados, instáveis voluntariosos, enfim, de todos os inadaptáveis aos meios escolares. Desta vez a parceria de Oliveira era com o professor Joaquim Martagão Gesteira (1884-1954) e com as irmãs religiosas do Notre Dame.

Bueno de Andrada era o proprietário da Casa de Saúde da Gávea²⁸¹, que oferecia repouso e tratamento especializado para doenças nervosas, mentais e toxicomanias. Embora não tenhamos localizado notícias sobre a inauguração desse estabelecimento, os anúncios iniciaram-se em 1932.

Além das instituições particulares, os docentes do Pavilhão também possuíam outro cargo remunerado público: a maioria atuava como médico da Assistência aos Alienados, como já mencionado neste trabalho. A exceção era para Pernambuco Filho, que atuava como médico escolar da Diretoria Geral de Instrução Pública²⁸² e Bueno de Andrada que exercia a função de médico psiquiatra do Juízo de Menores²⁸³, ambos no Distrito Federal.

A baixa remuneração no magistério e a oportunidade de pertencer a outras redes, reduziu a participação desses docentes no ensino e nas pesquisas que eram desenvolvidos no Pavilhão. Se por um lado essa conjuntura trouxe prejuízo acadêmico, reduzindo a produção de conhecimento científico no âmbito da instituição, por outro a atuação simultânea em outras instituições contribuiu para a divulgação e consolidação da psiquiatria. Esta conjuntura só foi modificada em 1937, quando a lei da desacumulação de cargos públicos²⁸⁴ remunerados, fez com que os professores tivessem que optar entre as funções públicas exercidas²⁸⁵. Esta legislação refletiu no IPUB, pois alguns dos antigos docentes escolheram os cargos com melhor remuneração que exerciam fora da instituição de ensino. Em contrapartida, os novos assistentes e docentes que começaram a fazer parte do quadro da Unidade se caracterizaram por possuir maior entrosamento com o catedrático e dedicação institucional exclusiva. A participação nas

²⁷⁹ Anúncio publicado no *Correio da Manhã*, em 1938.

²⁸⁰ Anúncio publicado na *Revista da Semana*, 1939.

²⁸¹ Anúncio publicado no periódico *O Jornal*, 1932

²⁸² *O Paiz*, 03/01/1917.

²⁸³ *O Paiz*, 01/03/1924.

²⁸⁴ Constituição de 1937 – artigo 59.

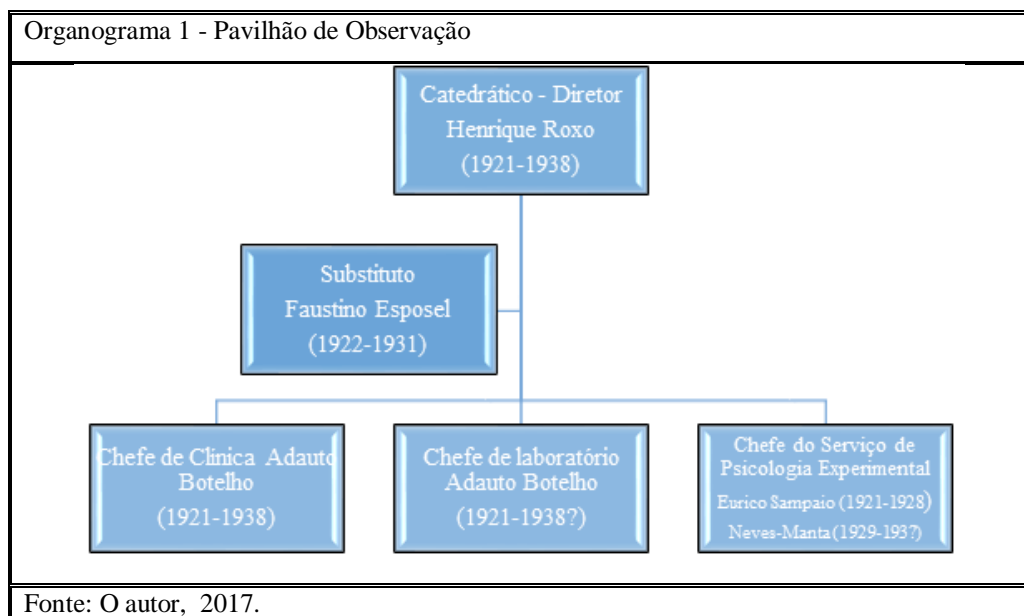
²⁸⁵ Essa lei não interferiu nas atividades privadas dos docentes, que continuaram a clinicar e administrar seus sanatórios particulares.

linhas de pesquisa definidas pelo catedrático e a divulgação do resultado desses estudos trouxe uma identidade mais moderna a Instituição, como *locus* da ciência psiquiátrica.

2.2 A ESTRUTURA HIERÁRQUICA DO PAVILHÃO/IPUB

A organização hierárquica do Pavilhão obedecia ao regimento interno e ao estatuto das faculdades de medicina, aprovado em 1893.²⁸⁶ Ao longo do período investigado, mesmo com mudanças na legislação, não ocorreram grandes alterações em relação às atribuições referentes a cada cargo.

Quanto às denominações relativas as funções, de acordo com os *Estatutos da Faculdade*, ocorreram algumas pequenas variações, como nos relata Cerqueira²⁸⁷. Visando facilitar o entendimento do leitor, descreveremos abaixo apenas as funções que foram encontradas nas fontes e documentos alusivos ao Pavilhão Observação / Instituto de Psiquiatria. De acordo com a hierarquia institucional, existiram os seguintes cargos nessa Instituição: lente catedrático e diretor de estabelecimento de ensino superior, lente substituto, livres docentes e auxiliares de ensino (assistentes e internos). Para melhor visualização dos cargos e chefias no Pavilhão e no IPUB, segue abaixo o organograma institucional:



²⁸⁶Decreto n. 1.482, de 24 de julho de 1893, que previa para a Clínica Psiquiátrica os seguintes cargos: um lente catedrático, um lente substituto, um assistente (doutor formado) e dois internos (estudantes).

²⁸⁷CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. p.44, nota n. 49

Com base nos dados dos estatutos analisados, descreveremos, a seguir, alguns dos encargos dessas posições.

O catedrático tinha a função de reger a cadeira; a elaboração do programa do curso, a ser aprovado pela congregação; lecionar e orientar o ensino das matérias que faziam parte do programa de sua cadeira; indicar os seus assistentes e demais auxiliares; submeter as provas escritas e orais e conferir os trabalhos práticos; tomar parte nas congregações, nas comissões de exame do curso, nas defesas de teses e nos concursos para os preenchimentos das vagas de docentes; comunicar a congregação as dificuldades que encontrava para a execução dos trabalhos referentes ao seu curso; redigir as instruções a serem seguidas pelos livre docentes quanto aos cursos e utilização dos gabinetes, laboratório ou enfermarias e do uso das respectivas aparelhagens; indicar os chefes de clínica médica, de laboratório, assim como quem o deveria substituir em suas faltas ou ausências (o profissional indicado para substituir o catedrático deveria ter no mínimo cinco anos de livre docência); e fiscalizar a frequência dos alunos ²⁸⁸.

O diretor de estabelecimentos de ensino superior tinha por atribuição representar o instituto em qualquer ato público; ser intermediário dos assuntos referentes ao ensino entre a congregação e o governo; administrar o instituto de acordo com os dispositivos regulamentares; dar posse aos funcionários docentes e administrativos; verificar a frequência dos professores, auxiliares de ensino e alunos, bem como executar os programas de ensino; manter a disciplina do instituto de ensino; apresentar relatório anual das atividades referentes ao instituto; organizar os horários das aulas; informar a congregação sobre a marcha administrativa da instituição e sobre o ensino; executar contratos e justificá-los nos relatórios anuais; aplicar as penalidades regulamentares²⁸⁹.

Já a livre docência tinha por objetivo ampliar, por meio dos cursos equiparados - que cumpriam as linhas fundamentais dos cursos normais, com os mesmos efeitos legais - a capacidade didática dos institutos e da formação do corpo docente deste. Figurava entre suas funções: apresentar ao catedrático o programa dos cursos livres e equiparados; lecionar todo o conteúdo do programa; reger cursos apêndices ou complementares da cadeira na qual obteve o título de livre docente, por indicação do catedrático, podendo, ainda, obter docência para mais de uma cadeira; ocupar o lugar de assistente, chefe de clínica, chefe de laboratório e chefe do

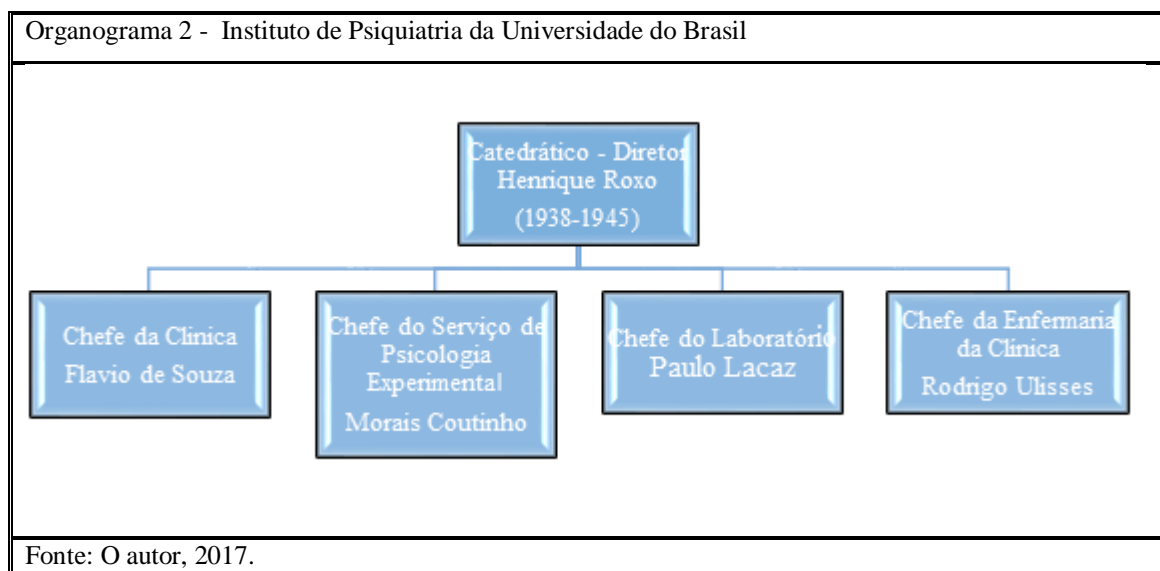
²⁸⁸Decreto n. 8.661, de 05 de abril de 1911; Decreto n. 11.530, de 18 de março de 1915; Decreto n. 20.865, de 28 de dezembro de 1931.

²⁸⁹*Ibidem*.

gabinete de psicologia experimental, sendo esses cargos de chefia indicação do catedrático; e tomar assento na congregação, substituindo o catedrático, na ausência deste²⁹⁰.

Os assistentes eram considerados auxiliares de ensino. Tinham como função cooperar com o catedrático na realização dos cursos normais e na prática de pesquisas originais. Dentre as suas atribuições competia: comparecer às enfermarias antes das aulas, a fim de verificar se houve alguma ocorrência e comunicá-la ao professor; dividir os pacientes internados (casos) entre os alunos, a fim de que estes realizassem os exames necessários; orientar a redação das observações clínicas, principalmente dos casos que serviram para ensino; estar presente durante as visitas e aulas do professor; na ausência do professor, prescrever a medicação adequada; fazer com que as prescrições fossem cumpridas pelos internos; realizar os curativos e aplicar os aparelhos indicados pelo professor; organizar, com o auxílio dos internos, a estatística de serviço clínico da cadeira, mencionando métodos e agentes terapêuticos; comparecer às enfermarias, acompanhado pelos internos, a fim de observar se as prescrições foram cumpridas e prestar cuidados aos pacientes que entraram na Instituição após a visita do catedrático²⁹¹.

Os internos tinham por encargo: comparecer às enfermarias antes da chegada do professor e cumprir as determinações deste e do assistente; visitar as enfermarias, a fim de executar as ordens recebidas; atender as ocorrências ocorridas durante a noite²⁹².



Roxo organizou a estrutura hierárquica de sua cátedra designando os seus assistentes e, dentre estes, os que ocupariam as chefias dos serviços do Pavilhão. Visto serem estes cargos de

²⁹⁰ *Ibidem.*

²⁹¹ *Ibidem.*

²⁹² *Ibidem.*

confiança, seus ocupantes eram os que, a seu ver, mereciam a sua amizade, confiança e desempenho das atividades de acordo com as suas determinações. A seguir, iremos apresentar os ocupantes desses cargos.

2.2.1 O lente substituto

Em 1922, houve um concurso para que um livre docente viesse a ocupar simultaneamente a função de lente substituto das cadeiras de Neurologia e de Clínica Psiquiátrica.

Concorreram à vaga Ernani Lopes e Faustino Esposel. A capacidade e o desempenho científico e profissional desses dois candidatos já havia sido avaliada em 1920, quando os dois, na qualidade de assistentes do Hospício Nacional de Alienados, haviam pleiteado a vaga de alienista²⁹³. Este concurso interno adotou o seguinte critério: os candidatos apresentaram trabalho considerado original na especialidade e, a partir desse ponto, uma comissão constituída pelas chefias das seções do Hospício votaria no assistente mais capacitado a receber a promoção. Lopes foi considerado o melhor candidato²⁹⁴. Roxo não fez parte desta comissão.

No concurso da FMRJ, após a prova oral, a Congregação julgou ambos os candidatos habilitados, sendo então a decisão tomada mediante votação²⁹⁵. Esposel obteve a maioria dos votos, apesar de Roxo ter votado a favor de Lopes²⁹⁶. Ocupou-se assim a vaga deixada em aberto desde 1911, quando da morte do professor Márcio Nery.

Cabe destacar que Esposel era discípulo e amigo pessoal de Austregésilo, que inclusive foi seu padrinho de casamento, em 1922²⁹⁷. Sua formação profissional se deu junto ao catedrático de neurologia e a Juliano Moreira, no Hospício de Alienados. Tornou-se livre docente de neurologia, em 1913²⁹⁸. Seus laços de amizade e interesses profissionais o ligavam mais ao lente de neurologia do que ao de psiquiatria.

Ernani Lopes conquistou a livre docência de Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas em 1911²⁹⁹. Com a criação da cadeira de clínica neurológica, em 1912, este docente requereu a sua transferência para esta, sem ter que participar de um novo concurso, pois a

²⁹³ *O Paiz*, 21/02/1920.

²⁹⁴ *O Paiz*, 21/02/1920; *A Noite*, 28/02/1920.

²⁹⁵ *O Brasil*, 29/04/1922.

²⁹⁶ *Correio da manhã*, 29/04/1922.

²⁹⁷ *O Paiz*, 27/07/1922.

²⁹⁸ MAGALHÃES, Fernando. *O centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: 1832-1932*. Rio de Janeiro :A.P.Barthel, 1932., p.389.

²⁹⁹ LOPES, Ernani. *Estudo clínico do complexo estupor em neuro-psiquiatria*. 1922. 174p. Theses de Concurso (professor substituto da 19ª Seção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro). p.iv.

docência que havia conquistado antes incluía as temáticas que doravante fariam parte da cátedra de neurologia³⁰⁰.

Ambos os candidatos à vaga de substituto possuíam inclinação para a neurologia, eram médicos do hospício de alienados, pertencendo à rede do catedrático de neurologia e de Juliano Moreira. Concluíram o curso de medicina em 1910. Enquanto Lopes realizou estudos de aperfeiçoamento, “ora de psiquiatria, ora de neurologia, até princípios de 1915, época em que, [foi] comissionado pelo Governo Federal para estudar os estabelecimentos de Assistência a Alienados dos países platinos”³⁰¹, Esposel buscou a especialização na Europa.

Em 1929, Esposel substituiu Roxo³⁰² durante sua a viagem aos Estados Unidos, quando de sua participação no 9º Congresso Internacional de Psicologia. Um fato curioso ocorrido nesse período nos chamou a atenção e vale a pena expor aqui, devido a sua relação com a atividade do docente no espaço como lente substituto. Esposel ministrou uma interessante aula aos alunos do sexto ano de medicina, apresentando um paciente conhecido como ‘profeta da Gávea’ – o recolhimento desse suspeito de alienação tinha causado grande repercussão na imprensa e na população do Distrito Federal, devido a aura de santidade em torno do observado. Essa aula, em específico, foi muito concorrida, com a presença de Pernambuco Filho, Bueno de Andrada e alguns jornalistas³⁰³.

Em sua exposição, Esposel apresentou o paciente e, após este se retirar do recinto, iniciou suas considerações sobre o caso, com o auxílio do assistente Aduino Botelho. Devido à ênfase da mídia ao caso, a discussão acerca do diagnóstico do paciente ficou para a aula seguinte³⁰⁴. Essa matéria, publicada no *O Paiz* revelou um pouco da rotina das aulas e a análise do caso foi prolongada a fim de que não houvessem dúvidas quanto ao diagnóstico do suspeito. A exposição do caso pela mídia foi uma oportunidade de apresentar um breve resumo da psiquiatria praticada no espaço, além de desmistificar o personagem que havia conquistado projeção no Distrito Federal. Embasada na observação clínica minuciosa e detalhada, em entrevistas e testes psicológicos, a psiquiatria, como ciência médica, revelaria à população os distúrbios psíquicos e alucinações sofridos pelo ‘profeta da Gávea’.

A ausência do catedrático também era uma oportunidade para o lente substituto ter sob si a luz dos holofotes. Ao expor os seus saberes, conduzir as aulas teóricas e práticas do espaço de acordo com o seu estilo pessoal, demonstrar a sua capacidade administrativa e competência

³⁰⁰*Ibidem.*

³⁰¹*Ibidem*, p.v.

³⁰²*O Jornal*, 29/10/1929.

³⁰³*O Paiz*, 11/10/1929

³⁰⁴*Ibidem.*

científica, Esposel obteve maior visibilidade junto a Congregação da Faculdade, a imprensa local e o público leigo.

2.2.2 Os auxiliares de ensino

2.2.2.1 A Chefia da Clínica e do Laboratório

Adauto Botelho exerceu a chefia da clínica psiquiátrica no período de 1921 a 1938. A figura desse docente merece destaque, visto o papel que representou na psiquiatria brasileira. Ele foi interno da Clínica Psiquiátrica e após a conclusão do curso de medicina, em 1916, tornou-se assistente da referida clínica. Logo depois de Roxo ter sido empossado como catedrático, concedeu a Botelho a chefia do laboratório e da Clínica do Pavilhão.

Como responsável pelo laboratório, supervisionava e assinava todos os exames ali realizados. A amizade, confiança e habilidade de Adauto em sua convivência cotidiana com Roxo, contribuíram para a sua indicação para a dupla função.

Figura 8 - Adauto Botelho no Laboratório do Pavilhão.



Fonte: *Vida Doméstica*, 1929.

Roxo declarou ao *Jornal do Brasil*, em 1936, que considerava Botelho “um dos seus mais diletos amigos³⁰⁵”, que este tinha a tendência de o ver “por um prisma muito favorável e dar conseqüentemente um valor exagerado ao pouco que eu tenho feito³⁰⁶” e ainda,

³⁰⁵ *Jornal do Brasil*, 04/08/1936.

³⁰⁶ *Ibidem*.

tenho por este meu muito querido amigo como um dos mais competentes especialistas em doenças mentais e nervosas. Dotado de uma inteligência muito clara e pujante, possuidor de uma enorme erudição, tem, além disto, um dos caracteres mais puros que em toda a minha vida tenho encontrado... Compreende-se bem a fortuna que possui um professor que tem como seu companheiro um homem da valia moral de Aduino Botelho³⁰⁷

Na posição de chefe da clínica, esse docente, na ausência de Roxo e Esposel, regeria a instituição e ministraria as aulas. O que de fato veio a acontecer em 1926, quando o lente e seu substituto se ausentaram devido a viagens à Europa, com o objetivo de acompanhar os avanços da psiquiatria naquele continente.

Essa ocasião foi representativa para Aduino Botelho: estava completando dez anos de formatura e era considerado um profissional de prestígio e respeito junto à comunidade acadêmica e científica do Distrito Federal³⁰⁸.

Estando a frente do Pavilhão, Botelho aproveitou a oportunidade para confirmar sua capacidade administrativa, científica, traquejo político e expertise ao conduzir as aulas da instituição. A revista *Vida Doméstica* realizou uma matéria sobre a sua primeira aula na categoria de substituto interino³⁰⁹. Além dos alunos, estiveram presentes, prestigiando o jovem docente, os professores Juliano Moreira, Austregésilo, Carneiro Leão, Pernambuco Filho, Bueno de Andrada, dentre outros³¹⁰.

Um fato curioso ocorreu em 1927, estando o catedrático em viagem de estudos pela Argentina e Uruguai, Esposel e Botelho na Europa, pelo mesmo motivo, fez com que Roxo entregasse a direção do pavilhão para o assistente militar Florêncio Carlos de Abreu Pereira, escolhido devido ao seu destaque na referida Clínica³¹¹.

Em 1936, Botelho também substituiu Roxo, sendo que nessa ocasião a cadeira não mais possuía um lente substituto, pois Esposel tinha falecido em 1931.

Após a transferência do Pavilhão para a Universidade do Brasil, a chefia da Clínica passou a ser ocupada por Flavio de Souza. Este psiquiatra formou-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, era assistente e livre docente da cátedra desde 1935. Paulo Lacaz substituiu Botelho na chefia do laboratório, sendo também responsável pelo gabinete de interferometria. Lacaz acumulava essas funções com a de assistente da Cátedra de Química

³⁰⁷*Ibidem*.

³⁰⁸ Nessa ocasião, Aduino Botelho examinou e diagnosticou o *serial killer* Febrônio Índio do Brasil, o filho da luz, como portador de estado atípico de degeneração, apresentando-o como caso clínico de uma de suas aulas. O diagnóstico foi confirmado por Henrique Roxo no ano seguinte, quando o caso Febrônio atingiu grande repercussão no Distrito Federal - *Correio da Manhã*, 04/10/1927.

³⁰⁹*Vida doméstica: revista do lar e da mulher*, set. 1926.

³¹⁰*Ibidem*.

³¹¹ ROXO, Henrique. A psiquiatria na guerra. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, 1942, p.20.

Fisiológica. Conquistou a Livre docência em 1943. Foi catedrático de Química Fisiológica da Faculdade Fluminense de Medicina (1947) e catedrático de Química Orgânica e Biológica da Faculdade Nacional de Farmácia (1948).

2.2.2.2 A Chefia do Serviço de Psicologia Experimental

A Psicologia experimental era um recurso científico muito utilizado no Pavilhão para dar mais credibilidade aos diagnósticos designados pelos médicos e assistentes daquela instituição. Roxo foi um dos primeiros a utilizar esse recurso no Brasil, aplicando-o em sua tese de doutoramento, em 1900. Ao assumir a cátedra, buscou "utilizar o ótimo gabinete de psicologia que há num pavilhão apêndice a clínica [informando que] não há um único alienado, utilizado para o ensino, [...] que não seja acompanhado dos dados precisos para uma perfeita diagnose."³¹² Para tanto, designou Eurico Sampaio, na época assistente extranumerário, para chefiar o serviço e o interno Janduhy Carneiro³¹³, como auxiliar do serviço.

Em meados da década de 1920, a verba anual destinada para o serviço de psicologia experimental era de 400\$000, considerada pequena, "quase nem chega para a aquisição de novos testes, processo que domina a moderna orientação psicológica"³¹⁴. Mesmo assim, em 1924, o deputado Francisco Sá Filho (1891-1964)³¹⁵ apresentou uma emenda ao orçamento do Ministério do Interior pedindo a supressão da verba para o pagamento do funcionário que executava o serviço no Pavilhão, em favor dos cofres públicos³¹⁶ - cerca de trezentos mil réis. A emenda foi rejeitada, porém no ano seguinte o deputado retornou com a proposta na Câmara. Roxo buscou o apoio junto a imprensa e a comunidade leiga, denunciando esse fato no *Jornal do Brasil*. Sugeriu, inclusive, a criação de mais uma vaga de assistente efetivo, encarregado da psicologia experimental, o que garantiria a continuidade dessa atividade na instituição. Recomendou que os deputados, antes de extinguirem qualquer serviço, deveriam ter maior conhecimento de causa, a fim de se evitar as injustiças. Mais especificamente, declarou "a demonstração de má vontade em relação ao ensino da Clínica Psiquiátrica e ao seu professor"³¹⁷. E defendendo o serviço que considerava indispensável, um diferencial para a parte prática do

³¹² *Jornal do Brasil*. 26/04/ 1925.

³¹³ José Janduhy Carneiro (1903-1975) – Secretário do Interior e Segurança Pública da Paraíba (1942-1945), deputado federal – relator do Plano Salte na Comissão de Saúde na Câmara dos Deputados (1948). Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. FGV, 2001, p.1134-1135.

³¹⁴ *Ibidem*.

³¹⁵ Foi juiz do Tribunal Superior Eleitoral (1946-1950).

³¹⁶ *Jornal do Brasil*. 14/07/ 1925.

³¹⁷ *Ibidem*.

ensino, expos que “muito me interessa a eficiência prática de minha cadeira e não fique ela em situação inferior à de suas similares estrangeiras”³¹⁸.

O redator da matéria jornalista também pondera que “a economia seria mínima diante do enorme prejuízo do material abandonado e da documentação de atraso científico”³¹⁹, e numa outra reportagem informa que o referido deputado não conhece pessoalmente do gabinete de psicologia, pois

Se soubesse da eficiência dos seus trabalhos, desde que assumiu a cátedra de psiquiatria o Sr. Professor Roxo, certamente, como nós, ficaria a reparar que, unicamente por amor a especialidade, um doutor em medicina [Eurico Sampaio] se sujeita a exercer as funções que cabem ao respectivo conservador técnico pela insignificante gratificação de trezentos mil reis por mês.³²⁰

Não obstante o baixo valor da remuneração e ao fato de ‘um doutor em medicina’ se submeter a situação economicamente precária, os ativos intangíveis referentes ao cargo ocupado, a experiência prática adquirida e o prestígio social alcançado, não foram levados em consideração. Afinal era necessário angariar o apoio da população do Distrito Federal pela possível perda no ensino médico acadêmico da FMRJ.

Com objetivo de conseguir mais apoio da população com a ajuda da imprensa, Roxo apresentou ao jornalista os livros de observações, demonstrando assim que todos os doentes utilizados nas aulas eram previamente examinados no Gabinete de Psicologia Experimental. O repórter saiu do Pavilhão com uma boa impressão das atividades por lá executadas, tanto que sugeriu em sua matéria que Sá Filho visitasse a Clínica Psiquiátrica, que visse as observações clínicas dos pacientes e ainda, se lhe sobrasse tempo, assistisse a uma aula de Roxo³²¹. O catedrático garantiu assim um aliado contra a emenda.

O assistente Janduhy Carneiro, membro de uma família de políticos paraibanos, igualmente se solidarizou com seu mestre, publicando matéria no periódico *O Jornal*. Nesta, lamenta a atitude do deputado e evidencia a posição da psicologia nos meios intelectuais e científicos internacionais, assim como menciona a visita dos professores Henri Pieron (1881-1964) e George Dumas (1866-1946), que por intermédio do Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura, divulgaram a psicologia experimental ao Brasil. Sublinha as atitudes de Roxo e Sampaio no ensino e na prática da psicologia, assim como afirma confiar no apoio e sentido de justiça do diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Rocha Vaz e do ministro da Justiça, Dr. Afonso Augusto Moreira Penna Júnior (1879-1968).³²²

³¹⁸ *Ibidem*.

³¹⁹ *Ibidem*.

³²⁰ *Jornal do Brasil*. 17/07/ 1925.

³²¹ *Ibidem*.

³²² *O Jornal*, 27/08/ 1925.

Não foram localizados nos jornais o desfecho do caso da emenda de 1925, sobre a supressão da verba, mas o serviço no Gabinete de Psicologia continuou sendo executado por Sampaio e por seu auxiliar, que aplicavam e faziam a análise referente aos testes psicológicos dos pacientes. Carneiro até mesmo implementou um método para associação de ideias, atenção e raciocínio no Gabinete de Psicologia do Pavilhão.

Sampaio viria a ser médico assistente do HNA e oficial professor da Escola Militar. Conquistou a livre docência em psiquiatria da Faculdade de Medicina em 1933. Carneiro tornou-se assistente em 1927, mas retornou ao seu estado natal, no final desta década, para se dedicar a política, atividade que já fazia parte de sua família.

A partir de 1929 passou a exercer a chefia do serviço de Psicologia Experimental Inaldo de Lyra Neves-Manta³²³. Este docente havia anteriormente ocupado as funções de interno e assistente da Clínica Psiquiátrica, embora os testes psicológicos, anexados aos livros de observações clínicas, continuassem com a assinatura de Sampaio. Neves -Manta colaborou com Roxo, em 1933, na organização do curso de Aperfeiçoamento Psiquiátrico, estruturando o conteúdo dos temas ministrados nesse curso pelos professores da Clínica para a publicação – *Novidades em doenças mentais* (1934) e *Psicanálise e outros estudos* (1934). Conquistou a livre docência em 1934. Fundou com Porto Carrero, Murilo de Campos, Durval Marcondes e Carneiro Ayrosa a primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Em 1938, Rodrigo Ulysses passou a ser o responsável pelo serviço de psicologia experimental e pela nova chefia da enfermaria – chefia esta inexistente no período do Pavilhão. Esse docente também era responsável pela seção de metabolismo basal. Na década seguinte, foi nomeado diretor do Manicômio Judiciário do Serviço Nacional de Doenças Mentais.

2.2.3 Os livre-docentes da Instituição

Além dos docentes acima relacionados, que exerceram cargos de confiança na gestão de Roxo, como auxiliares de ensino, a equipe acadêmica do Pavilhão era composta por outros professores que também ministravam aulas no espaço, contribuindo, assim, para divulgar a especialidade entre os futuros médicos e participando da formação de novos especialistas que passaram a clinicar em várias localidades brasileiras.

³²³ Dados extraídos do Curriculum de Inaldo Neves-Manta. Documento pertencente à pasta deste acadêmico na Academia Nacional de Medicina.

Em 1928 Xavier de Oliveira conquistou a livre docência³²⁴, sendo também médico do Hospício de Alienados. Se dizia discípulo de Henrique Roxo³²⁵. Engajou-se com os propósitos da eugenia e da higiene mental, visando o melhoramento da raça brasileira, principalmente no que se refere aos sertanejos³²⁶. Dedicou seu livro *Espiritismo e Loucura* à memória do jornalista Jackson de Figueiredo (1891-1928)³²⁷, expressando o seu envolvimento com o catolicismo brasileiro³²⁸. Nesse seguimento, foi eleito deputado federal em 1933 pela Liga Eleitoral Católica, defendendo, ao lado de Miguel Couto (1865-1934), a proibição da entrada de imigrantes japoneses e de grupos de cor, especialmente negros, no Brasil³²⁹. Permaneceu nesse cargo até 1937, quando, com o Estado Novo, os partidos políticos brasileiros foram extintos³³⁰.

José Carneiro Ayrosa foi outro docente do Pavilhão, também era assistente e psiquiatra da Assistência aos Alienados. Foi integrante da Sociedade de Psiquiatria e Filosofia³³¹. Nos fins da década de 1920, apresentou familiaridade com a psicanálise, tanto no plano teórico como no clínico³³².

Heitor Peres foi assistente da Clínica a partir de 1932. Não foi localizada o ano em que conquistou a livre docência - alguns indícios em textos jornalísticos indicam que no ano de 1936 ele já ocupava essa posição³³³. Neste ano lecionou juntamente com Pedro Pernambuco um dos cursos equiparados em psiquiatria³³⁴. Na Policlínica de Botafogo foi assistente de Pernambuco Filho no setor de neuropsiquiatria infantil, em 1937³³⁵. Posteriormente tornou-se diretor da Colônia Juliano Moreira³³⁶ em 1946.³³⁷

³²⁴ *Correio da Manhã*, 28/10/1928.

³²⁵ OLIVEIRA, Antônio Xavier de. Do direito de testar dos insanos: trabalhos de psiquiatria jurídica e social. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1946., p.8.

³²⁶ *Correio da Manhã*, 22/12/1932.

³²⁷ OLIVEIRA, Antônio Xavier de. *Espiritismo e loucura: contribuição ao estudo do fator religioso em psiquiatria*. Rio de Janeiro : A. Coelho Branco Filho, 1931.

³²⁸ Jackson de Figueiredo Martins - advogado, escritor e colaborador dos periódicos *O Jornal* e *Gazeta de Notícias*. Participou do movimento católico leigo brasileiro, fundou o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*.

³²⁹ ABREU, Alzira Alves de. (et. al.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. 2ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Ed. FGV; CPDOC, 2001, 5v. p.4148.

³³⁰ *Ibidem*.

³³¹ *Diário de notícias*, 05/02/1931.

³³² MOKREJS, Elisabete. *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis : Vozes, 1993., p. 127.

³³³ *Jornal do Brasil*, 29/12/1936.

³³⁴ *A Noite*, 11/03/1936.

³³⁵ *Correio da Manhã*, 30/09/1938.

³³⁶ Inicialmente denominada de Colônia de Psicopatas-Homens, foi inaugurada em 1924. Sobre ela, ver: VENANCIO, Ana, Teresa A. Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl., dez. 2011, p. 35-52.

³³⁷ *Diário de Notícias*, 27/04/1946.

Zacheu Esmeraldo foi interno da Clínica Psiquiátrica (1911-1912) durante parte da gestão de Pedro Pernambuco³³⁸. Atuou como médico assistente da Assistência aos Psicopatas, ocupando a chefia da enfermagem Afrânio Peixoto, no Instituto de Neurosífilis³³⁹. Não foram localizadas informações sobre sua entrada no Pavilhão como assistente, mas em 1930 já ocupava esse cargo³⁴⁰. Provavelmente fez concurso para a livre docência em 1934, de acordo com informação divulgada em uma nota publicada no *Jornal do Brasil*³⁴¹, informando o nome dos candidatos e horário das provas. Embora não tenhamos localizado documentos que indiquem a sua aprovação nesse concurso, no ano seguinte Zacheu Esmeraldo ministrou um dos cursos equiparados de psiquiatria³⁴².

Januário Bittencourt formou-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1917 e era médico do Hospício de São Pedro, em Porto Alegre (RS), em fins da década de 1920³⁴³. Após viagem à Europa, com o objetivo de buscar aperfeiçoamento em neuropsiquiatria³⁴⁴, radicou-se no Rio de Janeiro, onde participou do concurso para livre docente em 1934. Antes foi médico oficial do Exército, entre 1923³⁴⁵ e 1926³⁴⁶. No início da década de 1940 foi diretor da Sociedade de Psicologia individual do Rio de Janeiro.³⁴⁷ Ademais anunciava seus serviços profissionais no início desta década, na área de psicoterapia, paralisias e orientação educativa de crianças nervosas³⁴⁸.

Na década de 1940, o catedrático, engajado na produção de pesquisas sobre as doenças mentais e nos seus respectivos tratamentos, distribuiu a execução dessas entre os seus docentes/assistentes. No primeiro artigo publicado nos *Anais* de 1942 e de 1943, ambos intitulados *Instituto de Psiquiatria*, noticiava quais os docentes responsáveis por cada investigação. É interessante notar que os auxiliares eram responsáveis por várias pesquisas que eram realizadas simultaneamente. Roxo, apesar de não possuir uma equipe numerosa de assistentes e nem vultosas verbas, pretendia analisar o maior número possível de doenças e

³³⁸ *O Paiz*, 29/03/1912.

³³⁹ *Diário de Notícias*, 21/02/1936.

³⁴⁰ *Diário Carioca*, 10/05/1930.

³⁴¹ *Jornal do Brasil*, 29/11/1934.

³⁴² *Jornal do Brasil*, 19/02/1935.

³⁴³ CHEUICHE, Edson Medeiros. *Hospital Psiquiátrico São Pedro: "linha de tempo" (1874 a 1957)*. In: <http://www1.saude.rs.gov.br/dados/1326202340912INTERNET%20-%20Linha%20de%20tempo%20HPSP.pdf>

³⁴⁴ CAMINHOS cruzados de dois grandes realizadores da psiquiatria brasileira: Antonio Carlos Pacheco e Silva e Jacintho Godoy. *Psychiatry on line*, v.13, n.1, 2008.

³⁴⁵ *O Jornal*, 15/02/1923.

³⁴⁶ *O Jornal*, 05/06/1926.

³⁴⁷ *Jornal do Commercio*. 1942.

³⁴⁸ Anuncio publicado no *Correio da Manhã*, 14/03/1941.

terapêuticas, utilizando métodos modernos, visando tornar o IPUB uma instituição de ensino moderna e modelar.

Nos chamou atenção o fato do assistente Manoel Novais, também auxiliar Roxo estar presente na organização do serviço administrativo e financeiro do Instituto de Psiquiatria³⁴⁹. Essa decisão indicava a provável inexistência de profissionais unicamente voltados para o gerenciamento da instituição. Ao possuir autonomia financeira, era necessário que a direção passasse a ter clara noção do controle dos recursos financeiros, visto que o gasto dos valores deveria estar em sintonia com os resultados que se pretendia alcançar. Além das atividades administrativas, Manoel Novais desenvolvia pesquisas direcionadas à nutrição dos doentes mentais, sobre a sífilis nervosa e sobre as modernas terapias da epilepsia. Nesse sentido, cooperava também com Henrique de Novais Filho, responsável pelo serviço de eletroencefalografia³⁵⁰, na realização de pesquisas utilizando o eletroencefalógrafo³⁵¹.

Como foi anteriormente pontuado, o grupo que se aglutinou em torno da liderança institucional de Roxo recebeu constantemente novos membros, aos quais o lente procurou transmitir os seus conhecimentos e indicar suas preferências. Em contrapartida, os novos elementos trouxeram vitalidade ao grupo, pois estavam mais aptos a pôr em prática as pesquisas selecionadas por Roxo sobre as novas teorias e práticas circulantes no meio psiquiátrico da década de 1940, período em que o Instituto de Psiquiatria obteve mais liberdade administrativa e econômica ao ser vinculado apenas à Universidade do Brasil.

A ausência dos antigos registros administrativos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro impossibilitaram o mapeamento do itinerário seguido por alguns desses docentes após 1938, uma vez que alguns deixaram de ser mencionados nas fontes levantadas. Acreditamos que a lei de desacumulação de cargos influenciou nas escolhas de uma pequena parte dos antigos integrantes do quadro de docentes, como já mencionado nesta dissertação.

Quanto aos demais membros da equipe, nossa pesquisa revelou alguns dados interessantes. Por exemplo, descobrimos que Pedro Pernambuco Filho, devido aos episódios vivenciados com Roxo envolvendo a disputa da direção do Pavilhão, foi excluído do círculo de amizades deste, não ocupando nenhum cargo de confiança na Instituição. Embora tenha sido demitido do cargo de assistente em 1919, o fato de ter conquistado a livre docência da clínica Psiquiátrica por concurso, deu-lhe a segurança de permanecer nesse cargo. Apesar da amizade

³⁴⁹ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único, p.3-6, 1943., p.4.

³⁵⁰*Vida Doméstica*, ago.1944.

³⁵¹ Aparelho que permite tirar traçados de ondas elétricas cerebrais que caracterizam certos doentes mentais como epiléticos.

com Juliano Moreira e com o catedrático de neurologia, Austregésilo, Pernambuco Filho teve que edificar sua carreira profissional individualmente, especializando-se em temas que considerava caros dentro da psiquiatria: o estudo das toxicomanias e da infância anormal. Dentro do caminho escolhido, conquistou prestígio e respeito. Nesse contexto, em 1941, tornou-se Diretor do Centro de Pesquisas Educacionais³⁵², passando posteriormente a presidente interino da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes³⁵³ e perito da Organização Mundial de Saúde³⁵⁴.

Sobre Aduino Botelho, os documentos mostraram que, em 1938, este foi empossado no cargo de diretor da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal e em seguida diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais³⁵⁵. Encontramos informações também de que Neves-Manta, por concurso, em 1937, tornou-se professor de psicologia e sociologia na Faculdade Nacional de Medicina³⁵⁶.

Já sobre Carneiro Ayrosa, descobrimos que ele foi exonerado da Assistência aos Psicopatas, em 1936³⁵⁷, por exercício de atividade subversiva³⁵⁸. Não obtivemos informações se houve ou não desligamento com a Clínica Psiquiátrica. Como o seu nome não mais apareceu vinculado a nenhuma atividade do Pavilhão depois de 1936, inferimos que Roxo, simpatizante de Vargas, não deva ter tido interesse em mantê-lo como docente naquele período. Entretanto, sua reintegração como médico psiquiatra da Assistência se deu em 1941³⁵⁹. Em relação a Faculdade de Medicina, nesse mesmo ano, Ayrosa, na qualidade de docente dessa instituição, ministrou uma série de palestras sobre higiene mental, pela Rádio Nacional³⁶⁰. A primeira apresentação contou a presença de Aduino Botelho, então Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Botelho elogiou a iniciativa da Rádio sobre o tema e a escolha de Ayrosa como palestrante³⁶¹. Pelo visto Ayrosa superou a adversidade ocorrida no passado e recuperou a credibilidade no ambiente político e profissional.

³⁵² *Correio da Manhã*, 9/05/1942.

³⁵³ *Correio da Manhã*, 12/11/ 1941.

³⁵⁴ Pasta Pedro Pernambuco Filho. Academia Nacional de Medicina.

³⁵⁵ VENANCIO, Ana, Teresa A. Da colônia agrícola ao hospital-colônia. *Op. cit.*, p. 44.

³⁵⁶ NEVES-MANTA, Inaldo de Lira. [*Curriculum vitae*]. Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, [196?]. 1f.

³⁵⁷ *Correio da Manhã*, 30/09/1936.

³⁵⁸ Carneiro Ayrosa não foi o único médico da Assistência a ser acusado de envolvimento com atividades subversivas. Nise da Silveira (1905-1999), no mesmo ano de 1936, também foi acusada pelo mesmo delito. Foi denunciada por uma enfermeira do Hospício de Alienados por ter livros marxistas em sua estante. Por esse motivo permaneceu presa durante 15 meses no presídio da Frei Caneca. Foi reintegrada à Assistência em 1944. PICCININI, Walmor J. História da Psiquiatria: Vida e obra de Nise da Silveira. *Psychiatry on line Brasil*, v.7, n.9, 2002. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano02/wal0902.php>>

³⁵⁹ *Jornal do Commercio*, 04/09/1941.

³⁶⁰ *A Noite*, 13/06/1941.

³⁶¹ *Ibidem*.

Dentre os integrantes do grupo que se formou entre os anos 1920 e início da década de 1930, permaneceram na instituição até o final da gestão de Roxo os professores Bueno de Andrada e Xavier de Oliveira, que além de amigos pessoais do lente, possuíam um perfil mais conservador.

2.3 AS RELAÇÕES DO PAVILHÃO COM A FACULDADE DE MEDICINA E COM A ASSISTENCIA AOS ALIENADOS

A estreita ligação institucional do Pavilhão com o Hospício de Alienados e com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro contribuiu para que se estabelecessem intercâmbios entre esse grupo, não somente na esfera profissional, científica e política, mas também colaborou para a criação de vínculos de amizade e algumas desavenças.

Henrique Roxo definiu como postura política, evitar trazer à público os seus atritos e desafetos profissionais. Constatamos nas fontes levantadas que poucas vezes manifestou insatisfação com os seus pares. Em relação a Faculdade de Medicina, as fontes evidenciam um bom relacionamento, o que não poderia ser diferente, visto esta instituição ser o seu esteio político e profissional. Uma exceção foi a matéria publicada pela revista *Vida Doméstica*, de 1925, na qual o catedrático declarou que não simpatizava com o professor Domingos de Góes e Vasconcellos (1856-1921), mas confessava haver mudado seus sentimentos em relação ao colega, após o elogio fúnebre que este lhe fez em 1911³⁶².

O periódico *Vida Doméstica* realizou muitas matérias exaltando as qualidades científicas e pessoais de Roxo e sobre a importância social do Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatria. O fundador da Revista, Jesus Gonçalves Fidalgo³⁶³, foi enfermeiro no Hospício de Alienados, na época de Teixeira Brandão. Ali conheceu e travou amizade com Roxo. Posteriormente, Fidalgo foi promovido a enfermeiro chefe no Pavilhão. Recebeu apoio e incentivo desses psiquiatras para estudar e obter a colocação desejada na imprensa. Em forma de agradecimento, dedicou inúmeras páginas de sua revista a Roxo, divulgando, na sociedade carioca, as atividades realizadas pelo psiquiatra e por sua equipe na instituição. Contribuiu, assim, para a popularização da psiquiatria entre o público leigo e favoreceu a legitimação desse campo médico no Rio de Janeiro. Fidalgo também homenageou seu amigo por meio da

³⁶² Em 1911, Roxo esteve à beira da morte. Na ocasião espalhou-se na Faculdade de Medicina o boato de sua morte. O professor Domingos de Góes, de quem Roxo não gostava, lhe fez um longo elogio fúnebre, concluído com lágrimas. A partir de então, o lente mudou sua postura em relação a esse professor, passando a lhe querer bem. Esse episódio foi revelado em duas ocasiões, pela mesma revista. *Vida Doméstica*, jul. 1925; *Vida Doméstica*, ago. 1946.

³⁶³ *Vida Doméstica*, jul. 1948.

publicação do livro *Henrique Roxo e a medicina mental do Brasil*. Apesar de seu conteúdo expressamente tendencioso, essa fonte nos revelou momentos e imagens significativas do cotidiano de nosso personagem que não foram localizados em outros documentos.

No que tange a outras querelas existentes entre a equipe do Pavilhão e a do Hospício, vale chamar atenção à relação que aconteceu, no limiar do século XX, no início da carreira de Roxo, quando este iniciou uma amizade com Jefferson Sensburg de Lemos³⁶⁴, que inclusive foi seu padrinho de casamento, em 1902³⁶⁵.

Com o passar dos anos, durante o processo de transferência do Pavilhão para a Universidade do Brasil, mais precisamente em 12 de agosto de 1938, o jornalista Wladimir Bernardes, da *Gazeta de Notícias*, publicou uma matéria denunciando a formação de um “*complot*”, devido à insatisfação de alguns psiquiatras do Hospício de Alienados, dentre eles Jefferson de Lemos, que ocupava os cargos de Diretor Interino da Assistência aos Psicopatas e Diretor do Hospital de Alienados³⁶⁶, contra esta medida do governo³⁶⁷. Embora Lemos tenha feito uma réplica no mesmo jornal, informando que Bernardes estava exagerando, e o que de fato ocorreu foi apenas a posição de alguns psiquiatras que apresentaram “pontos de vista divergentes, quanto à interpretação dos termos do decreto³⁶⁸” do Governo, referindo-se ao Decreto-Lei nº 591, de 1938. O jornalista defendeu sua posição e ampliou sua crítica contra Lemos, definindo-o como fraco e positivista. O Diretor da Assistência viria a ser demitido do cargo alguns dias depois, sendo substituído por Aduino Botelho.

Para Bernardes, os psiquiatras do casarão da Praia Vermelha eram como

Uma capelinha burocrático científica, onde pontifica a família psiquiátrica, espécie de balaio de caranguejos sempre em constante mobilidade de apertos e desapertos, uns por cima dos outros, a procura de melhor colocação nos exíguos limites dos quadros dos funcionários [...] formando na casa dos loucos um ambiente vesânico, alucinante com vertigens de mando e desmandos no seu próprio corpo clínico.³⁶⁹

Nesse contexto percebemos que o jornalista considerava o grupo de médicos do Hospício como componentes de uma rede de intrigas, onde cada um buscava uma posição de destaque no espaço, tornando-o desordenado, desregrado, sem uma liderança carismática e

³⁶⁴ Foi médico psiquiatra do Hospício de Alienados e Diretor da Assistência aos Alienados. Era adepto do positivismo.

³⁶⁵ *Gazeta de Notícias*, 08/11/ 1902.

³⁶⁶ *Correio da Manhã*, 20/06/1937.

³⁶⁷ *Gazeta de notícias*, 12/08/1938.

³⁶⁸ *Gazeta de notícias*, 16/08/1938.

³⁶⁹ *Gazeta de notícias*, 18/08/1938.

ativa, o que impedia a prática de métodos de trabalho científico eficazes para o tratamento dos insanos.

As fontes revelam poucos dados sobre a amizade entre Roxo e Jefferson de Lemos. Em 1925, o catedrático discursou em uma homenagem prestada à Lemos, na Farmácia São João Batista, onde este foi presenteado com um automóvel³⁷⁰. O que percebemos, ao avaliar as matérias de Bernardes, foi que interesses mais amplos, como o fato do catedrático ter se sobressaído nas negociações para a separação do Pavilhão da Assistência, podem ter estremecido a estreita relação entre esses dois psiquiatras, amigos de longa data.

É interessante notar que, a partir de 1921 os vínculos profissionais entre Roxo e Moreira foram sociáveis. Demonstrando assim, que o Pavilhão expressava uma política de boas relações com a Assistência, apesar das rivalidades veladas. As desavenças entre a equipe do Pavilhão e a do Hospício, relevadas no Relatório Ministerial de 1902/1903, devido as correntes teóricas a qual cada instituição tinha se vinculado, eram coisas do passado: naquele momento Roxo buscou evidenciar, pelo menos em público e no seu discurso, a amizade com Moreira.³⁷¹

A grande maioria dos docentes da equipe de Roxo, também era subordinada à Juliano Moreira e trabalhava ou havia trabalhado no hospício, fato esse que reforçava e contribuía para a ideia de cordialidade, respeito e coleguismo entre os integrantes dessas instituições, favorecendo a institucionalização da psiquiatria como ciência médica.

Um episódio interessante, que reforça a amistosidade entre os principais atores da Praia Vermelha, ocorreu em 1929, ocasião na qual seria oferecido um banquete a Juliano Moreira, por seu retorno de uma longa viagem de estudos ao exterior. Entretanto, Juliano sugeriu que os valores que seriam gastos neste evento fossem revertidos em “algo de maior utilidade pública”. Sugeriu que a soma fosse convertida num prêmio que seria denominado de “Sociedade Brasileira de Neurologia e Psiquiatria”, sendo outorgado ao aluno da Faculdade de Medicina que apresentasse o melhor trabalho de doutoramento em psiquiatria ou neurologia.

Em resposta à proposta de Moreira, o professor Fernando Magalhães, diretor da FMRJ entre 1930-1931, aceitou a recomendação, mas sugeriu que o prêmio se denominasse “Juliano Moreira” e fosse entregue anualmente à melhor tese de doutoramento de clínica psiquiátrica³⁷².

³⁷⁰ *Jornal das Moças*, 1925.

³⁷¹ Andrade, em seu artigo homenageando Roxo, nos relata o quanto o catedrático prezava suas amizades, informando que “De uma feita, sondado pela Presidência da República para substituir Juliano Moreira, declarou ser Juliano insubstituível e assim continuou Juliano Moreira por mais alguns anos à frente da Assistência aos Psicopatas de então. “ANDRADE, Oswald Moraes. Henrique Roxo e a Clínica Psiquiátrica. *Boletim da Academia Nacional de Medicina*, Rio de Janeiro, v.140, 1967-1969, p.130.

³⁷² *O Jornal*, 21/06/1929.

Nesta questão específica, Roxo e sua clínica foram bem-sucedidos, em relação ao catedrático de neurologia.³⁷³

Vale mencionar que a cátedra de neurologia foi criada em 1912, contra a vontade de Teixeira Brandão e Henrique Roxo, com a separação desta especialidade médica da psiquiatria (até então a cátedra de Brandão era denominada de Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas),³⁷⁴. Antônio Austregésilo foi seu primeiro ocupante. Segundo Muñoz, existia uma competição entre Roxo e Austregésilo³⁷⁵, uma vez que Roxo foi derrotado em seu posicionamento contra a divisão de sua especialidade e por, a partir de então, ambos ocuparem postos equivalentes na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Perante o público, a rivalidade entre os dois catedráticos também era dissimulada, visto que um sempre prestigiava o evento promovido pelo outro. Na ocasião em que o prédio da Administração do Pavilhão passou a ser denominado de Henrique Roxo, foi Austregésilo que descerrou a placa³⁷⁶; na fotografia em comemoração pela palestra ministrada pelo professor George Guillaín (1876-1961) na clínica neurológica, os dois catedráticos ladeiam o visitante³⁷⁷.

Nesse cenário de vínculos afetivos, Eurico Sampaio, livre docente do Pavilhão e médico do Hospício, foi alvo de uma homenagem pelos funcionários do Hospício de Alienados, que o presentearam com um retrato. A celebração ocorreu na residência do médico, na qual este agradeceu a demonstração de amizade dizendo que na Assistência ele era apenas “um reflexo da obra de Henrique Roxo e Juliano Moreira.³⁷⁸” Após a inauguração, foram servidas taças de *champagne*, finos bolos e doces aos auxiliares e companheiros de trabalho de Sampaio, pois era assim que este considerava a todos. O posicionamento de Sampaio demonstra que buscava desempenhar com harmonia as orientações das suas chefias institucionais, sendo estas responsáveis pela sua atuação e modo de agir no espaço profissional.

Durante o período em que Juliano Moreira esteve à frente da Assistência aos Psicopatas, percebemos um intercâmbio diplomático e polido entre o ensino e a assistência. No entanto, após a aposentadoria deste diretor, em dezembro de 1930, poucas informações foram apuradas

³⁷³O interno de Clínica Psiquiátrica, Manoel Duarte Moreira Neto, foi agraciado com o prêmio Juliano Moreira em 1930. Sua tese intitulada *Contribuição ao estudo da insuficiência hepática nas doenças mentais*, foi defendida na cadeira de Clínica Psiquiátrica, tendo como campo de pesquisa o Pavilhão de Observação. Seu orientador foi Aduino Botelho.

³⁷⁴MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À Luz do Biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. 2015. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. p.101.

³⁷⁵*Ibidem*, p.303-304.

³⁷⁶*Jornal do Brasil*, 12/01/1927.

³⁷⁷*Vida Doméstica*, set. 1932.

³⁷⁸*A Manhã*, 11/08/1929.

relativas ao posicionamento social e científico entre a direção e os profissionais do Pavilhão e do Hospício.

No que se refere à direção da Assistência aos Psicopatas, Waldemiro Pires, assistente do Pavilhão na década de 1920, substituiu Moreira nessa função, sendo nomeado em dezembro de 1930³⁷⁹. Dois anos depois, Pires solicitou exoneração do cargo, sendo substituído interinamente por Jefferson de Lemos³⁸⁰. Alguns dias depois, Gustavo Riedel foi empossado como Diretor da Assistência³⁸¹.

Riedel foi livre docente da clínica psiquiátrica e médico da Assistência³⁸². Foi diretor da Colônia de Engenho de Dentro, remodelando e implementando melhorias e modernas terapêuticas a esse hospital. As qualidades científicas e administrativas desse psiquiatra, indicavam que o governo apostou em seus méritos para alavancar o já decadente Hospício de Alienados, assim como a possibilidade de modernizar a Assistência. Entretanto a saúde deste médico fez com que ele se afastasse de suas atividades em meados de 1933, menos de um ano após a sua posse. Riedel, percebendo que o seu estado de saúde não mais permitiria o seu retorno, solicitou aposentadoria, no qual foi atendido em fevereiro de 1934³⁸³. Veio a falecer em maio daquele ano³⁸⁴.

Jefferson de Lemos voltou a assumir interinamente a direção da Assistência, permanecendo nessa condição até agosto de 1938, quando foi afastado do cargo devido à crise gerada na instituição com a transferência do Pavilhão de Observação, com toda a sua estrutura física, para a Universidade do Brasil. A partir de então, Adauto Botelho assumiu a direção do Serviço de Assistência a Psicopatas³⁸⁵. Em 1941, o Governo Federal extinguiu a Divisão de Assistência a Psicopatas e o Serviço de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal, passando as suas atribuições e atividades a ser exercidas pelo Serviço Nacional de doenças Mentais³⁸⁶, sendo Botelho nomeado o seu primeiro diretor.

Entre 1940 e 1941, Jefferson de Lemos passou a dirigir o já decadente Hospício de Alienados em caráter interino. Em agosto de 1941, Edgard Guimarães de Almeida, livre docente da clínica psiquiátrica e presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia, foi

³⁷⁹ *A Noite*, 09/12/1930.

³⁸⁰ *Correio da Manhã*, 06/10/1932.

³⁸¹ *Diário de Notícias*, 14/10/1932.

³⁸² PICCININI, Walmor J. História da Psiquiatria: Gustavo Kohler Riedel (1887-1934). *Psychiatry on line Brasil*, v.22, mar., 2017.

³⁸³ *Correio da Manhã*, 27/02/1934.

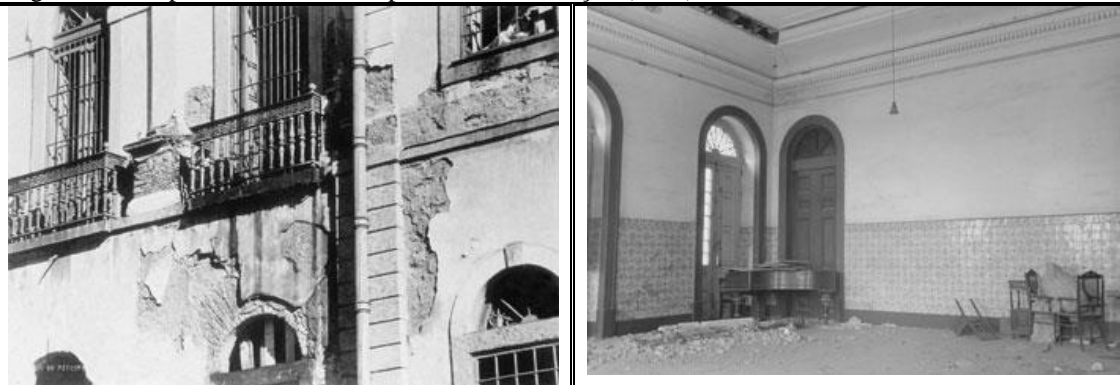
³⁸⁴ *Correio da Manhã*, 17/05/1934.

³⁸⁵ *O Jornal do Brasil*, 30/08/ 1938.

³⁸⁶ Decreto-Lei Nº 3.171, de 2 de abril de 1941.

empossado na direção desse estabelecimento³⁸⁷. Em 1945, com o fechamento do Hospício, Guimarães de Almeida foi nomeado diretor do Centro Psiquiátrico Nacional³⁸⁸.

Figura 9 - Hospício de Alienados após a sua desativação (1945)



Fonte: CALMON, Pedro. O Palácio da Praia Vermelha: 1852-1952.

Todas essas mudanças e reviravoltas políticas, após a saída de Moreira da Assistência, demonstram grande instabilidade até a nomeação de Botelho, quando questões econômicas, políticas e sociais tiveram maior impacto nas decisões governamentais referentes a posição do velho hospício e aos novos rumos da psiquiatria brasileira.

No cenário de decadência da Praia Vermelha, principalmente após a aposentadoria e morte de Juliano, o IPUB se consolidou como o grande detentor, produtor e disseminador do saber psiquiátrico daquele espaço. Conseqüentemente, Henrique Roxo, tornou-se o vencedor das disputas que ocorreram no espaço institucional, por não mais existir, naquele local, quem pudesse concorrer com seus propósitos.

2.4 A PARTICIPAÇÃO DOS DOCENTES EM CURSOS E EVENTOS

A maioria das informações localizadas, entre 1921 e 1945, sobre os intercâmbios científicos nacionais e internacionais do quadro de docentes do Pavilhão referiam-se a Henrique Roxo. Possivelmente, sua posição de catedrático e o seu interesse em sempre estar em evidência, colaboraram para que este alcançasse maior visibilidade nos meios de comunicação da época do que os demais professores. Contudo, alguns outros docentes, além do lente de psiquiatria, também participaram de importantes eventos, como veremos a seguir.

³⁸⁷ *O Imparcial*, 19/08/1941.

³⁸⁸ *A Noite*, 20/04/1945.

Antes de adentrarmos nesse tema, cabe ressaltar que essas viagens destinavam-se a participações e apresentações de comunicações em eventos médico científicos e/ou participação em cursos. Geralmente eram patrocinadas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro ou pela Assistência aos Alienados³⁸⁹. Os docentes tinham a incumbência de analisar os avanços da área e visitar instituições congêneres, como: “universidades, hospitais e clínicas, centros de pesquisa e sociedades especializadas”³⁹⁰. Acreditamos que os trabalhos apresentados nesses congressos internacionais seriam no idioma do país de origem do evento ou em francês. Roxo nos informa que nos dois congressos americanos aos quais compareceu foi-lhe “dito que sempre se deveria falar em inglês, pois outra língua dificilmente seria entendida”.³⁹¹

Henrique Roxo ao concluir o curso de medicina, em 1901, iniciou de imediato sua vida profissional, visto não possuir condições financeiras para se especializar nas clínicas psiquiátricas europeias, como procediam muitos médicos recém-formados de sua época.

Sua primeira viagem de estudos para o exterior teve como destino a Argentina. Somente em 1913 visitaria a Europa pela primeira vez, repetindo essa viagem em mais duas ocasiões (1927 e 1936). Em 1913 matriculou-se nos cursos³⁹² de neurologia de Pierre Marie (1853-1940) e de psiquiatria de Gilbert Ballet (1853-1916), ambos discípulos de Charcot; e de semiologia psiquiátrica de Maxime Laignel-Lavastine (1875-1953)³⁹³, a fim de aprimorar seus conhecimentos no alienismo francês. Participou de um curso com Kraepelin³⁹⁴, possivelmente para ficar a par do andamento da psiquiatria organicista, visto não ter a intenção de utilizá-la em suas pesquisas e produções acadêmicas nos idos da década de 1910, por ainda estar fortemente vinculado à Teixeira Brandão e a seus referenciais. Nesse sentido, declarou que “a doutrina de Kraepelin [era] muito analítica e, em alguns pontos, estava em desacordo com as ideias de Teixeira Brandão, o que fazia com que ‘este não a visse com bons olhos.’”³⁹⁵

³⁸⁹ *O Jornal*, 02/03/1928; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À Luz do Biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. 2015. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. p.0109.

³⁹⁰ VENANCIO, Ana Teresa, CERQUEIRA, Ede Conceição. Os intercâmbios científicos pela Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1907-1933): primeiras notas. In: ISAIÁ, Artur Cesar, PRIEGO, Natalia (Orgs.). *História, ciência e medicina no Brasil e América Latina: séculos XIX e XX*. Canoas : Unilasalle, 2016. p. 11-36. p.30.

³⁹¹ ROXO, Henrique. Impressões de viagem aos Estados Unidos. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, Rio de Janeiro, v.12, n.5, p.9-14, 1940. p.9.

³⁹² *Vida Doméstica: Revista do Lar e da Mulher*, jul.1925.

³⁹³ ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. 4. ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 1946., p.3.

³⁹⁴ FACCHINETTI, Cristiana, NEVES DE MUÑOZ, Pedro Felipe. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro: 1903-1933. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20 n.1, p.239-262, 2013. p. 248; 251-152.

³⁹⁵ *Ibidem*, p.248-249.

Em 1936, a convite do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura³⁹⁶, realizou conferências científicas sobre a psiquiatria brasileira na Clínica de Doenças Mentais da Universidade de Paris, na Sociedade Médico Psicológica e na Sociedade de Neurologia, ambas localizadas em Paris³⁹⁷.

No ano seguinte, o *Jornal do Brasil* noticiou que médicos franceses demonstraram interesse no tratamento das doenças mentais com os extratos fluidos de plantas medicinais brasileiras, idealizado e divulgado por Roxo. O catedrático recebeu cartas de seus colegas franceses solicitando detalhes sobre os tratamentos. O professor René Charpentier, diretor dos *Annales Medico-Psychologiques* solicitou, inclusive, uma relação dos extratos e providencias para que estes fossem comercializados nas farmácias francesas, o que foi atendido por duas drogarias brasileiras³⁹⁸. Não foram localizadas notícias referentes ao resultado alcançado pela terapêutica de Roxo na França.

É interessante notar que Roxo tinha preferência por tratar os pacientes do Pavilhão/IPUB formulando medicamentos com extratos fluidos de plantas medicinais nacionais, sendo este tratamento transmitido aos seus alunos durante as aulas. No decorrer da década de 1950, ainda utilizava estes produtos associados ao uso de eletrochoques e da insulino terapia, de acordo com a tipologia da doença mental. No entanto, nem todos os seus alunos apreciavam essa técnica - desde o final da década de 1930, alguns jovens especialistas consideravam a terapêutica do lente ultrapassada.³⁹⁹ Podemos inferir que o fato de ter clinicado, no início de sua carreira, em farmácias e de ter travado amizade com os médicos e farmacêuticos Orlando Rangel, Domingos Niobey, e João Granado, dentre outros⁴⁰⁰, pode ter contribuído para ampliar seus conhecimentos na manipulação de fórmulas.

Durante a participação de Roxo no 8º congresso Científico Americano, em 1940, visitou o serviço de ensino e de pesquisa da Clínica Psiquiátrica de Nova York, a Universidade de Michigan, assim como os hospitais de clínica de Chicago e de Los Angeles. Aproveitando a oportunidade, visitou também a Liga de Higiene Mental de Nova York, como representante da entidade congênere brasileira, sendo recebido pelo professor Stevenson, presidente dessa sociedade. Durante o encontro, o catedrático alegou que enviava regularmente o periódico

³⁹⁶Esse Instituto, criado em 1922, tinha entre seus objetivos era estreitar as relações franco-brasileiras e o intercâmbio cultural e acadêmico científico entre esses dois países. A MISSÃO intellectual franceza. *Revista de Medicina*, São Paulo, v.7, n.29, 1923.

³⁹⁷ Ver **Apêndice B**.

³⁹⁸*Jornal do Brasil*, 17-10-1937; *Jornal do Brasil*, 21-10-1937; *Jornal do Brasil*, 23-10-1937.

³⁹⁹SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO. Entrevista com Marialzira Perestrello: transcrição na íntegra. 1992., p.37.

⁴⁰⁰*A Imprensa*, julho de 1910.

Arquivos Brasileiros de Higiene Mental para a sociedade. O presidente da Liga americana, no entanto, declarou que não conhecia o idioma português, por isso não podia ler a revista brasileira. Sugeriu, no entanto, que cada artigo deste periódico apresentasse um resumo em inglês, para que pudesse ser compreendido pelo leitor norte-americano⁴⁰¹. A iniciativa de Roxo em divulgar a ciência psiquiátrica brasileira aos seus pares americanos esbarrou, portanto, na barreira linguística.

Muitos trabalhos apresentados em eventos, como foi observado, foram baseados em investigações originais realizadas junto aos pacientes do Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil e em dados estatísticos da Assistência aos Alienados. Ao participar dessas atividades divulgando o resultado de suas pesquisas, Roxo angariou projeção nacional e internacional no campo da medicina mental, concretizando sua identidade profissional e construindo uma rede para trocas científicas e apoio sócio político, principalmente no âmbito da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Esposel, o substituto de Roxo, por sua vez, realizou uma viagem de estudos a França e Alemanha, entre 1926-1927⁴⁰², na qual visitou instituições de pesquisa, hospitais e participou de cursos e estudos em neurologia e psiquiatria. Teve contato com renomados neurologistas, como: Robert Bing (1878-1956), Max Nonne (1861-1959), Otfried Foerster (1873-1941), Georges Guillaín (1876-1961) e Charles Foix (1882-1927). Um dos cursos que participou foi o de simpatologia⁴⁰³, com o professor Laignel Lavastine (1875-1953) em Paris.

Adauto Botelho esteve em missão oficial na Europa, em 1927, onde participou de dois congressos na França, num dos quais apresentou comunicação em parceria com o professor Austregésilo⁴⁰⁴, demonstrando, deste modo, que também nutria interesse pelo campo da Neurologia. Nos debates provenientes aos trabalhos apresentados nesse evento sobre psiquiatria, neurologia e medicina legal, Botelho concluiu que o Brasil não apenas estava a par das inovações científicas, como também realizava pesquisas e estudos nessas áreas. Além dos eventos médicos, Botelho, a pedido de Juliano Moreira e do governo brasileiro, foi estudar a aplicação da eletrologia médica nas doenças nervosas e mentais. Buscou analisar o avanço deste recurso terapêutico nos grandes centros europeus: Paris, Berlim, Munique, Estrasburgo e Viena. Esteve no Salpêtrière com Georges Bourguignon (1876-1963) e com outros estudiosos dessa

⁴⁰¹ *Gazeta de Notícias*. 06/07/1940.

⁴⁰² *O Paiz*, 14/09/1926; *O Imparcial*, 09/02/ 1927, p.8; *O Imparcial*, 18/12/1928; VENANCIO, Ana Teresa, CERQUEIRA, Ede Conceição. Os intercâmbios científicos pela Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. *Op.cit.*, p.31.

⁴⁰³ Estuda o sistema nervoso autônomo, também chamado simpático. É um ramo da neurologia.

⁴⁰⁴ Apresentou a comunicação *Pressão do líquido céphalo-racheano, nas doenças mentaes* e, em parceria com o professor Austregésilo, apresentou *Tumores cerebrais dos ventrículos*.

temática nessas cidades europeias. Em entrevista ao periódico *O Jornal*⁴⁰⁵, o livre docente se mostrou um grande entusiasta dessa terapêutica, assim como Roxo, Moreira e Austregésilo.

Designado pela Assistência aos Psicopatas, entre 1929 e 1930⁴⁰⁶, Cunha Lopes realizou uma viagem de estudos, onde acompanhou os serviços psiquiátricos e estagiou nas universidades alemãs de Hamburgo, Wurzburg, Berlim e Munique. Neste país participou de um curso com o Professor Rudin sobre os principais problemas da herança mórbida e as questões da profilaxia mental, por indicação de Juliano Moreira⁴⁰⁷. Por incentivo de Roxo, Cunha Lopes foi a Viena estudar as questões relativas a terapêutica das doenças mentais e as aplicações da psicanálise. Fez estágio em Paris, interessando-se pela demência precoce e o pelo automatismo mental. Em sua viagem, fez uma rápida passagem pela Itália, a fim de conhecer o Instituto Neuropsiquiátrico. Nessa longa viagem, Cunha Lopes, por intermédio de suas declarações e posterior produção acadêmica, demonstrou possuir maior afinidade com a ciência psiquiátrica biológica alemã.

Quanto aos demais docentes do Pavilhão/IPUB, poucas foram as informações sobre suas participações em eventos científicos. Dentre essas, foi verificado que Pernambuco Filho, também desempenhou um papel importante na projeção do Brasil no exterior, sendo o delegado brasileiro na 2ª conferência de Ópio da Liga das Nações⁴⁰⁸, na qual fez parte da comissão que reorganizou a lei brasileira sobre entorpecentes. Durante essa viagem foi encarregado pela prefeitura do Distrito Federal de também pesquisar a educação de crianças anormais, visto agregar a função de inspetor médico escolar.

A participação em eventos demonstrou que os docentes buscaram complementar seus conhecimentos, acessando inovações científicas e tecnológicas que pudessem responder aos seus anseios e construir estratégias para prevenir e combater as doenças mentais. Em alguns casos, estimulados pelo governo federal, foram explorar novas possibilidades, informações atualizadas sobre a área, visando reunir subsídios para avaliar possíveis implantações de melhorias na Assistência.

Alguns desses eventos foram específicos; outros em áreas correlatas à psiquiatria, com temáticas que estavam em voga do meio político e social da época. Percebemos que esses eventos contribuíram para legitimar suas posições no meio acadêmico profissional, por intermédio da aquisição de novos conhecimentos científicos, registrados em artigos e

⁴⁰⁵ *O Jornal*, 02/03/1928.

⁴⁰⁶ *Diário de Notícias*, 6/07/1930.

⁴⁰⁷ Para maiores informações sobre a viagem de Cunha Lopes a Alemanha ver MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À Luz do Biológico. Op. cit.*

⁴⁰⁸ *O Imparcial*, 14/07/1926.

divulgados à comunidade médica brasileira, fato constatado pelos títulos das produções acadêmicas desses docentes.

Além dos eventos, outro acontecimento importante foi a comissão formada por 12 estudantes do sexto ano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, chefiada pelo professor Bueno de Andrada, em 1926, com o intuito de conhecer instituições congêneres de Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR)⁴⁰⁹. O grupo levou “filmes científicos dos serviços hospitalares e de higiene desta capital”⁴¹⁰ que seriam exibidos nas palestras realizadas pelo livre docente. Dentre os alunos, estava presente Deolindo Couto, na função de orador do grupo⁴¹¹.

Esta comissão permaneceu por alguns dias em Curitiba, onde visitou estabelecimentos de ensino superior daquela capital⁴¹². Em Porto Alegre, foram recebidos por representantes do governo estadual, municipal, por professores e alunos da Faculdade de Medicina, da Escola de Direito e imprensa do Rio Grande do Sul. Dentre as atividades oficiais cumpridas, visitaram o presidente do estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros (1863-1961), a fim de agradecer a acolhida, a Pia Instituição Chaves Barcellos⁴¹³, a Santa Casa de Misericórdia e o Hospital São Pedro⁴¹⁴.

Esta viagem propiciou aos futuros médicos conhecerem um hospital geral e um hospital psiquiátrico pertencentes a outra realidade que não a do Distrito Federal. Os docentes e discentes do sul também tiveram a oportunidade de ter contato com uma outra realidade. A visita ao orfanato, presumivelmente, foi de interesse para Bueno de Andrada, devido a sua outra função profissional, junto à infância. Dessa forma, o intercâmbio intelectual e científico provavelmente beneficiou e aproximou os docentes e discentes de instituições superiores de ambos os estados.

Outro fato interessante, ocorrido nesse mesmo ano foi o curso de técnica de psicologia aplicada, realizado no laboratório da Liga Brasileira de Higiene pelo psicólogo Alfred Fessard (1900-1982), da Sorbone⁴¹⁵. Eurico Sampaio, juntamente com Cunha Lopes e o assistente Florêncio de Abreu, participaram do mesmo. Para o chefe da Psicologia experimental do Pavilhão, foi uma oportunidade para ampliar seus conhecimentos práticos de psicologia, tornando-se um profissional mais capacitado para exercer profissionalmente a medicina e transmiti-la aos seus alunos.

⁴⁰⁹ *O Paiz*, 19-20/07/1926; *Gazeta de Notícias*, 03/08/1926; *Correio da Manhã*, 03/08/1926;

⁴¹⁰ *Correio da Manhã*, 31/08/1926.

⁴¹¹ *A Federação*, 02/08/ 1926.

⁴¹² *A Federação*, 26/07/1926.

⁴¹³ Instituição destinada a abrigar e educar meninas órfãs.

⁴¹⁴ Hospital psiquiátrico fundado em 1874 e inaugurado dez anos depois, em 29 de junho.

⁴¹⁵ *O Paiz*, 13 e 14/09/1926; *Correio da Manhã*, 29/10/ 1926.

Neste capítulo estudamos as redes de sociabilidade decorrentes da interação entre os profissionais do Pavilhão/IPUB e também com a Assistência aos Psicopatas e com a Faculdade de Medicina. Dentro da rotina institucional, permeada com eventos festivos, verificamos a existência de disputas e hostilidades veladas, associações e apoios políticos que refletiram na formação da estrutura hierárquica da instituição. As fontes estudadas revelaram algumas parcerias que foram concebidas no espaço, de acordo com interesses pessoais, comerciais e, até mesmo, científicos. Essas ligações extrapolaram o espaço circunscrito da instituição e muitas vezes passaram para o campo pessoal. Por outro lado, essa equipe de docentes procurou trocar experiências científicas e angariar novos conhecimentos por meio da participação em eventos científicos, que trouxeram visibilidade a esses profissionais perante a sociedade. Veremos a seguir que, somados ao saber adquirido nas participações em eventos, a equipe do Pavilhão/IPUB fez uso de uma rica e variada literatura de psiquiatria e de áreas afins. Também registraram o fruto de suas pesquisas e observações em trabalhos científicos, sendo que alguns destes serviram não apenas para divulgar e legitimar a instituição, como foram o meio pelo qual transmitiram a ciência do grupo aos novos especialistas. Para finalizar, mencionaremos o contexto no qual se deram os últimos anos da gestão de Roxo e como ficou o modelo no qual ele edificou a instituição.

3 OS REGISTROS DO CONHECIMENTO DO PAVILHÃO DE OBSERVAÇÃO/IPUB E A PSIQUIATRIA DO DISTRITO FEDERAL NA DÉCADA DE 1940

As trocas intelectuais e experiências diversas com outros docentes, médicos e instituições, assim como o acesso a uma bibliografia bastante atualizada da especialidade garantiu subsídios para as orientações doutrinárias e para o desenvolvimento das atividades acadêmicas e assistenciais realizadas no Pavilhão/ Instituto de Psiquiatria. Em consequência, os médicos e estudantes passaram também a fazer circular artigos, livros e trabalhos, submetidos a apreciação dos pares em diversos eventos.

A produção intelectual desse grupo de profissionais lotados no Pavilhão/IPUB, entre 1921 e 1945, refletiu de forma ativa na capacitação profissional dos futuros especialistas, divulgando as pesquisas sobre as doenças mentais, novas práticas assistenciais e terapêuticas, de acordo com os rumos sociais, científicos e políticos seguidos pela psiquiatria do Rio de Janeiro durante aquele período. E é dessa produção que trataremos neste capítulo.

3.1 A FORMAÇÃO DA LITERATURA DE APOIO: TRATADOS E MANUAIS

Como ferramenta de apoio para o estudo e o ensino, formou-se no âmbito do Pavilhão/IPUB, uma coleção bibliográfica que permitiu que docentes e estudantes acessassem o conhecimento teórico sobre os assuntos tratados nos cursos ali ministrados.

Em relação à forma pela qual esse material bibliográfico foi adquirido, Roxo informou, nos *Anais do Instituto de Psiquiatria*, de 1942, que havia solicitado “um pequeno acréscimo na verba de livros e revistas”⁴¹⁶, o que, aliás, segundo o doutor, lhe foi negado. Não obstante a limitação dos recursos destinados a esse fim, a autonomia administrativa conquistada pelo instituto tornou possível ao lente selecionar e adquirir os livros que condiziam com sua perspectiva e interesse. Antes de 1938, de acordo com a legislação⁴¹⁷, as solicitações referentes às compras eram encaminhadas ao diretor do Hospício. Nesse contexto, além da disponibilidade de verbas, acreditamos que a capacidade de Roxo em justificar a necessidade de suas solicitações era posta em xeque, portanto, as boas relações entre os dois diretores também influenciaram o sucesso nas aquisições.

⁴¹⁶ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único, p.3-11, 1942., p.8.

⁴¹⁷ Decreto n. 5125, de 1 de fevereiro de 1904.

Para avaliar a coleção bibliográfica adquirida pela instituição⁴¹⁸, entre as décadas de 1920 a 1945, utilizamos como base o livro de tomo⁴¹⁹ da biblioteca do IPUB, que nos revelou alguns dados interessantes sobre o tipo de literatura que foi comprada pelo catedrático. Percebemos que as temáticas dos livros tinham ligação direta com os cursos, pesquisas e práticas ali reproduzidas e também com o contexto sócio científico da época. Sendo assim, fazem parte do acervo do período de entreguerras, obras sobre higiene mental, eugenia, medicina legal, psiquiatria na guerra, assim como das novas terapêuticas surgidas justamente com a guerra, como é o caso da penicilina (disponibilizada como fármaco desde 1941) para a sífilis e dos choques para depressão, psicose maníaco-depressiva, etc.

Cabe ressaltar que nem todos os livros comprados na administração de Roxo eram sobre medicina mental, fato compreensível por se tratar de um hospital escola que atendia a comunidade carente suspeita de alienação mental. A utilização de recursos tecnológicos ligados ao laboratório e à psicologia, que contribuía para o embasamento dos diagnósticos, justificava a aquisição de um arcabouço teórico relacionado a essas temáticas. Nesse sentido, foram adquiridos também livros sobre medicina em geral, cardiologia⁴²⁰, cirurgia de urgência, tratados de anatomia e histologia e de enfermagem psiquiátrica. Dentro desse contexto acadêmico, foram obtidos, a cada década, um número cada vez maior de tratados, compêndios, manuais, etc., sobre a psiquiatria e áreas afins⁴²¹. O resultado da análise revelou que a maior parte do acervo, ou seja, 39% do seu total, era composto de livros-texto⁴²². Tal resultado condiz com os objetivos da instituição, já que o grande número de manuais servia para apresentar de modo pedagógico o saber científico consolidado e aceito pelo catedrático e pela Congregação da FMRJ.

Mediante o exposto, concluímos que, o referencial teórico reunido por Roxo, no qual buscava englobar todas as subdivisões da psiquiatria e áreas correlatas, ambicionava perpetuar, por meio da transmissão desse saber, a visão teórica do grupo que representava - e, em especial, as suas próprias concepções. Sua posição hegemônica lhe permitia influenciar os rumos da psiquiatria na FMRJ. De fato, no prefácio da primeira edição do seu *Manual*, um dos livros mais divulgados nas salas de aula, Roxo declarou que, sua experiência como professor, lhe mostrou “a dificuldade que os alunos tinham em tirar suas próprias conclusões dentro do

⁴¹⁸A análise pretendeu permitir acesso ao acervo adquirido pelo catedrático para embasar os estudos e pesquisas ali desenvolvidos.

⁴¹⁹ Livro no qual se encontra registrado todo o patrimônio bibliográfico da biblioteca do IPUB.

⁴²⁰ A prática das convulsoterapias dependia do bom funcionamento do coração dos pacientes.

⁴²¹ Ver **Apêndice D** – Acervo Bibliográfico - temáticas

⁴²² Ver **Apêndice D** – Gráfico de temáticas

emaranhado de conceitos, algumas vezes contraditórios, da medicina mental”⁴²³. Ao invés de estimular o debate a partir das dúvidas dos estudantes, Roxo optou por transmitir a estes uma leitura direcionada, o que, em sua opinião, elucidaria os questionamentos e dúvidas⁴²⁴.

Depois dos manuais, a segunda maior incidência são os livros de psicologia - 23% do acervo. Provavelmente, foram adquiridos para dar embasamento aos testes experimentais e exames psicológicos, técnicas que contribuíam para um diagnóstico mais objetivo, baseado em métodos experimentais controlados.

Livros referentes ao diagnóstico das doenças mentais também tiveram representatividade (12%), seguidos pelo que tratavam das terapêuticas (10%), dando fundamentação teórica para as investigações realizadas no espaço.

Dentro da categoria terapêuticas, verificamos também a presença de livros relacionados à nutrição e vitaminoterapia. Esses métodos foram pesquisados e utilizados no Instituto de Psiquiatria como um auxiliar no tratamento das doenças mentais⁴²⁵, gerando alguns artigos⁴²⁶. A nutrição era um campo emergente na Era Vargas, articulada ao projeto civilizatório do governo.⁴²⁷ Uma das linhas de pesquisa selecionadas por Roxo, contemplava justamente os aspectos clínicos e fisiológicos relacionados à utilização biológica de nutrientes. Deste modo o catedrático implementava algumas tendências de tratamento da doença mental que considerava interessantes para a moderna psiquiatria.

Dividimos o acervo bibliográfico por quinquênios, a fim de verificarmos mudanças que foram introduzidas na orientação doutrinária da instituição ao longo do período estudado⁴²⁸. Desse modo, percebemos a constante aquisição, durante toda a gestão de Roxo, da literatura científica francesa, demonstrando a estreita ligação do lente com a produção intelectual daquele país. Estes livros compõem 16% da coleção referente a esse período. Acreditamos que essa bibliografia permanecia à disposição da equipe docente e discente, tanto que, em 1922, um dos pacientes observados, e que se dizia médico, pediu emprestado *o Précis diagnostique: chimique*

⁴²³ROXO, Henrique. *Manual de Psychiatria*. Rio de Janeiro : F. Alves. 1921., p.7

⁴²⁴*Ibidem.*, p.9.

⁴²⁵ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único, 1942., p.11.

⁴²⁶ Ver trabalhos dos docentes no **Apêndice A**.

⁴²⁷ VASCONCELOS, Francisco de, BATISTA FILHO, Malaquias. História do campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.16, n.1, 2011., p.82-23

⁴²⁸ Primeiramente os exemplares foram contabilizados de acordo com o país de publicação. Essa divisão, no entanto, não contemplou a origem da obra, ou seja, o seu idioma original. Sendo assim, buscamos identificar, sempre que foi possível, se cada título registrado no livro de tomo era ou não uma tradução. Ver **Apêndice D** – Acervo bibliográfico – país de publicação dos livros.

microscopique et parasitologique, de J. Guiart et L. Grimbert, o *Precis de psychiatrie*, de E. Regis, “ou outro qualquer a juízo do professor[Roxo]”⁴²⁹.

A despeito do pequeno número de exemplares em idioma alemão, constatamos a existência de obras que foram traduzidas do original⁴³⁰. Roxo e seu grupo, além da psiquiatria organicista de Emil Kraepelin (1856-1926), possuíam bibliografia sobre o constitucionalismo de Ernst Kretschmer (1888-1964), a patologia sexual, de Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), a concepção de esquizofrenia de Paul Eugen Bleuler (1857-1939), as teorias sobre as personalidades psicopáticas de Kurt Schneider (1887-1967), os testes de personalidade de Bruno Klopfer (1900-1971) e as contribuições para a criminologia psicanalítica de Franz Alexander (1891-1964) - esta literatura representou 9% do total de livros. Percebemos também a presença de obras de autores de língua germânica de origem judaica, que, devido aos desdobramentos da Segunda Guerra, se estabeleceram nos Estados Unidos, Inglaterra, etc.

Ao dividir o acervo a cada cinco anos percebemos o considerável aumento na aquisição de livros norte-americanos e argentinos durante os últimos anos da gestão de Roxo. Deu entrada 95 títulos publicados nos Estados Unidos e 52 livros na Argentina, representando, respectivamente 32% e 17% da coleção formada na época⁴³¹. Sobre isso, cabe destacar dois aspectos: a influência da medicina norte americana no Brasil, que já se fazia presente desde a década de 1930 e o cenário sócio político do final desta década e início da de 1940, com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que corroborou com mudanças significativas no intercambio científico com a Europa, principalmente com o rompimento diplomático entre Brasil e Alemanha, em 1942.

Dessa forma, a bibliografia americana, com novos modelos terapêuticos, concepções psicológicas e com uma abordagem psicobiológica, passou a fazer parte do cotidiano acadêmico do Pavilhão/IPUB, como demonstrado pelas aquisições de livros de autores como Edward A. Strecker e de Paul William Preu, com seus manuais de psiquiatria; os trabalhos de psiquiatria e psicobiologia de Esther Loring Richards, de Edward G. Billings e de Wendell Muncie; os livros de psiquiatria infantil de Leo Kanner; no campo das terapêuticas variadas, chama atenção o trabalho de tratados de Oscar W. Bethea e os livros sobre hormônios e vitaminas de Edgard S. Gordon; com relação à neurologia, os americanos Louis J. Karnosh,

⁴²⁹ Livro de Observação nº 253, de 1922.

⁴³⁰ Livros de autores germânicos como: Eugen Bleuler, Richard von Krafft-Ebing, Ernest Kretschmer, Kurt Schneider, Oswald Bumke, Bruno Klopfer, Gustav Storrie, Julius Bauer, Franz Alexander, Oswald Schwarz, Heinz Werner, L. R. Muller, Hermann von Keyserling, Alexander Herberg, Otto Fenichel, Hans Eppinger, Emil Feer, Ladislais Szymonowicz, Kurt Goldenstein, Alfred Adler e Sigmund Freud.

⁴³¹ Ver **Apêndice D** – Gráfico – Idioma original

Nolan Don Carpentier Lewis, R. G. Hoskings, Frederic A. Gibbs e Erna Gibbs e Frank R. Ford, além da obra de Harry Eagle, um neuropatologista, são presenças fortes na biblioteca local. Mas não é apenas na neurologia e na psiquiatria que se situa o crescimento de influência da medicina mental norte-americana sobre o Instituto: é possível encontrar livros sobre psicologia experimental de Robert H. Seashore, de Lawrence F. Shaffere de Clifford T. Morgan, assim como manuais de psicologia de Robert S. Woodworth; livros de psicanálise de Helene Deutsch, e de Samuel J. Beck, autor do teste de Rorschach - leitura psicodinâmica com base no inconsciente., assim como livros sobre neurose e psicose de Samuel Henry Kraines.

A presença de livros editados em países latino-americanos, principalmente os advindos da Argentina, demonstra que, assim como no Brasil, a medicina mental também cresceu nesses países ao longo do período estudado. Os países latino-americanos passaram por processos de modernização cultural, econômica e científica, desde o final do século anterior e, a partir de então, contatos para cooperação, trocas científicas e de experiências se deram entre os cientistas dessas localidades⁴³². Os docentes do Pavilhão/IPUB acompanharam os processos de transmissão, recepção e transformação de saberes, uma vez que nas décadas de 1930 e 1940, além de participarem de eventos científicos nesses países, consumiram suas produções acadêmicas, por meio da aquisição de livros e periódicos⁴³³.

No que tange à editoração de livros nacionais, dos 76 títulos adquiridos entre 1920 e 1945, 45 eram de autores brasileiros e 31 eram traduções. Tal fato indica que a produção intelectual médica dos brasileiros estava aumentando e as instituições de ensino, como o Pavilhão/IPUB, tinham interesse em possuir e divulgar essa literatura entre os alunos. Além de livros publicados pelos professores da casa, de obras do catedrático de neurologia da FMRJ, professor Austregésilo, foram adquiridos também livros de Antônio de Almeida Prado (1889-1962), Waldemar Berardinelli (1903-1956), Antonio Carlos Pacheco e Silva (1898-1988), Aloysio de Castro (1881-1959, Augusto Luiz Nobre de Melo (1909-1884), etc. Resumindo, livros de psiquiatras e neurologistas muito de grande renome no ambiente médico do período.

A importação dos periódicos⁴³⁴ para dar suporte às necessidades informacionais da instituição seguiu a mesma linha dos livros no que se refere à entrada de novos modelos teóricos na instituição. Os dois primeiros periódicos vieram da França, um com aquisição retroativa ao ano de 1843 e o outro a partir de 1925. Em seguida foram adquiridos mais dois em língua

⁴³² ALMEIDA, Marta de. Circuito aberto: ideias e intercâmbios médico-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, v.13, n..3, p.733-757, 2006., p.2. *Ibidem*, p.3.

⁴³⁴ Ver **Apêndice D** – Quadro de periódicos.

germânica, o primeiro em 1926 e o segundo em 1932. Nos anos seguintes foi comprado um com título em italiano, para em seguida importarem cinco títulos norte-americanos e dois sul americanos, que começaram a ser importados a partir de 1938.

Nossa análise das fontes demonstrou que várias tendências conceituais e práticas médicas foram introduzidas paulatinamente na instituição, coexistindo simultaneamente com modelos já consolidados, proporcionando um ensino atualizado.

3.2 PRODUÇÃO ACADÊMICO CIENTÍFICA DOS DOCENTES

O grupo que se constituiu sob a liderança institucional de Henrique Roxo, registrou e divulgou o conteúdo, o propósito e o resultado de suas pesquisas e experiências científicas em livros, periódicos e eventos. Observamos que, além do Pavilhão, os temas ligados às demais atividades profissionais desses docentes, como a educação de crianças anormais, testes psicológicos para estudantes, higiene mental nas escolas, pesquisas na área de neurologia e realizadas no âmbito de instituições particulares⁴³⁵, também se constituíram em objetos de suas investigações científicas⁴³⁶.

A diversificação das temáticas foi resultante das demais atividades remuneradas que esses docentes exerciam, tanto no serviço público, como na iniciativa privada. Essas funções realizadas fora do Pavilhão proporcionavam a esses profissionais a liberdade para produzir experimentos e investigações sem a interferência e/ou direcionamento do lente, uma vez que, dentro da instituição de ensino, tinham que se submeter ao norte traçado por Roxo.

A análise da produção intelectual desse grupo contribuiu para distinguir as tendências científicas, a definição da identidade e o perfil teórico dos médicos do grupo. Ao apontar as temáticas tratadas pelos docentes, também buscamos confrontar o que foi escrito com os

⁴³⁵ Ver **Apêndice A**: quadros biobibliográficos dos docentes.

⁴³⁶ Realizamos um levantamento bibliográfico buscando identificar a produção acadêmico-intelectual do grupo entre 1921-1945. No período estudado existiam poucos periódicos especializados direcionados à medicina mental, fato este que contribuiu para a dispersão dos trabalhos em revistas que contemplavam temáticas mais amplas. O resultado desse levantamento também foi comprometido pelo fato de que nem sempre encontramos as coleções completas. Sendo assim, é possível que alguns dos docentes tenham uma produção científica um pouco maior do que a apontada na pesquisa. Os livros e trabalhos foram levantados por intermédio da base Minerva/UFRJ e do banco de dados da Biblioteca Nacional. Os periódicos consultados foram: *Anais do Instituto de Psiquiatria*, *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, *Arquivos da Assistência Geral a Psicopatas do Estado de São Paulo*, *Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro*, *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, *Anais da Assistência a Psicopatas*, *Neurobiologia*, *Arquivos de Neuropsiquiatria*, *Brazil Médico*, *Vida Médica*, *Revista Médica Brasileira*, *A Folha Médica*, *Arquivos Brasileiros de Medicina*, *Archivos de Medicina*, *O Hospital*, *Revista Brasileira de Medicina*, *Tribuna Médica* e *Revista Médico-Cirúrgica do Brasil*. Do mesmo modo foram computados os trabalhos listados por Roxo, de sua autoria, incluídos na relação publicada na quarta edição do *Manual de Psiquiatria*.

assuntos tratados nas aulas ministradas no estabelecimento e com as pesquisas que foram ali desenvolvidas.

Constatamos que alguns dos temas registrados e divulgados nos artigos foram ministrados nos cursos de aperfeiçoamento psiquiátrico no mesmo período. Levando em consideração esse aspecto, comprovamos o engajamento do autor com o assunto estudado, principalmente no que se refere às pesquisas que foram desenvolvidas antes de 1938, quando o tempo dos docentes/assistentes dentro da instituição era mais escasso, devido a necessidade de se cumprir com as atribuições referentes à Assistência.

Identificamos 346 trabalhos⁴³⁷ gerados por esse grupo durante o período em que Roxo esteve à frente dessa instituição de ensino, sendo 99 de autoria do próprio catedrático, isto é, quase um terço de toda a produção da equipe de docentes. Nas décadas de 1920 e 1930, no que tange aos artigos de periódicos, o lente manteve certa regularidade em sua produção acadêmica, mantendo a média de 30 trabalhos por década. Como não é objetivo deste estudo analisar o conteúdo informacional desses trabalhos, não podemos afirmar se a produção científica de Roxo também primou pela qualidade. Vale lembrar que, além de registrar e divulgar o resultado de suas pesquisas e observações, o catedrático também ministrava aulas três vezes por semana no curso oficial de psiquiatria e nos cursos anuais de aperfeiçoamento em psiquiatria, administrava o Pavilhão/IPUB, participava de reuniões em sociedades científicas e, simultaneamente, cuidava de seus interesses profissionais particulares - o sanatório e um consultório.

Por meio do constante lançamento de novos trabalhos, percebemos que Roxo se mantinha em evidência na comunidade científica, bem como teve presença constante na imprensa leiga brasileira, devido a seus feitos científicos e a entrevistas sobre temas variados dentro da medicina mental.

Dentro do universo pesquisado por Roxo, observamos que ele sempre dava ênfase às terapêuticas das doenças mentais. Mesmo quando uma categoria A exemplo da produção científica da época, como os trabalhos apontavam, novas temáticas e conceitos psiquiátricos, ou seja, “as novidades”, dialogando com diversos autores, visando demonstrar a seus leitores suas conclusões e o seu alinhamento com a moderna psiquiatria nacional e internacional. Sua produção acadêmica inicialmente apresentava elementos do alienismo francês. Tendo de se adequar aos novos pressupostos, visto ter a responsabilidade de conduzir uma instituição de

⁴³⁷ Ver **Apêndice E** - Trabalhos científicos produzidos pela equipe de docentes do Pavilhão/IPUB – 1921-1945.

ensino especializado, buscou somar aos seus referenciais a observação dos sintomas psíquicos e somáticos, técnicas de exploração neurológica, endócrina, recursos de laboratório e de psicologia experimental de cunho alemão e norte-americano.

Em relação aos livres docentes subordinados ao Pavilhão, os que mais produziram foram: Cunha Lopes (62 trabalhos), seguido por Aduino Botelho (30 trabalhos), Esposel (25 trabalhos) e Pernambuco Filho (22 trabalhos). Esses professores produziram textos sobre temas variados dentro da especialidade: doenças mentais, terapêuticas diversas, toxicomanias, psicologia, psicanálise, infância anormal, higiene mental, eugenia, bioquímica, etc.

Certos temas tiveram maior incidência em determinados períodos, de acordo com os interesses locais, científicos, progressos da especialidade e com os impactos do cenário sócio-político. Dento dessa lógica, artigos sobre as chamadas *convulsoterapias* começaram a ser registrados com maior frequência a partir da década de 1930, aumentando a ocorrência na década seguinte. O interesse científico nessa temática foi incentivado pela aproximação e pela troca de saberes entre a psiquiatria brasileira com a escola norte americana. Já as questões relacionadas à *psiquiatria de guerra* tiveram destaque na década de 1940, por conta do contexto político da época. Vale mencionar que os critérios de escolha dos assuntos que foram estudados poderiam estar relacionados não apenas ao contexto do período, mas também as mudanças na orientação doutrinária e nas escolhas dos docentes e do catedrático.

Percebemos que o estudo das doenças psiquiátricas (diagnóstico nosológico), seus conceitos, descrições e manifestações se constituiu a principal preocupação da instituição, principalmente entre 1925-1934⁴³⁸. A categoria *terapêutica* foi o segundo assunto mais recorrente. Os títulos dos trabalhos indicavam as profundas modificações que surgiram ao longo das décadas estudadas, como a entrada dos choques químicos e mecânicos e o início das leucotomias.

Quanto à sintomatologia clínica, parte considerável dos trabalhos analisa os sintomas orgânicos nas doenças mentais. Observamos o crescimento dessa tendência, entre as décadas de 1920 e 1930, pontuando a presença da psiquiatria organicista na instituição. Com menor incidência, foram produzidos trabalhos sobre psicossomática. Entretanto, como a última edição do *Manual* de Roxo acrescentou um pequeno capítulo dedicado a *medicina psicossomática*, possivelmente, no final de sua gestão, o catedrático estava em processo de atualização, iniciando pesquisas nesse ramo da medicina.

⁴³⁸ Ver **Apêndice D** – Gráfico – temática por quinquênios.

Parte dos textos sobre neurologia, mencionados nessa dissertação, foram produzidos por Faustino Esposel, lente substituto das clínicas psiquiátrica e neurológica, durante a década de 1920, comprovando sua afinidade com a clínica neurológica. Após a morte desse professor, em 1931, só foram escritos mais três trabalhos nessa linha de pesquisa, o que provavelmente também foi impactado pelo processo de profissionalização da cátedra de neurologia.

A década de 1930 foi a mais fértil da equipe, principalmente nos primeiros cinco anos. Esse período apresentou mudanças no cenário sócio político brasileiro, na medicina mental brasileira e particularmente no Pavilhão, que impactaram nas pesquisas e na produção intelectual do grupo - com ênfase na investigação das doenças mentais, seu tratamento e o investimento na prevenção.

Nessa conjuntura de expansão intelectual no Pavilhão, entre 1932 e 1934 o docente Neves-Manta foi o responsável por uma coleção de livros denominada de Biblioteca de Cultura Médico-Psicológica, da editora Flores & Mano. Nesta, foram publicados dois livros organizados por esse docente, fruto dos cursos de aperfeiçoamento em psiquiatria⁴³⁹, que contribuíram para a divulgação do saber sistematizado para esses cursos, proporcionando visibilidade na classe médica e na sociedade aos seus autores e ao próprio Pavilhão. Além destes dois livros, faziam parte da coleção *Venenos sociaes*, de Pernambuco Filho, *A psychanalyse e suas applicações clínicas*, de Carneiro Ayrosa e *O alcoolismo na arte e na psychiatria*, do próprio Neves-Manta.

Observamos que a maioria dos docentes discutiu sobre as questões relacionadas às doenças mentais (nosologia). Praticamente metade do grupo escreveu sobre as terapêuticas e os sintomas relacionados às doenças. Roxo e Cunha Lopes pesquisaram sobre quase todas as temáticas levantadas. Todavia, alguns assuntos estiveram presentes com mais força na instituição por conta de determinados professores, como veremos a seguir.

Textos relacionados à *hereditariedade* foram produzidos por Cunha Lopes, que também pesquisou a *eugenia* e a *higiene mental*. Esses temas apresentaram maior incidência no segundo quinquênio da década de 1920 e no primeiro da de 1930, em relação aos demais quinquênios estudados. Lembramos que esse docente esteve na Europa entre 1929-1930, onde se afinou com os propósitos da psiquiatria alemã e da eugenia.

Esse resultado estava relacionado ao contexto da época, quando a psiquiatria, associada aos preceitos científicos da eugenia e da higiene mental que circulavam no Distrito Federal, induzidos pela Liga Brasileira de Higiene Mental, passara a adotar medidas de caráter

⁴³⁹*Psicanálise e outros estudos e Novidades em doenças mentaes.*

preventivo. Dessa forma, a psiquiatria contribuiria para a construção de uma nação saudável, ao conter a propagação dos problemas mentais na população brasileira, antes mesmo deles ocorrerem. De modo semelhante, o estudo da hereditariedade nas doenças mentais, sua prevenção e controle, seguiam essa linha⁴⁴⁰.

Embora timidamente, foram produzidos alguns trabalhos sobre a psicologia e a psicanálise, visto que, a princípio, na psiquiatria, esses ramos da medicina mental tenham se constituído como técnicas, seja para auxiliar a elucidar o diagnóstico por meio dos testes de inteligência, seja como um dos métodos terapêuticos utilizados⁴⁴¹. Os anos de 1930 demonstraram um sensível aumento da escola de Freud no espaço. Neves-Manta, além de ter contribuído na divulgação dos trabalhos da clínica psiquiátrica, utilizou os recursos da psicanálise para analisar alguns de seus casos clínicos⁴⁴². O docente Carneiro Ayrosa também inseriu a psicanálise em seus artigos e na sua vida acadêmico-científica.⁴⁴³

No que se refere às parcerias de produção científica entre a equipe do Pavilhão, identificamos o livro *Vícios social elegantes (1924)* escrito por Pernambuco Filho e Aduato Botelho. Essa obra foi muito bem acolhida e divulgada nos jornais de época⁴⁴⁴, visto ter sido uma das primeiras sobre o assunto. Na década de 1920, as estatísticas indicavam o crescente aumento no consumo de drogas, tornando este mais um grave problema social em busca de solução pelas autoridades⁴⁴⁵. O conteúdo do livro explanou os chamados vícios químicos sob os pontos de vista médico e social, alertando a população sobre os perigos do éter, da cocaína e do ópio, que se alastravam pela cidade.

O interesse de Pernambuco Filho por esse tema fez com que produzisse mais dois livros nesse segmento: *Estudos médico-sociais da toxicomania* (1931) e *Venenos sociais* (1932), além de alguns artigos publicados em revistas. No Sanatório Botafogo, Pernambuco era também o responsável pelo pavilhão dos toxicômanos masculinos, enquanto Botelho era o responsável pelo feminino, indicando que a parceria científica, que culminou na publicação da obra, havia se iniciado nesse estabelecimento particular.

⁴⁴⁰SOUZA, V.S. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 146-166, jul | dez 2008.

⁴⁴¹ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios: Rio de Janeiro, 1830-1930*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001., p.309.

⁴⁴² MOKREJS, Elisabete. *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis : Vozes, 1993., p.181.

⁴⁴³*Ibidem*, p.127.

⁴⁴⁴*Jornal do Brasil*, 05/06/1925; *Correio da Manhã*, 14/05/1924; *O Paiz*, 11/05/1924; *Gazeta de Notícias*, 16/05/1924; *Vida doméstica: revista do lar e da mulher*, jun. 1924.

⁴⁴⁵*Correio da Manhã*, 03/02/1926; *O Paiz*, 01/12/1927.

Nesse empreendimento privado, Pernambuco Filho e Botelho tiveram autonomia para selecionar entre o modelo teórico científico disponível na época, o que responderia a seus anseios, sem estarem engessados às determinações do catedrático de Clínica Psiquiátrica. Nesse sentido, um dos pavilhões da instituição, o Juliano Moreira, foi construído “obedecendo em tudo a técnica e aos planos da Clínica de Munique, dirigida pelo professor Kraepelin”⁴⁴⁶, confirmando assim, a ligação de Pernambuco Filho e Botelho com os conceitos da psiquiatria alemã.

Pernambuco Filho, por também ser inspetor escolar, se revelou defensor da educação das crianças anormais⁴⁴⁷, produzindo artigos referentes a essa temática, assim sendo, utilizou como modelo as obras da pedagoga Alice Descoedres (1877-1963)⁴⁴⁸. Também publicou trabalhos relacionados com a psicologia de crianças e adolescentes e sobre higiene mental nas escolas⁴⁴⁹.

Bueno de Andrada acumulava a função de médico psiquiatra do Juízo de Menores com a de professor. A associação entre esses cargos certamente colaborou para que escrevesse alguns artigos nesse seguimento, utilizando como orientação a higiene mental, as obras de psicologia infantil e educacional de Édouard Claparède (1873-1940) e do psiquiatra infantil de Leo Kanner (1894-1981). Escreveu também sobre os resultados obtidos por meio da terapia por choque insulínico em sua clínica particular (Casa de Saúde da Gávea), dentre outras temáticas variadas. Embora a questão da infância fizesse parte de sua rotina, tal qual na de Pernambuco Filho, não foram localizados indícios de parcerias entre esses professores.

Retornando a produção de Aduino Botelho, percebemos que este deu continuidade à investigação sobre as toxicomanias, escrevendo outros artigos sobre o tema. Com relação aos transtornos psiquiátricos, produziu textos sobre paralisia geral, epilepsia e psicose maníaco depressiva; circulou pelos saberes da neurologia, pesquisando sobre o líquido cefalorraquiano e sobre a neuropsicopatologia, mostrando afinidades com o tema de predileção de seus sócios no Sanatório Botafogo,⁴⁵⁰ os neurologistas Austregésilo e Esposel; dialogou com a psicologia, publicando em 1934 o livro *Os males da emoção*⁴⁵¹; apresentou trabalhos relacionados à Assistência aos Psicopatas no Brasil; no campo das terapêuticas, escreveu sobre eletroterapia,

⁴⁴⁶ *O Paiz*, 08-03-1925; *Gazeta de Notícias*, 07/03/1925.

⁴⁴⁷ *O Imparcial*, 14/07/1926.

⁴⁴⁸ PERNAMBUCO FILHO. O problema da educação dos anormais. *Archivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psychiatria*, v.9, 1927, p.93.

⁴⁴⁹ Ver **Apêndice A**.

⁴⁵⁰ *O Paiz*, 08/03/1925.

⁴⁵¹ *Diário da Noite*, 15/05/1934.

técnica que pesquisou nos grandes centros europeus, em 1928⁴⁵², e sobre a convulsoterapia pelo cardiazol, em 1938. Demonstrou interesse nessa técnica devido à grande porcentagem de pacientes diagnosticados como esquizofrênicos, no Pavilhão⁴⁵³. No ano seguinte à publicação deste trabalho, já no cargo de diretor da Assistência aos Psicopatas, convidou o professor Von Meduna a vir ao Brasil, realizar várias conferências no Rio de Janeiro e em São Paulo⁴⁵⁴ a fim de divulgar e aperfeiçoar a técnica entre seus pares.

Verificamos apenas duas parcerias na produção acadêmica de Adauto Botelho: aquela com Pernambuco Filho, já citada; e na neurologia, com o professor Austregésilo, na comunicação *Tumores cerebrais dos ventrículos*, apresentada, em 1927, no Congresso de Alienistas e Neurologistas, realizado em Blois, na França.

Cunha Lopes também teve uma produção bem diversificada, principalmente na década de 1930: toxicomanias, pesquisas genealógicas, esterilização na psiquiatria, doenças psiquiátricas, terapêuticas e higiene mental, confirmando seu engajamento com o projeto nacional de construção de uma nação saudável, por intermédio da eugenia e da higiene mental. Em 1931, escreveu um artigo denominado *Da esquizofrenia: formas clínicas: ensaio de revisão da casuística nacional*, em parceria com o seu colega de trabalho no Pavilhão e na Assistência, o docente Heitor Peres, publicado nos *Anais da Assistência a Psicopatas*. Este trabalho utilizou dados da Assistência e do Pavilhão referentes à esquizofrenia. Cunha Lopes foi um grande entusiasta da psiquiatria organicista.

A bibliografia de Heitor Peres, no período de 1920-1945, englobava temáticas variadas, inclusive perpassando pela medicina legal. Escreveu sobre doenças como a encefalite letárgica, paralisia geral, esquizofrenia e seus aspectos legais, e sobre o alcoolismo na educação.

Já os livros publicados pelo docente Xavier de Oliveira não eram somente voltados para um grupo especializado, mas visavam o grande público. E de fato, sempre encontraram grande espaço na imprensa, elogiando ou tecendo comentários nem sempre favoráveis. Seu primeiro livro é *Beatos e cangaceiros*, publicado em 1920, apesar de não ser ligado à psiquiatria – revelava fatos da revolução de 1913 em Juazeiro do Norte (CE). Esta obra foi literariamente considerada “pouco acima do vulgar, [mas] o seu valor é inquestionável como trabalho de informação, como reportagem sobre tipos sertanejos, sua psicologia, seu *habitat*”.⁴⁵⁵ Nessa mesma linha, publicou, em 1932, *O Exército e o sertão*, no qual busca soluções para integrar

⁴⁵² *O Jornal*, 02/03/1928.

⁴⁵³ BOTELHO, Adauto. Cardiazoloterapia dos esquizofrênicos. *Arquivos Brasileiros de neuropsiquiatria*. n.3-4, n.21, 1938.

⁴⁵⁴ *O Jornal*, 23/06/1939.

⁴⁵⁵ *A.B.C.*, 1920.

na civilização dos estados do Sul, os estados do Norte, considerado povoados repletos de crendices, bandidos e politicagem improdutiva⁴⁵⁶. No ano seguinte, Xavier de Oliveira viria a ser eleito deputado federal.

No *Magnicida Manço de Paiva*⁴⁵⁷, Xavier de Oliveira estudou as personalidades psicopáticas de vários regicidas históricos, analisando inclusive o assassino de Pinheiro Machado⁴⁵⁸. O docente dialogou com a psiquiatria forense, ao investigar os personagens presentes nesse livro. Outro livro de Xavier foi o *Espiritismo e Loucura*, em que o comportamento religioso foi analisado sob à luz da psiquiatria, enfatizando os aspectos do espiritismo como uma das causas da alienação mental⁴⁵⁹. Cabe destacar que os dados e as fotografias de pacientes utilizados nesse trabalho foram obtidos no Pavilhão de Observação, assinalando que a instituição foi o seu campo de pesquisa. Os artigos acadêmicos de Xavier de Oliveira, de acordo com a imprensa da época, expressavam o seu envolvimento com a eugenia, com a higiene mental e com o melhoramento da raça brasileira, principalmente no que se refere aos sertanejos⁴⁶⁰.

Estudos sobre novas técnicas terapêuticas, consideradas promissoras no tratamento das doenças mentais, também foram realizados pelos docentes do Pavilhão. Zacheu Esmeraldo dedicou parte da sua produção à análise da paralisia geral e da malarioterapia⁴⁶¹ como tratamento.

Januário Bittencourt, como seus pares, estudou as doenças psiquiátricas na Europa, algumas sob a luz da psicologia. Entretanto, no seu grupo, foi o único que direcionou um trabalho especializado em psiquiatria para o curso de enfermagem. Outro de seus artigos que merece destaque foi o que faz sugestões para a organização do procedimento de coleta e armazenamento dos dados clínicos dos pacientes psiquiátricos. Em meio a tantos artigos que tinham por objetivo elucidar os mistérios da mente humana, das suas doenças e das possíveis curas, foi interessante constatar a existência de um psiquiatra com uma visão institucional mais

⁴⁵⁶ *Correio da Manhã*, 22/12/1932.

⁴⁵⁷ *Jornal do Brasil*, 03/02/1929.

⁴⁵⁸ José Gomes Pinheiro Machado (1851-1915), foi um político influente da velha República (1889-1930), assassinado com uma punhalada pelas costas por Manço de Paiva.

⁴⁵⁹ Para maiores informações sobre o espiritismo e psiquiatria ver: JABERT, Alexander. *De Médicos e Médiuns: Medicina, Espiritismo e Loucura no Brasil da primeira metade do século XX*. 2008. 308p. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro.

⁴⁶⁰ *Correio da Manhã*, 22/12/1932.

⁴⁶¹ Este método biológico foi inicialmente inserido no Brasil na Colônia de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, em 1924, sob a supervisão do Dr. Floriano Peixoto de Azevedo, médico assistente do HNA. ACCORSI, Giulia Engel. *Entre a moléstia e a cura: a experiência da malarioterapia pelos psiquiatras do Rio de Janeiro (1924-1956)*. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

ampla, preocupado em produzir conhecimentos direcionados a uma classe profissional que não a sua, e com a organização administrativa de um hospital.

Parte da modesta produção de Eurico Sampaio baseou-se em sua experiência prática na psicologia experimental. Além desse tema, estudou doenças como a histeria, o estupor melancólico e a esquizofasia. Embora Sampaio fosse o proprietário de um sanatório especializado, também direcionado ao tratamento e educação de crianças anormais, não localizamos artigos baseados nessa temática.

Na década de 1940, os professores que se distinguiram no Instituto de Psiquiatria tiveram sua produção acadêmica pautada nas pesquisas selecionadas por Roxo, tencionando divulgar e consolidar a instituição como um hospital escola conectado com teorias e práticas da moderna psiquiatria. Nesse período, Flavio de Souza se destacou no espaço, produzindo textos sob a ótica da psicobiologia e da medicina psicossomática, além de ter encabeçado pesquisas cuja temática centrava-se nas terapêuticas. Em especial, os seus trabalhos trataram das convulsoterapias e do uso de vitaminas para o tratamento de doenças mentais, embora tenha produzido também textos sobre higiene mental e assistência hetero familiar.

Paulo Lacaz registrou nos artigos de periódicos as pesquisas realizadas no laboratório da instituição, envolvendo a fisiopatologia e a bioquímica das doenças mentais.

Roxo, ao longo de sua gestão, incorporou várias tendências da psiquiatria e de áreas afins ao alienismo francês: a psiquiatria organicista, a psiquiatria constitucionalista, a psicologia, a psicanálise, a eugenia, a higiene mental, a psicobiologia, a medicina psicossomática, a neurologia, a endocrinologia e a nutrição, além das novas práticas terapêuticas, especialmente as biológicas. Todos esses referenciais teóricos circularam simultaneamente no pavilhão e eram acionados nos textos dos docentes segundo os seus interesses e necessidades.

Dentre os trabalhos cujo conteúdo foi analisado (cerca de 10% da produção acadêmica desses docentes), verificamos que foram poucos os que continham referências bibliográficas. Os referenciais presentes em cada texto estavam inseridos ao longo da discussão teórica. Observamos que, além de psiquiatras, médicos e psicólogos, os autores citavam concomitantemente anátomopatologistas, fisiopatologistas, pedagogos e bioquímicos.

Os docentes demonstravam ter um repertório amplo, tanto retroativo quanto atualizado da produção intelectual de diversos cientistas europeus, norte-americanos e latino-americanos, articulando esse conhecimento de acordo com a temática a ser tratada na obra, podendo neste processo acionar autores de diferentes correntes teóricas com o fim de explicar dados clínicos e terapêuticos. Isso porque parte considerável desses textos visava expor o resultado pessoal

das experiências e observações, positivas e negativas, relacionadas a terapêutica e/ou a investigação sobre alguma categoria nosológica. Eram textos práticos, divulgando aos pares as várias opções de tratamento ou como especialistas/instituições, de países distintos, apresentavam o parecer sobre determinada doença mental. Mesmo quando o texto era mais dissertativo ou técnico, igualmente eram apontados variados pontos de vista sobre o tema tratado.

Assim, a produção intelectual desses professores tinha a característica de apresentar interlocução com um vasto referencial de autores, sejam do século XIX ou XX, de nacionalidades distintas, reforçando o ponto de vista apresentado pelo autor. É preciso considerar que, nas primeiras décadas do século XX, muitos dos saberes articulados pela psiquiatria estavam em processo de consolidação. Algumas inovações e práticas médicas precisavam ser testadas por esse ramo da medicina, que buscava decifrar a origem e a cura das doenças mentais, pois só assim seria de fato legitimada e valorizada. Esse pode ter sido um dos motivos pelos quais os psiquiatras utilizavam concomitantemente essa variedade de linhas teóricas.

Mas dentre os inúmeros itens que compunham a produção acadêmico-científica dessa instituição, iremos nos próximos subcapítulos nos debruçarmos sobre duas importantes obras intimamente relacionadas ao catedrático e ao Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatria, dada a importância que tiveram para os alunos que estudaram essa especialidade na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no período.

3.2.1 Os livros do catedrático Henrique Roxo

O primeiro livro publicado por Roxo foi resultado de sua ascensão a professor interino da cátedra, em 1904. Como consequência dessas aulas, publicou em 1906, um livro denominado *Moléstias Mentais e Nervosas: aulas professadas durante o ano letivo de 1905*⁴⁶². Nesse livro não foi encontrado registro de uma casa editorial, o que nos faz crer que ele pode ter sido publicado a expensas do próprio Roxo ou pela gráfica do Hospício, que funcionava como uma oficina do Pavilhão Seabra, voltado para o exercício da laborterapia (onde estava a gráfica do periódico produzindo no Hospício, os *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*).

⁴⁶²ROXO, Henrique. *Molestias mentales e nervosas: aulas professadas durante o anno lectivo de 1905*. Rio de Janeiro : [S.n.], 1906. 321p

No prefácio deste exemplar, Roxo nos informa que conferiu ao curso “uma orientação própria, desenvolver os assuntos à mercê do interesse que me parecessem despertar, explanar questões controversas, imprimindo-lhes o cunho do meu modo de sentir”⁴⁶³, além de, “com a publicação destas lições, se oferece aos estudiosos um manual em que podem encontrar um resumo de toda a psiquiatria e neurologia.”⁴⁶⁴.

A apresentação desse ‘manual’ é no mínimo curiosa, visto que os capítulos foram transcritos a partir das aulas que foram ministradas e Roxo achou por bem que a edição se apresentasse dessa forma

"as lições que eu ia professando, eram à proporção que o fazia, estenografadas pelos meus prestimosos amigos, os internos de clinica Francisco Maciel e Mario Pinheiro. [...] Procurei tanto quanto possível, reproduzir textualmente as lições que ia dando. A falta de método que por acaso se encontrar em algum assunto, é produto de me não querer eu desviar do modo porque então lecionei”⁴⁶⁵.

Roxo seguiu à risca as reproduções de suas aulas, tanto que os cabeçalhos de todos os capítulos iniciam-se com o tema, o número e a data da aula, seguido por "Meus Senhores:" Após a saudação o assunto era introduzido "Devo hoje ocupar-me com os atos psíquicos..."⁴⁶⁶; “vou hoje ocupar a vossa atenção”⁴⁶⁷ e assim por diante. Ao final de sua preleção, ou seja, ao final de cada capítulo, geralmente informava: “Apresentar-vos-ei três doentes de epilepsia psíquica”⁴⁶⁸; “Apresentarei agora à vossa análise minuciosa o doente que representa um caso dos mais interessantes”⁴⁶⁹; “Mostrar-vos-ei agora um caso de melancolia com delírio das negações”⁴⁷⁰. No entanto, o leitor do livro ficou sem informações específicas sobre o caso clínico que ilustrou a aula e os debates que sucederam a exposição do paciente, posto que esses dados não foram publicados.

Este livro mereceu uma resenha crítica de Antônio Austregésilo, publicada nos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* de 1906⁴⁷¹. Nesta, o professor de Neurologia caracterizou o conteúdo do livro como prático, porém fez algumas críticas. Afirmou, por exemplo, que embora o livro contivesse noções teóricas precisas para a explanação do assunto, estas não dariam subsídios para se aprofundar no tema. Por outro lado,

⁴⁶³*Ibidem*, p.3.

⁴⁶⁴*Ibidem*, p.5.

⁴⁶⁵*Ibidem*, p.4.

⁴⁶⁶*Ibidem*, p.38.

⁴⁶⁷*Ibidem*, p.70.

⁴⁶⁸*Ibidem*, p.163.

⁴⁶⁹*Ibidem*, p.204.

⁴⁷⁰*Ibidem*, p.263.

⁴⁷¹ AUSTREGÉSILO, Antônio. Dr. Henrique Roxo: lições de psiquiatria e moléstias nervosas. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, v.2, n.4. 1906, p. 393-396.

por ter uma linguagem clara, dirigida a alunos de medicina, era capaz de transmitir noções de fácil compreensão para os alunos que ainda não possuíam conhecimento da especialidade. Conforme Austregésilo chamava atenção em sua argumentação, sendo discípulo de Brandão, Roxo adotara quase todos os seus conceitos, discordando deste em poucos pontos doutrinários - que Austregésilo não detalhou. O avaliador fez então um brevíssimo comentário sobre alguns capítulos, discordando de alguns pontos, como, por exemplo, do tratamento que Roxo indicou para a paranóia. Finalmente, mesmo considerado esse um livro de conteúdo simplório, a sua publicação foi valorizada.

Em 1921, o conhecimento adquirido por Roxo como psiquiatra e principalmente como professor foi legitimado através da publicação da primeira edição do seu *Manual de Psiquiatria*, fortalecendo a sua posição entre o grupo de psiquiatras do Distrito Federal. No prefácio de seu *Manual*⁴⁷², destacou justamente sua experiência adquirida ao longo dos 20 anos observando clinicamente os pacientes do Hospício Nacional de Alienados e transmitindo o seu saber aos alunos do curso de medicina. Relata que participou da formação de inúmeros clínicos e até despertou em alguns o interesse pela psiquiatria. Na introdução, Roxo informou que o livro que havia sido publicado em 1906, devido ao tempo, já não era mais encontrado à venda nas livrarias. Devido ao progresso do estudo clínico das doenças mentais, Roxo também achou mais conveniente redigir um novo manual, mais completo, ao invés de publicar uma nova edição de seu primeiro livro.

É também no prefácio dessa primeira edição que Roxo enumera o principal motivo para a publicação do manual: segundo ele, no seu cotidiano como professor, havia observado a dificuldade dos alunos de terem acesso a “um livro claro e conciso, em que ideias modernas se achassem compendiadas”⁴⁷³ e que permitissem um panorama amplo dos mais modernos mecanismos e tecnologias do saber psiquiátrico, como, por exemplo, os recursos de laboratório, para a interpretação patogênica; a psicoscopia, para esmiuçar a personalidade do doente, descobrindo o que o aflige; e a psicoterapia, para corrigir as alterações do paciente.

Assim, Roxo reproduz no *Manual* sua concepção sobre as doenças mentais, buscando ser “claro e preciso”⁴⁷⁴, tendo por base a sua experiência profissional. Verbalizou, enfim, o desejo de orientar seus alunos a partir de conceitos aceitos principalmente pela congregação da FMRJ, e de práticas das mais modernas para os alunos em formação.

⁴⁷²ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. Rio de Janeiro : F. Alves. 1921. 712 p., p.7-9.

⁴⁷³ *Ibidem*, p.7

⁴⁷⁴ *Ibidem*.

A primeira edição, publicada pela Livraria Francisco Alves, foi bem aceita. Segundo os críticos do jornal *A Noite*, era “um trabalho de alto valor científico e de grande utilidade”⁴⁷⁵. No entanto, também houveram críticas negativas: Antônio Leão Velloso⁴⁷⁶, médico colunista do *Correio da Manhã*⁴⁷⁷ e pelo jornalista Jackson de Figueiredo, jornalista do periódico *O Jornal*⁴⁷⁸, teceram vários comentários desfavoráveis sobre essa obra. Dentre estes, destaca-se a impressão de que o *Manual de Psiquiatria* foi escrito às pressas, e por esse motivo apresentava diversos erros de português; criticava-se também o número excessivo de páginas; a utilização da doutrina de Freud, “justificando a prática sexual como método terapêutico”, método este considerado imoral por estes jornalistas. Finalmente, Velloso ainda relaciona *O Manual* com a obra de Teixeira Brandão, *Elementos de Psiquiatria Clínica e Forense*, publicada em 1918 – tratando de suas semelhanças, e, especialmente, enfatizando que ambas apresentavam mau uso da língua vernácula. Roxo solicitou espaço nos periódicos *O Jornal* e *A Noite* para uma pequena réplica à crítica do Dr. Leão Velloso, informando que o uso dos termos estava correto. Lamentava que a crítica não buscasse erros científicos, ou a solução destes. Declarou:

[...] levei anos a escrever, buscando vagares de uma clínica muito laboriosa, e os momentos em que os trabalhos do curso me concediam. Procurando fazer um livro que também pudesse servir para estudantes, claro está que não poderia deixar de descer a certos pormenores. Não encontrei meios de o fazer menor, sem que ficasse incompleto. E acredito que na segunda edição que muito não tardará, pois tem tido excelente vendagem, não seguirei o conselho do crítico e ainda ampliarei o volume [...]⁴⁷⁹.

Em resposta, o colunista Velloso publicou uma tréplica, intitulada *Livro perigoso...*⁴⁸⁰, declarando que algumas vezes irritou a “certos indivíduos que formam de si um conceito muito elevado” e que ficou surpreso com a réplica de Roxo, pois imaginou que este se limitaria ao “silêncio orgulhoso e seguro onde os homens superiores costumam asilar-se”. O crítico reiterou, então, que existiam sim inúmeros erros de língua portuguesa no texto e considerou que, na verdade, estava prestando um auxílio a Roxo alertando-o sobre estes. Informou ainda que sua crítica não revelava somente estes erros, mas apontava um fato de maior gravidade a seu ver, a terapêutica sexual prescrita.

⁴⁷⁵*A Noite*, 07/01/1922.

⁴⁷⁶Antônio Leão Velloso - Livre docente da cadeira de otorrinolaringologia da Faculdade Nacional de Medicina, diretor do Hospital Moncorvo Filho e, por décadas, colaborador do *Correio da Manhã*. Este professor era cunhado de Bueno de Andrada, que lecionava do Pavilhão/IPUB. *O Jornal*, 01/11/1923.

⁴⁷⁷*Correio da Manhã*, 23/01/1922.

⁴⁷⁸*O Jornal*, 05/02/1922.

⁴⁷⁹*O Jornal*, 25/01/1922.

⁴⁸⁰*Correio da Manhã*, 30/01/1918.

É importante esclarecer que Velloso clinicava em outra especialidade, além de atuar assiduamente no jornalismo. Possuidor de laços de amizade com inúmeros profissionais desta área, escrevia textos sobre saúde pública, educação, crítica literária a livros didáticos e a educação superior na área de medicina. Podemos inferir, tendo por base a formação acadêmica e a rede na qual Velloso estava inserido, que esse crítico não estava abalizado para avaliar com segurança o conteúdo de um texto sobre medicina mental. No entanto, seus conhecimentos da língua portuguesa permitiram que realizasse, com segurança, a análise da estrutura gramatical empregada no livro.

Quanto a Figueiredo⁴⁸¹, o seu engajamento no movimento católico⁴⁸² e o seu posicionamento como combatente do liberalismo o levou a avaliar o capítulo do *Manual* de Roxo, referente à Doutrina de Freud, com um olhar conservador. Em sua matéria⁴⁸³ informa que não leu o *Manual*, sua crítica foi baseada apenas nos comentários de Leão Velloso. Sendo assim, declarou ser o Brasil um “país em que a ciência, assim com tanta facilidade, e de tão alto, se põe a serviço do despudor e da imoralidade”. Do ponto de vista científico, o *Manual* de Roxo, seria uma “compilação”, um “mostuário bibliográfico” e, se possui alguma originalidade “há de ser no terreno dessas hipóteses, cujo valor estrutural todo está na falta de filiação lógica a qualquer sistema de ideias.” Avaliou o *Manual*, pelo “o seu caráter de ‘livro perigoso’, isto é, de livro corruptor da mocidade a que é, infelizmente, destinado.” Portanto, segundo Figueiredo, deveria ser repudiado por todos os patriotas que prezam pela moralidade.

Em 1925, a segunda edição foi lançada pela mesma editora, com ampliações de diversas questões. No prefácio, o autor apontava então que o estudo da moderna psiquiatria tendia a “imbricá-la com os demais ramos da medicina e a fazer uma boa psicoscopia, isto é, devassar o pensamento do doente, a bem de interpretar os desvarios que nele ocorreram.” Roxo nos informava, ainda, que havia sumarizado artigos de jornais médicos e novas ideias que haviam sido publicadas em livros, dialogando com outros autores sobre quem achou conveniente expor comentários de sua observação clínica pessoal e de sua interpretação científica.

Mais uma vez, com críticas positivas, uma matéria do *Correio da Manhã*⁴⁸⁴, esclarecia que a obra era de interesse para médicos, estudantes e advogados. A crítica também informava que poucos professores escreviam livros didáticos sobre as matérias de suas especialidades,

⁴⁸¹ Jackson de Figueiredo era um representante da intelectualidade católica brasileira. Fundou o Centro Dom Vital, com o objetivo de aprofundar leigos e religiosos na doutrina católica e a revista *A Ordem*, igualmente destinada a divulgar o catolicismo.

⁴⁸² *O Jornal*, 06/11/1928.

⁴⁸³ *O Jornal*, 05/02/1922.

⁴⁸⁴ *Correio da Manhã*, 25/11/1925.

pois viviam numa "tutela estrangeira", e Roxo era uma das poucas exceções. O *Manual* era visto, deste modo, como "o repositório de todas as suas aulas no curso oficial que professa[va]", e que era assistido não apenas por seus alunos, mas também por médicos, advogados e juristas do Distrito Federal e de outros estados brasileiros, o que iluminava também as ligações desta especialidade com a Medicina Legal e com o Direito.

A terceira edição do *Manual*, também editada pela Francisco Alves, alicerçou a posição de Roxo na comunidade científica, validando o seu prestígio dentro do Estado Novo. Esta obra, segundo Roxo, retratava a posição da psiquiatria mundial de então, refletida no programa da cátedra. No livro foram articuladas à psiquiatria outras disciplinas, como a endocrinologia e a higiene mental, além da apresentação sistematizada de itens relacionados a modalidades da esquizofrenia, malarioterapia, as aplicações clínicas da doutrina de Freud, a terapêutica moderna, as questões médico legais dos alienados, dentre outras. Uma pequena matéria do *Jornal do Brasil*⁴⁸⁵ nos informa, ainda, que esta tiragem também foi distribuída no continente americano, Estados Unidos e Europa.

A quarta e última edição do *Manual*, publicada pela editora Guanabara, no ano seguinte a sua aposentadoria, 1946, reitera, segundo o autor, a boa acolhida comercial da obra. Aponta, no prefácio, o desenvolvimento do tratamento pelo choque cardiazol e eletrochoque, assim como os métodos mistos: insulina com cardiazol, insulina com eletrochoque. Informa que ampliou a parte relativa a terapêutica, destacando os métodos mais modernos e eficientes. Temas como a psiquiatria de guerra, em voga naquele período pós-guerra, as provas de laboratório e aplicações do eletroencefalograma passaram a ser elencadas, buscando demonstrar que o livro estava em sintonia com as últimas novidades da especialidade, sempre associando teoria e prática.

Notamos que as edições do *Manual* sempre foram publicadas em datas significativas na trajetória do catedrático: 1921, ano em que Roxo conquistou a cátedra de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; 1925, quando as aulas dessa cadeira tornaram-se obrigatórias para os alunos do sexto ano do curso de medicina da referida Faculdade; 1938, ano em que o catedrático assumiu a presidência da Liga Brasileira de Higiene Mental e o Pavilhão foi transferido para a Universidade do Brasil; e 1946, ano seguinte a sua aposentadoria, quando deixou a cátedra e a respectiva direção do IPUB. Essas datas representaram também momentos significativos para a psiquiatria do Distrito Federal. A consolidação da posição de Roxo no

⁴⁸⁵*Jornal do Brasil*, 06/03/1938.

meio científico, somada ao aumento da frequência dos alunos de medicina, certamente contribuiu para a institucionalização do ensino da especialidade.

As edições de seu livro alinhavam-se com essa empreitada, visto que era a bibliografia básica da disciplina na FMRJ. Suas teorias e práticas fizeram parte do cotidiano da instituição, da formação e capacitação de muitos especialistas. Ao se aposentar, em 1945, a quarta e última edição do *Manual*, publicada no ano seguinte, indicava que o ex-catedrático pretendia deixar um legado para os futuros alunos e médicos que buscavam a especialização na área, um exemplar atualizado, mantendo sua orientação presente na Instituição.

Não está no escopo desta dissertação analisar o conteúdo temático das quatro versões desse *Manual*, trabalho que demandaria um intervalo de tempo maior e necessitaria de um estudo exclusivo a fim de revelar as mudanças ocorridas no pensamento científico de Roxo e registradas nessa obra ao longo dos vinte e cinco anos em que esteve à frente da cátedra de Clínica Psiquiátrica. Pontuamos apenas alguns aspectos que nos chamaram a atenção, tanto nos prefácios como nos sumários dessa obra.

Ao analisar o prefácio das quatro edições do *Manual de Psiquiatria*, percebemos que o da primeira edição foi o que teve maior conteúdo. Tinha por objetivo apresentar os motivos pelos quais a obra tinha sido produzida, evidenciando sua ligação com a formação dos futuros especialistas. Roxo informou que teve intenção de ilustrar o livro com fotografias, a fim de “tornar mais significativo o que ia descrevendo”⁴⁸⁶. Entretanto não o fez, alegando que teve receio de violar o segredo profissional, mesmo se fossem registros fotográficos de pacientes indigentes. Com efeito, nenhuma das quatro edições do *Manual* possui imagens.

Apesar do argumento de Roxo em relação ao uso da imagem dos pacientes, seu uso já era realizado por outros profissionais como recurso de ilustração. A fotografia médica era usada em periódicos desde a segunda metade do século XIX, sendo inclusive utilizada por Jean-Martin Charcot (1825-1893) no Hospital da Salpêtrière, como forma de representação da doença e do doente⁴⁸⁷. O chefe do serviço fotográfico deste Hospício, Albert Londe (1858-1917), contribuiu com algumas fotografias para o periódico *Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière*, além de ter publicado, em 1893, a obra *La photographie médicale: applications aux sciences médicales et physiologiques*, fruto de suas experiências com fotografias de pacientes ao lado de Charcot.

⁴⁸⁶ROXO, Henrique. *Manual de Psychiatria*. Op. cit.

⁴⁸⁷SILVA, James Roberto. *Doença, fotografia e representação: revistas médicas em São Paulo e em Paris, 1869-1925*. 2003. 265 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo., p.192.

Entre o século XIX até a implementação do Tratado de Nuremberg⁴⁸⁸, após a Segunda Guerra mundial, “a noção de pudor [era] suspensa para o paciente em benefício do trabalho clínico”⁴⁸⁹. Assim sendo, os médicos se achavam no direito de exibirem imagens de seus pacientes, e de suas respectivas doenças, em prol do progresso da medicina. No que concerne a Roxo, a ausência de fotografias no seu *Manual* podem ter duas explicações: o aumento do custo de produção do livro, que já possuía 712 páginas, ou, de fato, o catedrático fazia parte de um seleto grupo de médicos, que optaram por respeitar a integridade física e moral de seus pacientes⁴⁹⁰.

O prefácio da segunda edição foi bem mais sintético. Neste, Roxo expôs que a primeira edição estava esgotada, sendo a meta alcançada. Informava que o livro era destinado “aos alunos da Faculdade de Medicina e a médicos e advogados que no assunto se interessem”⁴⁹¹. Era o seu intuito despertar o interesse pela especialidade nos que viriam a ler o livro. Informava que houve algumas mudanças: ampliação de algumas questões, fusão de alguns capítulos e apontamento dos novos rumos da psiquiatria moderna.

Na terceira edição, tornava a enfatizar a evolução da especialidade refletida na nova edição do *Manual*. Esclarecia que o conteúdo do programa de ensino de sua cátedra havia sido ampliado novamente com vistas a completar-lhe as informações, em consonância com os novos rumos da psiquiatria. Aquela nova edição refletia essas mudanças. Além da atualização das temáticas em relação às novidades da especialidade, as terapêuticas e as questões referentes a Assistência Médico Legal aos alienados foram também esmiuçadas.

O prefácio da quarta edição foi o mais resumido dos quatro. Nele, Roxo deu destaque às terapias de choque, terapêutica em voga na década de 1940. O médico novamente expressou nesta edição o seu comprometimento com as inovações científicas da especialidade, buscando apresentar ao leitor um material moderno e atualizado.

No que tange aos capítulos, trinta temas estiveram presentes nas quatro edições⁴⁹². A primeira e segunda edição apresentaram capítulos que foram suprimidos ou incorporados em outros, nas edições seguintes: a *Opiomania - morfinomania* e a *Cocainomania*, passaram a constituir o capítulo das toxicomanias, juntamente com outras toxicodependências. Esse agrupamento ia de encontro à indicação da classificação psiquiátrica da Sociedade Brasileira

⁴⁸⁸ Foi um conjunto de princípios éticos que regeram a pesquisa com os seres humanos.

⁴⁸⁹ SILVA, James Roberto. *Doença, fotografia e representação*. *Op.cit.*, p.186.

⁴⁹⁰ *Ibidem*, p. 143 e 186.

⁴⁹¹ ROXO, Henrique. *Manual de Psychiatria*. 2.ed. Rio de Janeiro : F. Alves, 1921., p.10.

⁴⁹² Ver **Apêndice F** – Quadro do *Manual de Psiquiatria*.

de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, de 1910, que reuniu essas compulsões por substâncias tóxicas no grupo das psicoses heterotóxicas.

O capítulo sobre o *Raciocínio* passou a constituir o de *Semiologia da Associação de ideias e pesquisas psicológicas*, o da *Memória*, passou a fazer parte do capítulo sobre a *Semiologia da memória e pesquisas psicológicas* e o de *Vontade*, o capítulo *Semiologia da vontade e pesquisas psicológicas*. Esses capítulos passaram a indicar os recursos da psicologia experimental, por meio de testes psicológicos para avaliar e diagnosticar os pacientes com base em parâmetros científicos.

A *Demência precoce*, conceito estabelecido por Kraepelin, posteriormente foi substituído pela categoria nosológica: *Esquizofrenia*, constituída por Paul Eugen Bleuler (1857-1939). Tal mudança foi instituída a partir da terceira edição, demonstrando que Roxo estava acompanhando as mudanças nas classificações das doenças mentais, embora considerasse o conceito de esquizofrenia muito generalizador⁴⁹³.

A terceira edição incluiu novos capítulos⁴⁹⁴, buscando se adaptar as teorias e as novas terapêuticas que circulavam, tornando o livro mais condizente com a realidade social e médico científica da época. A quarta edição só apresentou um único capítulo inédito: *Medicina psicossomática*, com apenas cinco páginas, embora no prefácio desta edição Roxo anuncie que “capítulos novos foram acrescentados”. Nesta última edição, embora timidamente, o lente apontou os novos direcionamentos para a psiquiatria nos idos dos anos 1940, mais voltada para a medicina psicodinâmica. Inclusive condizente com as propostas políticas de saúde que circulavam naquele período de pós Segunda Guerra, voltados para uma medicina mais socializante.

No capítulo referente à neurastenia, na primeira e segunda edição, Roxo define que este transtorno mental como “uma psico-neurose dividida em dois grandes grupos: psicastenia e nervosismo⁴⁹⁵, ambos como modalidade de neurastenia. A partir da terceira edição, ele aborda esses dois grupos em capítulos distintos, alegando que o elevado número de pacientes enquadrados nesse diagnóstico e a literatura pouco explícita sobre o assunto, justificaram uma explanação mais esmiuçada da doença⁴⁹⁶. Este indício demonstra que o conteúdo explanado no *Manual* também foi resultado da experiência clínica pessoal de Roxo, a qual ele compartilhava com seus pares e transmitia aos futuros especialistas.

⁴⁹³ ROXO, Henrique. Conceito atual de demência precoce. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl. 2, p.695-703, 2010. p.695.

⁴⁹⁴ Ver **Apêndice F** – Quadro do *Manual de Psiquiatria*.

⁴⁹⁵ ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. 3. ed. Rio de Janeiro : F. Alves, 1938. 887p. p.641.

⁴⁹⁶ *Ibidem*, p. 645 e 669.

O que nos foi possível constatar, comparando os prefácios e os capítulos das quatro edições, foi de fato os reflexos da atualização da medicina mental expressos no conteúdo dessa obra: temas suprimidos, mudança na denominação de alguns transtornos mentais, conceitos de transtornos que foram reunidos num único capítulo ou que mereceram um capítulo próprio. A menção do público alvo ao qual se dirigia o livro, alunos da Faculdade de medicina e médicos, esteve presente nas três primeiras versões, entretanto não foi mencionado na quarta e última edição.

O manual, de acordo com Fleck⁴⁹⁷, registra o pensamento estruturado e formalizado por um grupo socialmente estabilizado. Por meio deste instrumento, a ciência hegemônica desse grupo, de forma didática, é repassada aos novos membros, iniciando-os, através de suave coação, no estilo de pensamento daquela comunidade. Nesse sentido, as teorias aceitas por Roxo e pela Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foram organizadas, de acordo com os seus ideais e transmitidas aos alunos e especialistas. Desta forma, os aprendizes foram orientados na direção que a comunidade dominante desejava e os conceitos considerados essenciais pelo grupo, foram paulatinamente consolidados. Esse era um meio de garantir a sobrevivência e a longevidade do estilo de pensamento da Clínica Psiquiátrica da FMRJ, praticado no Pavilhão/IPUB.

3.2.2 Anais do Instituto de Psiquiatria

Desde 1938 Henrique Roxo tinha a intenção de editar um periódico que documentasse e disseminasse para a comunidade científica brasileira o resultado dos estudos e pesquisas que seriam desenvolvidos no recém-criado Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. Todavia, devido à sobrecarga de serviços da Imprensa Nacional, seu intento não foi posto em prática de imediato, sendo o fruto dos trabalhos ali desenvolvidos inicialmente encaminhados para outras revistas científicas.⁴⁹⁸

Em 1942, Henrique Roxo finalmente instituiu a revista intitulada *Anais do Instituto de Psiquiatria*⁴⁹⁹. Esse periódico contribuiu para que a ‘nova’ instituição se estabelecesse, demonstrasse autonomia e se fortalecesse no meio acadêmico científico do Distrito Federal.

⁴⁹⁷ FLECK, Ludwick. *Gênero e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte :Fabrefactum, 2010., p.173-174.

⁴⁹⁸ O BRASIL, a exemplo de Munich e de Nova York, associa definitivamente a ação experimental a didática, com a criação do Instituto de psiquiatria. *Vida doméstica*, set. 1938.

⁴⁹⁹ Este periódico, em 1948, passou a ser denominado de *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, circulando até a presente data com este título. Informação inclusa no verso da capa da referida revista, v.1, n.5, 1948.

Sendo assim, ela se pretendeu um veículo para apresentar à comunidade esotérica⁵⁰⁰ e aos pares como a psiquiátrica era produzida e praticada naquele *locus*.

De acordo com Freitas, os periódicos representavam,

desde seus primórdios, importantes canais de publicação de notícias científicas. No século XIX, expandiram-se e especializaram-se, vindo a realizar importantes funções no mundo da ciência. Ao publicarem textos, os estudiosos registram o conhecimento (oficial e público), legitimam disciplinas e campos de estudos, veiculam a comunicação entre os cientistas e propiciam ao cientista o reconhecimento público pela prioridade da teoria ou da descoberta⁵⁰¹.

No Brasil, segundo Ferreira⁵⁰², os primeiros periódicos médicos, editados ainda no século XIX, retratavam a valorização da ciência, divulgando inicialmente a medicina europeia assim como a inclusão de temas que também interessavam aos leitores leigos. Tinham por objetivo primeiro formar e ampliar o público interessado na área médica.

O primeiro periódico especializado em psiquiatria no país foi o *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*,⁵⁰³ fundado em 1905 pelos psiquiatras Juliano Moreira e Afrânio Peixoto. Esse periódico tinha por finalidade registrar a colaboração dos especialistas na área, divulgar trabalhos relacionados as várias escolas científicas, assim como os debates e enfrentamentos referentes a esses referenciais teóricos circulantes em nossas terras⁵⁰⁴.

Facchinetti, Cupello e Evangelista nos informam que “a revista era produzida no interior do Hospício, pelos enfermos tipógrafos”⁵⁰⁵. Em 1908 a revista passou a ser denominada de *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria Neurologia e Medicina Legal*, passado a ser o órgão de difusão da Sociedade com o mesmo nome. Em 1919, mudou o título para *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*, a mudança foi justificada pelo “desenvolvimento de estudos nessas áreas [...] o uso do termo neuriatria denota o início da separação dos campos da medicina e da psicologia, processo reforçado pela divulgação das teorias psicanalíticas [...] e a neurologia adotou o termo neuriatria para reforçar sua identificação com o campo médico, em especial a

⁵⁰⁰ Segundo Fleck, é um pequeno círculo de especialistas. FLECK, Ludwick. *Gênero e desenvolvimento de um fato científico*. *Op.cit.*, p. 157.

⁵⁰¹ FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Ciência da Informação*, Brasília, v.35, n.3, p.56-66, 2006., p.54.

⁵⁰² FERREIRA, Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.1827-1845.

⁵⁰³ FACCHINETTI, Cristiana, CUPELLO, Priscila, EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, *supl.2*, 2010, p.527-535.

⁵⁰⁴ *Ibidem*, p.528.

⁵⁰⁵ *Ibidem*.

psiquiatria..”⁵⁰⁶ Esta revista foi publicada até 1957⁵⁰⁷, apesar das dificuldades financeiras enfrentadas ao longo das cinco décadas de sua existência.

A desvinculação do Pavilhão frente à Assistência aos Psicopatas e a sua inserção na Universidade do Brasil trouxe autonomia a essa instituição de ensino, estando o projeto de Roxo - a criação de um periódico médico especializado que representasse e divulgasse a instituição por ele dirigida – em sintonia com a imagem propagada de universidade como lugar de ciência⁵⁰⁸.

A iniciativa do lente em criar um periódico, de acordo com as suas determinações e que refletisse o seu pensamento científico, contribuiu para reafirmar o processo de institucionalização do Instituto de Psiquiatria e com o seu empenho em tornar a sua Instituição de ensino referência na psiquiatria do Distrito Federal. Cabe destacar que, com a lacuna deixada pelo primeiro periódico em psiquiatria, que deixou de ser publicado na década seguinte, os *Anais* tornaram-se uma das poucas revistas publicadas na área, naquela época.

Os *Anais* foram editados pela Imprensa Nacional e a despeito de sua proposta de periodicidade anual, os números foram publicados com intervalos de um a dois anos. O número três da revista, correspondente ao ano de 1944, foi editado em conjunto com o de 1945, sendo este o último sob a direção de Roxo, que se aposentou naquele ano. Este número veio a público apenas em 1947, sendo o único dos três que forneceu uma explicação aos leitores quanto ao atraso, informando que, “embora neste gênero de publicações [*sic*] a pontualidade não seja uma virtude constante”⁵⁰⁹, a demora se deu devido a mudanças na direção do IPUB: aposentadoria de Roxo, a direção interina do livre docente Flávio de Souza e a posse do novo catedrático, Prof. Maurício de Medeiros, em meados de 1946⁵¹⁰.

A instabilidade financeira gerada durante e após a Segunda Guerra e o fim da Era Vargas possivelmente influenciaram na liberação de verbas e contribuído para a irregularidade na periodicidade dos primeiros números desta publicação.

⁵⁰⁶ FACCHINETTI, Cristiana, CUPELLO, Priscila, EVANGELISTA, Danielle. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins. *Op. cit.*, p. 529.

⁵⁰⁷ Dado obtido no Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN) do Instituto Brasileiro de ciência e Tecnologia (IBICT).

⁵⁰⁸ CARVALHO, Kátia de. Revista Científica e Pesquisa: Perspectiva Histórica. In: Dinah Aguiar Población... et. al. *Revistas Científicas: dos Processos Tradicionais às Perspectivas Alternativas de Comunicação*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2011., p.33.

⁵⁰⁹ O breve editorial do terceiro número dos *Anais* não tem autoria, mas provavelmente ao se referir à periodicidade irregular o autor deveria estar aludindo a uma característica das publicações nacionais.

⁵¹⁰ ANAIS do Instituto de Psiquiatria ...1944-1945

Uma das características iniciais desta revista foi o seu caráter institucional - os autores dos artigos eram todos professores e assistentes do IPUB. Convém ressaltar que os três números iniciais do periódico não apresentavam seções, apenas artigos dos colaboradores.

Tendo como meta externar as práticas médicas e pesquisas adotadas pela unidade, acreditamos que este objetivo provavelmente foi alcançado através da distribuição gratuita dos exemplares à comunidade médica, às instituições congêneres e por meio de permuta com sociedades científicas internacionais.

A utilização de periódicos especializados para divulgar o conhecimento, no decorrer do século XX, pode ser correlacionado ao aumento do número de especialistas. Esse dado pode ser confirmado por intermédio dos cursos de aperfeiçoamento em psiquiatria, que eram oferecidos pelo Pavilhão/Instituto de Psiquiatria, com certa regularidade e pela oferta de clínicas especializadas e psiquiatras nos indicadores profissionais dos jornais. Tornou-se necessário um canal de comunicação de alcance mais amplo, que possibilitasse “a comunicação rápida e precisa sobre uma experiência ou observação específica, que permitisse a troca também rápida de ideias e a crítica entre todos os cientistas interessados no assunto em questão”⁵¹¹.

Retornando ao pensamento de Fleck⁵¹², a ciência divulgada nos periódicos ainda possuía um caráter provisório, incerto e marcada por aspectos pessoais. A revista constitui-se num espaço onde são registrados, sob vários prismas, resultados de investigações científicas que ainda não se constituem verdades absolutas para uma determinada elite científica. Portanto, o conteúdo (teorias e práticas) divulgado nas revistas, está aberto a debates, críticas e troca de saberes entre os interessados na questão. Posteriormente, quando aceito pela comunidade esotérica⁵¹³, esse novo conhecimento é organizado e passa a constituir a ciência dos manuais.

O ato de publicar e difundir um estudo por meio dos periódicos, um canal oficial, além de legitimar o saber por meio do registro das ideias, permitiu a formação de redes e parcerias entre psiquiatras que tratavam de assuntos correlatos e também contribuiu para a reconhecimento e ascensão profissional do autor do artigo perante aos seus pares e futuros especialistas.

O primeiro número dos *Anais*, o artigo de abertura, redigido pelo próprio Roxo, cujo título é ‘Instituto de Psiquiatria’, foi iniciado com o decreto da fundação do IPUB. Em seguida o autor relatou o contexto que culminou na criação da instituição, fornecendo algumas

⁵¹¹ MUELLER, S. P. M. O periódico científico. In: CAMPELLO, B. S., CENDÓN, B. V. e Kremer, J. M. (Org.) *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. p. 73-96.

⁵¹² FLECK, Ludwick. *Gênero e desenvolvimento de um fato científico*. *Op.cit.*, p. 173.

⁵¹³ Segundo Fleck, é um pequeno círculo formado pelos especialistas da área. *Ibidem*, p. 157.

impressões pessoais sobre o desenrolar dos acontecimentos. Ademais, o autor descreveu as novas características da instituição e a tecnologia disponível para o desenvolvimento de pesquisas etiológicas e acerca de terapêuticas para as doenças mentais, demonstrando estar o IPUB em consonância com o novo modelo de universidade, que estimulava a investigação científica e a especialização médica. Observamos, ainda, que o catedrático deu ênfase aos seus assistentes, informando os respectivos responsáveis pelas pesquisas que estavam em andamento no IPUB.

Em uma breve análise desses textos, verificamos que o primeiro número da revista foi praticamente todo dedicado à psiquiatria relacionada à guerra. O tema estava em voga na época em que o fascículo foi publicado, demonstrando que a revista estava conectada com o contexto político social do período. Apresentava a experiência adquirida pela especialidade em guerras passadas, como também os distúrbios psíquicos que poderiam vir a eclodir nos indivíduos durante essa época traumática. Para esse número, Roxo selecionou palestras que tinham sido ministradas no curso de Extensão Universitária sobre psiquiatria na guerra, por ele organizado e realizado em novembro de 1942.⁵¹⁴ Moraes Coutinho forneceu algumas informações sobre a organização do referido curso:

Teve o professor Henrique Roxo a oportuna e patriótica ideia de organizar um curso de psiquiatria de guerra. Inaugurou-o, neste mesmo recinto, coube-lhe a tarefa magistral de acentuar a importância do assunto, definir-lhe o conteúdo, apontando os seus aspectos capitais. Aos seus discípulos atribuiu-se a incumbência de desenvolver, de modo mais particular, os diversos capítulos de tão vasta matéria.⁵¹⁵

Quanto aos artigos do segundo e terceiro números, todos os trabalhos são relativos a pesquisas desenvolvidas no âmbito da Instituição pelos jovens assistentes de Roxo. Os temas versaram sobre o estudo de algumas doenças, como a esquizofrenia, o desequilíbrio do vago simpático, o delírio sistematizado alucinatório crônico; a bioquímica das doenças mentais; os distúrbios neurovegetativos das doenças mentais; e as terapêuticas, tais como: o uso da penicilina, a relação entre as vitaminas e as doenças mentais e, principalmente, as convulsoterapias (elétrica e pelo cardiazol). As terapias de choque estavam em alta na década de 1940 e representavam um tipo de tratamento muito utilizado pela medicina norte americana

⁵¹⁴ "PSIQUIATRIA na guerra". *A Manhã*, 12 de nov. 1942, p.2.; A PSIQUIATRIA na guerra. *Jornal do Brasil*, 15 de out. 1942, p.6.

⁵¹⁵ COUTINHO, Moraes. As reações históricas na guerra. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, 1942. p.53.

no período, como nos relatou o Dr. Amando Caiuby Novaes, em artigo publicado em 1947 nos *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*⁵¹⁶.

No terceiro número do periódico, provavelmente organizado após a aposentadoria de Roxo, é o único em que consta um trabalho de um professor sênior do Instituto de Psiquiatria, Januário Bittencourt, que ministrava aulas no Pavilhão, porém não foi citado por Roxo como um dos seus auxiliares que encabeçaram pesquisas nessa nova fase de produção científica do IPUB.

Na maioria dos artigos dos *Anais*, verificamos que seus autores citavam trabalhos de seus colegas da Cátedra de Clínica Psiquiátrica, assim como autores franceses (Paul Legrain, Magnan, Charcot), alemães (Kraepelin, Kretschmer, Spielmayer), espanhóis (Valejo Nagera, Mira y Lopez, Lopez Ibor), argentinos (Ingenieros), norte americanos (Abraham Low, Adolf Meyer, Emerick Friedman, Paul H. Wilcox, Edward Vogt) e o húngaro von Meduna, que havia imigrado para os EUA.

Cabe mencionar, ainda, que nos primeiros números dos *Anais*, a quantidade de referências a autores americanos, espanhóis e latino americanos e também a periódicos como o *American Journal of Psychiatry*, *Journal of Nervous Mental Disease*, *Annual Review of Biochemistry*, *Archives of Neurology & Psychiatry*, *Psychiatric Quarterly* e a *Revista Argentina de Neurologia e Psiquiatria* foi aumentando gradativamente. Essa aproximação denota a conexão da equipe de Roxo com outras escolas de psiquiatria, além das europeias.

Inicialmente, os *Anais* não nos fornecem informações sobre a existência de um possível ‘comitê editorial’ ou a dinâmica para determinar as temáticas ou quais os artigos que seriam redigidos e publicados. Em 1948, sob a direção do professor Maurício de Medeiros, a revista passou a apresentar em suas páginas iniciais e finais os nomes dos integrantes da comissão de redação, o endereço para correspondências, a solicitação de permuta com revistas de outras instituições, além de seções fixas - artigos originais; conferências, lições & comunicações; registro de livros e noticiário.

Na medida em que a revista foi se consolidando na comunidade acadêmica, sua apresentação física também buscou estar em consonância com os demais periódicos científicos nacionais, a fim de representar o veículo oficial de divulgação de uma instituição de ensino consolidada no cenário científico do Distrito Federal⁵¹⁷.

⁵¹⁶NOVAES, Amando Caiuby. Aspectos práticos da psiquiatria norte-americana. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v.5, n.2, abr./jun. 1947, p.167-180.

⁵¹⁷ O periódico *Anais do Instituto de Psiquiatria*, a partir de 1948, passou a ser denominado de *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* e continua sendo publicado até a presente data, sem interrupção.

Nessa perspectiva, os *Anais* buscaram refletir o pensamento do grupo ao qual representava, interagindo não apenas com o meio social e científico do Rio de Janeiro, mas com todo o país, e sua comissão editorial criou mecanismos para torná-la mais atraente e ampliar o número de leitores especializados, além de manter permuta com outras instituições congêneres.

3.3 OS ÚLTIMOS ANOS DA ADMINISTRAÇÃO DE ROXO

3.3.1 O IPUB na década de 1940: novas trocas científicas entre médicos e seus saberes

A Segunda Guerra Mundial desestruturou as conjunturas internas e externas dos países ao redor do mundo, refletindo em suas relações político-diplomáticas. No caso específico do governo brasileiro, em 1942, houve o rompimento oficial das relações diplomática com a Alemanha, país que, até então, realizava importantes trocas comerciais e científicas com o Brasil, que colaboraram com o nosso desenvolvimento econômico, industrial, científico e social.⁵¹⁸ Esse rompimento diplomático contribuiu para que o Brasil se alinhasse cada vez mais com a política, economia e cultura dos Estados Unidos, aproximação esta que já vinha ocorrendo desde a década de 1930, fortalecida pela política de boa vizinhança americana.

Em relação ao campo político social brasileiro, Gustavo Capanema, nomeado como ministro da Educação e da Saúde Pública do Governo Vargas em 1934, realizou grandes reformas nesse ministério. Vivia-se um período de consolidação da centralização administrativa dos serviços de saúde, além da criação dos serviços nacionais, dentre eles o Serviço Nacional de Doenças Mentais, em 1941⁵¹⁹, com Aduino Botelho na sua direção.

No campo acadêmico, a presença da Fundação Rockefeller, em projetos sociais de educação e saúde, assim como o fácil acesso dos dirigentes desta Instituição ao Ministro da Educação, contribuiu para um maior alinhamento da cultura brasileira com os valores culturais e científicos norte-americanos em detrimento do modelo francês⁵²⁰.

No que concerne à formação médico científica, o modelo americano de universidade, com ênfase na pesquisa, no laboratório, na prática, na valorização da especialização e na

⁵¹⁸MOURA, Gerson. *Sucessos e ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

⁵¹⁹FABRÍCIO, André Luiz da C. *A assistência psiquiátrica no contexto das políticas públicas de saúde (1930-1945)*. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

⁵²⁰BULCÃO, Lúcia Grando; EL-KAREH, Almir Chaiban; SAYD, Jane Dutra. Ciência e ensino médico no Brasil (1930-1950). *História, ciências, saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.469-487, 2007., p.481.

dedicação exclusiva por parte do docente, serviu de base para a implantação de uma nova estrutura. Esse modelo, valorizando a produção de conhecimento científico, foi paulatinamente implantado nas instituições de ensino a nível nacional⁵²¹.

Dentro desse seguimento, o Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, regulamentou o ensino superior no Brasil, logo no início da Era Vargas, introduzindo elementos que visavam a adoção de padrões científicos, a elevação do nível cultural e o incentivo as investigações científicas com ênfase nos métodos de demonstração e nos trabalhos práticos.

Na psiquiatria do Distrito Federal, mais especificamente no Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, Roxo, em 1939, concedeu uma entrevista ao *Jornal do Brasil*. Dentre suas declarações, pontuou que o envolvimento dos assistentes nos processos de ensino e pesquisa adotados naquela Unidade eram semelhantes aos de nações desenvolvidas como a Alemanha e os Estados Unidos. Declarou ainda que nos EUA a pesquisa era muito valorizada, tanto que o professor húngaro Ladislav J. Von Meduna (1896-1964) foi contratado, em 1938, pela Loyola University, de Chicago, para investigações de bioquímica relacionadas a patologia da esquizofrenia.

Esta declaração indica que Roxo estava a par dos acontecimentos no mundo acadêmico científico. Influenciado pelo novo modelo de ensino nas universidades, que valorizava a pesquisa, buscava estabelecer um padrão de excelência científica no IPUB. Para tanto, anunciou a existência de “gabinetes muito bem montados para as diversas pesquisas” em desenvolvimento do IPUB. Entretanto, lamentou a falta de alguns equipamentos e de verbas destinadas à investigação científica.

Nessa conjuntura, a lei da desacumulação de cargos públicos, de 1937 - quando os professores tiveram que optar por ter apenas um único emprego público - contribuiu com a proposta da dedicação exclusiva, pois os docentes da instituição passaram a dedicar mais tempo ao ensino e a pesquisa em prática no Instituto de Psiquiatria.

Antes de darmos prosseguimento à descrição do contexto no qual a psiquiatria do Distrito Federal esteve inserida na década de 1940 e sua aproximação à ciência norte americana, cabe pontuar alguns aspectos das relações científicas dos psiquiatras brasileiros com as teorias alemãs.

O período entreguerras proporcionou a aproximação da psiquiatria brasileira com a alemã. Psiquiatras e neurologistas, de ambos os países, construíram um intercâmbio científico: por meio de cursos ministrados por médicos alemães no Brasil, através de missões científicas

⁵²¹*Ibidem*, p.477, 482.

brasileiras que buscaram conhecer os hospitais e instituições de ensino e pesquisa na Alemanha, médicos brasileiros que se empenharam em adquirir conhecimentos especializados de ponta, junto a grandes mestres alemães em suas áreas de interesse⁵²². Todas essas trocas e aquisição de saber contribuíram para o progresso da ciência nacional.

Neste período, a psiquiatria brasileira buscava soluções para resolver suas questões, como a baixa recuperação dos doentes mentais e a consequente superlotação dos hospícios. Visando diminuir a quantidade de futuros doentes, a psiquiatria, articulada aos preceitos da eugenia e da higiene mental e amparada por políticas de saúde, passara a adotar medidas de caráter preventivo, objetivando conter a propagação das doenças mentais na população brasileira antes mesmo delas ocorrerem.

No que concerne mais especificamente à psiquiatria difundida pelo professor Roxo a frente do Pavilhão de Observação, posterior Instituto da Psiquiatria da Universidade do Brasil, dentro do cenário teuto-brasileiro, nos revela Muñoz⁵²³,

Apesar de não ter sido um personagem ativo na organização do intercâmbio teuto-brasileiro – inclusive, por sua tendência francófila e, às vezes, extremamente crítica à psiquiatria alemã –, Henrique Roxo se tornou [...] um personagem muito presente nas relações com a Alemanha. Sua posição como catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o favorecia – deve-se ressaltar. Contudo, até os anos 1920 parece ter sido ainda tímida a sua colaboração para o desenvolvimento do intercâmbio científico entre Brasil e Alemanha. Além disso, Roxo realizava ações para escrever seu nome no já fortalecido movimento de internacionalização da psiquiatria, nos anos 1920.

Reportando-se à aproximação dos psiquiatras brasileiros com as teorias científicas americanas, desde a década 1920, alguns médicos, como o psiquiatra paulista Pacheco e Silva, o neurologista Antônio Austregésilo e o próprio Roxo, buscaram inteirar-se da ciência médica norte-americana⁵²⁴.

A convite do Departamento de Estado norte-americano e designado pelo governo de São Paulo, em 1926, Pacheco e Silva realizou uma viagem aos Estados Unidos, a fim de estudar a assistência aos psicopatas daquele país⁵²⁵. Em 1927, Austregésilo também esteve nos EUA, visitando hospitais e sociedades especializadas em sua área. Ao retornar ao Brasil, divulgou aos seus pares a ótima impressão que teve da neurologia norte-americana. Considerou-a tão avançada quanto a europeia, destacando, inclusive, o alto nível científico da neuropatologia e da neurocirurgia – inclusive introduzindo esta modalidade cirúrgica em nosso país⁵²⁶.

⁵²²MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À Luz do Biológico. op. cit.*

⁵²³*Ibidem*, p.204.

⁵²⁴*Ibidem*, p.192.

⁵²⁵ SILVA, Antônio Carlos Pacheco e. In: *Dicionário biográfico. Op. cit.*

⁵²⁶*Ibidem*, p.259.

Roxo, por sua vez, esteve em duas ocasiões nos Estados Unidos: em 1929, no 9º Congresso Internacional de Psicologia e em 1940, no 8º Congresso Científico Americano, onde apresentou a seus pares estrangeiros suas criações e inovações terapêuticas.

Nessa ocasião, recebeu um convite para fazer conferências nas Universidades de Chicago e de Bekerley, em São Francisco - Califórnia. Além das palestras, visitou o serviço de ensino e de pesquisa da Clínica Psiquiátrica de Nova York, a Universidade de Michigan e os hospitais de clínica de Chicago e de Los Angeles. No seu retorno, declarou à *Gazeta de Notícias*⁵²⁷, que foi muito bem acolhido pelo povo americano. Destacou que o ensino e a pesquisa nos EUA contavam com uma boa infraestrutura, além de vultosas verbas que permitiam elevar ainda mais a qualidade de ambos. Comparou esse fato com a dura realidade brasileira, onde as verbas destinadas à pesquisa eram escassas e os edifícios, no qual essa atividade era realizada, eram velhos e mal aparelhados.

Artigos publicados pelos docentes Cunha Lopes e Pernambuco Filho⁵²⁸, na década de 1920, apontavam que estes conheciam e utilizavam em seus estudos textos produzidos nos EUA. Demonstravam assim que, além de estarem atualizados em relação aos saberes referentes aos seus campos de interesse, os referenciais norte-americanos já circulavam no Pavilhão.

No que tange à visita de americanos ou de cientistas que representavam instituições desse país ao Brasil, em junho de 1939, a convite de Aduino Botelho, o professor Von Meduna, esteve durante uma semana no Distrito Federal⁵²⁹.

Em sua breve estada no Rio de Janeiro, Von Meduna realizou conferências na Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, na Academia Nacional de Medicina, na Sociedade de Medicina e Cirurgia e na Clínica Neurológica da Universidade do Brasil. Visitou a Colônia Juliano Moreira, o Hospital Nacional de Alienados e o Sanatório Botafogo. Após cumprir sua agenda no Rio de Janeiro, Von Meduna seguiu para São Paulo, onde permaneceu por mais uma semana, ministrando palestras.

Salientamos que pesquisas tendo como base o cardiazol eram realizadas pelos assistentes de Roxo no IPUB desde 1938, e o contato com o descobridor da técnica deve ter dado maior incentivo e credibilidade às investigações sobre esse tema ali desenvolvidas. Constatamos que a técnica de Von Meduna foi replicada e entrelaçada com outros métodos, buscando assim, aperfeiçoá-la em pesquisas. O resultado destas experiências foi divulgado à comunidade científica por meio de artigos. Aduino Botelho escreveu um artigo sobre o tema na

⁵²⁷ *Gazeta de Notícias*, 03/07/1940.

⁵²⁸ Ver referências destes dois docentes no **Apêndice A** – Quadro de docentes.

⁵²⁹ *O Jornal*, 23/06/1939.

década de 1930; Flávio de Souza, no início da década de 1940, publicou quatro artigos, fruto de pesquisas desenvolvidas na instituição; Paulo Lacaz desenvolveu uma pesquisa sobre o tema e, uma outra investigação, selecionada por Roxo, foi realizada por Flávio de Souza⁵³⁰.

Em janeiro de 1941 a *Gazeta de Notícias*⁵³¹ anunciou a visita à Liga Brasileira de Higiene Mental do americano William Shands Meacham, diretor do jornal *Richmond Times Dispatch* e vice-presidente da Sociedade de Higiene Mental da Virgínia, sendo recebido por Henrique Roxo e Aduino Botelho. O objetivo da estada do jornalista no Brasil era realizar estudos sobre higiene mental e a diversidade das raças no continente sul americano. O americano parabenizou iniciativas da LBHM, como a semana antialcoólica e os dispensários, que atendiam gratuitamente aos necessitados e distribuía medicamentos.

Durante a visita, Meacham falou sobre o entrosamento de sua instituição com as organizações de assistência social de seu Estado, da divulgação da higiene mental pela imprensa e os serviços de profilaxia que eram realizados pela Sociedade de Higiene Mental da Virgínia. Roxo o convidou para conhecer o IPUB e Aduino Botelho o convidou para conhecer a Colônia Juliano Moreira e o Centro Psiquiátrico Nacional⁵³². Sem dúvida, essa visita representou uma significativa troca de experiências entre Roxo, Aduino e Meacham quanto às medidas profiláticas e de divulgação da higiene mental.

Na década de 1940, alguns psiquiatras brasileiros buscaram capacitação em terras americanas, como a Dra. Iracy Doyle Ferreira, ex-interna, assistente da Clínica Psiquiátrica e livre docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Doyle conquistou, por intermédio de um concurso no qual participaram médicos sul americanos, uma bolsa para estudar a infância anormal na clínica neuropsiquiátrica da John Hopkins University. Tornou-se então assistente do professor de psiquiatria infantil Leo Kanner (1894-1981) e posteriormente do professor de psiquiatria e psicobiologia Adolph Meyer (1866-1950). Ainda na mesma Universidade, também foi assistente do serviço de eletroencefalografia do professor Richard Lyman. Retornando ao Brasil, em 1946 fundou a Clínica de Repouso da Tijuca, implantando nesta instituição a orientação psicológica nos moldes da Clínica Psiquiátrica dos americanos irmãos Topeka. No mesmo ano, a médica retornou aos EUA, desta vez para se especializar em psicanálise, no William Allanson White Institute, de New York.

Ainda nesta década, o Dr. Aduino Caiuby Novaes, assistente do professor Antônio Carlos Pacheco e Silva (1898-1988), da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

⁵³⁰ Os títulos dos artigos desses docentes encontram-se relacionados no **Apêndice A**.

⁵³¹ *Gazeta de Notícias*, 15/01/1941.

⁵³² *Ibidem*.

(USP), publicou nos *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* (1947) uma conferência que realizou em 1946, na Associação Paulista de Medicina, sobre suas impressões em relação à especialização que realizou no Neuro-Psychiatric Institute of the Hartford Retreat, sob a orientação do Dr. Cecil Charles Burlingame⁵³³. No artigo, descreveu não apenas os aspectos físicos do hospital, mas também as práticas psiquiátricas, tratamentos e exames médicos que mais lhe chamaram a atenção. Novaes salientou o entusiasmo dos americanos pelos tratamentos baseados na convulsoterapia – eletrochoques, uso do cardiazol e da insulina. Além dessas terapêuticas, descreveu o emprego de outras técnicas e medicamentos mais utilizados, como por exemplo, o hipnotismo, a leucotomia, a psicoterapia em grupo, o uso do curare e da penicilina.

Como podemos notar, o contexto sócio político da década de 1940 contribuiu para uma aproximação mais concreta entre os docentes do IPUB com as teorias científicas norte americanas. A participação em eventos, a visitação as entidades científicas e a busca por capacitação profissional, favoreceu a troca de conhecimentos e a aquisição de um novo arcabouço teórico e técnico que foi implementado no cotidiano institucional⁵³⁴ e evidenciado na produção acadêmica do grupo.

3.3.2 A psiquiatria do Distrito Federal na década de 1940

As mudanças ocorridas no setor político, econômico, social e científico brasileiro na década de 1940, refletiram no Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. No que se refere à psiquiatria nacional, em 1941, foi criado o Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM)⁵³⁵, reunindo o Serviço de Assistência a Psicopatas e a Divisão de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal, sob a direção de Aduino Botelho, ex-assistente de Roxo. Este serviço tinha por objetivo gerenciar a assistência e as políticas de psiquiatria a nível nacional.

Desde 1938, a imprensa já noticiava a intenção do governo federal de transferir o Hospício para a Colônia de Jacarepaguá⁵³⁶. Antigos problemas, como a superlotação, somados

⁵³³ Segundo Novaes, o Dr. Burlingame ofereceu essa bolsa de estudos a um dos assistentes do professor Pacheco e Silva. Novaes revela que “foi, portanto, o nome de Pacheco e Silva e o justo prestígio que desfruta nos meios científicos dos Estados Unidos e, particularmente, entre os mais renomados psiquiatras daquele país, que nos levaram a Hartford, a fim de aperfeiçoar conhecimentos aqui adquiridos com aquele Mestre”. NOVAES, Amando Caiuby. Aspectos práticos da psiquiatria norte-americana. *Op.cit.*, p.167.

⁵³⁴ CARVALHO, Carolina, MATHIAS, Cátia, MARCONDES, Sérgio. The communication of psychiatry in Brazilian press (1930–1940). *Journal of Science Communication*, v.16, n.3, 2017. p.10. Disponível em: https://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOM_1603_2017_A13_en.pdf

⁵³⁵ Decreto nº 3171 de 02 de abril de 1941.

⁵³⁶ O BRASIL, a exemplo de Munich e de Nova York, associa definitivamente a ação experimental a didática, com a criação do Instituto de psiquiatria. *Vida doméstica*, set. 1938.; O HOSPÍCIO abriga neste momento mais de dois mil doentes: Não tem fundamento a notícia da mudança imediata do velho estabelecimento para Jacarepaguá. *Correio da Manhã*, 08/02/1938.

à decadência da estrutura física, a falta de investimentos e a ausência de inovações científicas e tecnológicas (como ocorrera outrora, no período de Juliano Moreira), contribuíram para o fim do antigo hospício.

A localização do Hospício em uma zona urbana também foi outro aspecto que motivou a mudança, pois o hospital estava a esta altura no meio do bairro da Urca. Além disso, o Serviço Nacional de Doenças Mentais passou a investir num novo modelo de assistência psiquiátrica no Brasil, baseado no hospital-colônia. Nessa ‘nova’ proposta, o paciente crônico deveria ser inserido num ambiente salutar, afastado da civilização, envolvido com o trabalho agrícola como terapêutica - ideias remanescentes do alienismo – além de ter a sua disposição tratamentos de ponta na época⁵³⁷, como a assistência hetero familiar, a praxiterapia (em especial o trabalho agrícola), a prática de atividades desportivas, sem contar os recursos mais radicais para os casos de repetição, como a clínica psicocirúrgica, etc.

Em 1944, o antigo Hospital Nacional de Psicopatas foi finalmente desativado, sendo os pacientes considerados passíveis de cura transferidos para o Centro Psiquiátrico Nacional⁵³⁸, antiga colônia Gustavo Riedel, no bairro do Engenho de Dentro e os crônicos encaminhados para a Colônia de Jacarepaguá⁵³⁹. Entretanto na prática, a rotina em relação à admissão de pacientes em ambos os estabelecimentos não se deu dessa forma e, no caso específico da Colônia, esta continuou a “receber pacientes agudos, provenientes da polícia e do próprio CPN.”⁵⁴⁰

Essas transferências impactaram o cotidiano institucional do IPUB, uma vez que, este deixara de ser a porta de entrada dos pacientes destinados ao HNA, bem como da Assistência a Alienados do Distrito Federal. A extinção dessa função fez o número de entradas de pacientes ser reduzido consideravelmente a cada ano⁵⁴¹. A entrada dos pacientes no IPUB, possivelmente se deu por intermédio de seu ambulatório e da Liga Brasileira de Higiene Mental, instituição na qual Roxo era presidente.

⁵³⁷VENANCIO, Ana, Teresa A. Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl., dez. 2011, p. 35-52.

⁵³⁸ O Centro Psiquiátrico Nacional foi criado pelo Decreto Lei nº 7055, de 18/11/1944.

⁵³⁹OLIVEIRA, Edmar de S. *Engenho de Dentro* do lado de *fora*: o Território como um engenho novo. 2004. 125f. Monografia (Especialização de Gestão em Saúde) – Fundação João Goulart, Rio de Janeiro. p.58

⁵⁴⁰ CASSILIA, Janis Alessandra Pereira. *Doença mental e Estado Novo: a loucura de um tempo*. 2010. 199f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. p. 88-89.

⁵⁴¹ Em 1938, deram entrada 2950 pacientes. No ano seguinte, este número caiu para 608. Em 1944 foram registrados 336 pacientes, no ano seguinte, 243. Ver **Apêndice C**.

Cabe aqui abrir um parêntese, com o propósito de tentar esclarecer um fato curioso ocorrido em julho de 1944. Neste mês, Roxo⁵⁴² encaminhou três telegramas ao presidente Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), em cujo conteúdo dizia estar informado de que seria levada à decisão deste governante dois decretos, um que extinguiria o Instituto de Psiquiatria e outro que criaria uma divisão, com este mesmo nome, no Serviço Nacional de Doenças Mentais. O catedrático informava ter o apoio do Conselho Técnico Administrativo da Faculdade de Medicina, da Reitoria da Universidade do Brasil, da Sociedade de Psiquiatria e da Academia Nacional de Medicina. Em nome dessas instituições, apelava aos bons sentimentos de Vargas no sentido de preservar uma Instituição que foi criada pelo próprio presidente e vinha prestando ótimos serviços à sociedade. Em um documento assinado pelo ministro Capanema⁵⁴³, este comunicava que daria “ao assunto solução satisfatória, quer do ponto de vista da organização do Serviço Nacional de Doenças Mentais, quer do ponto de vista da boa ordem da Faculdade Nacional de Medicina”.

Não dispomos de mais informações a respeito dessa questão, sobre os motivos pelos quais cogitou-se a extinção do Instituto de Psiquiatria, ou os objetivos dessa mudança - se a Clínica Psiquiátrica ficaria novamente sem um hospital escola para as aulas práticas e se haviam outros atores envolvidos. Partindo dos poucos dados que a pesquisa foi capaz de obter, é possível considerar que o governo tinha planos de aproveitar a estrutura técnica do IPUB, transferindo-a para o bairro do Engenho de Dentro, recriando as funções e objetivos do antigo setor de triagem do HNA no novo Centro Psiquiátrico.

O que nos foi possível constatar é que em 18 de novembro de 1944 foi criado o Centro Psiquiátrico Nacional. E no interior deste, foi fundado um *outro* Instituto de Psiquiatria, com a competência de receber, observar, realizar exames e tratar os pacientes. Também tinha a incumbência de efetuar pesquisas e estudos sobre as doenças mentais e nervosas, com objetivos sociais e eugênicos, promovendo a profilaxia⁵⁴⁴. Enfim, atribuições semelhantes às realizadas pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil até então.

O Centro Psiquiátrico Nacional era um órgão local que integrava o Serviço Nacional de Doenças Mentais e tinha a competência de “assistir, distribuir e internar doentes mentais no

⁵⁴²ROXO, Henrique (Instituto de Psiquiatria – Universidade do Brasil, Distrito Federal). Telegrama para: Getúlio Vargas (Presidente do Brasil). 07 de jul. 1944. 1 folha. Acervo: Arquivo Nacional.

ROXO, Henrique (Instituto de Psiquiatria – Universidade do Brasil, Distrito Federal). Telegrama para: Getúlio Vargas (Presidente do Brasil). 12 de jul. 1944. 1 folha. Acervo: Arquivo Nacional.

ROXO, Henrique (Instituto de Psiquiatria – Universidade do Brasil, Distrito Federal). Telegrama para: Getúlio Vargas (Presidente do Brasil). 1944. 1 folha. Acervo: Arquivo Nacional.

⁵⁴³CAPANEMA, Gustavo (Ministro da Educação e Saúde). Despacho para: Getúlio Vargas (Presidente do Brasil). Sem data. 1 folha. Acervo: Arquivo Nacional.

⁵⁴⁴BRASIL. Decreto n. 17.185, de 18 de novembro de 1944. Art. 21.

Distrito Federal, realizando pesquisas e estudos sobre as psicopatias”.⁵⁴⁵ Segundo uma entrevista de Capanema ao jornal *A Noite*⁵⁴⁶, o Centro Psiquiátrico, diferente da Colônia Juliano Moreira, não era apenas destinado à assistência e ao tratamento, o seu objetivo era também o de estudo e pesquisa. Tinha o objetivo de se tornar uma das maiores instituições científicas do país no campo das investigações psiquiátricas, servindo de padrão em todo o país. Seu diretor foi o professor Edgard Guimarães de Almeida, que havia sido o diretor do antigo Hospício de Alienados, entre 1941⁵⁴⁷ e 1945 e que era, além disso, livre docente da clínica psiquiátrica da Universidade do Brasil⁵⁴⁸.

Adauto Botelho, como vimos ao longo desta dissertação, vinha se destacando no cenário político científico do Distrito Federal desde a década de 1920. Soube se articular construindo amizades importantes, conquistando o apoio das autoridades governamentais que passaram a confiar na sua capacidade administrativa. Ao ser empossado como diretor do serviço de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal e do Hospício de Alienados, em 1938, Botelho alcançou o antigo cargo de Juliano Moreira. Sendo assim, passou a ter autonomia para influenciar os rumos da psiquiatria carioca. Em 1941, foi promovido à direção do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Paulatinamente, Botelho e Roxo foram se afastando, enquanto o primeiro avançava para o seu ápice profissional, o catedrático, embora reconhecido e respeitado, seguia rumo a aposentadoria, não se destacando no novo cenário sócio-político e científico que estava sendo desenhando.

Fica evidente o propósito de Adauto Botelho, na SNDM, de não somente substituir o velho Hospício pelo moderno Centro Psiquiátrico Nacional, mas de fazer com que este se notabilizasse na comunidade científica nacional e internacional, como um novo modelo a ser seguido, como outrora tinha sido o Hospício Nacional de Alienados, dos áureos tempos de Juliano Moreira.

3.3.3 O fim de um ciclo: a despedida do catedrático

No dia treze de junho de 1945, no anfiteatro que levava o seu nome desde 1939, após quarenta anos de magistério, os alunos do sexto ano de medicina testemunharam a derradeira aula de Henrique Roxo como catedrático de Clínica Psiquiátrica da Universidade do Brasil.

⁵⁴⁵ *Ibidem*. Art. 11.

⁵⁴⁶ *A Noite*, 14/01/1944.

⁵⁴⁷ *O Imparcial*, 19/08/1941.

⁵⁴⁸ *A Noite*, 20/04/ 1945.

Esta versou sobre os modernos recursos terapêuticos das doenças mentais, o último tópico de seu curso de Clínica Psiquiátrica e coincidentemente, o último capítulo do seu *Manual de Psiquiatria*.

Nessa solene ocasião, além dos discentes, estavam presentes no recinto todos os seus assistentes e internos da Clínica, além do professor Deolindo Augusto de Nunes Couto (1902-1992), antigo aluno de Roxo e catedrático da Clínica Neurológica⁵⁴⁹.

Ao término da exposição, Roxo entregou o certificado aos alunos que mais se destacaram, prática corriqueira em seus cursos. Desejou felicidades aos futuros médicos de sua última turma, reafirmando que “embora há tantos anos na cátedra, continuava o mesmo idealista e o mesmo trabalhador, sentindo-se ainda cheio de energias para prosseguir no exercício da psiquiatria”. Estava certo de ter transmitido aos alunos noções seguras de psiquiatria, as quais estes aplicariam em muitos momentos de suas vidas profissionais. Deolindo Couto discursou, afirmando não estar ali na qualidade de colega de congregação de Roxo, mas sim como seu discípulo, enaltecendo a personalidade do mestre. Em seguida o acadêmico Arlindo Ferraro discursou, expressando a admiração e a gratidão dos doutorandos de 1945⁵⁵⁰. Aauto Botelho, apesar da outrora estreita relação com Roxo, não compareceu ao evento, a fim de prestigiar o seu antigo mestre⁵⁵¹.

⁵⁴⁹ *A Manhã*, 14/06/1945, p.2.

⁵⁵⁰ *Correio da Manhã*, 14/06/1945, p.1.

⁵⁵¹ *Ibidem*.

Figura 10 – Henrique Roxo em uma de suas aulas.



Fonte: *A Manhã*, 1942.

Oficialmente, segundo informações contidas nos *Anais do Instituto de Psiquiatria*, de 1944-1945, a aposentadoria do catedrático se deu em 17 de dezembro de 1945⁵⁵². O professor Flávio de Sousa assumiu então a regência interina da cátedra e a direção do Instituto de Psiquiatria. Em abril de 1946, a Congregação da Faculdade de Medicina transferiu o professor Maurício Campos de Medeiros (1885-1966)⁵⁵³, catedrático de Clínica de Propedêutica Médica, para a Clínica Psiquiátrica. Em 30 de maio de 1946, Medeiros tomou posse, mantendo em seus cargos os assistentes e médicos que ali estavam desde os tempos de Roxo.⁵⁵⁴

Ainda no ano de 1946, Roxo foi eleito professor emérito da Faculdade Nacional de Medicina. Esta conquista foi largamente festejada em conjunto com o seu aniversário natalício. Primeiro com um grande almoço, ocorrido no salão nobre do Automóvel Clube. A este compareceram cientistas, colegas de professorado, antigos alunos, clientes e amigos. Antônio Austregésilo discursou, rememorando passagens da vida de Roxo. O ex-catedrático, em

⁵⁵² O INSTITUTO de Psiquiatria e sua direção. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, 1946-1947, p.5-6.

⁵⁵³ Maurício Campos de Medeiros, diplomou-se em farmácia (1903) e em medicina (1907), ambos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Esteve ligado ao *Pedagogium*, foi professor de psicologia na Escola Normal do Distrito Federal e, posteriormente, catedrático de Fisiologia e Patologia Geral na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e médico-psiquiatra do Hospital dos Alienados. Foi psiquiatra do Hospício de Alienados. Colaborador da Gazeta de Notícias. Ministro da Saúde no Governo de Nereu Ramos (1955-1956) e no de Juscelino Kubitschek (1955-1958). MAURÍCIOCAMPOS DE MEDEIROS (1885-1966), In: DICIONÁRIO biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros. Acesso em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/Mauricio_Medeiros.html>

⁵⁵⁴ O INSTITUTO de Psiquiatria e sua direção. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, op. cit.

exposição oral, agradeceu as homenagens. À noite, sua residência ficou repleta de amigos e nesta ocasião discursou Brahim Jorge, seu antigo assistente.

Henrique Roxo, embora vindo de uma família de classe média, enfrentou sérias dificuldades financeiras após a morte dos pais, quando já se encontrava na Faculdade de Medicina. A ausência dos progenitores o levou a buscar a proteção profissional segura de Teixeira Brandão, sob a qual permaneceu. Possivelmente tinha receio de se aventurar, de inovar, aderindo a novas correntes teóricas, e não obter o sucesso profissional e financeiro desejado, visto ser uma de suas preocupações obter recursos financeiros para proporcionar conforto a sua família⁵⁵⁵.

Sua perseverança e tino político o levaram a obter um lugar de destaque na psiquiatria nacional. A busca por capacitação, participação em eventos e produção constante de trabalhos acadêmicos o fez conquistar o apoio de seus pares da Faculdade de Medicina, o respeito de seus colegas de profissão e a admiração do público leigo. Mesmo não tendo sido um cientista de ponta, com discípulos para perpetuar o seu nome, Roxo desempenhou um papel de destaque no magistério, contribuindo para a formação de inúmeros especialistas, para a legitimação da especialidade e para a delimitação e institucionalização do ensino da psiquiatria no Distrito Federal.

A trajetória de Roxo como professor e, conseqüentemente produtor de trabalhos acadêmicos foi finalizada em 1945. Entretanto sua presença na psiquiatria nacional perdurou por mais 24 anos. Continuou participando de eventos nacionais e internacionais, comparecendo as reuniões de entidades científicas, recebendo homenagens, dando entrevistas, atualizando os conhecimentos em sua especialidade e clinicando, até 17 de fevereiro de 1969, quando a morte encerrou sua longa carreira.

3.4 O INSTITUTO DE PSIQUIATRIA PÓS HENRIQUE ROXO

Após a aposentadoria de Roxo, Maurício de Medeiros, que não possuía vinculações e nem um convívio social estreito com o antigo lente, ao assumir a cátedra de clínica psiquiátrica e a direção do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, tinha o direito de cunhar nestas seus ideais teóricos sobre o campo da medicina mental. Assim sendo, empreendeu uma significativa mudança estrutural no curso de psiquiatria, com a aprovação da Congregação da Faculdade de Medicina, em 1946, que foi posta em prática a partir de 1947.

⁵⁵⁵*Vida Doméstica*, jul. 1925.

O curso de psiquiatria foi ampliado e passou a ser ministrado em dois momentos. A primeira parte - psiquiatria geral - era disciplina obrigatória do curso de medicina (com exigência de frequência e prova parcial e exame final), lecionado em 2 períodos aos alunos do quarto ano. Seu principal objetivo era preparar o estudante, que “começava a entrar em contato com os doentes nas várias clínicas que frequentava, a compreender a personalidade humana, de que vai cuidar, como um todo somato-psíquico”⁵⁵⁶. Para tanto, os alunos iriam compreender o conceito da psicopatologia, da psicologia normal como ciência da personalidade, os quadros gerais dos distúrbios psíquicos, das síndromes psicopáticas, a psicoterapia e os principais objetivos da higiene mental.

O conteúdo das aulas foi dividido em cinquenta pontos, entretanto o artigo publicado nos *Anais do Instituto de Psiquiatria*⁵⁵⁷ não forneceu maiores detalhes sobre a estrutura das aulas durante a gestão de Maurício Medeiros: os horários das aulas, se os cursos continuaram divididos entre oficial (o que era lecionado pelo catedrático) e equiparado (o mesmo curso, só que lecionado pelos livre docentes, como era exercido no período de Roxo).

Na concepção de Medeiros, era importante revelar a relação da psiquiatria com a medicina geral, pois os médicos, independente da especialidade, deveriam conhecer “os fundamentos das reações psíquicas humanas para melhor orientar a sua própria conduta como médico.”⁵⁵⁸

Ao analisar a gestão do segundo catedrático do IPUB, Venancio nos informa que,

Do ponto de vista teórico, Medeiros propunha uma visada unicista do problema da doença mental, em que o conhecimento sobre o humano deveria incluir o elemento psíquico, embora o cuidado se fizesse no corpo. Observava-se nesse período referências aos preceitos psicanalíticos de Freud (Medeiros, 1950, 1946-47), que, entretanto, a exemplo da gestão de Roxo, não influenciavam propriamente o exercício da prática clínica no instituto: “A terminologia psiquiátrica se enriquece dos felizes achados de Freud, de Jung, de Adler mas com isso não se obtém progresso real da ciência, senão um conhecimento mais perfeito da importância da vida inconsciente” (Medeiros, 1946-47, p. 21)⁵⁵⁹.

O segundo momento do curso - psiquiatria especializada ou de aplicação clínica - foi oferecido como uma disciplina eletiva (somente com a exigência da frequência, sem provas), lecionado em um único período, aos alunos do sexto ano de medicina⁵⁶⁰. Somente os

⁵⁵⁶O ENSINO da psiquiatria na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. *Anais do Instituto de Psiquiatria*. 1946-1947., p.147.

⁵⁵⁷*Ibidem*, p.148-151.

⁵⁵⁸*Ibidem*, p.148.

⁵⁵⁹VENANCIO, A.T.A. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. *História, ciências, saúde-Manguinhos*. v.10, n.3, p. 883-900, 2003., p.896.

⁵⁶⁰*Ibidem*, p.151.

interessados em conhecer mais profundamente a área ou que pretendiam tornarem-se futuros psiquiatras, se matriculavam no curso.

Este era mais prático, possuindo um caráter de estágio, com algumas preleções direcionadas à prática, observações e pesquisa. O seu conteúdo foi dividido em trinta pontos. Os *Anais*⁵⁶¹, igualmente, não forneceram informações sobre sua carga horária ou sobre quem eram os professores. Cabe destacar que o conteúdo programático desse curso era semelhante aos que foram ministrados na época de Roxo.

No que tange aos cursos de extensão universitária, entre 1946 e 1947, Medeiros organizou quatro cursos que foram realizados fora do IPUB, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa e no do Ministério da Educação, provavelmente devido ao grande número de inscritos⁵⁶².

Foram eles: curso de Psicopatologia Forense, ministrado por José Alves Garcia em 7 aulas (47 inscritos); curso de Psicopatologia da Infância, ministrado por Bueno de Andrada em 9 aulas (494 inscritos); curso de Medicina Psicossomática, ministrado por Flavio de Souza em 15 aulas (298 inscritos); curso de Psicopatologia das neuroses, ministrado por Nobre de Melo em 8 aulas (318 inscritos).⁵⁶³ Fica evidente que os primeiros cursos de aperfeiçoamento da nova gestão eram mais sintetizados, como os primeiros cursos desse segmento ministrados na década de 1930. Contudo, no que se refere a temática, eram mais específicos, evidenciando o estudo das subespecialidades dentro da psiquiatria.

Outro ponto a ser observado nesses primeiros anos da gestão de Medeiros, foi a substituição do *Manual de Psiquiatria* de Henrique Roxo, em cujos cursos de psiquiatria oficial e equiparada se refletiam, pelo *Compendio de Psiquiatria: psicopatologia geral e especial*, de José Alves Garcia. Este livre docente, que passou a ministrar aulas no IPUB, informa na nota para a segunda edição de seu livro, publicado em 1948, que realizou as modificações que foram sugeridas a partir da primeira edição seu livro. Como foi convocado para o ensino oficial na clínica psiquiátrica da Universidade do Brasil seu “texto adaptou-se ainda a nova orientação do curso, devida ao atual catedrático, Prof. Maurício de Medeiros”⁵⁶⁴.

Apesar de Roxo ter publicado em 1946 a quarta edição do seu *Manual de Psiquiatria* como um legado de seus estudos e pesquisas para as futuras gerações de alunos do IPUB,

⁵⁶¹O ENSINO da psiquiatria na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. *Op. cit.*, p.151-152.

⁵⁶²CURSOS de extensão universitária organizados pelo Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único, p. 146. 1946-1947.

⁵⁶³*Ibidem*.

⁵⁶⁴GARCIA, José Alves. *Compendio de Psiquiatria: psicopatologia geral e especial*. 2.ed. inteiramente revista e atualizada. Rio de Janeiro, A casa do Livro, 1948., p.xvi.

inferimos que este não foi utilizado como referencial teórico pelo novo catedrático. Pelo menos a afirmativa de Garcia evidencia que Medeiros buscou implementar uma nova bibliografia, que se adaptasse ao novo direcionamento do ensino, reorganizado de acordo com suas concepções.

Como já mencionado, o novo catedrático não era “discípulo” de Roxo, como este tinha sido de Brandão. A diferença entre as idades de Roxo e Medeiros era de apenas sete anos. Pelo ponto de vista cronológico, poderíamos até inferir que pertenciam a mesma geração, ainda que, acompanhando Weller⁵⁶⁵, pela conotação sociológica, formação, representação, engajamentos e experiências de cada um, constatamos tratar-se de indivíduos com concepções distintas.

No início da carreira, ambos tiveram íntima relação com a psicologia. Enquanto Medeiros buscou especialização nesta área na Europa, após a sua formatura, com George Dumas, Pierre Janet e Emil Kaepelin, com o apoio de Juliano Moreira e Afrânio Peixoto⁵⁶⁶, Roxo permaneceu no Brasil, atuando no Pavilhão de Observação. Roxo, além de não possuir os recursos financeiros e o apoio político necessários a tal empreitada, necessitava garantir o seu espaço e o seu futuro profissional, construindo sua rede de apoio na Clínica Psiquiátrica. Por outro lado, também não existia, naquela época, outro docente para ocupar interinamente a cátedra de Teixeira Brandão.

A entrada de Medeiros na Clínica Psiquiátrica, na posição de líder, com uma nova visão e portador de novos bens culturais, injetou vitalidade e dinamicidade no grupo, contribuindo para relegar ao esquecimento o que passava a ser configurado então como de menor relevância e incentivando a equipe a obtenção de novas conquistas⁵⁶⁷.

Com base no estatuto da Universidade, Medeiros buscou implementar um ensino moderno, de qualidade e que atendesse as necessidades do mercado profissional. Dessa forma, também proporcionaria maior visibilidade à Instituição. Sua trajetória e relações político sociais lhe deram credibilidade junto à Congregação de Faculdade de Medicina, que apoiou por unanimidade as mudanças por ele propostas.

Maurício de Medeiros conquistou um importante espaço no meio científico, social e político de sua época, tanto que em 1955 foi nomeado ministro da Saúde⁵⁶⁸, pelo presidente Nereu Ramos (1888-1958). No ano seguinte foi mantido no cargo, pelo então presidente

⁵⁶⁵WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*, v.25, n.2, p.205-224, 2010., p.212.

⁵⁶⁶MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *Degeneração atípica: uma incursão ao caso Elza*. 2010. 191f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro., p. 98-100.

⁵⁶⁷*Ibidem*, p.211-212.

⁵⁶⁸MEDEIROS, Maurício de. In: *Dicionário biográfico*. CPDOC-FGV. Acesso em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio_de_Medeiros>

Juscelino Kubitschek (1902-1976), permanecendo como ministro até 1958. Cabe ressaltar que Medeiros continuou na direção do IPUB até 1956, quando foi substituído por Adauto Botelho. Sua ascensão política, indiretamente proporcionou importância e visibilidade ao Instituto de Psiquiatria.

Assim, a década de 1940 promoveu mudanças significativas na psiquiatria do Distrito Federal, reflexo do panorama político, social e científico nacional que se modificou drasticamente, gerando transformações na saúde pública: a centralização dos serviços de saúde, a criação de novas instituições psiquiátricas e a aproximação mais ampla com a escola psiquiátrica norte americana. Essas transformações impactaram na rotina institucional do IPUB, que adaptou-se à nova realidade, desta vez, sem o direcionamento teórico e a estrutura acadêmica da instituição, implementadas por Henrique Roxo.

O terceiro e último capítulo apresentou o tipo de literatura que foi adquirida entre 1920 e 1945, pontuando sua origem, alguns autores e linhas teóricas. Verificamos que a mesma foi utilizada dar respaldo as práticas clínicas e pedagógicas da instituição. No mesmo segmento, foi evidenciada a produção acadêmica desses docentes, as temáticas mais recorrentes e o direcionamento seguido pelos autores, onde constatamos que estavam sempre atentos com as inovações científicas e tecnológicas da área, acionando vários referenciais para fundamentar suas pesquisas. Dentre a vasta produção do grupo, analisamos duas que estavam intimamente relacionadas com a instituição: o *Manual de Psiquiatria*, produzido por Henrique Roxo, que foi a espinha dorsal do curso de Clínica Psiquiátrica e os *Anais do Instituto de Psiquiatria*, periódico também criado por Roxo, com o objetivo de divulgar as pesquisas da instituição e dar visibilidade a esta no meio social e acadêmico. O contexto sócio político e científico do Distrito Federal, no qual se deram os últimos anos da Gestão de Roxo foram investigados, assim como a descontinuidade do modelo implementado pelo catedrático, após a sua aposentadoria. Embora alguns novos e relevantes questionamentos tenham surgido após a finalização desta pesquisa, não só com relação a história da instituição, como também sobre a equipe de docentes e sua vasta produção acadêmica, não caberá aqui investigá-los, visto que os mesmos não mais condizem com os objetivos e limites desta dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao levantar os dados para a construção desta dissertação, constatamos que a historiografia sobre o Pavilhão de Observação/Instituto de Psiquiatra, apesar de informar a sua dupla função - porta de entrada da Assistência aos Alienados e local onde ocorriam as aulas práticas da cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro - ressaltava apenas sua característica como anexo do Hospício Nacional de Alienados. O seu outro aspecto, de hospital escola, não foi evidenciado. Sendo assim, procuramos trazer à tona esse lado inexplorado da história da instituição, nos concentrando nas informações referentes ao seu cotidiano acadêmico, nos docentes, suas redes de sociabilidade e na ciência construída e disseminada nesse espaço.

Um aspecto que merece ser comentado foi a relevância dos jornais e revistas, dirigidas ao público leigo, como fonte de pesquisa, visto não ter sido possível localizar, no acervo da Faculdade de Medicina, documentos que remetessem ao cotidiano institucional de nosso objeto, durante o período investigado. Percebemos que esses periódicos abriram amplo espaço em suas páginas tanto para o Pavilhão/IPUB quanto para o professor Henrique Roxo e os demais docentes da Instituição. A rotina acadêmico institucional, os embates entre os principais personagens, casos de pacientes notórios, os eventos e a produção científica foram espantados nas páginas dessa fonte, evidenciando sua contribuição para a divulgação da psiquiatria como campo científico, colaborando para a sua popularização e legitimação da psiquiatria e dos seus agentes entre a população leiga do Distrito Federal.

Uma das características dessa época era que a maioria das matérias jornalísticas não revelava o nome de seu autor, sendo assim, poucas foram as ocasiões em que a mente por trás do artigo foi apresentada, evidenciando as concepções sociais e científicas do autor. Sendo a autoria da matéria jornalística desconhecida, não temos ideia de quais fundamentos embasaram os argumentos do texto.

Não somente os momentos de glória foram trazidos ao público, mas também as denúncias, desentendimentos e posições contrárias às teorias difundidas pelos atores do Pavilhão/IPUB. O fato de atingir a camada da população leiga letrada carioca, fez com que esse meio de divulgação se constituísse como um significativo veículo de difusão das atividades da instituição, apoiando, legitimando, disseminando ou levando a população a se posicionar contra a ciência praticada pelo espaço.

Uma peculiaridade que nos chamou a atenção ao analisarmos os aspectos referentes a gestão de Henrique Roxo, foi que esta se dividiu em duas fases: de 1921 a 1938 - ano em que

o docente assumiu a cátedra de Clínica Psiquiátrica até a transferência do Pavilhão para a Universidade do Brasil, a fim de constituir o Instituto de Psiquiatria desta Universidade; e de 1938 a 1945 –quando da legitimação do Instituto de Psiquiatria até a sua aposentadoria. Portanto, o levantamento dos dados revelou alguns elementos que nos fizeram refletir sobre essas duas etapas, ressaltando as continuidades e descontinuidades ocorridas na Instituição, tendo como marco o ano de 1938.

Nesse sentido, o ponto central que viabilizou a permanência da estrutura hierárquica, organização e funcionamento da Instituição durante toda a gestão de Henrique Roxo foi que, desde a criação do Pavilhão de Observação, este esteve subordinado aos estatutos da Faculdade de Medicina, que regeram sua organização e estabeleceram as fronteiras da autoridade do catedrático naquele espaço. Essas determinações davam autonomia administrativa e pedagógica ao lente, a fim de que este o gerenciasse de acordo com sua particular visão desse ramo da medicina especializada. Portanto, a partir de 1938, quando a instituição passou a ter apenas ligação com a Universidade do Brasil, este aspecto não alterou a sua infraestrutura interna.

Mesmo sendo vinculado ao Hospício de Alienados, prestando contas a este, por meio de relatórios anuais de suas atividades e dependendo financeiramente desta instituição, o Pavilhão possuía alguns diferenciais em relação às demais seções do HNA: sua direção, seus docentes, assistentes, internos e sua hierarquia eram definidos pela Faculdade de Medicina. A FMRJ também investiu nesse espaço, proporcionando melhorias e ampliações em sua estrutura física.

Dando continuidade as permanências, durante as duas fases da gestão de Roxo, sua autoridade local fez com que definisse as atividades inerentes a estrutura e o conteúdo temático dos cursos ministrados no espaço. Desta forma, era de seu interesse, assim como o da Faculdade de Medicina, visto que a Congregação desta Faculdade era quem aprovava as decisões do catedrático, que o ensino ali estivesse atualizado, frente as inovações científicas e tecnológicas da época. A aquisição do referencial teórico e a participação dos docentes em eventos científicos, ampliaram a rede de contatos para as trocas científicas, proporcionando a circulação de temáticas mais modernas nos cursos e a produção de trabalhos acadêmicos especializados.

No que tange às diferenças, o ponto marcante foi a transferência institucional do Pavilhão para a Universidade do Brasil. Ao ter deixado de ser a porta de entrada dos suspeitos de alienação na Assistência aos Alienados, o número de pacientes a ser avaliado na instituição diminuiu drasticamente e em contrapartida o prazo para avaliação foi bastante ampliado. Aliou-se a esse fato a ênfase à pesquisa, que até então não era uma das molas mestras do Pavilhão.

Outro fator que colaborou com o projeto de uma instituição voltada a pesquisa foi a lei de desacumulação de cargos públicos remunerados. Antes de 1937, os docentes do Pavilhão fracionavam o seu tempo entre duas atividades no setor público, além das realizadas no setor privado. No ano seguinte a promulgação dessa legislação, os docentes e assistentes do Instituto de Psiquiatria passaram a lecionar e pesquisar somente nesse espaço, dedicando-se exclusivamente as propostas científicas arquitetadas pelo catedrático.

Retomando ao período anterior a 1938, não podemos deixar de perceber que a estreita relação entre a assistência e a educação influenciaram e determinaram as relações de sociabilidade daquele espaço, as práticas médicas e a qualidade do ensino ali ministrado, visto ser prioridade da instituição a avaliação de um número cada vez maior de suspeitos de alienação mental. Assim, o curto espaço de tempo destinado a investigação dos casos clínicos interferiu principalmente na determinação de diagnósticos precisos e, conseqüentemente, na prescrição de terapêuticas eficientes. Analisando esse quadro pela ótica do ensino, não era possível aos alunos envolvidos nesse processo participarem da confirmação do diagnóstico, designado às pressas, e acompanhar a evolução do tratamento da doença, visto a necessidade dos pacientes terem que ser rapidamente transferidos para o HNA, a fim de abrirem novas vagas. Portanto, nesse sentido, houve uma desvalorização do ensino prático na instituição.

O fato de depender financeiramente do Hospício de Alienados e simultaneamente ter autonomia administrativa gerou, no fim do século XIX e início da década de 1900, conflitos e disputas administrativas entre as equipes do Pavilhão e do Hospício, alimentados ainda mais por uma legislação pouco minuciosa. Posteriormente, com a entrada de Juliano Moreira, a visibilidade desses embates passaram a estar centradas no nível teórico, definindo as disputas pelas práticas vigentes em cada espaço.

O aumento da equipe de docentes do Pavilhão e a peculiaridade de a maior parte desse contingente também ser subordinada à Juliano Moreira, tornou as disputas e os enfrentamentos mais velados, visto que a proximidade, os interesses científicos e políticos os obrigava a apresentar, perante a sociedade, uma convivência harmoniosa no local de trabalho. Mas essas desavenças e hostilidades ocultas não impediram a construção de amizades que extrapolaram os muros da Praia Vermelha e o estabelecimento de sólidas parcerias comerciais.

No entanto os estranhamentos não existiram somente entre os componentes das duas equipes acima citadas. Dentro do Pavilhão ocorreram rivalidades entre os dois assistentes de Teixeira Brandão, quando este, por motivos não identificados, na década de 1910, determinou que Pernambuco Filho iria dirigir o Pavilhão e Henrique Roxo lecionaria o curso de Clínica Psiquiátrica. Decisão esta que refletiu no cotidiano da instituição, visto que Pernambuco

implementou pequenas, mas significativas mudanças no registro dos livros de observação, baseadas no seu olhar mais voltado para a psiquiatria biológica de Kraepelin.

Apesar de Roxo não ter aceito a decisão de Brandão, não se opôs abertamente ao seu mestre - um nome consagrado na psiquiatria nacional. Mesmo afastado da Faculdade de Medicina, por ocupar a função de Deputado Federal, Brandão ainda era o catedrático e tinha o poder de determinar quem seria o responsável pelas aulas de sua cadeira. Um confronto aberto com o catedrático poderia ser desastroso para Roxo, derrubando o seu sonho de alavancar sua carreira no mundo acadêmico. Deste modo buscou, junto a justiça, reverter esse quadro, tentando tomar para si o que, a seu ver, era seu por direito – a direção do Pavilhão.

Nesse ínterim, Roxo se articulou, obtendo apoio junto a seus pares da Faculdade de Medicina, consolidando sua carreira na sociedade carioca e tornando-se reconhecido por meio de sua produção acadêmica e participação em eventos científicos. Quando finalmente alcançou o seu objetivo, a cátedra de clínica psiquiátrica, demitiu Pernambuco Filho do cargo de assistente, por esse ser um cargo de confiança. Por outro lado, Pernambuco Filho havia conquistado, por concurso, a livre-docência e, dessa ocupação Roxo não poderia o destituir.

Pernambuco Filho pesquisava a educação na infância anormal, além das toxicomanias. Nos primeiros anos da década de 1910 conquistou a ocupação de médico escolar da Diretoria Geral de Instrução Pública. Apesar da sólida amizade com Juliano Moreira, Antônio Austregésilo e Aduino Botelho, Pernambuco optou por consolidar sua posição no setor da educação, visto não ter mais espaço na Clínica Psiquiátrica.

Enquanto no Pavilhão se desenrolava a disputa interna por sua direção, o mercado médico do Distrito Federal estava em ascensão, se aprimorando, tendo por base os novos recursos científicos e tecnológicos da época. Nesse segmento era preciso formar psiquiatras atualizados, com amplo conhecimento teórico e prático da especialidade, qualificados para prestar serviços relevantes junto sociedade e contribuindo com as propostas de saúde do governo federal para a nação brasileira.

Roxo, ao assumir a cátedra em 1921, procurou dar uma nova roupagem a educação médica especializada que era veiculada no Pavilhão. Por meio da primeira edição de seu *Manual de Psiquiatria*, empenhou-se em revestir o Pavilhão com a sua autoridade científica, construída ao longo de 20 anos de estudos, pesquisas e prática médica. Tendo o seu modelo de ensino sido aceito e consolidado no Distrito Federal, passou a transmiti-lo aos alunos do sexto ano do curso de medicina e aos internos, sua particular visão da psiquiatria, mas sempre valorizando o ensino prático em suas aulas. A prática oferecia aos futuros médicos uma real dimensão da especialidade e a aquisição de habilidades inerentes a esse ramo da medicina.

Durante o período analisado, verificamos que Roxo teve a preocupação em adquirir tanto na literatura acadêmica europeia quanto na norte-americana, embasamento para a formação dos futuros médicos, haja visto o elevado percentual de manuais e tratados sobre a psiquiatria e áreas afins. O referencial teórico também alicerçou as práticas médicas e pesquisas realizadas no Pavilhão/IPUB.

A partir de 1929 a instituição passou a oferecer cursos de aperfeiçoamento em psiquiatria, que passaram a ser lecionados anualmente, voltado para médicos que necessitavam se especializar ou simplesmente se atualizar na área. Desta forma, a instituição estava em consonância com o mercado médico especializado, formando profissionais mais capacitados de acordo com as necessidades científicas e sociais daquele período. O conhecimento especializado passou a ser valorizado na sociedade e os profissionais que o possuíam eram detentores de um diferencial, por terem participado de um curso moderno, especialmente organizado para esse fim.

A produção intelectual da equipe de docentes da Instituição nos revelou que esse grupo possuía conhecimentos atualizados, tanto na área de psiquiatria, quanto nas ciências correlatas. Os referenciais utilizados eram de origem francesa, inglesa, italiana, alemã, norte e sul americanas. Estes foram paulatinamente integrados ao saber que circulava no espaço e eram acionados de acordo com as necessidades específica de cada elemento do grupo. A diversidade do conteúdo explorado nos trabalhos acadêmicos, adquiridos por intercâmbio com a literatura e com outros profissionais da psiquiatria ou de áreas afins, servia de base para a divulgação das experiências práticas realizadas por esse grupo de docentes.

Considerando todos esses aspectos, observamos o engajamento de Henrique Roxo, principalmente após a criação do Instituto de Psiquiatria, em promover uma instituição com autoridade científica, reconhecida por produzir um saber especializado, baseado na observação e na pesquisa, apto para formar profissionais capacitados para atuarem como especialistas. O catedrático, de acordo com o Estatuto da Faculdade de Medicina, possuía autoridade para moldar ao longo de sua gestão, o Pavilhão/IPUB de acordo com suas concepções, definindo os conceitos dominantes que seriam transmitidos nos cursos ali ministrados.

Apesar de ter reorganizado a cátedra de Clínica Psiquiátrica, dando a ela sua identidade, de ter tido a capacidade política para se articular no meio acadêmico, alcançando posição de destaque na psiquiatria nacional, o modelo implementado por Roxo no Instituto de Psiquiatria não sobreviveu à sua aposentadoria. Ao assumir a cátedra, em 1946, Maurício de Medeiros, a despeito de não ter modificado a hierarquia interna do IPUB, de ter mantido todos os antigos

assistentes de Roxo nos seus respectivos cargos, construiu uma nova estrutura de ensino que foi apoiada por todos os seus pares e implantada na instituição.

Da mesma forma que o antigo lente havia feito, Medeiros à sua maneira, criou um novo modelo para dar continuidade ao ensino e a pesquisa da psiquiatria no Distrito Federal. Empenhou-se em legitimar sua gestão implementando mudanças que transmitiriam sua marca à instituição.

Após a sua aposentadoria acadêmica, em sua longa trajetória profissional, Roxo foi alvo de muitas homenagens públicas. Seus antigos assistentes, admiradores e personalidades de destaque no campo da psiquiatria, tributavam a potencialidade de sua figura anualmente, durante a celebração de seu aniversário natalício.

Nesse sentido, acreditamos ter respondido as questões levantadas e que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa, evidenciando as atribuições do Pavilhão/Instituto de Psiquiatria como uma instituição de ensino médico especializado, que contribuiu para a formação e capacitação de especialistas, de acordo com as necessidades da sociedade da época, e que passaram a clinicar, não só no Distrito Federal, como também em outras localidades brasileiras. Nessa abordagem, trouxemos à luz tanto o cotidiano como a equipe de docentes que lecionou na instituição. De modo similar, apresentamos suas relações científicas e sociais, internas e externas, assim como o tipo de saber que foi sistematizado e divulgado por esses professores. Por meio da produção acadêmica, foi possível verificar o diálogo simultâneo desses docentes com as várias linhas teóricas circulantes no Distrito Federal e que foram apropriadas pelos profissionais dessa instituição, refletidas em suas pesquisas e práticas médicas.

REFERÊNCIAS

Fontes

- ANDRADE, Oswald Moraes. Henrique Roxo e a clínica Psiquiátrica. *Boletim da Academia Nacional de Medicina*, Rio de Janeiro, v.140, 1967-1969, p.129-130.
- AUSTREGÉSILO, Antônio. Dr. Henrique Roxo: lições de psiquiatria e moléstias nervosas. *Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Sciencias Affins*, Rio de Janeiro, v.2, n.4. 1906, p. 393-396.
- BOTELHO, Adauto. Cardiazoloterapia dos esquizofrênicos. *Arquivos Brasileiros de neuiriatria e psiquiatria*, Rio de Janeiro, v.21, n.3-4. 1938.
- BOTELHO, Adauto. Súmula das principais ocorrências e atividades do Serviço de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal (S.A.P) no ano de 1939. *Anais da Assistência a Psicopatas*, Rio de Janeiro, SAP, 1940.
- BRANDÃO, João Carlos Teixeira. *Relatório da Assistência Médico-Legal de Alienados*. Rio de Janeiro : Ministério do Interior, 1891.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório da Comissão de Inquérito sobre as condições da Assistência a Alienados no Hospício Nacional e colônias da Ilha do Governador. 1902-1903.
- BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. *Relatório do Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Francisco Antunes Maciel*. 1883.
- A CLÍNICA psiquiátrica: discurso do professor Maurício de Medeiros na Faculdade Nacional de Medicina. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, 1946-1947. p.7-12.
- CUNHA, Raul Leitão da. Relatório do ano escolar de 1935. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1936.
- CURSOS de extensão universitária organizados pelo Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único, p. 146. 1946-1947.
- O ENSINO da psiquiatria na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único, p. 147-153. 1946-1947.
- FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. Programas de ensino das matérias do 6º ano: curso medicina. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1924.
- FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. Programas de ensino das matérias do 6º ano: curso medicina. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1936.
- FIDALGO, J.G. *Henrique Roxo e a medicina mental no Brasil*. Rio de Janeiro, 1942.
- GARCIA, José Alves. *Compendio de Psiquiatria: psicopatologia geral e especial*. 2.ed. inteiramente revista e atualizada. Rio de Janeiro, A casa do Livro, 1948.
- O INSTITUTO de Psiquiatria e sua direção. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, 1946-1947, p.5-6.
- LOBO, Bruno Alípio. *A faculdade dos meus dias*. Rio de Janeiro : Access, 1994.
- LOPES, Ernani. *Estudo clínico do complexo estupor em neuro-psychiatria*. 1922. 174p. These de Concurso (professor substituto da 19ª Secção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro).
- MACIEL, Francisco Antunes. Relatório do Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 1883.
- MAGALHÃES, Fernando. *O centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: 1832-1932*. Rio de Janeiro :A.P.Barthel, 1932.
- MAIA, George Doyle. *Biografia de uma faculdade: história e estórias da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha*. Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. 158p.
- A MISSÃO intellectual franceza. *Revista de Medicina*, São Paulo, v.7, n.29, 1923.
- NINA -RODRIGUES, Raimundo. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico legal (1903) parte 1. *Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v.7, n.2, p.161-178, 2004.
- NOVAES, Amando Caiuby. Aspectos práticos da psiquiatria norte-americana. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v.5, n.2, abr./jun. 1947, p.167-180.
- OLIVEIRA, Antônio Xavier de. *Espiritismo e loucura: contribuição ao estudo do fator religioso em psiquiatria*. Rio de Janeiro : A. Coelho Branco Filho, 1931.
- OLIVEIRA, Antônio Xavier de. *Do direito de testar dos insanos: trabalhos de psiquiatria jurídica e social*. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1946.

- PERNAMBUCO FILHO, Pedro. Academia Nacional de Medicina: Márcio Filafiano Nery patrono da Cadeira nº 48. *Tribuna Médica*, 1967, p.12-13.
- ROXO, Henrique. Conceito atual de demência precoce. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, supl. 2, p.695-703, 2010.
- ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único, p.3-11, 1942.
- ROXO, Henrique. Instituto de Psiquiatria. *Anais do Instituto de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, volume único, p.3-6, 1943.
- ROXO, Henrique. Impressões de viagem aos Estados Unidos. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, Rio de Janeiro, v.12, n.5, p.9-14, 1940. p.9.
- ROXO, Henrique. *Manual de Psychiatria*. Rio de Janeiro : F. Alves. 1921. 712p.
- ROXO, Henrique. *Manual de Psychiatria*. 2. ed. Rio de Janeiro : F. Alves, 1925. 778p.
- ROXO, Henrique. *Manual de Psychiatria*. 3. ed. Rio de Janeiro : F. Alves, 1938. 887p.
- ROXO, Henrique. *Manual de Psychiatria*. 4. ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 1946. 566p.
- ROXO, Henrique. *Molestias mentaes e nervosas*: aulas professadas durante o anno lectivo de 1905. Rio de Janeiro : [S.n.], 1906. 321p.
- ROXO, Henrique et. al. *Novidades em doenças mentaes*. Rio de Janeiro : Atlântida, 1934.
- ROXO, Henrique. A propósito de um caso de paraphrenia. *Archivos Brasileiros de Medicina*, 1921, p.783-792.
- ROXO, Henrique. Tratamento da arterio-esclerose cerebral. *Brazil Médico*, Rio de Janeiro, 1933.

Decretos e Leis

- BRASIL. Decreto n. 8.024, de 12 de março de 1881. Manda executar o Regulamento para os exames das Faculdades de Medicina.
- BRASIL. Decreto n. 9.311, de 25 de outubro de 1884. Dá novos regulamentos as Faculdades de Medicina.
- BRASIL. Decreto n.896, de 29 de junho de 1892. Consolida as disposições em vigor relativas aos diferentes serviços da Assistência Médico-Legal de Alienados.
- BRASIL. Decreto n. 1.482, de 24 de julho de 1893. Aprova o regulamento para as Faculdades de Medicina da República
- BRASIL. Decreto n. 2.467, de 09 de fevereiro de 1897. Dá novo regulamento para a Assistência Médico-legal a Alienados.
- BRASIL. Decreto n. 3.244, de 29 de março de 1899. Reorganiza a Assistência a Alienados.
- BRASIL. Decreto n. 3.902, de 12 de janeiro de 1901. Aprova o regulamento das Faculdades de Medicina.
- BRASIL. Decreto n. 5.125, de 01 de fevereiro de 1904. Dá novo regulamento a Assistência a Alienados.
- BRASIL. Decreto n. 8.661, de 05 de abril de 1911. Aprova o regulamento das Faculdades de Medicina.
- BRASIL. Decreto n. 8.834, de 11 de julho de 1911. Reorganiza a Assistência a Alienados.
- BRASIL. Decreto n. 11.530, de 18 de março de 1915. Reorganiza o ensino secundário e o superior na República.
- BRASIL. Decreto n. 16.782, de 13 de janeiro de 1925. Estabelece o concurso da União para a difusão do ensino primário, organiza o Departamento Nacional do Ensino, reforma o ensino secundário e o superior e dá outras providências.
- BRASIL. Decreto n. 17.805, de 23 de maio de 1927. Aprova o regulamento para execução dos serviços da Assistência a Psicopatas no Distrito Federal.
- BRASIL. Decreto n. 19.851, de 11 de abril de 1931. Dispõe que, o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras.

BRASIL. Decreto n. 19.852, de 11 de abril de 1931. Dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro.

BRASIL. Decreto n. 20.865, de 28 de dezembro de 1931. Aprova os regulamentos da Faculdade de Medicina, da Escola Politécnica e da Escola de Minas.

BRASIL. Decreto n. 17.185, de 18 de novembro de 1944. Aprova Regimento do Serviço Nacional de Doenças Mentais do Departamento Nacional de Saúde do Ministério da Educação e Saúde.

BRASIL. Decreto-Lei n. 591, de 03 de agosto de 1938. Transfere para a Universidade do Brasil o Instituto de Psicopatologia do Serviço de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal e dá outras providências.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 3.171, de 2 de abril de 1941. Reorganiza o Departamento Nacional de Saúde, do Ministério da Educação e Saúde, e dá outras providências.

BRASIL. Decreto-Lei n. 7.055, de 18 de novembro de 1944. Cria o Centro Psiquiátrico Nacional e extingue o Conselho de Proteção aos Psicopatas e a Comissão Inspetora, no Ministério da Educação e Saúde e dá outras providências.

BRASIL. Lei n.452, de 05 de julho de 1937. Organiza a Universidade do Brasil.

Documentos

CAPANEMA, Gustavo. Algumas notas sobre os problemas da educação e da saúde no governo Getúlio Vargas. 1946. 40f. Disponível em:

<<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV3&pasta=GV%20c%201946.00.00/27>>

CAPANEMA, Gustavo (Ministro da Educação e Saúde). Despacho para: Getúlio Vargas (Presidente do Brasil). Sem data. 1 folha. Acervo: Arquivo Nacional.

NEVES-MANTA, Inaldo de Lira. [*Curriculum vitae*]. Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, [196?]. 1f.

PERNAMBUCO FILHO, Pedro. *Acadêmico Márcio Philaphiano Nery: patrono da cadeira nº 48*. Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, sem data.

PERNAMBUCO FILHO, Pedro. [*Curriculum vitae*]. Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, 1962. 2 f.

ROXO, Henrique (Instituto de Psiquiatria – Universidade do Brasil, Distrito Federal). Telegrama para: Getúlio Vargas (Presidente do Brasil). 07 de jul. 1944. 1 folha. Acervo: Arquivo Nacional.

ROXO, Henrique (Instituto de Psiquiatria – Universidade do Brasil, Distrito Federal). Telegrama para: Getúlio Vargas (Presidente do Brasil). 12 de jul. 1944. 1 folha. Acervo: Arquivo Nacional.

ROXO, Henrique (Instituto de Psiquiatria – Universidade do Brasil, Distrito Federal). Telegrama para: Getúlio Vargas (Presidente do Brasil). 1944. 1 folha. Acervo: Arquivo Nacional.

Matérias jornalísticas

1ª CONFERÊNCIA Interamericana de Higiene Mental. *Correio da Manhã*, 09 de maio de 1935, p.7.

OS ACADEMICOS cariocas no Rio Grande Do Sul. *Gazeta de Notícias*, 03 de ago. 1926, p.8.

ACÇÃO improcedente. *Gazeta de Notícias*, 18 de ago. 1916.

AMPHITHEATRO Henrique Roxo. *Diário de Notícias*, 05 de jul. 1939.

O ANIVERSÁRIO do professor Henrique Roxo. *Vida doméstica*, ago. 1939.

ANNULLAÇÃO de acto. *O Paiz*, 17 de ago. 1916.

APOSENTADO o Dr. Juliano Moreira... *A Noite*, 09 de dez. 1930, p.1.

O “ARLANZA” no porto: a chegada dos delegados que foram a Pernambuco... *O Paiz*, 27 de out. 1929.

A ASSISTÊNCIA a Psicopatas. *Jornal do Brasil*, 04 de fev. 1937, p.12

ASSISTÊNCIA a Psychopaths: a aposentadoria do Dr. Gustavo Riedel. *Correio da Manhã*, 27 de fev. 1934, p.3.

ASSOCIAÇÕES: Liga Brasileira de Higiene Mental. *Jornal do Brasil*, 02 de ago. 1938, p.13.

BANQUETES: dentre as pessoas que já aderiram... *Correio da Manhã*, 27 de set. 1921, p.6.

- BANQUETES: em sinal de regozijo pela nomeação... *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de set. 1921, p.5.
- BERNARDES, Wladimir. Consuma-se a sabotagem. *Gazeta de notícias*, 27 de out. 1938.
- BERNARDES, Wladimir. Um caso de hospício. *Gazeta de notícias*, 12 de ago. 1938, p.3.
- BERNARDES, Wladimir. Um caso de hospício... *Gazeta de notícias*, 16 de ago. 1938.
- BERNARDES, Wladimir. A família psiquiátrica. *Gazeta de notícias*, 18 de ago. 1938.
- BIBLIOGRAPHIA jurídica: drs. Pernambuco Filho e Aduauto Botelho... *Gazeta de Notícias*, 16 de maio. 1924, p.7.
- O BRASIL, a exemplo de Munich e de Nova York, associa definitivamente a ação experimental a didática, com a criação do Instituto de Psiquiatria. *Vida doméstica*, set. 1938.
- O BRASIL em dois importantes congressos científicos. *O Jornal*, 02 de mar. 1928, p.3.
- A CAMINHO dos Estados Unidos da América do Norte. *O imparcial*, 25 de jan. 1940, p.11.
- OS CANDIDATOS a livre docência na Faculdade de Medicina. *Correio da Manhã*, 28 de out. 1928 p.3.
- CARNEIRO, Janduhy. O ensino de psychologia no Brasil. *O Jornal*, 27 de ago. 1925, p.2.
- CASAMENTOS. *O Paiz*, 13 de maio. 1915.
- CASAMENTOS: realizou-se no dia 05, em São Paulo... *O Paiz*, 08 de jan. 1920, p.4
- CHÁS: a senhorita Gloria da Fonseca Hermes. *O Paiz*, 18 de out. 1919.
- CLINICA médica em geral e especialmente. *União Médica*, 1881.
- CLÍNICA psiquiátrica: prova oral... *Jornal do Brasil*, 29 de nov. 1934, p.14.
- COLÔNIA Juliano Moreira: a posse do novo diretor Heitor Peres. *Diário de Notícias*, 27 de abr. 1946, p.6.
- COM destino ao sul do paiz... *O Paiz*, 19-20 jul. 1926, p.5
- O COMBATE a toxicomania. *O Paiz*, 01 dez. 1927, p.1.
- CONCURSO na Faculdade de Medicina. *O Brasil*, 29 de abril. 1922 p.2.
- CONCURSO no Hospital de Alienados. *A Noite*, 28 de fevereiro. 1920.
- O CONCURSO para substituto de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina. *Correio da Manhã*, 29 de abril. 1922, p.4.
- CONFERÊNCIAS de especialistas em cancerologia na Bahia. *Correio da Manhã*, 27 de out. 1940, p.10.
- CONSAGRAÇÃO a um grande mestre. *Vida Doméstica*, ago. 1946.
- CONSELHO Superior do Ensino: uma sessão agitadíssima: uma vitória contra a injustiça e contra a prepotência. *O Imparcial*, 22 de fev. 1919.
- CONSULTÓRIO médico do "Diário Carioca". *Diário Carioca*, 10 de maio. 1930, p.1.
- UM CURSO de aperfeiçoamento na Faculdade de Medicina: fala-nos a respeito o seu organizador o professor Espozel. *O Imparcial*, 18 de dez. 1928, p.3 e 7.
- CURSO de aperfeiçoamento de psiquiatria para médicos, advogados e estudantes. *A Noite*, 29 de ago. 1932. P.6.
- CURSO de aperfeiçoamento psiquiátrico. *A Manhã*, 04 de fev. 1945, p.11.
- CURSO de psiquiatria. *A Noite*, 11 de mar. 1936.
- CURSOS e conferências. *O Paiz*, 13 e 14 de set. 1926, p.2.
- DANTAS, Julio. Literatura psiquiátrica. *Correio da Manhã*, 01 de jul. 1934, p.4.
- DECRETOS assinados: nas pastas da justiça... *Jornal do Commercio*, 04 de set. 1941, p.3.
- DEPOIS de quarenta anos de magistério despediu-se da cátedra e foi homenageado pelos doutorandos o professor Henrique Roxo. *Jornal do Brasil*, 14 de jun. 1945, p.9.
- DESEMBARGADOR Antonio de Amorim. *O Século*, 26 de mar. 1912, p.3.
- DESPEDIDA do professor Fessard. *Correio da Manhã*, 29 de out. 1926, p.2.
- DESPEDE-SE da cátedra o professor Henrique Roxo. *A Manhã*, 14 de jun. 1945, p.2.
- DESPEDE-SE da cátedra o professor Henrique Roxo: homenageado pelos doutorandos da F.N. de medicina. *Correio da Manhã*, 14 de jun. 1945, p.
- OS DOUTORANDOS cariocas em Porto Alegre. *A Federação*. Porto Alegre, 02 de ago. 1926, p.4.
- DR. Aduauto Botelho. *Vida doméstica: revista do lar e da mulher*, set. 1926.
- DR. Eduardo França. *O Século*, 30 de nov. 1911, p.1.
- DR. Gustavo Riedel: faleceu, hontem, o diretor aposentado da Assistência a Psychopathas. *Correio da Manhã*, 17 de maio. 1934, p.3.
- DR. Jefferson de Lemos. *Jornal das Moças*, 1925.

- DR. Leão Velloso Filho: a sua morte em Paris. *O Jornal*, 01 de nov. 1923, p.3.
- A EDUCAÇÃO das crianças anormais. *O imparcial*, 14 de jul. 1926, p.1.
- ELEVANDO e fazendo conhecido o nome do Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de maio, 1936.
- EM VIAGEM de estudos partiu ontem para a Europa... *O Paiz*, 14 de set. 1926, p.6.
- A EMBAIXADA acadêmica carioca em Porto Alegre. *Correio da Manhã*, 03 de ago. 1926, p.11.
- O EMINENTE professor Guillain, em visita à Clínica Neurológica... *Vida Doméstica*, set. 1932.
- ENALTECENDO a obra de um grande mestre. *Jornal do Brasil*, 06 de jul. 1939.
- ENTRE as nomeações feitas, sábado último, para a Faculdade de Medicina. *Notícia*, 19-20 de abr. 1911.
- ENTROU em franca convalescença a cantora lírica... *Correio da Manhã*, 04 de out. 1921, p.4.
- ESTÁ no Rio um grande psiquiatra húngaro. *O Jornal*, 23 de jun. 1939, p. 12.
- EXCURSÃO acadêmica. *Correio da Manhã*, 31 ago. 1926, p.10.
- EXONERADO a pedido, do serviço do exército... *O Jornal*, 05 de jun. 1926, p.4.
- EXONERADO diretor geral da Assistência a Psychopathas. *Correio da Manhã*, 06 de out. 1932, p.3.
- UMA EXHUMAÇÃO sensacional. *O Paiz*, 29 de mar. 1912, p.3.
- FACULDADE de Medicina: curso de aperfeiçoamento em psiquiatria. *Jornal do Brasil*, 23 de out. 1936, p.14.
- FACULDADE de Medicina: inauguração do amphitheatro da clinica psiquiatrica do Instituto de Psychopathologia. *Jornal do Brasil*, 26 de maio de 1929, p.16.
- FACULDADE de Medicina do Rio de Janeiro: horário para o ano letivo de 1935: curso equiparado. *Jornal do Brasil*, 19 de fev. 1935. P.25.
- FACULDADE de Medicina do Rio de Janeiro: horário para o ano letivo de 1935: curso normal. *Jornal do Brasil*, 21 de fev. 1935. p.14.
- FALECEU ontem a dra. Iracy Doyle: um dos nossos maiores valores no campo da psiquiatria. *Correio da Manhã*, 19 de ago. 1956, p.4.
- A FARINHA do diabo... *Correio da Manhã*, 03 de fev. 1926, p. 3.
- FAZENDO estudos de hygiene mental: a missão de que se acha incumbido um jornalista americano. *Gazeta de Notícias*, 15 de jan. 1941, p.1.
- FEBRÔNIO, “o filho da luz” e a monstruosidade de seus crimes. *Correio da Manhã*, 04 de out. 1927, p.3.
- FIGUEIREDO, Jackson de. Jevousremets a La grande chronique pantagrueline. *O Jornal*, 05 fev. 1922. p.1.
- FOI designado novo diretor da Assistencia a Psychopathas. *Correio da Manhã*, 20 jun. 1937, p.2.
- FOI inaugurado o curso de extensão universitária de psiquiatria da universidade do Brasil. *Vida doméstica*, maio. 1945.
- FOI lançada ontem a pedra fundamental do Pavilhão de Psychopathologia. *O Paiz*, 11 de fev. 1934, p.4.
- FORAM ontem assinados pelo Sr. Presidente da República... *O Paiz*, 01 de mar. 1924.
- O GABINETE de psicologia experimental e a emenda Sá Filho. *Jornal do Brasil*, 14 de jul. 1925, p.6.
- HOMENAGEANDO o professor Henrique Roxo: a inauguração do busto do psiquiatra patricio. *O Imparcial*, 04 de jul. 1928.
- A HOMENAGEM ao professor Roxo: respondendo aos seus amigos o ilustre... *Jornal do Brasil*, 04 de ago. 1936.
- O HOSPICIO abriga neste momento mais de dois mil doentes: Não tem fundamento a notícia da mudança imediata do velho estabelecimento para Jacarepaguá. *Correio da Manhã*, 08 de fev. 1938.
- HOSPITAL Nacional de Alienados: a posse do Dr. Henrique Roxo. *Jornal do Brasil*, 21 de set. 1921 p.7.
- O HOSPITAL Nacional de Alienados comemora hoje 84 annos de sua fundação. *Correio da Manhã*, 18 de jul. 1925, p.5.
- O INICIO das reformas materiaes na Assistencia a Psychopathas... *Correio da Manhã*, 11 de fev. 1934, p. 3.
- UMA INSTITUIÇÃO que há de viver pelo bem. *Jornal do Brasil*, 12 de ago. 1938, p.6.
- INAUGURAÇÃO de um novo curso de psiquiatria na Faculdade de Medicina. *Diário de Notícias*, 21 de fev. 1936, p.8.

- INFORMAÇÕES do Dr. Juliano Moreira. *O Jornal*, 29 de out. 1929, p.6.
- INSTITUTO de Neuropathologia da Assistencia de Alienados: o cargo de diretor. *Jornal do Brasil*, 17 de ago. 1916.
- INSTITUTO Neuropathológico: a posse do novo diretor. *O Jornal*, 28 de set. 1921, p.7.
- INSTITUTO de Psiquiatria. *Gazeta de notícias*, 12 de nov. 1938, p.2.
- INSTITUTO de Psychopathas: a inauguração do amphitheatro de Clínica Psychiatrica e uma homenagem ao professor Abreu Fialho. *O Jornal*, 26 de maio. 1929, p.7.
- INTERIOR e Justiça: foi designado, por acto de hontem... *Gazeta de Notícias*, 28 de maio 1912.
- JOÃO Lage. *O Paiz*, 10 de jan. 1912.
- JUSTA homenagem ao professor Henrique Roxo. *Vida Doméstica*, ago. 1945.
- LIGA Brasileira de Hygiene Mental. *Correio da Manhã*, 06 de jan. 1940, p.9.
- LIQUIDAÇÃO de sentença: o professor Henrique Roxo ganhou uma demanda contra a União. *Correio da Manhã*, 17 de jan.1922, p.3.
- LIVROS novos: 'Os males da emoção'. *Diário da Noite*, 15 de maio. 1934, p.4.
- MAIS uma acção contra a União. *Correio da Manhã*, 24 de set. 1915, p.6
- MAIS uma realização de alto alcance social da PRE-8. *A Noite*, 13de jun. 1941, 5.
- MANIFESTAÇÕES: o ilustre Dr. Pedro Pernambuco Filho... *O Paiz*, 23 de ago. 1913.
- MANIFESTAÇÕES. *Jornal das Moças*, 08 de nov. 1919.
- MANUAL de psiquiatria do Professor Henrique Roxo. *A Noite*, 07 de jan. 1922. p.6.
- MANUAL de psiquiatria. *O Jornal*, 25 de jan. 1922, p.6.
- MANUAL de psiquiatria do Professor Roxo. *Correio da Manhã*, 25 de nov. 1925, p.2.
- MANUAL de psiquiatria do Professor Henrique Roxo. *Jornal do Brasil*, 06 de mar. 1938., p.6.
- MARECHAL Pedro de Castro Araújo. *Correio da Manhã*, 22 de set. 1935, p.5
- MINISTÉRIO da Justiça: por portaria de 24 do corrente... *O Paiz*, 28 de dez. 1919.
- MINISTÉRIO do Interior: foi designado, por acto de hontem... *A Imprensa*, 28 de maio 1912.
- MORREU hontem, pela manhã, o príncipe dos poetas brasileiros, Olavo Bilac. *Correio da Manhã*, 29 de dez. 1918 p.3.
- A MORTE do escriptor Jackson de Figueiredo: quando, domingo, pescava na Barra da Tijuca...*O Jornal*, 06 de nov. 1928, p.3
- A MUDANÇA do Hospício de Alienados para Jacarepaguá. *O Jornal*, 30 de maio. 1935.
- NA Assistencia a Psychopathas: as homenagens do corpo clinico e administrativo... *Jornal do Brasil*, 12 de jan. 1927, p.6.
- NA Liga de Higiene Mental: eleito presidente daquela associação o professor Henrique Roxo. *Jornal do Brasil*, 06 de maio de 1938., p.11.
- NO altar de Deus, para a união na vida. *Vida Doméstica*, set. 1945., p.55.
- NO anfiteatro do Instituto Psiquiátrico. *O Cruzeiro*, 1945.
- NO Supremo Tribunal Federal: o ministro Edmundo Lins é acommettido de uma syncope. *Gazeta de Notícias*, 06 de out. 1918, p.3.
- OS NOSSOS cientistas. *Vida Doméstica*, jul.1925, p.31-32.
- NOTICIOU o *Jornal do Brasil* que o professor Charpentier... *Jornal do Brasil*, 23 de out. 1937.
- O NOVO diretor do Centro Psiquiátrico Nacional. *A Noite*, 20 de abr. 1945, p.3.
- O NOVO diretor do Hospital Psiquiátrico. *O Imparcial*, 19 de ago. 1941, p.6.
- NOVO melhoramento no hospital de psychopathas: inauguração de um amphitheatro de clínica psychiatrica. *A Noite*, 25 de maio 1929, p. 8.
- OS NOVOS docentes da Faculdade de Medicina: Dr. Eurico Sampaio. *A Noite*, 21 de jan. 1933, p.2.
- A OBRA do bondoso e sábio professor Henrique Roxo, honra sobremaneira o Brasil. *Vida Doméstica*, ago.1944, p.61.
- O OFFICIAL de gabinete da Presidencia da República... *Gazeta de Notícias*, 26 de maio. 1929, p.2.
- O GOVERNO da cidade: no gabinete... *A Manhã*, 31 de jul. 1948, p.6.
- O PATRIMONIO nacional: uma lei que ainda não pode ser executada, culpa dos ministérios. *Gazeta de Notícias*, 24 de jul. 1915 p.2.
- OUVINDO os doutorandos de 1928: uma palestra com o jovem médico... *O Imparcial*, 19 de dez. 1929, p.8.
- PARA a reforma do Hospício: Pavilhão de psychopathologia para a observação dos enfermos. *A Noite*, 18 de nov. 1933, p.1.

PARA irem em missão intelectual ao Uruguai. *A Federação*, Porto Alegre, 14 de out. 1933.

PARANÁ: embaixada acadêmica. *A Federação*, Porto Alegre, 26 de jul. 1926, p.3.

PELO presidente da República foram hontem assignados os seguintes decretos nomeando para a Faculdade de Medicina... *Correio da Manhã*, abr.1911, p.8.

PLANTAS medicinais do Brasil. *Jornal do Brasil*, 21 de out. 1937.

AS PLANTAS medicinais do Brasil vão ser vendidas em Paris... *Jornal do Brasil*, 17 de out. 1937.

POLYCLINICA de Botafogo: ambulatório de neuro-psiquiatria, de doenças nervosas da infância e de Hygiene Mental. *Correio da Manhã*, 30 de set. 1938, p.3.

POR actos de hontem do Sr. Prefeito, foram nomeados... *O Paiz*, 03 de jan. 1917.

A PRIMEIRA aula de psiquiatria no Hospital de Misericórdia. *A Noite*, 23 de jul. 1915.

PROF. Aduato Botelho. *Vida Doméstica*, jun. 1938.

O PROF. Aduato Botelho na direção do Serviço de Assistência a psicopatas. *Jornal do Brasil*, 30 de ago. 1938, p.7.

PROFESSOR Henrique Roxo: as homenagens que lhe foram prestadas hontem pela classe médica. *Gazeta de Notícias*, 06 de jul. de 1940, p. 04 e 10.

AO PROFESSOR Juliano Moreira: um banquete que se transforma em premio científico. *O Jornal*, 21 de jun. 1929, p.6.

PROFESSOR Teixeira Brandão. *O Paiz*, 04 de jul. 1921. p.5

O PROPHETA da Gávea sob a analyse da psiquiatria. *O Paiz*, 11 de out. 1929.

UMA PROVA de sincera gratidão. *A Manhã*, 11 de ago. 1929, p.9.

A PSIQUIATRIA na guerra. *Jornal do Brasil*, 15 de out. 1942, p.6.

"PSIQUIATRIA na guerra". *A Manhã*, 12 de nov. 1942, p.2.

PSYCHOLOGIA experimental: o estado actual do seu estudo em nossa Faculdade de Medicina. *Jornal do Brasil*, 26 de abr. 1925, p.6.

PSYCHOLOGIA experimental. *Jornal do Brasil*, 17 de jul. 1925, p.5.

QUERIA ser diretor interino e foi condenado nas custas. *A Rua*, 16 de ago. 1916.

A QUESTÃO dos assistentes da Faculdade de Medicina. *A Época*, 13 de jan. 1919.

REALIZA-SE hoje, 8 da corrente, o enlace matrimonial do distinto médico Dr. Henrique de Britto Belford Roxo... *Gazeta de Notícias*, 08 de nov. 1902, p.2.

REALIZA-SE hoje o enlace matrimonial do Dr. Heitor Peres... *Jornal do Brasil*, 29 de dez. 1936, p.10.

REALIZOU-SE a posse do novo diretor da Assistência a Psychopathas. *Diário de Notícias*, 14 de out. 1932, p.3.

REALIZOU-SE hontem o casamento do Dr. Faustino Espozel... *O Paiz*, 27 de jul. 1922, p.4

A REFORMA do Ministério da Educação e o Instituto de Psychiatria. *Diário de Notícias*, 14 de jan. 1937, p.3.

O REGRESSO do Dr. Faustino Espozel. *O Imparcial*, 09 de fev. 1927, p.8.

O REPRESENTANTE do Brasil em um congresso internacional. *Correio da Manhã*, 26 de mar. 1929 p.6.

O RESULTADO do concurso para médico do exército. *O Jornal*, 15 de fev. 1923, p.2.

SANATÓRIO Botafogo. *O Jornal*, 01 de ago. 1921, p.5.

SANATÓRIO Botafogo. *O Paiz*, 31 de jul. 1921, p.4.

SANATÓRIO Botafogo: a cerimônia inaugural. *O Jornal*, 01 de ago. 1921, p.3.

SANATÓRIO Botafogo: dividido em pavilhões. *Gazeta de Notícias*, 07 de mar. 1925, p.4.

SANATÓRIO Botafogo: um estabelecimento hospitalar modelo... *O Paiz*, 08 de mar. 1925, p.5.

A SEMANA: o sucesso literário... *O Paiz*, 11 de maio. 1924, p.3.

SERÁ uma das maiores instituições científicas do Brasil. *A Noite*, 14 de jan. 1944, p.1-2.

A SESSÃO agitada do C. Superior de ensino: o parecer dos assistentes da Faculdade de Medicina foi aprovado contra dois votos. *A Época*, 22 de fev. 1919.

A SCIENCIA psiquiátrica no velho mundo: as declarações do Dr. Cunha Lopes. *Diário de Notícias*, 6 de jul. 1930, p.19.

A SCIENCIA psiquiátrica nos Estados Unidos. *Gazeta de Notícias*, 03 de jul. de 1940, p. 09 e 14.

A SITUAÇÃO miserável dos doentes. *Gazeta de Notícias*, 09 de mar. 1935, p.4.

SOCIEDADE de estudos de psychologia e filosofia. *Diário de notícias*, 05 de fev. 1931 p.7.

- SPINELLI, C. Hospício Nacional de alienados: pavilhão de Moléstias nervosas... *A Semana*, 20 de nov. 1910.
- O SR. Ministro da justiça... *O Paiz*, 14 de set. 1912.
- TRANSCORRE hoje o aniversário natalício do professor Aduino Botelho... *O Imparcial*, 12 de maio. 1938, p.12.
- UMA VISITA à assistência aos alienados. *O Paiz*, 13 de jun. de 1896, p.1.
- A VAGA de alienista. *O Paiz*, 21 de fevereiro. 1920, p. 4.
- VELLOSO, Antônio Leão. A inteligência dos Escolares. *Correio da Manhã*, 10 de jun. 1931, p.4
- VELLOSO, Antônio Leão. Livro perigoso... *Correio da Manhã*, 30 de jan. 1918, p.2
- VELLOSO, Antonio Leão. Manual de Psychiatria. *Correio da Manhã*, 23 de jan. 1922. P.2.
- VELLOSO, Antonio Leão. Vícios sociaes degradantes. *Correio da Manhã*, 14 de maio. 1924, p.4.
- VASCONCELLOS, Ivolino de. Pequenas biografias de Grandes médicos; Henrique de Brito Belford Roxo. *Jornal do Brasil*, 18 de jan. 1953, p.1-2.
- VÍCIOS elegantes. *Jornal do Brasil*, 05 de jun. 1925, p.6.
- VÍCIOS sociais elegantes. *Vida doméstica: revista do lar e da mulher*, jun. 1924.
- VIDA Doméstica está de luto. *Vida doméstica: revista do lar e da mulher*, jul. 1948.

Relatórios Ministeriais

- BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Relatório apresentado pelo Engenheiro Henrique José Alvares da Fonseca*. Distrito Federal, 1893, p.21-22.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Relatório apresentado pelo Ministro Rivadávia da Cunha Corrêa*. Distrito Federal, 1913. P.71.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Relatório da Comissão de Inquerito: sobre as condições da Assistencia a Alienados no Hospício Nacional e colônias da Ilha do Governador*. Distrito Federal, 1902. Publicado em 1903

Bibliografia

- ABREU, Alzira Alves de. (et. al.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. 2ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Ed. FGV; CPDOC, 2001, 5v.
- ANDRADE, Oswald Moraes. Henrique Roxo e a clínica psiquiátrica. *Boletim da Academia Nacional de Medicina*. Rio de Janeiro, ano 140, 1967-1969. p..129-130.
- ALONSO, A. Introdução. In: _____. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil império*. São Paulo : Paz e Terra, 2002. P.21-49.
- ALMEIDA, Marta M. Circuito aberto: ideias e intercâmbios médico-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. *História, ciências, saúde – Manguinhos*, v.13, n.3, p.733-757, 2006.
- ANGELIN, Paulo Eduardo. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. *Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, Araraquara, v. 3, n. 1, jul/dez. 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. Ed. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2006. P. 183-191.
- BULCÃO, Lúcia Grando; EL-KAREH, Almir chaiban; SAYD, Jane Dutra. Ciência e ensino médico no Brasil (1930-1950). *História, ciências, saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.469-487, 2007.
- BYNUM, William. *História da medicina*. Porto Alegre : L&PM, 2015. 186p.
- CARVALHO, Carolina, MATHIAS, Cátia, MARCONDES, Sérgio. The communication of psychiatry in Brazilian press (1930–1940). *Journal of Science Communication*, v.16, n.3, p.1-15, 2017.
- Disponível em: https://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOM_1603_2017_A13_en.pdf
- CASSILIA, Janis Alessandra Pereira. *Doença mental e Estado Novo: a loucura de um tempo*. 2010. 199f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

- CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- CHEUICHE, Edson Medeiros. *Hospital Psiquiátrico São Pedro: "linha de tempo" (1874 a 1957)*. Disponível em: <<http://www1.saude.rs.gov.br/dados/1326202340912INTERNET%20-%20Linha%20de%20tempo%20HPSP.pdf>>.
- COSTA Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: Um corte ideológico*. 4.ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Xenon Ed., 1989. 187p.
- CRUZ, Fátima Maria Leite, AGUIAR, Maria da Conceição Carrilho de. Trajetórias na identidade profissional docente: aproximações teóricas. *Psicologia da Educação*, São Paulo, 33, 2º sem. de 2011, p. 7-28.
- DIAS, Allister. Entre el Pabellón y el Hospicio: problemas y conflictos en la Asistencia Psiquiátrica en rio de janeiro a principios del siglo XX. *Frenia*, v. 11, p. 109-128, 2011.
- ENGEL, Magali Gouveia. Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios: Rio de Janeiro, 1830-1930. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- FABRÍCIO, André Luiz da C. A assistência psiquiátrica no contexto das políticas públicas de saúde (1930-1945). 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- FACCHINETTI, Cristiana, NEVES DE MUÑOZ, Pedro Felipe. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro: 1903-1933. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20 n.1, p.239-262, 2013.
- FACCHINETTI, Cristiana, CUPELLO, Priscila, EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, *supl.2*, 2010, p.527-535.
- FACCHINETTI, Cristiana, REIS, Cristiane Sá. O Hospício Nacional e a assistência a alienados do Distrito Federal: institucionalização de saberes e práticas no Brasil. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria, PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs.). *Clio-Psyché: instituições, história, psicologia*. Rio de Janeiro : Outras Letras, 2014.
- FERREIRA, Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.1827-1845.
- FLECK, Ludwick. *Gênero e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte :Fabrefactum, 2010. 224p.
- FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Ciência da Informação*, Brasília, v.35, n.3, p.56-66, 2006.
- GONÇALVES, Monique de Siqueira. *Mente sã, corpo são: disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das "nevroses" e da loucura na Corte Imperial (1850-1880)*. 2011. 244 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro.
- JABERT, Alexander. *De Médicos e Médiuns: Medicina, Espiritismo e Loucura no Brasil da primeira metade do século XX*. 2008. 308p. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro.
- MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro ; Graal, 1978. 559p.
- MEDEIROS, Maurício de. In: *Dicionário biográfico*. CPDOC-FGV. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio_de_Medeiros>
- MEDEIROS, Tácito. *Formação do modelo assistencial psiquiátrico no Brasil*. 1977. 165 f. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) - Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MOKREJS, Elisabete. *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis : Vozes, 1993. 319p.
- MOTA, A., SCHLRAIBER, L. B. Mudanças corporativas e tecnológicas da medicina paulista em 1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, n. 2, p. 345-360. 2009.
- MOURA, Gerson. *Sucessos e ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

- MUELLER, S. P. M. O periódico científico. In: CAMPELLO, B. S., CENDÓN, B. V. e Kremer, J. M. (Org.) *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. p. 73-96.
- MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À Luz do Biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. 2015. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *Degeneração atípica: uma incursão ao caso Elza*. 2010. 191f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de, FACCHINETTI, Cristiana, DIAS, Allister. Suspeitos em observação nas redes da psiquiatria: o Pavilhão de Observações (1894-1930). *Memorandum*, 20, p.83-104, 2011.
- OLIVEIRA, Edmar de Souza. *Engenho de Dentro do lado de fora: o Território como um engenho novo*. 2004. 125f. Monografia (Especialização de Gestão em Saúde) – Fundação João Goulart, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, William Vaz de. *A assistência a alienados na capital federal da primeira república: discursos e práticas entre rupturas e continuidades*. 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Rio de Janeiro. 297p.
- PERES, Maria Angélica de Almeida et al. O ensino da psiquiatria e o poder disciplinar da enfermagem religiosa: o Hospício de Pedro II no segundo reinado. *Texto & Contexto – Enfermagem*, v.20, n.4, p.700-708, 2011.
- PICCININI, Walmor J. História da Psiquiatria: Gustavo Kohler Riedel (1887-1934). *Psychiatry on line Brasil*, v.22, mar., 2017. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano08/wal0208.php>>
- PICCININI, Walmor J. História da Psiquiatria: Vida e obra de Nise da Silveira. *Psychiatry on line Brasil*, v.7, n.9, 2002. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano02/wal0902.php>>
- PONTE, Carlos Fidelis da. *Médicos, Psicanalistas e loucos: uma contribuição a história da psicanálise no Brasil*. 1999. Tese (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz.
- PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. 152 p., p.65.
- SANTA CASA DA MISERICÓRDIA. In: *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>>
- SANTOS, Frederico Costa dos. *Hospício Nacional de Alienados (1890-1930): relações de poder e memória coletiva no espaço asilar: a experiência de Lima Barreto*. 2010. 98f. (Mestrado em Memória Social) – Universidade do Rio de Janeiro.
- SILVA, Antônio Carlos Pacheco e. In: *Dicionário biográfico*. CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/silva-antonio-carlos-pacheco-e>>
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.231-269.
- SOUZA, V.S. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 146-166, jul | dez 2008.
- TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. A psiquiatria e a universidade no Brasil: a contribuição de João Carlos Teixeira Brandão no seu nascimento. *Psychiatry on Line*, v.13, n.11, 2008. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano08/wal1108.php>. Acesso em: 26 de outubro de 2015.
- TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. *Deus e a ciência na terra do sol: o Hospício de Pedro II e a constituição da medicina mental no Brasil*. 1998. 264 f. Tese (Doutorado em Psiquiatria e Saúde Mental) – Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro; RAMOS, Fernando A. de Cunha. As origens do Alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.15, n.2, p.364-381, 2012.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de, BATISTA FILHO, Malaquias. História do campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.16, n.1, p.81-90, 2011.

VENANCIO, Ana Teresa A. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. *História, ciências, saúde-Manguinhos*. v.10, n.3, p. 883-900, 2003.


VENANCIO, Ana, Teresa A. Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl., dez. 2011, p. 35-52.

VENANCIO, Ana Teresa A., CARVALHAL, Lázara. A classificação psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria et al. (Org.). *Clio-Psyché ontem: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2001.


VENANCIO, Ana Teresa, CERQUEIRA, Ede Conceição. Os intercâmbios científicos pela Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1907-1933): primeiras notas. In: ISAIA, Artur Cesar, PRIEGO, Natalia (Orgs.). *História, ciência e medicina no Brasil e América Latina: séculos XIX e XX*. Canoas : Unilasalle, 2016. p. 11-36. p.30.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*, v.25, n.2, p.205-224, 2010.

**APÊNDICE A - QUADRO BIOBIBLIOGRÁFICO DOS PROFESSORES QUE
DERAM AULAS NO PO/IPUB – 1920-1945**

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	
Nome: ANDRADA, Martin Francisco Bueno de	Data: 1887-1965
Filiação: Antonio Manoel Bueno de Andrada Idalina Huet Bacellar de Andrada	
Tese doutoramento: A forma juvenil da paralyisia geral (1911) - FMRJ	
Tese livre docência: Paranoia : contribuição ao estudo de sua etiopathogenia (1914) - FMRJ	
	
Função ocupada no PO:	Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica	
Assistente da Clínica Psiquiátrica	
Dados biográficos	
Médico do Instituto Nacional dos Surdos Mudos (1922) Médico psiquiatra do Juízo de Menores (1924) Inspetor médico escolar (1929)	
Sociedades Científicas	
Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, Sociedade dos Médicos Escolares, Academia Nacional de Medicina.	
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Adenoidismo nas crianças escolares. <i>A Folha Médica</i>, 1925. ➤ Psicopatologia da atenção. 1928. (livro) ➤ Temperamento, caráter e constituição. 1928. ➤ Constituições psicopáticas e biotipologia humana. In: <i>Psicanálise e outros estudos</i>. 1934. ➤ A paranoia causa e conceito moderno. In: <i>Novidades em doenças mentais</i>. 1934. ➤ Desenvolvimento psíquico de crianças de até 3 anos. <i>A Folha Médica</i>, 1929. ➤ Contribuição da Psicologia ao estudo das doenças mentais. <i>A Folha Médica</i>, 1929. ➤ A higiene mental nas escolas. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1929 ➤ ROCHA, Celsina de Faria. ANDRADA, Bueno de. <i>Tests - Como medir a intelligencia dos escolares</i>. RJ: Erbas de Almeida Ed. 300p. 1931. ➤ O método hypoglycemic de Sakel: resultados obtidos em 18 doentes esquizofrênicos tratados na casa de saúde da Gávea. <i>A Folha Médica</i>, 1937. ➤ Educação física e saúde escolar. <i>A Folha Médica</i>, 1942. ➤ Problemas de psiquiatria de guerra Assistência aos psicopatas no Brasil. <i>A Folha Médica</i>, 1942. 	


Quadro 1 - ANDRADA, Martin Francisco Bueno de

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: AYROSA, José Carneiro	Data: ?-1969	
Filiação: Dados não encontrados		
Tese livre docência: Formas mentaes da uremia (1928) - FMRJ		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		1928
Dados biográficos		
Médico da Assistência aos Psychopathas		
Sociedades Científicas		
Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Distúrbios psíquicos na encefalite epidêmica. 1927. ➤ Herança psicopática. <i>Archivos brasileiros de Medicina</i>, 1927. ➤ Esquizofrenia. <i>Brazil Médico</i>, 1929. ➤ A psicanálise e suas aplicações clínicas. 1932 ➤ O alcoolismo: suas raízes psicológicas segundo a psicanálise. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1934. ➤ O comportamento e seus motivos psicológicos. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1932. ➤ Em torno da Psicanálise. <i>Jornal do Comércio</i>, 1929 ➤ Ayrosa, José Carneiro, Porto-Carrero, Júlio Pires. Da Angústia. Relatório do 2º Congresso Latino-Americano de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. 1930. ➤ Tendência a beber em face da psicanálise. <i>Imprensa médica</i>, 1932. ➤ A psicanálise e suas aplicações clínicas. 1932. (Livro) ➤ O comportamento e seus motivos psicológicos. <i>Arquivos Brasileiros de Medicina</i>, 1932. 		

Quadro 2 - AYROSA, José Carneiro

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: BITTENCOURT, Januário Jobim	Data: ?-1949	Foto não encontrada
Filiação: Dados não encontrados		
Tese doutoramento: Acne e seu tratamento (1917) - UFRGS		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		1935
Dados biográficos		
Médico da Assistência aos Psychopathas		
Sociedades Científicas		
Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal Liga Brasileira de Higiene Mental		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Estrutura corporal nos dementes paralíticos. <i>Anais da Assistência a Psicopatas</i>, 1931 ➤ Fichas para hospitais de psicopata. <i>A Folha Médica</i>, 1931. ➤ A região infundíbulo-sub-optico-estriada: sua delimitação anatomica: Antigo conceito anatomico do hipotálamo. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1932. ➤ Considerações em torno de um caso de esquizofrenia paranoide. <i>A Folha Médica</i>, 1932. ➤ Sobre um caso de paralisia pseudo-hipertrófica. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1933 ➤ Noções sobre etiologia das doenças mentais para um curso de enfermagem. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1935. ➤ Comentário em torno de um caso de esquizofrenia. <i>Anais da Assistência a Psicopatas</i>, 1936 ➤ Psicologia individual nas relações entre irmãos. <i>A Folha Médica</i>, 1938. ➤ Psicoterapeuta versus neurótico. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1944-45. 		


Quadro 3 - BITTENCOURT, Januário Jobim

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	
Nome: BOTELHO, Adauto Junqueira Botelho	Data: 1895-1963
Filiação: Francisco de Andrade Botelho Maria de Nazareth Junqueira Botelho	
Tese doutoramento: Contribuição para a etio-pathogenia da demencia precoce. Dysendocrinias pela reacção de Abderhalden (1917) - FMRJ	
Tese livre docência: Pressão do Liquor nas doenças mentaes (1925) - FMRJ	
	
Função ocupada no PO:	Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica	1925
Chefe da Clínica do Pavilhão de Observação	1921
Assistente da Clínica Psiquiátrica	1920
Chefe do Laboratório do Pavilhão de Observação	1918
Dados biográficos	
Médico da Assistência aos Psychopathas Diretor da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal (1938) Diretor do Serviço Nacional de doenças Mentais (1941)	
Sociedades Científicas	
Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal Liga Brasileira de Higiene Mental Academia Nacional de Medicina	
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Vícios sociaes elegantes. F. Alves, 1924. (Livro) ➤ Eteromania. <i>O Hospital</i>, 1924. ➤ Hemiatrofia facial progressiva. <i>O Hospital</i>, 1924 ➤ Pressão do Liquor nas doenças mentaes. <i>Revista dos Tribunaes</i>, 1925. ➤ Neuro psicopatologia. <i>Brazil Médico</i>, 1929. ➤ Estados mixtos da psychose maniaco-depressiva. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1929. ➤ Eletroterapia nas doenças mentais. <i>Archivos de Medicina</i>, 1929. ➤ Hetero-acusação em nevropatas. <i>Archivos de Medicina</i>, 1929 ➤ As formas mistas da psicose maníaco-depressiva. 1929 ➤ Sobre a pressão do liquido cephalo-racheano nos epiléticos. <i>Brazil Médico</i>, 1931. ➤ Atrophia muscular protopathica. <i>Brazil Médico</i>, 1933. ➤ Dados estatísticos sobre a paralisia geral. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1933. ➤ Valor semiológico do liquido cefaloraqueano: interpretação clínica. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1933. ➤ Pressão do liquor em epiléticos. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1933. ➤ Sono e doenças mentais <i>Archivos brasileiros de Medicina</i>, 1933. ➤ Paralisia geral senil. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1934. ➤ Aspectos mentais da epilepsia. <i>A Folha Médica</i>, 1934. ➤ Perturbações psíquicas e centros cerebrais. In: <i>Psicanálise e outros estudos</i>. 1934. ➤ A epilepsia seus distúrbios e tratamento. <i>Novidades em Doenças Mentaes</i>. 1934. ➤ Os males da emoção. 1934 (Livro) ➤ Alterações do liquido cefalo raqueano na parotidite epidêmica. <i>O Hospital</i>, 1935. ➤ Alterações térmicas após punções sub-ocipitais e raqueanas. <i>O Hospital</i>, 1936 ➤ Ideias e sugestões sobre Assistência aos psicopatas no Brasil. <i>A Folha Médica</i>, 1937. ➤ Cardiazolaterapia dos Esquizofrênicos. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1938. ➤ Alterações térmicas após punções sub-occipitais. <i>Anais da Assistência a Psicopatas</i>, 1939. ➤ O álcool e a loucura. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1940. ➤ Alcoolismo fator de loucura. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1942. ➤ Dados sobre a assistência psiquiátrica no Brasil. <i>Arquivos da Assistência geral a psicopatas do estado de São Paulo</i>, 1944. ➤ Alcoolismo fator de loucura. 1942 	


Quadro 4 - BOTELHO, Adauto Junqueira Botelho

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: CARVALHO, Rodrigo Ulisses	Data: ?	Foto não encontrada
Filiação: Dados não encontrados		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		
Chefe da Enfermaria do Instituto de Psiquiatria		1938
Dados biográficos		
Dados não encontrados		
Sociedades Científicas		
Dados não encontrados		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Do metabolismo basal em psiquiatria. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1943. ➤ Distúrbios neuro-vegetativos em doenças mentais. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1944-45. 		


Quadro 5 - CARVALHO, Rodrigo Ulisses

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	
Nome: COUTINHO FILHO, Alfredo de Moraes	Data: ?
Filiação:	
Tese de doutoramento: Ensaio de morfologia dinamica (1917)	
Tese de livre docência: Conceito da homossexualidade (1939)	
	
Função ocupada no PO:	Período
Assistente da clínica neurológica e psiquiátrica	
Livre docente de Clínica Psiquiátrica	
Dados biográficos	
Dados não encontrados	
Sociedades Científicas	
Dados não encontrados	
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Psicodiagnóstico de Rorschach nos estados mentais de dissociação – tratamento da epilepsia pela punção garces (1939 – trabalho em parceria com Gonçalves Fernandes) ➤ As reações histéricas na guerra (artigo 1942) ➤ Do onirismo confusional ao onirismo dissociativo (artigo 1943) ➤ As manifestações iniciais da esquizofrenia (artigo 1944-45) 	

Quadro 6 - COUTINHO FILHO, Alfredo de Moraes

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: ELEJALDE, Paulo Franklin Souza de	Data: 1901-1959	
Filiação: Dados não encontrados		
Tese: Contribuição para o estudo da pathogenia da hemorragia cerebral na hipertonia essencial – FMMG – 1936		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		
Dados biográficos		
Diretor do Centro Psiquiátrico Nacional (1941)		
Sociedades Científicas		
Dados não encontrados		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
➤ Blastomas do simpático (com Nilton Costa). <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i> , 1944.		


Quadro 7 - ELEJALDE, Paulo Franklin Souza de

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	
Nome: ESPOSEL, Faustino	Data: 1888-1931
Filiação: João de Paiva dos Anjos Esposel Maria Joaquina Monteiro Esposel	
Tese doutoramento: Arteriosclerose cerebral: contribuição ao seu estudo (1911) - FMRJ	
Tese livre docência: Da sensibilidade geral na lepra (1913)	
Tese professor substituto 19º seção: Da capacidade de fixação em normaes e alienados (1922)	
	
Função ocupada no PO:	Período
Lente substituto da clínica neurológica e psiquiátrica	1921
Assistente da clínica neurológica e psiquiátrica	1916
Livre docente da Clínica Neurológica	1913
Dados biográficos	
Médico da Assistência aos Psychopathas Catedrático de neurologia da Faculdade Fluminense de Medicina Docente de higiene da Escola Normal Chefe de serviço da Policlínica de Botafogo Médico do Sanatório Botafogo Médico da Associação dos Empregados de Comércio (tratamento de moléstias nervosas)	
Sociedades Científicas	
Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal Liga Brasileira de Higiene Mental; Academia Nacional de Medicina Société de Neurologie de Paris; Societé Française de Psychologie.	
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Le phénomène de Babinsky ➤ Achondroplasies ➤ Lesleucytopathies ➤ Tumores do ângulo ponto-cerebral ➤ Demência senil (col.com Ulisses Viana) ➤ Perícia médico-legal (col. com Ernani Lopes) ➤ Atrofia muscular (col. com José Osorio) ➤ Síndrome talâmico de natureza sifilítica (col. com Aluizio Marques) ➤ Le mécanisme de retraitedumembreinférieur provoque par laflexionplantaire dès orteils (col. com Miguel Osorio) ➤ L'action de l'anémie expérimentale produite par La bande d'Esmarcksurles reflexes (col. com Miguel Osorio) ➤ Estudo anatômico, fisiológico e clínico da hipófise. 1921 ➤ Considerações em torno da sensibilidade. 1922. ➤ Os nervos sensitivos são diferenciados? <i>O Hospital</i>, 1924 ➤ Exploração do canal raqueano pela injeções de óleo iodado, segundo a técnica de sicard, Forastier e Laplane. <i>O Hospital</i>, 1924 ➤ Ideias gerais sobre higiene mental. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1925. ➤ Esclerose lateral amiotrófica (col. com Teixeira Mendes). <i>Brazil Médico</i>, 1927. ➤ Quelques considérations sur la lèpre. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1927. ➤ Soroterapia do tétano. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1928. ➤ Esclerose amiotrófica. <i>Brazil Médico</i>, 1929. ➤ Em torno do sinal de Babinski. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1929. ➤ Estudo sobre a esclerose lateral amiotrófica. 1929. ➤ Casos de afasia. 1929. ➤ Malefícios do álcool. 1932. 	


Quadro 8 - ESPOSEL, Faustino

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: JORGE, Brahim,	Data: ?	Foto não encontrada
Filiação: Dados não encontrados		
Tese: O método de Meduna na psicose maníaco depressiva (1942) - FMRJ		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		
Dados biográficos		
Dados não encontrados		
Sociedades Científicas		
Liga Brasileira de Higiene Mental		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Convulsoterapia pela medula nas psicoses afetivas (1939 – trabalho) ➤ Simulação e dissimulação da loucura em tempo de guerra. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1942. ➤ O método de meduna na psicose maníaco depressiva. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1943. ➤ Henrique Roxo e a terapêutica das doenças mentais. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1944-45. ➤ A penicilina no tratamento da neuro-lues. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1944-45. 		

Quadro 9 - JORGE, Brahim

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: LACAZ, Paulo da Silva	Data: 1913-1991	
Filiação: Dados não encontrados		
Tese: Contribuição à bioquímica das doenças mentais : metabolismo glicídico nas esquizofrenias (1943)		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		
Chefe do Laboratório do Instituto de Psiquiatria		1938
Dados biográficos		
Dados não encontrados		
Sociedades Científicas		
Dados não encontrados		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Metabolismo azolado nas doenças mentais (1939 – trabalho) ➤ Alguns aspectos bioquímicos da convulsão cardiozólica. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1942. ➤ Contribuição a bioquímica das doenças mentais: metabolismo glicídico nas esquizofrenias. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1943. 		

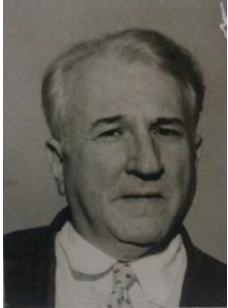
Quadro 10 - LACAZ, Paulo da Silva

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	
Nome: LOPES FILHO, Ignácio da Cunha	Data: 1891-1973
Filiação: Ignácio da Cunha Lopes	
Tese doutoramento: Do luminal no tratamento da epilepsia. Tese (1922) Tese livre docência:	
	
Função ocupada no PO:	Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica	
Dados biográficos	
Médico da Assistência aos Psicopatas	
Sociedades Científicas	
Liga Brasileira de Higiene Mental	
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Do proponal da Epilepsia. 1921 ➤ Ensaios therapeuticos do luminal na epilepsia. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1924. ➤ O problema de assistência aos epiléticos. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1924. ➤ As toxicomanias do Rio de Janeiro. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1924. ➤ Contribuição clínica e experimental ao estudo da urobilina. <i>O Hospital</i>, 1924 ➤ Assistencia aos toxicômanos. <i>O Hospital</i>, 1924 ➤ Profilaxia social e toxicomanias. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1925. ➤ Das curas tardias em psiquiatria. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1927. ➤ Psicose pseudorabica. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1927 ➤ Psychosespseudo-rabicas. <i>Tribuna Médica</i>, 1927 ➤ Psychoses nos selvagens. <i>Tribuna Médica</i>, 1927 ➤ Caso de Fabulação delirante: delirio de imaginação na senilidade. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1929. ➤ Das pesquisas genealógicas em psychiatria: edeasgeraes sobre um plano de organização. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1930. ➤ Da esquizofrenia. Formas clínicas. Ensaio de revisão da casuística nacional com Heitor Peres. <i>Anais da Assistência a Psicopatas</i>, 1931. ➤ Tratamento ativo do alienado. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1931. ➤ Aspectos etnográficos da esquizofrenia. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1932. ➤ Plantas alucinógenas – da esterilização em psiquiatria (trabalho 1934) ➤ Doenças mentais e heredologia. In: <i>Psicanálise e outros estudos</i>. 1934. ➤ A psicose maniaco depressiva e sua significação heredológica. In: <i>Novidades em doenças mentais</i>. 1934. ➤ Esquizofrenia : conceito, interpretação, terapeutica e medicina legal das personalidades esquizofrênicas. 1934. (Livro) ➤ Da esterilização em psiquiatria. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1934. ➤ A propósito das toxicomanias raras ou pouco frequentes entre nós. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1934. ➤ Primeiro Hospital psiquiátrico do Brasil. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1935. ➤ Do diagnóstico na esquizofrenia. <i>Anais da Assistência a Psicopatas</i>, 1936. ➤ Epilepsia. 1936 (Livro) ➤ Psicologia do testemunho. <i>Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro</i>. 1937. ➤ Psicologia: de acordo com o programa do curso complementar. 1938 (Livro). ➤ Notícia histórica da assistência a psicopatas do Distrito Federal. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1939. ➤ Demência precocissima. <i>Anais da Assistência a Psicopatas</i>, 1939. ➤ Toxicomanias : Legislação e pratica medica... 1939 (Livro) ➤ Aspectos da Higiene mental no Brasil. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1940. ➤ Assistência aos tententes ao suicídio. <i>Anais da Assistência a Psicopatas</i>, 1940. ➤ Neuro-Trasentina no fundamento das síndromes acinético-hipertônicas com Alfredo Paes. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1940. ➤ Fumo e tabagismo. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1942 ➤ Psicastenia. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1944-45. ➤ Constituição histórica. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1945. 	


Quadro 11 - LOPES FILHO, Ignácio da Cunha

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: MELLO, Manoel Leite Novais	Data: ?	Foto não encontrada
Filiação: Dados não encontrados		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		
Dados biográficos		
Dados não encontrados		
Sociedades Científicas		
Liga Brasileira de Higiene Mental		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
➤ Constituição dos epiléticos, coração e choque convulsivo (1939 – trabalho)		


Quadro 12 - MELLO, Manoel Leite Novais

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: MANTA, Inaldo de Lyra Neves	Data: 1903-2000	
Filiação: João da Silva Neves Manta e Joana de Lyra Neves Manta		
Tese de doutoramento: (1929)		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		1935
Assistente da clínica psiquiátrica		1929
Chefe do Serviço de Psicologia Experimental		1929
Dados biográficos		
Dados não encontrados		
Sociedades Científicas		
Academia Nacional de Medicina		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Psicanálise da vida infantil (trabalho 1934) ➤ A individualidade e a obra mental de João do Rio em face a psiquiatria. 1928. (Livro) ➤ A respeito de "A individualidade e a obra mental de João do Rio em face da psiquiatria" replica a Medeiros e Albuquerque ➤ Plano Liechen. 1930. ➤ Pode o comatoso testar? 1931. ➤ Conceito de loucura imposta e sua exactasignificaçãopsychologica. 1931 ➤ Fundamentos de psiquiatria clínica. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1932. ➤ O alcoolismo na arte e na psiquiatria (Conferência realizada na Soc. de med. mental) 1932 ➤ Psychanalise da lama cpllectiva . 1932. ➤ Estado mental dos comatosos. In: <i>Psicanálise e outros estudos</i>. 1934. ➤ As razões do dr. Freud. 1934. (Livro) ➤ As personalidades psychopathicas e sua compreensão psychanalytica. In: <i>Novidades em doenças mentais</i>. 1934. ➤ O espírito humano: anotações de reflexão e cultura. 		


Quadro 13 - MANTA, Inaldo de Lyra Neves

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	
Nome: NOVAIS FILHO, Henrique	Data: ?
Filiação: Dados não encontrados	
	
Função ocupada no PO:	Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica	
Dados biográficos	
Dados não encontrados	
Sociedades Científicas	
Dados não encontrados	
Produção Acadêmica	
Dados não encontrados	


Quadro 14 - NOVAIS FILHO, Henrique

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: OLIVEIRA, Antonio Xavier de	Data: 1892-1953	
Filiação: José Xavier de Oliveira Umbelina Amália Xavier de Oliveira		
Tese doutoramento: Dados não encontrados		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		
Dados biográficos		
Médico da Assistência aos Psychopathas Eleger-se deputado federal pelo Ceará (1933-1937)		
Sociedades Científicas		
Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal Liga Brasileira de Higiene Mental		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Beatos e cangaceiros ➤ O magnicida Manço de Paiva: aspecto clínico e médico legal de sua psychopathia (1928). T livre docência. Cátedra de psiquiatria. ➤ Juliano Moreira. <i>Brazil Médico</i>, 1929 ➤ Da profilaxia mental dos imigrantes. 1929. ➤ Espiritismo e loucura. Rio de Janeiro. 1931. (Livro) ➤ Os magnicidas perante a psiquiatria forense ➤ O exército e o sertão. 1932 (Livro) 		


Quadro 15 - OLIVEIRA, Antônio Xavier de

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	
Nome: PERES, Heitor Carpinteiro	Data: 1907-1990
Filiação: Manoel Carpinteiro Péres Júnior e Maria da Paz de Gusmão Péres	
Teses: Dados não encontrados	
	
Função ocupada no PO:	Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica	
Dados biográficos	
Médico da Assistência aos Psicopatas Diretor da Colônia Juliano Moreira (1946) Chefe de Seção de Cooperação do Serviço Nacional de Doenças Mentais (1941-1942)	
Sociedades Científicas	
Academia Nacional de Medicina Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal Liga Brasileira de Higiene Mental	
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ A esquizofrenia latente e sua importância médico-legal ➤ Paralysis geral e alucinações ➤ Formas mentais da encefalite letárgica 1930 ➤ Alcoolismo e educação 1940 	

Quadro 16 - PERES, Heitor Carpinteiro


DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: PERNAMBUCO FILHO, Pedro José de Oliveira	Data: 1887-1970	
Filiação: Pedro José de Oliveira Pernambuco Filho Elvira Pereira		
Tese doutoramento: contribuição ao estudo da cyclothymia (1910) Tese livre docência: Psychoses associadas (1913)		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		
Dados biográficos		
Médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia Inspetor médico escolar da prefeitura do Rio de Janeiro		
Sociedades Científicas		
Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal Academia Nacional de Medicina Société de Neurologie de Paris Liga Brasileira de Higiene Mental		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Os métodos psicoterápicos compreensão e vantagem de sua prática ➤ Psicoses de guerra ➤ Puberdade, adolescência: hygienephysica sexual e mental ➤ Um caso de infantilismo ➤ Doença de Friedreich em um aluno de escola pública municipal ➤ Os métodos psicoterápicos: compreensão e vantagem de sua prática. In: <i>Novidades em doenças mentais</i>. 1934. ➤ As toxicomanias no Rio de Janeiro. <i>Jornal dos Clínicos</i>, 1923 ➤ Vícios sociais elegantes. 1924 (Livro) ➤ Anormais e retardados. <i>Tribuna médica</i>, 1925 ➤ O problema da educação dos anormaes. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1927. ➤ Escolas ao ar livre e sua finalidade. <i>A escola primária</i>, 1928 ➤ Oligophrenicos e anormaes : considerações clínicas, medico-legaes e tratamento. <i>Imprensa Médica</i>, 1929 ➤ Contribuições ao estudo clinico da morphinomania. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1929. ➤ Tratamento da tuberculose pulmonar pelos saes e ethers do acido morrhuico. <i>A Folha Médica</i>, 1929 ➤ Lipiodol no radio-diagnóstico das lesões do aparelho respiratório. <i>Brazil Médico</i>, 1930. ➤ A propósito de um caso de "doença de Friedreich". <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1931 ➤ Estudos medico-sociaes da toxicomania. <i>Revista das Clínicas</i>, 1931 ➤ Estudos medico-sociaes da toxicomania. (livro-1931) ➤ Venenos sociaes. 1932. (Livro) ➤ Atrophia muscular protopathica. 1933 ➤ Semiologia geral – Emotividade – valor do ínfimo e da inferioridade nas moléstias mentais (trabalho 1934) ➤ Formação da personalidade psíquica: da infância a adolescência. In: <i>Psicanálise e outros estudos</i>. 1934. ➤ Do ritmo e da periodicidade nas doenças mentais. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1934. ➤ Paralisia geral nos moços. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1935. 		

Quadro 17 - PERNAMBUCO FILHO, Pedro José de


DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: ROXO, Henrique de Britto Belford	Data: 1877-1969	
Filiação: Raymundo Teixeira Belford Roxo Maria Fausta de Brito Belford Roxo		
Tese de doutoramento: Duração dos actos psychicos elementares nos alienados (1900)		
Função ocupada no PO:		Período
Catedrático da Clínica Psiquiátrica e diretor do IPUB		1921-1945
Lente substituto interino		1904-1907; 1907-1921
Assistente da clínica psiquiátrica		1901
Sociedades Científicas		
Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal Société de Medicine Mentale; Sociéte Médico-Psychologique Comitê Internacional de Higiene Mental de Nova Iorque Liga Brasileira de Higiene Mental; Academia Nacional de Medicina		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sexualidade e demência precoce. 1920 ➤ Delírio sistematizado alucinatório crônico. <i>Brasil Médico</i>, 1920 ➤ Paranoia. <i>Brasil Médico</i>, 1920 ➤ Psicose de involução. <i>Brasil Médico</i>, 1920 ➤ Demência precoce. <i>Jornal dos Clínicos</i>, 1921 ➤ Manual de Psiquiatria. 1 ed. 1921 (Livro) ➤ Coreia. <i>Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria</i>, 1921 ➤ A propósito de um caso de parafrenia. <i>Arquivos Brasileiros de Medicina</i>, 1921 ➤ Conceitos clínicos das parafrenias. <i>Brasil Médico</i>, 1922. ➤ Meningoencefalite gonosa basilar sífilítica. <i>Brasil Médico</i>, 1923 ➤ Do modo de pensar dos loucos. <i>O Universitário</i>, 1923 ➤ Estudo crítico da terapêutica antissifilítica nos neurastênicos. <i>Brasil Médico</i>, 1923 ➤ O estado mental da encefalite letárgica. <i>Gazeta Clínica de São Paulo</i>, 1923 ➤ Valor das clínicas psiquiátricas na Assistência aos Psicopatas. <i>Brasil Médico</i>, 1923 ➤ Uma questão de terapêutica. <i>O Hospital</i>, 1924. ➤ Uremia e alienação mental. <i>Jornal do Brasil</i>, 1924 ➤ Casos clínicos interessantes. <i>O Hospital</i>, 1924 ➤ Ideias modernas no tratamento da neurastenia. <i>Boletim da Academia de Medicina</i>, 1924 ➤ Método moderno de tratamento da epilepsia. <i>Brasil Médico</i>, 1924 ➤ Tendências modernas da psiquiatria. <i>Anais da Faculdade de Medicina</i>, 1925 ➤ Manual de psiquiatria. 2 ed. 1925. (Livro) ➤ Charcot e seu método anatomo-clínico. <i>Brasil Médico</i>, 1925 ➤ Dispepsia nervosa. <i>Brasil Médico</i>, 1925 ➤ Conceito moderno da demência precoce. <i>Diário de Medicina</i>, 1925 ➤ Higiene mental. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1925 ➤ Nervosismo nas doenças do útero e dos ovários. <i>Revista Brasileira de Medicina e Farmácia</i>, 1926 ➤ Delírio episódico dos degenerados. <i>Brasil Médico</i>, 1926 ➤ Relatório de viagem à Europa em 1926. <i>Jornal do Brasil</i>, 1927 ➤ Perturbações mentais no paludismo. <i>Arquivos Brasileiros de Medicina</i>, 1927 ➤ Hemi-coreia histórica. <i>Brasil Médico</i>, 1927 ➤ Formas anômalas de encefalite letárgica. <i>Brasil Médico</i>, 1927 ➤ Nervosismo intestinal. <i>Brasil Médico</i>, 1927 ➤ A razão de ser do delírio episódico dos degenerados. <i>Imprensa Médica</i>, 1928 		
continua		

- Da influência do regime alimentar na gênese do nervosismo. *Conferência na LBHM*, 1928
- Valerianato de atropina na cura do delírio episódico. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, 1928
- Classificação das doenças mentais na América Latina. *Tema Oficial da 1ª conferência Latino-Americana de Buenos Aires*, 1928
- Impressões de viagem a Argentina e ao Uruguai. *Brasil Médico*, 1929
- Neurastenias e pseudo-neurastenias. *Jornal do Comércio*, 1929
- Um caso de psicose associada. *Revista dos Clínicos*, 1929
- Tratamento da melancolia. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, 1929
- Ideias modernas sobre histeria. *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria*, 1929
- Conceito atual da demência precoce. *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria*, 1929
- Impressões do congresso de psicologia de New Haven. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, 1929
- Medical psychology in Rio. *Trabalho apresentado no Congresso de Psicologia – EUA*, 1929
- Distúrbios da cinesesia nas doenças mentais. *L'Encéphale*, 1931.
- Pontos de vista curiosos da psiquiatria moderna. *Patologia Geral*, 1931.
- Ideias modernas a respeito da epilepsia. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, 1931
- Tratamento da ansiedade. *Brasil Médico*, 1931
- Tratamento da paralisia geral. *Revista de Criminologia, Psiquiatria y Medicina Legal – Argentina*.
- Tratamento do alcoolismo. *Brasil Médico*, 1932
- Métodos especiais de tratamento das doenças mentais empregados na clínica psiquiátrica. *Anais da Assistência a Psicopatas*, 1932
- Tratamento dos estados maníacos. *L'Encéphale*, 1932
- Dispepsia nervosa e seu tratamento. 1932
- Modernas noções sobre doenças mentais. 1933. (Livro)
- Terapêutica moderna em doenças mentais. 1932
- História da psiquiatria brasileira. *Imprensa Médica*, 1933
- Tratamento da confusão mental. *Revista de Criminologia, Psiquiatria y Medicina Legal – Argentina*, Psicanálise. *Revista da Universidade*, 1933
- Câncer e doenças mentais. *El Dia Medico*, 1933
- Tratamento da sífilis cerebral. *Vida Médica*, 1933
- Tratamento da arteriosclerose cerebral. *Brasil Médico*, 1933
- Modernos tratamentos da esquizofrenia. *Revista de Criminologia, Psiquiatria y Medicina Legal – Argentina*, 1933.
- A Esquizofrenia e seus modernos tratamentos. In: *Novidades em doenças mentais*. 1934.
- Tratamento das oligofrenias. *Brasil Médico*, 1934
- Tratamento dos nervos e psicopatas. 1934. (Livro)
- Tratamento da psicose de involução. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, 1934
- Tratamento da epilepsia. *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria*, 1934
- Influência de visceropatias outras nas gênesis de doenças mentais. *Brasil Médico*, 1934
- Psicanálise. In: *Psicanálise e outros estudos*. 1934.
- Significação clínica da capacidade mental nos delírios sistematizados. 1934
- Método prático para facilitar a diagnose de uma doença mental. *O Globo*, 1935
- Perturbações mentais na tuberculose. *Folha Médica*, 1935
- Desequilíbrio vago-simpático nas doenças mentais. *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, 1935
- Educação e tratamento das crianças anormais. *Folha Médica*, 1935
- Uremia e alienação mental. *Brasil Médico*, 1936
- Delírio espírita episódico. *Conferência – Paris*, 1936
- Pontos de vista curiosos na psiquiatria moderna. *Folha Médica*. 1936


Quadro 18 - ROXO, Henrique de Britto Belford

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	
Nome: SAMPAIO, Eurico de Figueiredo	Data: ?
Filiação: Dados não encontrados	
Tese de doutoramento: A influência do typo social na alienação mental (1922) - FMRJ	
	
Função ocupada no PO:	Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica	
Chefe do Serviço de Psicopatologia Experimental	1921
Dados biográficos	
Médico da Assistência aos Psychopathas	
Sociedades Científicas	
Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal Liga Brasileira de Higiene Mental	
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Methodos psicologicos na perícia psiquiátrica. 1932 ➤ Métodos psicológicos em pericia psiquiátrica. In: <i>Psicanálise e outros estudos</i>. 1934. ➤ A histeria e seu moderno conceito científico. In: <i>Novidades em doenças mentais</i>. 1934. ➤ Estupor Melancólico (artigo 1934) ➤ Esquizofasia. <i>Anais da Assistência a Psicopatas</i>, 1936. 	


Quadro 19 - SAMPAIO, Eurico de Figueiredo

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: SOUZA, Flavio Alves de	Data: ?-1951	
Filiação: Dados não encontrados		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		
Chefe da Clínica do Instituto de Psiquiatria		1938
Dados biográficos		
Dados não encontrados		
Sociedades Científicas		
Dados não encontrados		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Critério classificativo para o estudo das crianças anormais – estudo psicopatológico de um caso de esquizofrenia paranoide 1930 ➤ Psiconeuroses de guerra. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1942. ➤ A convulsoterapia pela picrotoxina associada ao cardiazol no tratamento das doenças mentais. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1943. ➤ Aperfeiçoamento na terapia das doenças mentais pelo cardiazol. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1943. ➤ Vitaminas e doenças mentais. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1943. ➤ Cotejo entre os resultados clínicos observados com a convulsoterapia elétrica e a provocada pelo cardiazol. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1943. ➤ As perturbações mentais no hipertireoidismo frustrado e a terapêutica de choque. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1944-45. ➤ A penicilina no tratamento dos paralíticos gerais. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1944-45. ➤ O delírio sistematizado alucinatório crônico. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1944-45. ➤ Estudos sobre a natureza do choque produzido por cardiazol. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i>, 1944-45. ➤ Higiene das crianças delinquentes. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1942. ➤ Assistência hetero-familiar aos doentes mentais. <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>, 1942. ➤ A penicilina no tratamento dos paralíticos gerais. <i>A Folha Médica</i> As perturbações mentais no hipertireoidismo frustrado e a terapêutica por choque 		

Quadro 20 - SOUZA, Flavio Alves de

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	
Nome: SILVA, Zacheu Esmeraldo	Data: 1886-1942
Filiação:	
Tese: Dados não encontrados	
Função ocupada no PO:	Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica	
Dados biográficos	
Médico da Assistência aos Psicopatas	
Sociedades Científicas	
Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal	
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Accidente de Trabalho e Psychose. 1930 ➤ Os paráliticos gerais malarisados: aspectos clínicos e médico legais. In: <i>Novidades em doenças mentais</i>. 1934. ➤ Paralisia geral e traumatismo. <i>Archivos brasileiros de Medicina</i>, 1933. ➤ Estudo clinico e medico legal dos paráliticos gerais malarisados. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1933. ➤ Paralisia geral infantil e malarioterapia. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1934 ➤ Hebefreno-catatonía em paráliticos gerais impaludados. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1934. ➤ Tratamento da corea por injeções intra-cisternais de electrargol. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1936. ➤ Auto-hemotherpia intracisternal na corea minor. <i>Archivos Brasileiros de Medicina</i>, 1937. ➤ Estudo sobre a esquizofasia. 1939. ➤ Síndrome amiotónica de Foerster congênita e familiar. 1939. ➤ Estudo sobre a esquizofasia. 1939. ➤ Síndrome amiotónica de Foerster congênita e familiar. <i>Anais da Assistência aos Psicopatas</i>, 1939. ➤ Paralisia geral e psicose maníaco depressiva. <i>Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro</i>, 1940 ➤ Estudo sobre a esquizofasia. <i>Anais da Assistência aos Psicopatas</i>, 1940. 	

Quadro 21 - SILVA, Zacheu Esmeraldo

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS		
Nome: VAZ, Albino de Sousa	Data: ?	
Filiação: Dados não encontrados		
Tese de doutoramento:		
Função ocupada no PO:		Período
Livre docente de Clínica Psiquiátrica		
Dados biográficos		
Dados não encontrados		
Sociedades Científicas		
Dados não encontrados		
Produção Acadêmica ente 1921 e 1945		
➤ Traumatismos cranio-encefálicos. <i>Anais do Instituto de Psiquiatria</i> , 1942.		

Quadro 22 – VAZ, Albino de Sousa

APÊNDICE B – QUADRO DE EVENTOS E CURSOS

EVENTOS				
Participante	Eventos	Local	Data	Trabalho apresentado
Henrique Roxo	2º Congresso Médico Latino Americano	Argentina	1904	<i>Perturbações mentais nos negros do Brasil</i>
Henrique Roxo	4º Congresso Médico LatinoAmericano	Rio de Janeiro	1909	<i>Causas de reinternação de alienados no Hospício Nacional.</i>
Henrique Roxo	17º Congress International de Medecine	Londres	1913	<i>Delírio sistematizado alucinatório crônico</i>
Henrique Roxo	1ª Conferência Latino Americana de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal	Buenos Aires	1928	<i>Classificação das doenças mentais na América Latina</i>
Henrique Roxo	9º Congresso Internacional de Psicologia	New Haven - EUA	1929	<i>Psicologia médica no Rio de Janeiro</i>
Henrique Roxo	2º Conferencia Médica Latino-Americana de Neurologia, Psiquiatria e Medicina legal,	Rio de Janeiro	1931	<i>Distúrbios da cenesia nas doenças mentais</i>
Henrique Roxo	1ª Conferência Interamericana de Higiene Mental	Rio de Janeiro	1935	
Henrique Roxo	Conferencias a pedido do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura	Paris	1936	Delírio espírita episódico nas classes populares do Rio de Janeiro; Métodos especiais de tratamento dos doentes mentais, particularmente pelos extratos fluidos; Conceito original na neurastenia e tratamento especial; Desequilíbrio vago simpático; Método original de diagnóstico diferencial das doenças mentais pelo reflexo óculo cardíaco.
Henrique Roxo	Congresso Médico Uruguaio,	Montevidéo	1938	<i>Psicoses de situação e de reação; Regime dietético nas doenças mentais</i>
Henrique Roxo	8º Congresso Científico Americano	Washington - EUA	1940	<i>Como é tratado o doente mental no Instituto de Psiquiatria</i>

Henrique Roxo	Congresso de Endocrinologia	Montevideu	1941	<i>Tratamento das doenças mentais por produtos de glândulas de secreção interna.</i>
Faustino Esposel	1ª Conferência Latino Americana de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal	Buenos Aires	1928	<i>Distúrbios nervosos na lepra: uma contribuição a questão do sinal de Babinski</i>
Adauto Botelho	Congresso de Alienistas e Neurologistas	Blois - França	1928	Pressão do líquido céphalo-racheano, nas doenças mentaes; Tumores cerebrais dos ventrículos (em parceria com o professor Austregésilo)
Adauto Botelho	19º Congresso de Medicina	Paris - França	1928	Participou como ouvinte
Adauto Botelho	1ª Conferência Interamericana de Higiene Mental	Rio de Janeiro	1935	Presidente da seção de Profilaxia das Doenças Orgânicas do Sistema Nervoso
Pedro Pernambuco Filho	2º conferencia de Ópio da Liga das Nações	Genebra - Suíça	1924	Informação não localizada
Pedro Pernambuco Filho	1ª Conferência Interamericana de Higiene Mental	Rio de Janeiro	1935	Participou da seção de Higiene Mental e Educação
Bueno de Andrada	1º Congresso Brasileiro de Surdos Mudos	Rio de Janeiro	1923	Informação não localizada
Bueno de Andrada	Congresso de Colônia de Férias e trabalhos ao ar livre	Paris	1929	Informação não localizada
Bueno de Andrada	1ª Conferência Interamericana de Higiene Mental	Rio de Janeiro	1935	Presidente da seção de Higiene Mental e Educação
Antonio Xavier de Oliveira	5º Congresso Brasileiro de Higiene	Recife	1929	Informação não localizada
Alfredo Moraes Coutinho	Conferência da Liga Baiana contra o Câncer	Salvador (BA)	1940	Higiene mental

APÊNDICE C – REGISTRO DE ENTRADA DE PACIENTES

Registro de Entrada de Pacientes			
Ano	Mulheres	Homens	Total
1921	615	894	1509
1922	576	983	1559
1923	622	858	1480
1924	580	853	1433
1925	701	719	1420
1926	740	611	1351
1927	850	655	1505
1928	847	755	1602
1929	911	876	1787
1930	952	639	1591
1931	927	1034	1961
1932	883	1249	2132
1933	907	988	1895
1934	861	856	1717
1935	940	1138	2078
1936	873	1147	2020
1937	964	1223	2187
1938	1034	1916	2950
1939	127	481	608
1940	95	467	562
1941	105	474	579
1942	79	335	414
1943	75	239	314
1944	105	231	336
1945	79	164	243

Para melhor visualização, marcamos de verde o maior e o menor número de entradas do período.

APÊNDICE D – ACERVO BIBLIOGRÁFICO – TEMÁTICAS⁵⁶⁹

Acervo Bibliográfico – Temáticas*							
Temáticas	1920-24	1925-29	1930-34	1935-39	1940-45**	Total	%
Assistência	00	00	00	00	01	01	1 %
Casos clínicos	02	00	01	00	01	04	1 %
Hereditariedade	00	00	00	00	01	01	0 %
Livro texto	12	01	42	10	79	144	39 %
Método	00	00	02	00	10	12	3 %
Neurologia	02	00	03	00	07	12	3 %
Nosologia	03	01	06	02	33	45	12 %
Prevenção	00	00	01	00	06	07	2 %
Psicanálise	02	00	03	00	09	14	4 %
Psicologia	10	00	22	00	54	86	23 %
Sintomas	01	00	01	02	05	09	2 %
Terapêuticas	01	00	05	04	26	36	10 %
TOTAL	35	02	103	18	232	371	100 %

* Na medida do possível, procuramos atribuir apenas um único tema por título de livro. Só foram atribuídos dois temas quando esta indicação estava explícita no título da obra.
 ** A última coluna englobou 6 anos, pois foi incluído o ano de 1945, ano em que Roxo de aposentou.
Para melhor visualização, marcamos de branco os três temas mais frequentes no período.

Acervo Bibliográfico* – país de publicação dos livros								
País	1920-24	1925-29	1930-34	1935-39	1940-45	TOTAL 1*	TOTAL 2*	%
Argentina	00	01	03	12	52	68	61	17 %
Brasil	00	03	05	21	47	76	56	15 %
Chile	00	00	00	00	01	01	01	1 %
Cuba	00	00	00	00	01	01	01	0 %
Espanha	04	04	02	01	09	20	13	4 %
EUA	00	02	06	17	95	120	118	32 %
França	06	10	10	20	08	54	60	16 %
Germânicos*	02	02	00	02	03	09	34	9 %
Inglaterra	00	00	01	03	10	14	19	5 %
Itália	02	00	00	01	00	03	04	1 %
México	00	00	00	00	01	01	00	0 %
Peru	00	00	00	00	01	01	01	0 %
Portugal	00	00	00	00	01	01	01	0 %
TOTAL	14	22	27	77	229	369	369	100 %

* Para melhor ajuste do quadro, incluímos o ano de 1920, pois apesar de Roxo ainda não ser o catedrático, ele já administrava o Pavilhão neste ano. A última coluna englobou 6 anos, pois foi incluído o ano de 1945, ano em que Roxo de aposentou.
 * Países que publicaram livros no idioma alemão.
TOTAL 1 – Dados contabilizados de acordo com o país em que a obra foi registrada no livro de tomo.
TOTAL 2 – Dados contabilizados de acordo com o país em que a obra foi publicada pela primeira vez.
Para melhor visualização, marcamos em branco as 3 nacionalidades mais frequentes.

⁵⁶⁹ O conteúdo referente a cada categoria é o seguinte: Assistência – relatórios sobre o conteúdo de viagens, trabalhos sobre a Assistência; Casos clínicos – estudo de casos; Hereditariedade – trabalhos envolvendo a questão da hereditariedade nas doenças mentais; Livro texto – manuais, compêndios, tratados, etc (em psiquiatria), que divulgam os conceitos dominantes da área aos especialistas; Método – procedimentos, técnicas ou meios para se alcançar algum objetivo; Neurologia – trabalhos referentes a essa área; Nosologia – trabalhos sobre as diversas doenças psiquiátricas; Prevenção – trabalhos que envolvem a prevenção das doenças mentais, sobre higiene mental e princípios eugênicos; Psicanálise – trabalhos referentes a essa área ou que a utilizaram como terapêutica; Psicologia – trabalhos sobre essa área, sobre psicologia experimental; Sintomas – textos sobre as alterações percebidas e/ou medidas pelos profissionais da saúde; Terapêuticas – trabalhos sobre os diversos métodos de tratamento, sem envolver a psicologia ou a psicanálise.

Periódicos		
Titulo	País	Início da aquisição
<i>Acta psychiatrica et neurológica</i>	Dinamarca	1926
<i>American Journal of Orthopsychiatric</i>	Estados Unidos	1941
<i>American Journal Psychiatry</i>	Estados Unidos	1938
<i>Annales medico-psychologiques</i>	França	1843*
<i>Fortschritte der Neurologie Psychiatrie</i>	Alemanha	1932
<i>Journal of Nervous and Mental Disease</i>	Estados Unidos	1940
<i>L'Evolution psychiatrique</i>	França	1925
<i>Psychiatric Quarterly</i>	Estados Unidos	1938
<i>Psychoanalytic Study of the Children</i>	Estados Unidos	1945
<i>Rassegna si Studi Psichiatrici</i>	Itália	1937
<i>Revista de Neuro-Psiquiatria</i>	Peru	1939
<i>Revista de Psicoanálisis</i>	Argentina	1943

*A aquisição foi retroativa ao ano em que a revista começou a ser publicada.
Para melhor visualização, marcamos de branco a nacionalidade mais frequentados periódicos.

APÊNDICE E – TRABALHOS CIENTÍFICOS PRODUZIDOS PELA EQUIPE DO PAVILHÃO/IPUB

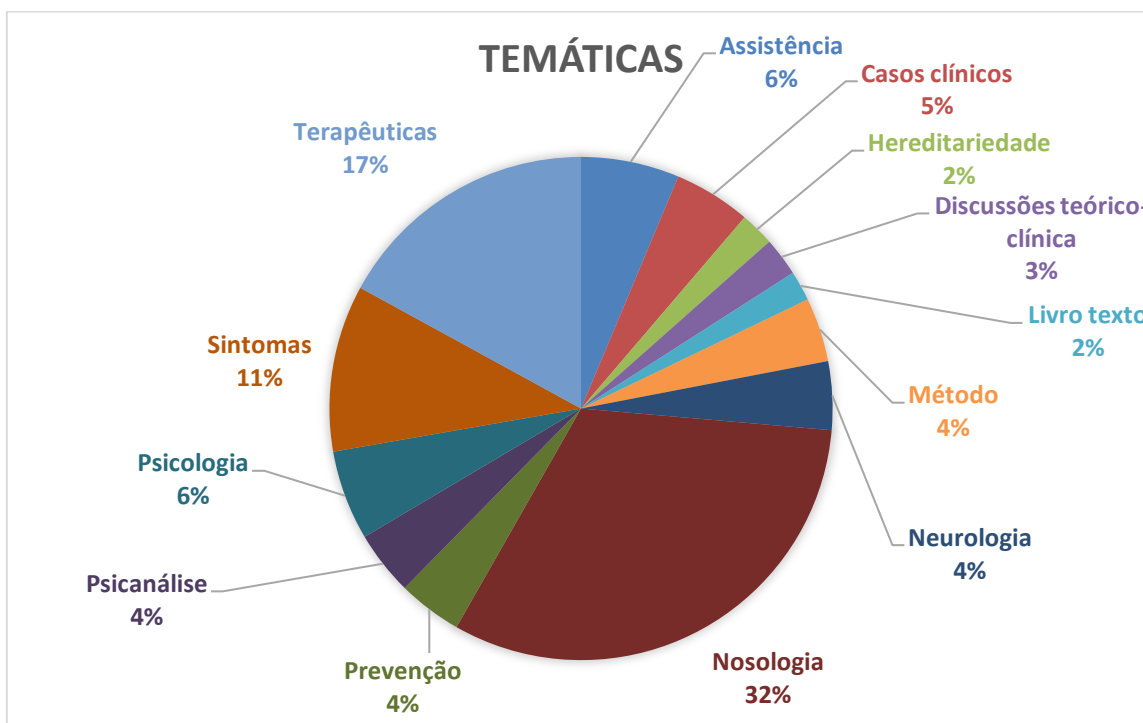
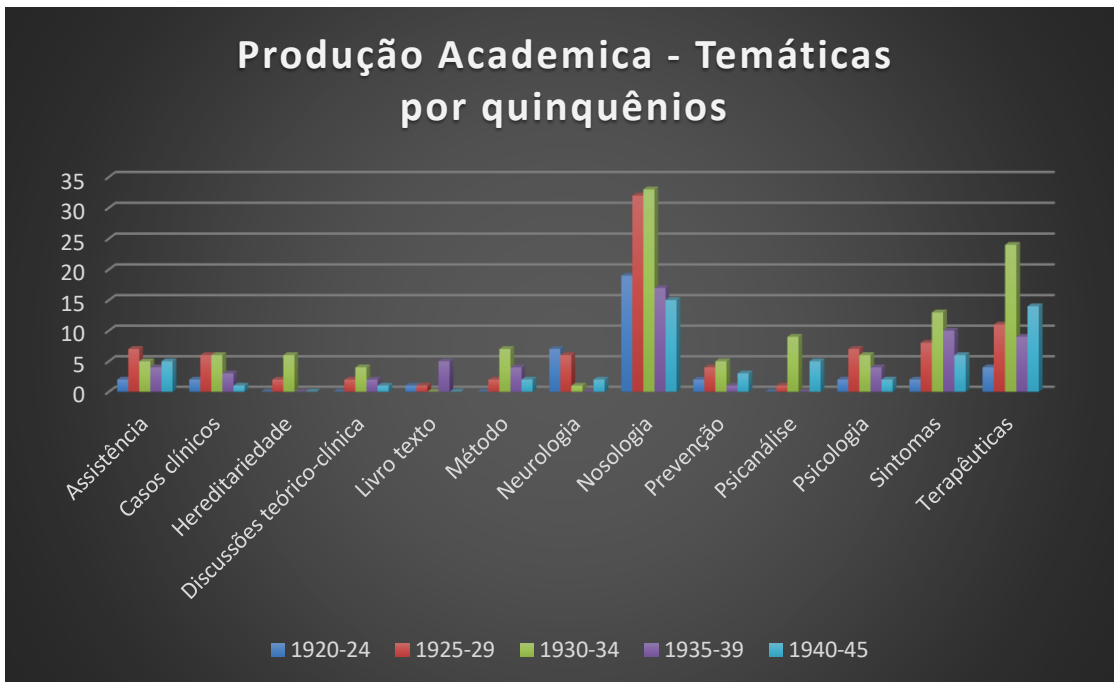
Trabalhos científicos produzidos pela equipe de docentes do Pavilhão/IPUB – 1921-1945										
Nome	Livros, Folhetos e capítulos			Periódicos			Eventos			TOTAL
	1920	1930	1940	1920	1930	1940	1920	1930	1940	
Albino Vaz	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01
Bittencourt	-	01	-	-	07	01				09
Adauto Botelho	01	03	-	09	13	03	-	01	-	30
Brahim Jorge	-	-	-	-	-	04	-	01	-	05
Bueno de Andrada	02	02		04	04	02	-	-	-	14
Carneiro Ayrosa	-	01	-	03	03	-	02	01	-	10
Cunha Lopes	-	06	01	10	29	06	08	02	-	62
Esposel	-	-	-	21	01	-	03	-	-	25
Eurico Sampaio		02			02					04
Flavio de Souza	-	-	-	-	-	12		01	-	13
Heitor Peres	-	01	-		01	01		01		04
Henrique Novais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	00
Manoel Novais	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01
Morais Coutinho	-	-	-	-	-	03	-	01	-	04
Neves-Manta	01	02	02	01	07	03	-	02	-	18
Paulo Elejalde	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01
Paulo Lacaz	-	-	-	-	-	02	-	01	-	03
Pernambuco	02	03	-	07	07	01	01	01	-	22
Rodrigo Ullysses	-	-	-	-	-	02	-	-	-	02
Henrique Roxo	02	04	01	36	29	07	08	09	03	99
Xavier de Oliveira	02	02	-	01	01	-	01	-	-	07
Zacheu Esmeraldo	-	01	-	-	10	01	-	-	-	12
TOTAL	10	28	04	92	114	50	23	22	03	346

Para melhor visualização, marcamos de branco os três autores que mais produziram

Produção Acadêmica – Temáticas*						
Temáticas	1920-24	1925-29	1930-34	1935-39	1940-45**	Total
Assistência	02	07	05	04	05	23
Casos clínicos	02	06	06	03	01	18
Hereditariedade	00	02	06	00	00	08
Discussões teórico-clínica ⁵⁷⁰	00	02	04	02	01	09
Livro texto***	01	01	00	05	00	07
Método	00	02	07	04	02	15
Neurologia	07	06	01	00	02	16
Nosologia	19	32	33	17	15	116
Prevenção	02	04	05	01	03	15
Psicanálise	00	01	09	00	05	15
Psicologia	02	07	06	04	02	21
Sintomas	02	08	13	10	06	39
Terapêuticas	04	11	24	09	14	62
TOTAL	41	89	119	59	56	363

* Na medida do possível, procuramos atribuir apenas um único tema por título de trabalho. Só atribuímos dois temas quando esta indicação estava bem clara no título da obra.
 ** A última coluna englobou 6 anos, pois foi incluído o ano de 1945, ano em que Roxo de aposentou.
Para melhor visualização, marcamos de branco os três temas mais frequentes no período.

⁵⁷⁰ Discussões teórico-clínica – trabalhos que tratam das linhas teóricas incorporadas pelos profissionais da saúde.



APÊNDICE F – MANUAL DE PSIQUIATRIA

Azul - capítulos publicados nas 4 edições
Lilás - capítulos publicados apenas na 1ª e 2ª edição
Verde - capítulos publicados apenas na 3ª e 4ª edição
Laranja – capítulo publicado apenas na 4ª edição

Edição	Local	Editora	Ano	Capítulos	Pág.	Cm	Pag. em branco
1ª	RJ	F. Alves	1921	37	712	22 x 13,5	22
2ª	RJ	F. Alves	1925	37	778	21 x 13,5	17
3ª	RJ	F. Alves	1938	43	890	23,5 x 15,5	19
4ª	RJ	Guanabara	1946	44	566	26 x 17	0

Capítulos	Pag. 1.ed	Total Pag.	Pag. 2.ed	Total Pag.	Pag. 3.ed	Total Pag.	Pag. 4.ed	Total Pag.
Considerações gerais sobre doenças mentais	11-19	9	13-21	9	17-24	8	1a6	7
Atos psíquicos	21-33	13	23-35	13	25-35	11	7a13	7
Causas da alienação mental	35-53	19	37-55	19	37-53	17	14-24	10
Técnica para exame de um alienado	55-69	15	57-71	15	55-77	23	25-39	15
Classificações	71-89	19	73-95	23	79-100	22	40-54	15
Afetividade	91-105	15	97-113	17	101-117	17	55-64	10
Atenção	107-121	15	115-130	16	119-132	14	65-73	9
Consciência	123-138	16	131-146	16	133-146	14	74-81	8
Raciocínio	139-153	15	147-164	16				
Memória	155-170	16	165-185	17				
Vontade	171-183	13	187-202	16				
Confusão mental (psicoses infecciosas, psicoses infecciosas, psicoses auto-toxicas)	185-208	24	203-226	24	241-265	25	138-153	16
Psicoses tiroideas	209-221	13	227-239	13	267-280	14	154-162	9
Psicoses hetero-toxicas	223-241	19	241-261	21	281-301	21	163-177	15
Opiomania - morfomania	243-252	10	263-272	10				
Cocainomania	253-258	6	273-278	6				
Demencia precoce	259-300	42	279-325	47				
Parafrenias	301-313	13	327-339	13	389-401	13	239-246	8
Delírio sistematisado alucinatorio cronico	315-324	10	341-350	10	403-411	9	247-252	6
Paranoia	325-337	13	351-364	14	413-426	14	253-262	10
Psicose maniaco-depressiva	339-366	28	365-394	30	427-458	32	263-285	23
Psicose de involução	367-377	11	395-406	12	459-473	15	286-296	11
Arterioesclerose cerebral	379-389	11	407-418	12	475-489	15	297-306	10
Sífilis cerebral	391-412	12	419-448	30	491-520	30	307-326	20
Demencia senil	413-430	18	449-468	20	521-540	20	327-339	13
Paralisia geral	431-466	36	469-507	39	541-582	42	340-365	26
Psicose epilética	467-494	28	509-539	31	583-614	32	366-389	24
Histeria	495-517	23	541-565	25	615-640	26	390-406	17
Neurastenia	519-566	48	567-622	56	641-643	3	407-408	2
Chorea	567-579	13	623-635	13	697-708	12	441-448	8
Estados atipicos de degeneração (personalidades psicopáticas) - subtítulo acrescentado a partir da 3.ed	581-609	29	637-672	36	709-739	31	449-467	19
Enfraquecimento mental adquirido	611-621	11	673-683	11	757-766	10	477-482	6



ANEXO A - INDICADORES PROFISSIONAIS⁵⁷¹

<p>Doenças nervosas e mentaes</p> <p>DR. W. SCHILLER — R. Assumpção, 10. — Tel.: 26-5900.</p> <p>DR. MURILLO DE CAMPOS R. Flaciano, 55; 3ª, 4ª e 6ª; 4 hs.</p> <p>Prof. Dr. Henrique Roxo Consultório de clínica médica em geral e doenças mentaes e nervosas, no Largo da Carioca, 5, salas 107 e 105, nas 2ª, 4ª e 6ª, das 3 às 5. T. 22-6560. Res.: Alvaro Ramoa, 29. — Tel.: 26-0524.</p> <p>DR. ARGOLLO — Psicoterapia, Reflexoterapia, Electroterapia, (Arteriosclerose, Ischemia cerebral, Duchas e banhos místicos, alta-freqüência e hidro-electrica, Ondas curtas, Galvanisa, Farada, massagem, endoloria, Electromagnetismo). Aparições Psicogram para uso proprio. R. S. José, 112-1ª, 8 às 12 (208) e 14 às 17 hs. (508).</p> <p>Dr. Côrtes de Barros Trat. da Syphilis nervosa. Malariotherapia, Injeção transcerebral e etc. Assembléa, 115-2ª. Tel.: 22-6193 e 27-6580.</p> <p>DR. ALUIZIO MARQUES Doenças Nervosas e Glandulas Endocrinas — Psychanalyse — Assembléa, 55 — 7ª — 2ª, 4ª e 6ª. — Tel.: 27-9954.</p> <p>LIGA BRASILEIRA DE HYGIENE MENTAL A Liga mantém ambulatórios gratuitos nos sabados, ás 10 hs., na séde, Ed. Odeon, sala 516 — Prof. Dr. Januario Bittencourt, diariamente, ás 8 hs., no Hosp. Psiquiátrico, Prof. Dr. Pálio Olivato, nas 6ª, ás 11 hs., na Clínica Psiquiátrica Prof. Dr. Henrique Roxo, 54 Freire e Carneiro da Cunha.</p> <p>CLINICA ESPECIALIZADA — TRATAMENTO PELOS AGENTES PHYSICOS Nervosismo, Esgotamento, Espasmos, Insomnias, Neuralgias, Polinevritas, Paralyzas, Rheumatismo, Affecções cardio-arteriaes, das artérias e veias, Hypertensão, Anemia, Úlcera do estomago, Aerophagia, Adherencias peritonaeas, Constipação, Colites, Inflamações do fígado e vesícula — Bronchites, Asmas, Adenopathia, Intençõeses de urina, Doença da mulher, Ectomas, Verrugas, Úlcera, Erysipela, Pruridos, Pellos, Distúrbios glandulares, Magreza, Obesidade.</p> <p>DR. VIANNA MARQUES Rua Alvaro Alvim, 27, 5.º and. Apto. 33 — Tel. 22-6527</p>	<p>Sanatorios</p> <p>SANATORIO RIO DE JANEIRO DIRECCAO CLINICA DOS DRS. HEITOR CARRILHO, J. V. COLARES MOREIRA, I. COSTA RODRIGUES e ALUIZIO PEREIRA DA CAMARA. R. Desemb. Lido, 156 - 166. — Tijuca. — Tel.: 48-5429. Para nervosos, esgotados e convalescentes. Curas de repouso e desintoxicação. Malariotherapia. Tratamentos pelo cardiazol e insulina. Assistência medica permanente. Pavilhões independentes, com quartos e apartamentos. Local aprazivel, de clima privilegiado.</p> <p>CASA DE SAUDE DR. ABILIO Para nervosos obsessivos, obsessões, convalescentes e intoxicados. Trat. de eschizophrenia (doença precoce), pelo choque insulínico. Malariotherapia e outros trat. Regimes de liberdade vigiada. Direcção medica dos Drs. Edmundo Basso, Raul de Tauxay e Adriano Tauxay Guimarães. R. S. Clemente, 155. 20-6567.</p> <p>Sanatorio N. S. Aparecida Rua D. Marianna nº 182. Tel.: 26-2973. — Doenças nervosas. Exclusivamente para o sexo feminino. Director: Dr. Murillo de Campos.</p> <p>SANATORIO BOTAFOGO DOENÇAS NERVOSAS E MENTAES. Métodos especiaes e actualizados de tratamento Malariotherapia, Choque hipoglicémico (insulinoterapia em altas doses), Convulsoterapia (cardiazol intravenoso), Pirotherapia (Narcose prolongada, etc. Controle técnico e científico dos professores A. Austregesilo, Adauto Botelho e Pernambuco Filho. Corpo medico especializado. Racional serviço de enfermagem — Rua Alvaro Ramos n. 177. — Phone: 26-5600.</p> <p>Clínica Médica e de Nervosos SOB DIRECCAO E ASSISTENCIA DOS PROFS. GENIVAL LONDRES E ALUIZIO MARQUES. Curas de Regime e de Repouso em Casa de Férias e Ambiente Tranquillo onde não ha Nervosos Agitados nem Alcoolismo. Tratamento de Hermonios e de Choque, Psychanalyse. Sanatorio S. Vicente, Marquez de S. Vicente, 316. Tel. 27-4032.</p>	<p>SANATORIO HENRIQUE ROXO Exclusivamente para senhoras e creanças. Direcção clinica do Prof. Dr. H. ROXO. Para doentes nervosos e mentaes. Methodos especiaes e modernos de tratamento. — Insulinoterapia e SAKEL. Convulsoterapia de MEDUNA. Malariotherapia de von JAUBERGG — Tratamento e educação dos anormaes cor processos medico-pedagogicos, objectivando o aproveitamento maximo dos retardados. Assistencia medica permanente. Corpo seleccionado de enfermeiras, com longa pratica de tratamento das molestias dessa especialidade. RUA VOLUNTARIOS DA PATRIA, 30 — Tel.: 26-2790</p> <p>Casa de Saúde da Gavea Diaria 15\$ em quarto separado. Doenças nervosas — Curas de repouso. — Tratamentos modernos: insulina, cardiazol e malariotherapia. Assistência medica permanente. Religiosas enfermeiras especializadas, instalações confortaveis. — Pavilhões para cada sexo. Bungalows isolados no vasto parque. Clima saluberrimo de montanha, 200 ms. de altitude, em meio de floresta. — Autoparticular, para doentes. — Direcção do Prof. Bueno de Andrada, Estrada da Gavea, 151. T's. 47-0908 e 47-0908</p>	<p>SANATORIO DA TIJUCA RUA JOAO ALFREDO, 25, 28-1188 Tratamento moderno das doenças nervosas e mentaes de ambos os sexos. Curas de repouso e desintoxicação, Insulinoterapia (metodo de Sakel), Convulsoterapia (Cardiazol endovenoso), Tratamento das formas nervosas da syphilis malariotherapia. Assistência medica especializanda e permanente. Pousos arborizados. Conforto. Hygiene. Direcção dos Drs. Oscar Coelho de Sousa, Arruda Camarã e Ircey Doyle.</p> <p>SANATORIO SANTA JULIANA Curas de repouso e tratamento biologico das doenças nervosas, exclusivamente para senhoras. Predio especialmente construido. Direcção clinica do Prof. Dr. Navier de Oliveira, Religiosas enfermeiras. — R. Carolina Santos, 170 — Tel.: 29-3934. — Bocca do Mato.</p>
<p>DR. EVALDO CUNHA — Ed. Porto Alegre, 8ª, a/601; 4 às 6. T. 22-4138.</p> <p>DR. ROBALINHO CAVALCANTI Clínica Médica. Doenças Nervosas. R. Araújo Porto Alegre, 70, n. 1020; 2ª, 4ª e 6ª, das 16 às 18 hs. — Tels.: 42-6724 e 26-2481.</p>	<p>CLINICA DE REPOUSO SAO VICENTE DOS PROF. GENIVAL LONDRES e ALUIZIO MARQUES. Regimens, Repouso e Convalescência. Clínica Médica, Nervosos Calmos e Glandulas Endocrinas. — Marquez de S. Vicente n. 316. — Tel.: 27-4036.</p>		

Correio da Manhã - 31/12/1939

⁵⁷¹ Nos indicadores profissionais do *Correio da Manhã*, em 09/01/1920, foram localizados apenas 2 anúncios e em 19/12/1929, 4 anúncios.

ANEXO B – ANÚNCIOS E INDICADORES PROFISSIONAIS

 <p>Biotônico Fontoura O mais completo fortificante</p> <p>JULGADO PELA PROBI- DADN SCIENTIFICA DO PROFESSOR HENRIQUE ROXO</p> <p>"Attesto que tenho prescri- pto a clientes meus o BIOTONICO FONTOURA e que tenho tido casos de observar que ha, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem affigurado o seu uso quando ha accentuada desnutricao e occorrem manifestações nervosas della dependente. — DR. HENRIQUE DE BRITO BELFORT ROXO. — Professor de Moléstias Nervosas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro."</p> <p>A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS E DROGARIAS.</p> <p>Deposito: -- Senador Dantas, 45 - 1º andar (5234)</p>	<p>DR. HENRIQUE ROXO, professor da Faculdade de Medicina, com pratica das principaes clinicas europeas — clinica medica em geral, especialmente doenças mentaes, nervosas e de creanças. Consult., rua da Assembléa n. 98, das 4 ás 6, nas segundas, quartas, e sextas-feiras. Resid.: rua Voluntarios da Patria n. 355. Telephone Sui 824. 2801</p>
 <p>MINORATIVAS PASTILHAS</p> <p>Honroso attestado de um notavel professor da Escola de Medicina:</p> <p>TIRADENTES (Concurso da Independência)</p> <p>O Professor Henrique Roxo (CONSULTORIO: RUA DA ASSEMBLEA, 98 — SOBRADO.)</p> <p>"Attesto que tenho colhido excellentes resultados com a administração das pastilhas MINORATIVAS a doentes meus. O effeito purgativo é observado sem colicas e a desinibição do organismo se pôde constatar em curto prazo".</p> <p>A VENDA:</p> <p>RIO — Em todas as Drogarias e boas Pharmacias.</p> <p>S. PAULO — Nas seguintes Drogarias da Capital: Amaranjo, Baroni Braulto, Central, Elkeltroz, H. Filippakki, Lusitana, Macedo, Morse, S. Paulo e Ypiranga.</p> <p>— 44 —</p>	<p>Dr. Eurico Sampaio Clinica Medica, Moléstias nervosas e Mentaes Docente da Faculdade e Assistente do Hospital Nacional de Psychopathas Consultorio: Rua 7 de Setembro, 141 - 2º. and. (elevador). Segundas, Quartas e Sextas, ás — 2 horas — Telephone 224312 Residência: Rua Custodio Sarrao n.º 30 (Jardim Botânico) — Tel. 26-2030 — RIO DE JANEIRO</p>
	<p>CASA DE SAUDE DA GAVEA Director: Dr. Bueno de Andrade. — L. Doc. e Assist. da Faculdade. Tratamento das doenças nervosas e mentaes, toxicomanias. Situação privilegiada, altitude, parques. Instalações modernas. Assisténcia medica permanente, enfermagem especializada. Preços modicos. Rua Marquez São Vicente, 659 — Tel. 7-2875.</p>
	<p>DR. ADAUTO BOTELHO Docente de clinica da Faculdade de Medicina — Doenças nervosas e mentaes. Electricidade medica — Electro-diagnostico ultra-violeta e infra-vermelho, topotherapia, etc. Cine Odeon (Pr. Floriano), 5º andar, sala 514, das 13 ás 20 horas.</p>

À esquerda: Roxo anuncia dois medicamentos, o Biotônico Fontoura (*Correio da Manhã*, 1922) e as Pastilhas Minorativas (*O Malho*, 1925). À direita: consultório de Roxo (*Correio da Manhã*, 1913), consultório de Eurico Sampaio (*A Batalha*, 1936), casa de saúde de Bueno de Andrada (*O Jornal*, 1932), consultório de Adauto Botelho (*O Jornal*, 1940).